



Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Pensando no gerúndio, acabei fazendo uma tese:** análise dos usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos escritos do Português Brasileiro

Maria Cristina Morais de Carvalho

Brasília  
2018

Maria Cristina Morais de Carvalho

**Pensando no gerúndio, acabei fazendo uma tese:** análise dos usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos escritos do Português Brasileiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.  
Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes.

Brasília  
2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM332p      Morais de Carvalho, Maria Cristina  
                Pensando no gerúndio, acabei fazendo uma tese: análise  
dos usos do gerúndio não perifrástico em gêneros  
argumentativos escritos do Português Brasileiro / Maria  
Cristina Morais de Carvalho; orientador Dionei Moreira  
Gomes. -- Brasília, 2018.  
                388 p.

                Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2018.

                1. gerúndio não perifrástico. 2. gêneros argumentativos.  
3. integração de orações. 4. gramaticalização. 5.  
(inter)subjetivação. I. Moreira Gomes, Dionei , orient. II.  
Título.

TERMO DE APROVAÇÃO  
MARIA CRISTINA MORAIS DE CARVALHO

**Pensando no gerúndio, acabei fazendo uma tese:** análise dos usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos escritos do Português Brasileiro.

Banca examinadora:

---

Presidente/Orientador: Dr. Dioneu Moreira Gomes (UnB/PPGL)

---

Membro externo: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

---

Membro externo: Profa. Dra. Veruska Ribeiro Machado

---

Membro interno: Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro

---

Membro suplente: Prof. Dr. Guilherme Veiga Rios

Dedico esta tese a minha família, meu conceito-fonte, e a todos os meus alunos desses 16 anos de docência/pesquisa, as trilhas pelas quais eu percorri para chegar até esse ponto do *cline*.

## AGRADECIMENTOS

Não foi só porque eu pensei no gerúndio, que fiz uma tese... Foram muitos os motivos e as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui... Então, a todos o meu agradecimento:

Em primeiro lugar, a Ele, inteligência suprema e causa de todas as coisas, Deus. Espero que, com esse pequeno trabalho, eu possa ter contribuído para um mundo de amor e paz, retribuindo minimamente as bênçãos, as oportunidades e privilégios que tenho...

Aos responsáveis por eu estar aqui, ser quem eu sou e ter tudo o que eu tenho: meus pais, Silvânia Eleuza e José Ilário. Não tenho palavras para dizer o quanto eu amo vocês e o quanto eu agradeço por tudo, mesmo...

Meus primeiros amigos e companheiros de jornada: meus irmãos, Maraiza e Renato. Obrigada pelo apoio. Eu tenho muita gratidão e orgulho de ser a irmã de vocês. Obrigada também ao meu cunhado, Leonardo, e muito obrigada aos meus queridos sobrinhos: Flávio, Enzo e Elisa, sopro de renovação e alegria para nossa família.

Meu esposo, companheiro, meu amor, Arthur Murilo. Aqui não existe isso de que atrás de um grande homem, há uma grande mulher. Andamos juntos, lado a lado, apoiando os sonhos um do outro. Obrigada pelo apoio e por me fazer tão feliz! Agradecimento especial para os meus sogros, meus pais em Brasília: Leida e José Miguel.

Meus familiares queridos, muito obrigada, e perdão pela ausência nos eventos familiares. Vocês sabem que valeu a pena. Agradeço também ao meu querido afilhado, Tales, pela alegria e espontaneidade que você me traz. Agradeço também aos meus amigos queridos de Goiânia que sempre me apoiaram, apesar da distância. Aos amigos da Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, em especial aos companheiros da Evangelização Espírita Infantil Meimei, muito obrigada pelo apoio, de todo o coração.

Agradeço também à minha psicóloga e terapeuta, Dra. Waléria Diniz, por cuidar da minha saúde mental e emocional e ajudar a me libertar de muitas prisões... Aos meus “assistentes de pesquisa”: Hannah, Milla e Darwin, meus *pets* queridos que me acompanharam, dia e noite, sempre ao meu lado (literalmente), durante a escrita e por me mostrarem inúmeras razões para viver...

Aos meus colegas de orientação: Letícia Sallorenzo, Tiago Aguiar, Nathalia Costa Lopes, Isabella Albuquerque, Vanessa Tavares, Isabella Toguchi, Luisa Lucchesi,

Luisa Barbosa e Tânia Borges. Obrigada pelo apoio e pela troca de experiências, mesmo que a distância.

Aos professores do PPGL, que contribuíram valorosamente para a minha formação, em especial às professoras Maria Luiza Corôa e Ormezinda (Aya) Ribeiro. Agradeço também aos professores Denilson Pereira de Matos, Veruska Ribeiro Machado, Ormezinda Maria Ribeiro e Guilherme Veiga Rios pela leitura e pelas contribuições ao meu trabalho.

Agora eu quero agradecer aos responsáveis diretos pela materialização desta pesquisa. Em primeiro lugar, muito obrigada à direção, corpo docente e funcionários do Centro de Ensino 27 da Ceilândia, pelo aprendizado e experiência e por permitirem a realização da geração de dados na escola. Meus agradecimentos sinceros à Ana Paula Ribas, supervisora pedagógica, Ludmilla Seldmeier, Aline Aires e Maria Joaquina Guedes, professoras e amigas que me apoiaram nos momentos mais difíceis da geração de dados. Aos alunos das turmas das Classes de Distorção Idade e Série (CDIS) do ano de 2015 todo o meu amor, agradecimento e o meu desejo de que o futuro de vocês seja melhor e não apenas uma estatística.

Ao Instituto Federal de Goiás, muito obrigada por permitir a realização da pesquisa ao conceder a licença (mais do que bem-vinda) para a conclusão desta tese. Agradecimento para as professoras Limerce Lopes e Soraya Bianca Duarte, que me ajudaram muito durante o processo de geração de dados.

Por fim, agradecimento especial à pessoa que mais acreditou em mim nesse tempo todo: o meu orientador, professor Dr. Dionei Moreira Gomes. Todo o agradecimento do mundo não será suficiente para você, que é um excelente professor, orientador e pesquisador e tem uma grandeza de alma, de princípios. Levo para minha vida tudo o que aprendi com você. Desejo que você continue esse trabalho maravilhoso de contribuir com uma educação e uma ciência mais justa, humana e emancipatória, encorajando e influenciando outros professores e pesquisadores também.

*Não é puro idealismo, acrescenta-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo.*

Paulo Freire

*É uma maravilha eu não ter abandonado todos os meus ideais, que parecem tão absurdos e pouco práticos. Se me prendo a eles, porém, é porque ainda acredito, apesar de tudo, que as pessoas têm bom coração.*

Anne Frank

## RESUMO

Esta tese analisou os usos do gerúndio não perifrástico em textos argumentativos a partir de uma perspectiva funcionalista, a Linguística Centrada no Uso (LCU) (LANGACKER, 1987; GIVÓN, 2001; HOPPER & TRAUGOT, 2003; TRAUGOTT & DASHER, 2005 e HEINE & KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010; TOMASELLO, 2003; entre outros). O objetivo principal desta pesquisa foi analisar os usos do gerúndio não perifrástico a partir do pareamento forma/função a fim de verificar as seguintes hipóteses: 1) os usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos evidenciam um *continuum* de integração e gramaticalização e têm relação com uma maior coesão icônica e maior força argumentativa do texto; 2) fatores contextuais interferem no grau de integração forma/função e 3) ocorreu mudança linguística nos usos do gerúndio não perifrástico. Além da LCU, os Estudos Críticos do Discurso (ECD) (VAN DIJK, 2000; 2006; 2015) complementam o nosso arcabouço teórico, por entendermos que o discurso contribui para a mudança linguística, considerando, sobretudo, a dimensão sociocognitiva. Nossa base de dados é composta por textos de estudantes do Ensino Fundamental e foi gerada a partir do aparato metodológico da pesquisa qualitativa (FLICK, 2009), viabilizada pela etnografia escolar (WOLCOTT, 1988; ANDRÉ, 1995) com inspiração na pesquisa-ação (TRIPP, 2005; BARBIER, 2007). Sequências Didáticas (DOLZ *et alii*, 2004) foram elaboradas para que os estudantes colaboradores da pesquisa produzissem os textos analisados. Dos 205 textos gerados, obtivemos 107 ocorrências *type* do gerúndio não perifrástico, que foram categorizadas em: 1) gerúndio adjetivo; 2) gerúndio adverbial; 3) gerúndio conectivo e 4) gerúndio retopicalizador. Submetemos uma amostra de 17 ocorrências produzidas por estudantes do Ensino Fundamental a um protocolo de análise, o qual contemplou os seguintes eixos analíticos: a) morfossintático; b) sintático; c) semântico-pragmático; d) discursivo e e) cognitivo. Após analisarmos esses dados, constatamos que os tipos de gerúndio não perifrástico identificados nos permitem propor um *cline* de integração, no qual os componentes morfossintáticos, semântico-pragmáticos e discursivos se associam para evidenciar um efeito argumentativo. Aplicamos o modelo de Traugott (2002) e constatamos que os usos se organizam em um fluxo não linear de gramaticalização, no qual os efeitos prototípicos se situam tanto no âmbito morfossintático quanto no semântico-pragmático. Além disso, a análise das estruturas do discurso ideológico – que permitem considerar também o contexto de produção dos textos argumentativos – nos mostrou que é possível ampliar a análise da gramaticalização, integração e mudança semântica. A relação entre a subjetivação e a intersubjetivação presentes nos usos do gerúndio incide na força argumentativa dos textos. O estudo mostrou também que a análise linguística fundamentada na LCU pode beneficiar o ensino de língua. Concluímos que o gerúndio não perifrástico é uma estratégia para a expressão da (inter)subjetividade, fortalecendo o projeto argumentativo do texto, bem como é uma expressão que garante a sua coerência discursiva ao contrário do que a tradição gramatical preconiza sobre o gerúndio.

**Palavras-chave:** gerúndio não perifrástico, gêneros argumentativos, integração de orações, gramaticalização, (inter)subjetivação.

## ABSTRACT

This thesis analyzed the uses of the non-periphrastic gerund in argumentative texts from a functionalist perspective, the Use-Centered Linguistics (UCL) (LANGACKER, 1987; GIVÓN, 2001; HOPPER & TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT & DASHER, KUTEVA, 2007, BYBEE, 2010, TOMASELLO, 2003, among others). The main objective of this research was to analyze the uses of the non-periphrastic gerund from the form/function pairing in order to verify the following hypotheses: 1) the uses of the non-periphrastic gerund in argumentative genres show a continuum of integration and grammaticalization and are related to greater iconic cohesion and greater argumentative force of the text; 2) contextual factors interfere in the degree of form/function integration; and 3) a linguistic change occurred in the uses of non-periphrastic gerund. In addition to the Use-Centered Linguistics (UCL), Critical Discourse Studies (CDS) (VAN DIJK, 2000; 2006; 2015) complement our theoretical framework because we understand that discourse contributes to linguistic change, especially considering the sociocognitive dimension. Our data base is composed of texts written by students of Elementary School and was generated from the methodological apparatus of qualitative research (FLICK, 2009), made possible by school ethnography (WOLCOTT, 1988; ANDRÉ, 1995) and inspired by action research (TRIPP, 2005; BARBIER, 2007). Didactic sequences (DOLZ *et alii*, 2004) were elaborated so that the collaborating students of the research produced the texts analyzed. From the 205 generated texts, we obtained 107 *type* occurrences of non-periphrastic gerund which were categorized into: 1) adjective gerund; 2) adverbial gerund; 3) connective gerund; and 4) retopicalizing gerund. We submitted a sample of 17 occurrences produced by elementary school students to an analysis protocol, which included the following analytical axes: a) morphosyntactic; b) syntactic; c) semantic-pragmatic; d) discursive; and e) cognitive. After analyzing these data, we verified that the types of non-periphrastic gerunds identified allow us to propose an integration *cline* in which the morphosyntactic, semantic-pragmatic and discursive components are associated to highlight an argumentative effect. We applied Traugott's model (2002) and found out that the uses are organized in a non-linear flow of grammaticalization, in which the prototypical effects are situated in both the morphosyntactic and the semantic-pragmatic realms. In addition, the analysis of the structures of ideological discourse - which allows us to consider the context of the production of argumentative texts - has shown us that it is possible to extend the analysis of grammaticalization, integration and semantic change. The relation between the subjectivation and the intersubjectivity present in the uses of the gerund focuses on the argumentative force of the texts. The study also showed that language analysis based on Use-Centered Linguistics can benefit language teaching. We conclude that the non-periphrastic gerund is a strategy for the expression of (inter)subjectivity, strengthening the argumentative project of the text, as well as an expression that guarantees its discursive coherence contrary to what the grammar tradition recommends about the gerund.

**Keywords:** non-periphrastic gerund, argumentative genres, sentence integration, grammaticalization, (inter)subjectivation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Integração entre os componentes sintático, semântico e discursivo (GIVÓN, 2001).....	27
Figura 2- <i>Cline</i> de dependência e encaixamento para Hopper & Traugott (2003).....	57
Figura 3 – Propriedades relevantes para o <i>cline</i> de combinação de orações.....	57
Figura 4- <i>Cline</i> de integração no nível sintático segundo Lehmann (1988).....	59
Figura 5- <i>Cline</i> de dessentencialização segundo Lehmann (1988).....	60
Figura 6- Ancoragem temporal na enunciação (GIVÓN, 2001).....	63
Figura 7- Modelo da inferência sugerida proposto por Traugott & Dasher (2005).....	82
Figura 8- Esquema da Sequência Didática nos termos de Dolz <i>et alii</i> (2004).....	157

## **LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1- Fachada do CEF 27 da Ceilândia.....	161
Imagem 2- Campo de Futebol do CEF 27 da Ceilândia.....	161

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Princípios teóricos balizadores desta pesquisa.....	31
Quadro 2 - Proposições fonte (HEINE <i>ET ALII</i> , 1991) .....	47
Quadro 3 – Noções aspectuais do PB segundo Travaglia (2015).....	67
Quadro 4- Formas nominais do verbo segundo Castilho (2010).....	115
Quadro 5 - Gramaticalização do gerúndio.....	118
Quadro 6- Resumo das principais características da pesquisa-ação (DIONNE, 2007).....	146
Quadro 7- Agrupamento tipológico dos gêneros conforme Dolz <i>et alii</i> (2004).....	152
Quadro 8- Exercícios sobre a notícia <i>Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha</i> .....	165
Quadro 9- Quantidade de ocorrências <i>token</i> de gerúndio nos textos gerados no CEF 27.....	179
Quadro 10- Quantidade de ocorrências <i>type</i> de gerúndio não perifrástico nos textos gerados no CEF 27.....	180
Quadro 11- Protocolo de análise geral dos usos do gerúndio no PB.....	185
Quadro 12- Expressão aspectual do gerúndio conectivo.....	348
Quadro 13- Generalização dos resultados da análise do gerúndio não perifrástico.....	361

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	25
<b>1.0 Introdução</b> .....	25
<b>1.1 A Linguística Centrada no Uso (LCU) no paradigma da linguística funcional</b> .....	26
<b>1.2 Processos cognitivos desencadeadores do pareamento forma/função</b> .....	32
1.2.1.1 Iconicidade.....	32
1.2.1.2 Categorização e prototípia.....	34
1.2.1.3 A metáfora e a metonímia.....	42
<b>1.3 Mudança Linguística e Gramaticalização</b> .....	52
<b>1.4 A integração de orações na perspectiva da LCU</b> .....	56
<b>1.5 Princípios e Categorias morfossintáticas, sintáticas, semânticas e pragmáticas sob o prisma da LCU</b> .....	62
<b>1.5.1 Eixo morfossintático: tempo, modo e aspecto</b> .....	62
<b>1.5.2 Eixo sintático: relações gramaticais no contexto da integração de orações</b> .....	67
<b>1.5.3 Eixo semântico-pragmático</b> .....	70
1.5.3.1 Categorias semânticas: os papéis semânticos na estrutura argumental.....	70
1.5.3.2 Tópico e Foco.....	73
1.5.3.3 Subjetivação, intersubjetivação e Teoria da Inferência Sugerida (Traugott & Dasher, 2005) .....	74
<b>1.6 Fatores contextuais de análise: a importância do contexto</b> .....	86
<b>1.6.1 A definição de discurso na LCU e nossa necessidade de expandi-la</b> .....	87
<b>1.6.2 Os Estudos Críticos do Discurso em Diálogo com a LCU: um espaço para a ideologia</b> .....	88
<b>1.7 Considerações finais do capítulo teórico</b> .....	95
<b>CAPÍTULO 2- REVISÃO DOS TRABALHOS SOBRE O GERÚNDIO</b> .....	96
<b>2.0 Introdução</b> .....	96
<b>2.1 A origem do gerúndio no PB- a “dicotomia” entre gerúndio perifrástico e não perifrástico</b> .....	97
<b>2.2 O gerúndio não perifrástico nas gramáticas brasileiras</b> .....	103
<b>2.2.1 Lima (2011)</b> .....	105
<b>2.2.2 Cunha &amp; Cintra (2013)</b> .....	106
<b>2.2.3 Bechara (2015)</b> .....	109
<b>2.2.4 Azeredo (2014)</b> .....	112
<b>2.2.5 Castilho (2010)</b> .....	113
<b>2.2.6 Bagno (2011)</b> .....	117
<b>2.3 O gerúndio não perifrástico nos estudos linguísticos brasileiros</b> .....	120
<b>2.3.1 Braga &amp; Coriolano (2007)</b> .....	120
<b>2.3.2 Simões (2007)</b> .....	121
<b>2.3.3 Reis (2010)</b> .....	124

2.3.4 Torres (2014).....	127
2.4 A “proibição” do uso do gerúndio no ensino formal.....	130
2.5 Considerações finais do capítulo.....	134
<b>CAPÍTULO 3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>136</b>
3.0. Introdução.....	136
3.1 Pesquisa qualitativa: uma introdução.....	136
3.2. A etnografia escolar.....	140
3.3 Pesquisa-ação.....	144
3.4 Gêneros textuais.....	149
3.4.1 Gêneros argumentativos.....	151
3.5 Abordagens ideológica e ecológica do Letramento .....	153
3.6 Sequências Didáticas.....	155
3.7 Apresentação do Centro de Ensino Fundamental 27 da Ceilândia-DF e dos alunos participantes do estudo.....	159
3.8 Planejamento das Sequências Didáticas.....	163
3.8.1 Sequência didática sobre Carta do leitor.....	164
3.8.2 Sequência didática sobre dissertação escolar com o tema sexualidade na adolescência.....	168
3.8.3 Sequência didática sobre dissertação escolar com o tema enfrentamento do racismo.....	171
3.9 Seleção e tratamento dos dados para análise.....	173
3.10 Considerações finais do capítulo .....	174
<b>CAPÍTULO 4- ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>177</b>
4.0 Introdução .....	177
4.1 Apresentação das categorias de análise e do protocolo de análise.....	177
4.2 Análise das ocorrências de gerúndio dos estudantes de ensino fundamental.....	186
4.2.1 Gerúndio adjetivo.....	186
4.2.2 Gerúndio adverbial.....	232
4.2.3 Gerúndio conectivo.....	280
4.2.4 Gerúndio retopicalizador.....	314
4.3 Considerações finais do capítulo.....	325
<b>CAPÍTULO 5- A INTEGRAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO DOS USOS GERÚNDIO.....</b>	<b>326</b>
5.0 Introdução.....	326
5.1 Tendências gerais dos dados aplicados ao protocolo de análise .....	326
5.1.1 Gerúndio Adjetivo.....	326
5.1.2 Gerúndio Adverbial.....	335
5.1.3 Gerúndio Conectivo.....	345
5.1.4 Gerúndio retopicalizador.....	355
5.2 <i>Continuum</i> de integração e gramaticalização do gerúndio e a influência do contexto.....	360
5.3 Considerações finais do capítulo .....	368
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>369</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>374</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>383</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz uma análise das construções de gerúndio, em específico os usos do gerúndio não perifrástico do Português Brasileiro (PB) a partir de uma perspectiva funcionalista que parte da Linguística Centrada no Uso (LCU) (LANGACKER, 1987; GIVÓN, 2001; HOPPER & TRAUGOT, 2003; TRAUGOTT & DASHER, 2005 e HEINE & KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010; TOMASELLO, 2003; entre outros) em textos pertencentes ao gênero argumentativo.

O gerúndio, junto com o infinitivo e o particípio, enquadra-se no espectro das chamadas formas mais nominais dos verbos da língua portuguesa. Essas formas ora apresentam propriedades verbais, ora propriedades nominais, transitando, portanto, entre essas duas categorias gramaticais (BAGNO, 2011). Ao que se relaciona especificamente à origem do gerúndio, sabe-se que esta forma é originária do gerúndio latino ablativo e incorporou as funções do extinto particípio presente, assim como as outras funções gerundiais latinas<sup>1</sup> (SAID ALI, 1921; CAMPOS, 1972). Além disso, de acordo com Campos (1972), o gerúndio, nas línguas românicas, passou a ser o verbo principal de uma construção perifrástica.

Desse modo, o gerúndio na língua portuguesa, em seu atual estágio, apresenta-se na forma perifrástica como no seguinte trecho: *eu sou aluna do CEF 27 e **Estou querendo** reclamar sobre as organização Sobre os criminoso que esta espalhado muito terro no setor das habitacional no Sol Nascente(C.A.F, 3-6<sup>2</sup>)*. Nessa forma, o gerúndio assume, segundo Bagno (2011) e Castilho (2010), propriedades mais verbais. Além da perífrase *estar+v-ndo*, segundo Castilho (2010) há na nossa língua perífrases formadas pelos auxiliares *ir, acabar, ficar, continuar, vir, viver, passar* e *permanecer* mais o verbo principal no gerúndio. Ainda segundo esse autor, a função predominante das perífrases gerundiais no PB é expressão do aspecto imperfectivo, em especial o imperfectivo cursivo. Contudo, as perífrases de gerúndio se prestam a expressão de outros aspectos. Travaglia (2015) fez um amplo estudo sobre a expressão do aspecto verbal no PB. Esse estudo contemplou as perífrases de gerúndio, que segundo o autor podem expressar, além do aspecto cursivo, o aspecto durativo, habitual, iterativo, progressivo e até o indeterminado. Contudo, esse não é o recorte de estudo da tese.

<sup>1</sup> O estudo sobre as origens do gerúndio e como ele é tratado pelas gramáticas tradicionais e pelos estudos funcionalistas brasileiros serão temáticas do segundo capítulo desta tese.

<sup>2</sup> Todas as ocorrências analisadas neste trabalho virão acompanhadas das seguintes informações entre parênteses: as iniciais do autor e as linhas em que o enunciado ocorre no texto original.

O gerúndio também assume a forma não perifrástica como no exemplo: *então o problema pode ser resolvido com o pai assumino e a mãe também aí fica tudo certo uma família feliz (T.V.; 18-20)*. Nessa forma, o gerúndio apresenta sua faceta mais nominal, podendo assumir o papel de um advérbio ou de um adjetivo. Nessas duas configurações, o gerúndio é multifuncional (BRAGA & CORIOLANO, 2007; REIS, 2010, SIMÕES, 2007; TORRES, 2014 e outros). Ao se estudar o gerúndio sob essa forma, há também a preocupação de se investigar o fenômeno da integração entre as orações (cf. LEHMANN, 1988; MATHIESSEN & THOMPSON, 1988; GIVÓN, 2001; HOPPER & TRAUGOTT, 2003).

A partir disso, observamos que algumas pesquisas no PB já tiveram o gerúndio não perifrástico como objeto de investigação. Os trabalhos de Braga & Coriolano (2007) e Reis (2010), por exemplo, discutem qual o grau de integração das orações de gerúndio adverbiais e a relação com padrões semântico-sintáticos expressos por essas construções. Simões (2007) desenvolveu uma pesquisa ampla sobre os usos do gerúndio perifrástico e não perifrástico, e Torres (2014) também investigou esse mesmo objeto sob o prisma dos domínios funcionais (GIVÓN, 1984) aspecto-temporal e aspecto-circunstancial do gerúndio no PB e no PE.

Contudo, em nenhuma delas houve uma abordagem pautada estritamente na LCU<sup>3</sup>, em que há, segundo Martelotta (2011), preocupação em analisar o pareamento entre forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e função (semântica, pragmática e discurso), considerando os padrões de uso, moldados e disseminados cognitivamente. Além disso, nenhuma das pesquisas supracitadas apresenta uma correlação tão próxima entre o uso linguístico e o discurso, sendo este último compreendido aqui como uma materialidade linguística, uma ação, uma interação, uma prática social, uma representação mental e um produto cultural (VAN DIJK, 2006).

Em minha trajetória profissional como docente de língua portuguesa, percebi que, nas produções de textos de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, principalmente os gêneros argumentativos, havia usos do gerúndio que eram pouco ou nada contemplados nas análises dessas pesquisas. No ano de 2015, fui professora de três turmas de Classes de Distorção Idade Série (CDIS) em uma escola pública de Ceilândia- DF. Essas turmas são destinadas aos estudantes na faixa etária de 13 a 17 anos e que reprovaram pelo menos duas vezes nas séries finais do Ensino Fundamental

---

<sup>3</sup> Estas pesquisas se pautam no arcabouço teórico da linguística funcional e recorrem a teorias que se coadunam com a LCU, porém nenhuma delas assume esse ângulo teórico.

(DISTRITO FEDERAL, 2012). Sempre adotei na minha prática pedagógica as Sequências Didáticas (SDs) (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004) como constructo teórico-metodológico, e os dados que apresento nesta tese resultam de duas SD planejadas e aplicadas, respectivamente, no segundo e no terceiro bimestres de 2015. No entanto, minha percepção em torno dos usos do gerúndio nos textos dos alunos teve início no ano de 2013, quando ministrava aulas para o sétimo ano do Ensino Fundamental nessa instituição escolar. No ano de 2014, fui professora do nono ano e também me deparei com esses usos nas produções textuais dos estudantes.

Outro ponto que me motivou a escolher o recorte de pesquisa aqui delimitado foi o fato de que, em nenhuma dessas pesquisas, foi feita uma correlação entre os diferentes usos do gerúndio não perifrástico adjetivos e adverbiais e uma discussão sobre a integração das orações em que ocorriam. As ocorrências a seguir<sup>4</sup> ilustram essa diversidade de usos:

- (1) [...] *até nosso filhos irmãos podem ate fica assim criminoso, drogado e não queremos isso queremos justiça e paz igual adolescentes **matano** so porque e de menor isso tem que mudar.[...](I.C.;11-12)*
- (2) *Para enfrentarmos essa realidade devemos começar por nois mesmos **aceitando** do jeito que somos **tentando** fazer do mundo um lugar melhor para se viver sem racismo [...](A.C.C.R, 15-19)*
- (3) *Há também uma grande responsabilidade dar início a vida sexual , pois se acontecem alguma das coisas que estão no parágrafo acima as consequências são grandes e as responsabilidades maiores ainda, porque um casal de adolescentes vão ter vergonha, medo e irresponsabilidade para cuidar de outro, mas o aborto pode causar complicações na saúde da menina. **Sendo assim**, chego a conclusão de que para os jovens começarem a sua vida sexual eles devem estar cientes das responsabilidades, dos riscos é de que isso não é um jogo.(P.G.T.S.; 9-22)*
- (4) *É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy **trabalhando** com muita honestidade e **falando no cheque de 2 milhões de reais** e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).*

Se analisarmos pelo prisma da LCU, as ocorrências de (1) a (4) mostram uma diversidade de pareamento forma/função do gerúndio não perifrástico assim como

---

<sup>4</sup> A numeração das ocorrências será reiniciada em cada capítulo.

diferentes graus de integração entre as orações e o contexto/funções do gerúndio. A ocorrência (1) é parte de uma carta do leitor, em que o estudante apresenta seu ponto de vista sobre a notícia *Organização criminosa espalhava o terror no Setor Habitacional Sol Nascente*<sup>5</sup>, publicada no jornal *Correio Brasiliense*. Essa notícia informa sobre uma ação da Polícia Civil do Distrito Federal, nos arredores da comunidade escolar na qual eu atuava, resultando na prisão de uma quadrilha de traficantes que, além do tráfico de drogas, fazia grilagem de terras e extorquia os moradores da região. Nesse cenário, o aluno constrói argumentação de apoio ao fato relatado no texto, e o gerúndio nesse contexto parece importante para cumprir o propósito pretendido pelo adolescente.

Em “[...] *igual* *adolescentes matano* *so porque e de menor isso tem que mudar*.[...]”, o estudante ilustra o seu ponto de vista, expresso no período anterior, em que o termo *igual* tem o valor de *por exemplo*. *Matano* modifica *adolescentes*, qualificando-o como um adjetivo. *Matano* poderia ser parafraseado por uma sentença adjetiva – *Adolescentes que matam* ou também poderia ser substituído por *adolescentes assassinos*.

Contudo, a opção do adolescente é por um verbo no gerúndio, que se deu provavelmente pelo fato de que a interação entre os aspectos durativo e iterativo reforçam a avaliação do estudante sobre o tema do texto, pois estes realçam a ação de matar empreendida pelos adolescentes, aproximando o leitor da cena. A escolha do gerúndio, ao invés da oração adjetiva aciona a proximidade icônica (GIVÓN, 2001) entre o modificador e o nome, e isso reforça o posicionamento do estudante quanto à argumentação estabelecida no texto.

Já a ocorrência (2) faz parte de uma redação escolar dissertativa, cujo tema era “enfrentamento ao racismo”. Nas duas vezes em que o gerúndio aparece no texto, o gerúndio ocorre com função adverbial, qualificando a locução verbal com a circunstância de modo, explicando o modo/meio com que as pessoas podem combater o racismo. O verbo no gerúndio traz também a expressão dos aspectos durativo e iterativo. Esses aspectos em conjunto com a noção semântica de ação expressa nos dois verbos no gerúndio reforçam, no contexto, a argumentação principal do aluno: o fim do racismo só ocorrerá com a ação contínua de todos.

---

<sup>5</sup>Notícia disponível em:

[http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/05/25/interna\\_cidadesdf\\_484392/organizacao-criminosa-espalhava-o-terror-no-setor-habitacional-sol-nas.shtml](http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/05/25/interna_cidadesdf_484392/organizacao-criminosa-espalhava-o-terror-no-setor-habitacional-sol-nas.shtml). Acesso em: 15/06/2015.

Mais uma vez, na ocorrência (2), observamos que os usos no gerúndio, além de integrar ainda mais as sentenças do enunciado em análise, também possibilitam a expressão de novos sentidos no texto. Se os usos do gerúndio em (2) corresponderem a uma oração adverbial desenvolvida, poderiam ser do tipo condicional, assim parafraseadas: *Então podemos combatê-lo se começarmos por nós mesmos e se aceitarmos as pessoas pelos seu caráter não pela sua cor de pele*. Entretanto, não é a interpretação condicional preferencial no texto e isso nos remonta à Givón (2001), que afirma que quanto maior o grau de integração sintática entre as sentenças, maior a complexidade cognitiva que elas expressam e, necessariamente, essa complexidade cognitiva envolve também fatores semânticos, pragmáticos e discursivos. Nessa ocorrência, por exemplo, a circunstância que é depreendida do texto é o modo. Quais seriam as motivações que levam autor e leitores a fazer essa interpretação além da condicional? Há uma ambiguidade aí entre modo e condição? Qual seria sua motivação?

Em (3), temos a expressão *Sendo assim* que não pode ser tratada como oração adverbial, visto que, na ocorrência acima, *sendo assim* inicia o parágrafo final do texto e introduz a conclusão da argumentação do estudante quanto ao tema do texto: a sexualidade na adolescência. Não há, como em (2), uma integração de *sendo assim* com uma única sentença, mas sim uma relação de integração com o parágrafo anterior e com o texto todo.

Por fim, em (4), o gerúndio é usado como estratégia discursiva para retomar um tópico que não está presente no texto produzido pelo estudante, já que o texto em questão é uma carta do leitor sobre a notícia *Organização criminosa espalhava o terror no Setor Habitacional Sol Nascente*. Nessa notícia, além de relatar os fatos já supracitados, também cita que, junto com a quadrilha, foram apreendidos cheques no valor de dois milhões de reais, usados no crime de extorsão. Esse conhecimento não está presente no texto, contudo, retoma e retopicaliza um conhecimento que os interlocutores já têm. O autor da redação usa o gerúndio aí como um elemento que faz o leitor lembrar uma informação, um tópico já conhecido e dado, e que será retomado em seu próprio discurso. Isso organiza o texto e cria condições para estabelecer o diálogo entre os interlocutores da carta do leitor, condição importante de construção desse gênero. Propomos que seria isso um tipo de *retopicalização*. Como se dá a integração entre partes textuais nesse caso?

Diante dessas observações, percebemos que, tal como Mathiessen & Thompson (1988) afirmam, há uma relação entre a integração das orações e a organização do

discurso, ou seja, ocorre um paralelismo entre as sentenças mais integradas e sua relação de hierarquia com os eventos que elas expressam. Nesse sentido, acreditamos que, assim como Rosário (2015) defende, é necessário analisar a integração de orações sob o viés da situação discursiva e do conhecimento de mundo dos falantes.

Portanto, esses usos supracitados nos motivaram a investigar se as formas de gerúndio não perifrásticas seguem essas tendências em outros textos escritos de natureza argumentativa no PB. Desse modo, buscamos pesquisar também se o fenômeno da integração pode se configurar de diferentes modos e se a motivação para essa diferença é a função que cada um dos usos no gerúndio assume no âmbito dos gêneros argumentativos. Assim, as seguintes hipóteses norteiam a nossa pesquisa:

- 1- Os usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos evidenciam um *continuum* de integração e gramaticalização e têm relação com uma maior coesão icônica e maior força argumentativa do texto.
- 2- Fatores contextuais interferem no grau de integração forma/função. Além disso, esses fatores promovem diferenças nos usos do gerúndio não perifrástico.
- 3- Ocorreu mudança linguística nos usos do gerúndio não perifrástico.

Dessas observações e hipóteses preliminares, elaborei as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1- Quais são as configurações formais (morfo-sintáticas e sintáticas) presentes nos usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos escritos do PB?
- 2- Quais são as funções desempenhadas pelo gerúndio não perifrástico nos planos semântico, pragmático e discursivo?
- 3- Quais são as motivações cognitivas que determinam o pareamento entre as formas e as funções nas construções de gerúndio não perifrástico?
- 4- Os pareamentos forma/função revelam a interferência do contexto na estruturação desses usos?
- 5- Como ocorre a integração oracional nos diferentes tipos do gerúndio em gêneros argumentativos? Há alguma interferência da integração desses usos do gerúndio na construção do gênero argumentativo?

Com essas hipóteses e perguntas de pesquisa formuladas, os objetivos propostos por esta tese são:

## Objetivo geral

- Analisar, pelo prisma da Linguística Centrada no Uso (LCU), as construções de gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos escritos em Português do Brasil e sua possível implicação na construção dos argumentos.

## Objetivos específicos

1. Descrever as configurações formais (morfo sintáticas e sintáticas), assim como as funções semânticas, pragmáticas e discursivas assumidas pelas estruturas de gerúndio não perifrástico encontradas no *corpus* analisado;
2. Identificar as motivações cognitivas que determinam o pareamento entre as formas e as funções nas construções de gerúndio no PB;
3. Relacionar os efeitos de forma e sentido às variáveis contextuais presentes nos usos de gerúndio no PB nos gêneros argumentativos;
4. Analisar o possível *continuum* de integração oracional dos usos do gerúndio encontrados no *corpus* de análise;
5. Averiguar se houve mudança linguística nos usos do gerúndio não perifrástico.

Para cumprirmos esses propósitos, recorreremos ao aparato teórico da LCU. A Linguística Centrada no Uso (LCU) é uma vertente teórica que integra os princípios do funcionalismo tipológico de autores como Comrie (1989), Croft (1990), Givón (2001) e DeLancey (2011) e o cognitivismo de autores como Lakoff (1987) e Langacker (1987). Na LCU, o uso, o processamento cognitivo e a mudança moldam a língua (BYBEE, 2010). De acordo com Bybee (2010), as línguas apresentam, ao mesmo tempo, uma estrutura estável e variável. A explicação para esse fenômeno, segundo a autora, é o fato de que a língua emerge de situações de uso (HOPPER, 1987) e que esses padrões emergentes são registrados e armazenados por meio de processos cognitivos como a percepção e a memória, para serem transmitidos e modificados via interação.

Percebemos que, em uma análise pautada nos princípios da LCU, há um direcionamento de análise das formas linguísticas voltado às questões semânticas e pragmáticas. No entanto, falta uma teoria discursiva que aponte como o discurso contribui para a mudança semântica e linguística, considerando, sobretudo, a dimensão

sociocognitiva que a LCU também abarca. Por essa razão, os Estudos Críticos do Discurso (ECD) (VAN DIJK, 2000; 2006; 2015) complementam o nosso arcabouço teórico.

Essas duas teorias se integram nesta pesquisa para mostrar que os usos do gerúndio no PB, sobretudo em gêneros de natureza argumentativa, organizam-se por motivações cognitivas, semânticas e pragmáticas a serviço das estruturas ideológicas do discurso, desencadeando novos padrões de uso na língua.

A metodologia de análise desses dados é a qualitativa, considerando todas as dimensões contextuais dos dados em análise, conforme a proposta da LCU (OLIVEIRA, 2015). O tratamento qualitativo da geração e análise dos dados foi viabilizado pela abordagem de cunho etnográfico (ANDRÉ, 1995) e a pesquisa-ação (TRIPP, 2005; BARBIER, 2007). As contribuições das teorias de gêneros textuais (BAKHTIN, 1997; 2006) e de letramento (STREET, 1984; BARTON, 1994) também subsidiaram toda a geração dos dados.

Os dados analisados foram retirados dos textos escritos produzidos pelos meus alunos das Classes de Distorção Idade/Série (CDIS) de uma escola pública da Ceilândia-DF. O instrumental metodológico para a geração dos dados é o das Sequências Didáticas (DOLZ *et alii* 2004). Nesse sentido, a proposta de analisar os usos do gerúndio no PB sob o viés da LCU com o aparato dos ECD, em textos de estudantes da EB, contribuiu com a descrição do PB. O presente estudo também teve um impacto social entre todos os participantes da pesquisa – eu e os meus alunos – por provocar rupturas no quadro das práticas pedagógicas tradicionais no campo de pesquisa.

A partir disso, essa pesquisa é relevante para ampliar os estudos linguísticos do PB, assim como o fizeram Neves (2011), Castilho (2010) e Bagno (2011). Esses autores defendem a descrição e registro do PB, dos seus usos prototípicos e dos não prototípicos; como eles, relacionamos os usos do PB aos seus contextos de produção e às práticas sociocognitivas dos falantes.

Além disso, é importante ressaltar que a geração de dados no contexto escolar como feito por nós contribuiu para a descrição do gerúndio no PB. Como Heine & Kuteva (2007), Bybee (2010) e Martelotta (2011) afirmam, os principais agentes de mudanças na língua são os falantes que estão em constante interação, especialmente os adolescentes. Desse modo, um estudo que considera textos produzidos por adolescentes pode revelar um panorama dos possíveis direcionamentos que a mudança da língua pode estar tomando ou até já ter tomado.

A escolha desse campo de pesquisa também trouxe uma significativa contribuição social para os participantes da pesquisa. A escola na qual os dados foram gerados situa-se próximo à região do Sol Nascente (Ceilândia-DF). Essa área pertence à região administrativa da Ceilândia-DF e tem origem em ocupações irregulares e invasões na década de 1990. É nessa localidade que vivem a maioria dos alunos que estudam no Centro de Ensino Fundamental 27, uma escola vizinha ao Sol Nascente (QNR1) e que recebe moradores dessa localidade, uma vez que nesse bairro só há apenas uma escola de Ensino Fundamental para as séries finais (6º ao 9º ano). É nesse contexto que ocorreu parte da geração de dados.

Analisando esse contexto escolar, acredito que as concepções da LCU contribuíram ainda mais para o aprimoramento da competência comunicativa dos alunos (FURTADO DA CUNHA *et. alii*, 2014, p. 84), haja vista que busca “trabalhar questões linguísticas com base em seus propósitos discursivo-pragmáticos, vinculados a práticas sociais situadas”. Com esses princípios, os alunos tiveram acesso à diversidade de usos linguísticos do PB em diferentes situações a partir da elaboração de Sequências Didáticas (DOLZ *et alii*, 2004).

Além das contribuições da Linguística Centrada no Uso, os ECD também terão um impacto sobre a comunidade pesquisada, visto que, segundo van Dijk (2015), o pesquisador, ao adotar os ECD como parâmetro de análise, assume um compromisso com a sociedade. Na pesquisa em tela, o meu compromisso foi mostrar, por meio da pesquisa-ação e Sequências Didáticas, que algumas estruturas linguísticas, em especial os usos do gerúndio, estão a serviço de expressão de estruturas do discurso ideológico. No entanto, o processo de aprendizado da leitura, discussão e produção de textos, promovido durante a geração de dados, contribuiu para uma possível mudança social a favor de grupos dominados, como é o caso da comunidade em tela.

Assim, todo esse trabalho de geração de dados, além de cumprir parte dos objetivos da pesquisa propostos, proporcionou a esses estudantes a oportunidade de ampliarem suas práticas de letramentos a partir de leitura e produção de diversos gêneros textuais argumentativos escritos, sedimentados nos princípios da Linguística Centrada no Uso.

Essa tese se divide, portanto, em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o referencial teórico da LCU e as categorias de análise a partir desse arcabouço teórico que subsidiam a análise dos dados. Nesse capítulo, também

apresentamos as contribuições teóricas dos ECD relevantes para a análise dos dados gerados em nossa pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos as contribuições dos estudos de gramáticos e de linguistas brasileiros sobre o gerúndio não perifrástico, com o objetivo de subsidiar também nossa análise de dados, pois a partir dessa revisão bibliográfica compreendemos como o gerúndio é visto na literatura e, assim, solidificamos a nossa análise sobre o gerúndio.

O terceiro capítulo é dedicado aos pressupostos metodológicos de geração e análise de dados da pesquisa. Apresentamos os fundamentos da pesquisa qualitativa, pesquisa escolar etnográfica e pesquisa-ação, bem como expusemos o instrumental metodológico de geração de dados, as Sequências Didáticas (DOLZ *et alii*, 2004), e as contribuições da teoria de gêneros textuais (BAKHTIN, 1997; 2006; MARCUSCHI, 2008; 2010) e dos estudos do letramento (STRETT, 1984; BARTON;1994) que subsidiaram as nossas ações nos campos de pesquisa. Finalizamos o capítulo, explicando como ocorreu a seleção e o tratamento dos dados para análise.

No quarto capítulo, iniciamos a análise dos dados, aplicando o protocolo de análise – desenvolvido a partir das reflexões teóricas do primeiro capítulo desta tese – aos dados gerados no contexto do CEF 27, com o objetivo de verificarmos os possíveis usos inovadores dos falantes mais jovens. E, no quinto capítulo, propusemos o *cline* de gramaticalização e integração do gerúndio não perifrástico, bem como constatamos a possível interferência do contexto na sua constituição.

E, por fim, apresentamos as considerações finais da tese, as referências e os anexos.

## CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 1.0 Introdução

A análise dos usos do gerúndio no PB nesta pesquisa é sedimentada pelos pressupostos teóricos da Linguística Centrada no Uso (LANGACKER, 1987; GIVÓN, 2001; HOPPER & TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT & DASHER, 2005; HEINE & KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2008, 2010; TOMASELLO, 2003). Segundo Martelotta & Alonso (2012), nessa abordagem, princípios da linguística funcional norte-americana e da linguística cognitiva são acionados para analisar o funcionamento das línguas e, além disso, fatores contextuais ganham força como espectro de análise (OLIVEIRA, 2012). Nesse sentido, este capítulo é dedicado à apresentação dos pressupostos teóricos adotados em nossa pesquisa.

Como a Linguística Centrada no Uso admite um tratamento multidisciplinar dos dados, elegemos os Estudos Críticos do Discurso (ECD) (van DIJK, 2000; 2006; 2015) para dar suporte à análise da relação entre língua e discurso nos dados analisados, uma vez que os nossos objetivos de pesquisa estão orientados para uma visão mais ampla de discurso que é a oferecida pela LCU.

O capítulo está organizado a partir da nossa orientação teórica central, a LCU. O itinerário do capítulo começa na apresentação do paradigma funcional da linguagem (NEVES, 1997) e como os pressupostos da LCU se integram a esse paradigma. Apresentamos também, sob esse prisma teórico, os dois fenômenos que investigamos: a gramaticalização e a integração de orações. Na sequência, apresentamos os princípios da LCU, que estrutura o protocolo de análise de dados a ser aplicado no capítulo 4.

Estabelecido o percurso teórico da LCU, discorreremos sobre os Estudos Críticos do Discurso (ECD). Nessa seção, apontamos a origem dessa área de estudos, seus conceitos básicos, como língua, discurso, ideologia, relações de poder e, por fim, apresentamos as categorias de van Dijk (2000) em que os usos do gerúndio serão analisados em complemento à análise feita a partir das categorias da LCU. Encerramos o capítulo teórico sintetizando as relações das teorias elencadas com os processos metodológicos a serem discutidos no próximo capítulo.

## 1.1 A Linguística Centrada no Uso (LCU) no paradigma da linguística funcional

A Linguística Centrada no Uso (LCU) está inserida no paradigma funcionalista de estudos sobre a linguagem e, por isso, é necessário apresentar os princípios desse paradigma, a fim de estabelecermos quais serão as bases de análise dos usos do gerúndio no PB.

No modelo funcionalista de estudos sobre a linguagem, há várias abordagens que se encaixam nesse rótulo e, segundo Neves (2006), todas elas têm em comum a análise da língua por meio dos usos linguísticos. Segundo Furtado da Cunha (2008), a concepção de linguagem da gramática funcional é teleológica, isto é, a gramática serve às necessidades de interação dos falantes. Há pesquisas que se inserem no bojo da pesquisa funcionalista como Halliday (1973; 1985) e Dik (1997) em que a dicotomia entre forma e função permanece como nos estudos do Círculo Linguístico de Praga, diferente do que é proposto pela Linguística Centrada no Uso.

Em nossa pesquisa, investigamos os usos do gerúndio no PB pela perspectiva da Linguística Centrada no Uso (LCU), cujo princípio é o pareamento forma/função (MARTELOTTA, 2011). Assim, essa perspectiva teórica está mais próxima do funcionalismo norte-americano<sup>6</sup>, que tem como princípio a origem das estruturas gramaticais emergentes no/do uso (HOPPER, 1987).

Martelotta & Alonso (2012) afirmam que o funcionalismo norte-americano ganhou impulso na década de 1970, quando Givón (2012 [1979]) publicou estudos apontando que as funções linguísticas determinam a estrutura sintática. Para o autor, os estudos linguísticos devem considerar:

- 1- Conteúdos proposicionais
- 2- Pragmática discursiva
- 3- Processador
- 4- Estrutura cognitiva
- 5- Pragmática de visão de mundo
- 6- Desenvolvimento ontogenético
- 7- Mudança diacrônica
- 8- Evolução filogenética

(GIVÓN, 2012, p.16-17)

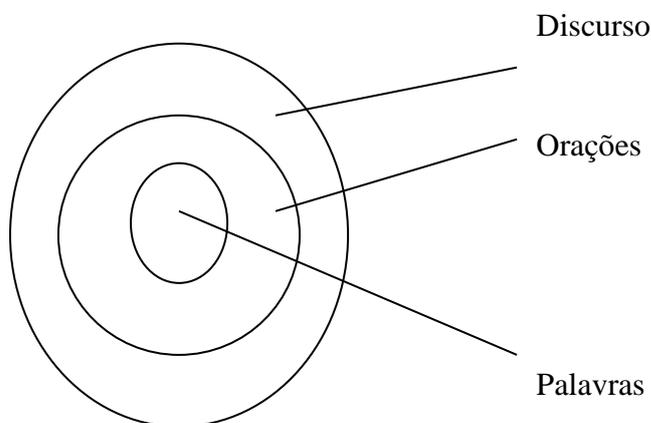
---

<sup>6</sup> A denominação *funcionalismo norte-americano* refere-se ao trabalho de linguistas como Talmy Givón, que trabalham em universidades da Costa Oeste dos Estados Unidos. No entanto, nem todos os linguistas que seguem os princípios desse funcionalismo estão na Costa Oeste ou são dos Estados Unidos, como Bernard Heine, Tania Kuteva e Elizabeth Traugott. Por isso, nossa posição é semelhante à de Martelotta & Alonso (2012), que, apesar de usarem essa denominação, não concordam com ela.

Ao estabelecer esses parâmetros explanatórios da língua, Givón (2012 [1979]) questionou a suposta autonomia do sistema linguístico, conforme os pressupostos gerativos propunham e, ao mesmo tempo, provocou uma mudança na concepção de função linguística. Para Givón (2001), as duas grandes funções da linguagem humana são a representação e a comunicação do conhecimento/experiência. E para cumprir essas funções, a comunicação humana dispõe de um sistema de representação cognitiva e de um sistema de codificação comunicativa, que, por sua vez, é composto pelo código gramatical.

Em outras palavras, na concepção givoniana a gramática está em função da semântica proposicional e da coerência discursiva (pragmática). Nessa visão funcionalista, há uma aproximação entre linguagem e cognição, uma vez que nega o modularismo da língua, como os gerativistas propunham, sendo a língua um sistema em interação com as demais partes da cognição humana. Além disso, Givón (2001) propõe uma integração de níveis de análise linguística, explicitada na figura a seguir:

Figura 1- Integração entre os componentes sintático, semântico e discursivo (GIVÓN, 2001, p. 43)



Partindo desse prisma de análise, os fatores contextuais ganham força, pois são eles que moldam e determinam a estrutura linguística. Nesse sentido, a língua é vista como uma:

Atividade sociocultural, cuja estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas e, por essa razão, caracteriza-se por uma dinamicidade constante, resultante da criatividade dos usuários da língua em adaptar sua fala aos diferentes contextos de comunicação.

(MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p.96)

Entretanto, que a primeira versão do funcionalismo norte-americano, representada pelo estudo de Givón (2012[1979]), é considerada muito radical devido à necessidade de romper com o formalismo gerativista (OLIVEIRA, 2011). E nessa perspectiva observa-se que a função linguística ganhou importância, uma vez que é a partir dela que se analisa o comportamento gramatical; contudo, nos estágios mais atuais da pesquisa funcional, Givón (1995; 2001) já reconhece a importância de se considerar o comportamento das formas linguísticas igualmente.

Nesse sentido, é necessário estudar a vinculação entre forma e função. Oliveira (2011) afirma que pesquisas funcionais mais recentes reelaboraram os conceitos de gramática, buscando associar aspectos comunicativos aos estruturais (TRAUGOTT & DASHER, 2005), via processos cognitivos (BYBEE, 2010). E é nesse estágio que a denominação Linguística Centrada no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional surgiu, uma integração entre os pressupostos do Funcionalismo norte-americano e a Linguística Cognitiva, a fim de explicar os usos linguísticos.

Tomasello (2003), ao estudar o processo de aquisição da linguagem humana, criou o termo “Linguística Centrada no Uso” ou “Linguística Cognitivo-Funcional” e, segundo o autor, nessa abordagem, a estrutura linguística emerge do uso, pois o processo de aquisição da linguagem não é apenas uma propriedade biológica, os fatores sociais e pragmáticos também são centrais na constituição da linguagem.

Em síntese, a LCU preserva os princípios do funcionalismo norte-americano, que valoriza os processos comunicativos na constituição linguística e, ao mesmo tempo, busca explicar os padrões linguísticos a partir da cognição humana, numa perspectiva integrada. Assim, portanto, não há uma dicotomia entre o estudo da forma e da função linguística, mas uma análise do pareamento da forma/função (MARTELOTTA, 2011; OLIVEIRA, 2015).

É nesse estágio da pesquisa funcional em que apoiamos nosso estudo. Para Martelotta (2011), essa denominação já aponta a aproximação entre a estrutura linguística e os seus usos em contextos reais de comunicação. Desse modo, a LCU coaduna-se com princípios do funcionalismo norte-americano por entender, segundo Bybee (2010), que os usos explicam as propriedades linguísticas. Por outro lado, a LCU

também entende que, junto ao uso, o processamento cognitivo contribui para a emergência e manutenção desses usos. A cognição, por sua vez, é resultado das experiências de mundo dos falantes e resultam da interação com outros processos de cognição, não havendo um domínio cognitivo exclusivo para a linguagem (TOMASELLO, 2003; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA *et alii*, 2013).

Segundo Bybee & Beckner (2010), o diferencial da Linguística Centrada no Uso é o fato de que, a partir da análise dos usos da língua, é possível compreender a organização cognitiva da linguagem. Tomasello (2003), ao estudar o processo de aquisição da linguagem em crianças, concluiu que crianças pequenas aprendem a língua por meio de habilidades cognitivas e sociais. Segundo o autor, as estruturas linguísticas consolidam-se a partir das situações de comunicação e, por isso, essas estruturas são significativas, ou seja, são mais que combinações algorítmicas, conforme outras abordagens linguísticas propõem.

Por essas razões, na LCU a língua não é um sistema autônomo, mas sim resultado da interação entre processos cognitivos e interações sociais dos falantes. Bybee (2010) propõe que os processos cognitivos gerais – **categorização, encadeamento, memória enriquecida, analogia e associação transmodal** – são processos que também moldam a estrutura linguística e, por isso, a língua situa-se no contexto do comportamento humano, ou seja, a memória, a subjetividade, a influência dos fatores culturais interferem na constituição da língua. Para a autora, a gramática reflete o modo como os falantes organizam a sua experiência no mundo. O seu questionamento central é como o uso representa os padrões cognitivos da língua.

Além disso, Bybee (2010) afirma que a **frequência dos usos linguísticos** também afeta a estrutura da língua. Nesse sentido, as relações pragmáticas e discursivas possuem influência na constituição do uso. Traugott & Dasher (2005) entendem que as regularidades são tendências de uso que se repetem nas línguas, que são moldadas, ao mesmo tempo, por processos cognitivos e comunicativos, e são reanalisadas. Para esses autores, a metonimização, a (inter)subjetivação e a inferência sugerida explicam o uso linguístico.

Isso quer dizer que os padrões linguísticos não são imutáveis, pois estão em constante mudança devido às necessidades comunicativas dos falantes (ROSÁRIO, 2015) e, conseqüentemente, o contexto comunicativo também exerce influência na alteração dos usos da língua. A mudança linguística é, portanto, um princípio

importante para compreendermos o funcionamento da língua na abordagem da LCU (MARTELOTTA, 2011).

Diante disso, para a LCU, a língua é um sistema dinâmico, que possui uma estrutura regular, mas também possui uma variação considerável, ou seja, é possível mensurar a mudança da língua por meio de um olhar pancrônico; ela pode ser observada em diferentes recortes temporais bem como é passível de ser analisada em tempo real, a partir das instâncias reais de uso da língua.

Nesse prisma, uma forte tendência na LCU são os estudos sobre **gramaticalização**, haja vista que esse fenômeno trata da variação e mudança linguística (FURTADO DA CUNHA *et alii*, 2013). Contudo, numa abordagem centrada no uso, a gramaticalização estende seus limites de seu escopo tradicional, indo além dos estudos de mudança do léxico para a gramática. Para a LCU, a gramaticalização deve ser observada pelo âmbito das construções gramaticais (BYBEE, 2010; ROSÁRIO, 2015).

A noção de construção adotada pela LCU, de acordo com Rosário (2015), advém da abordagem denominada Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006) que considera a construção como um “pareamento forma/função que tem uma estrutura sequencial que pode ter sequências mais ou menos fixas” (BYBEE, 2010, p.8). Esse pareamento consiste em associar, via processos cognitivos, as relações entre a forma – fonologia, morfologia e sintaxe – e a função – semântica, pragmática e discurso. Os processos de **subjetivação, intersubjetivação e inferência sugerida** (TRAUGOTT & DASHER, 2005) desencadeiam todo esse processo, ou seja, as relações interativas entre falantes têm relevância no processo de mudança linguística e gramaticalização.

Outra tendência de análise no paradigma da LCU é a influência do **contexto** na estruturação e mudança linguística. Oliveira (2015), ao fazer referência a Croft (2001) e Croft & Cruse (2004), afirma que contexto tem uma dimensão no âmbito da forma e no âmbito da função, e essas duas dimensões motivam os usos linguísticos. Em outras palavras, propriedades formais e funcionais estão correlacionadas para acionar os usos e provocar as mudanças na língua. Dentre as propriedades contextuais, destacamos aqui as denominadas por Oliveira (2015) como discursivo-funcionais. A autora destaca que a **tipologia textual, o gênero textual e fatores extralinguísticos** também são determinantes para desencadear a mudança linguística.

Em síntese, todos os princípios acima apresentados estão presentes em uma abordagem centrada no uso. Em nossa análise sobre os usos do gerúndio no PB em

gêneros argumentativos, serão esses princípios que fundamentarão nossa análise, além das orientações em torno da **integração de orações** (LEHMANN, 1988; MATHIESSEN & THOMPSON, 1988; GIVÓN, 1995, 2001; GONÇALVES *et alii*, 2007; ROSÁRIO; 2015, 2016 e outros) e das categorias (morfo)sintáticas, semânticas e pragmáticas que subsidiam a nossa análise.

Para melhor orientar nossa discussão, detalharemos todos esses pressupostos seguindo o roteiro do quadro exposto a seguir:

Quadro 1- Princípios teóricos balizadores desta pesquisa

**Processos cognitivos desencadeadores do pareamento forma/função**

- Iconicidade
- Categorização e prototipia
- Metaforização e Metonimização

**Mudança linguística e gramaticalização**

**Integração de orações**

**Processos linguísticos**

- **Categorias morfossintáticas presentes no gerúndio:** tempo, modo e aspecto
- **Categorias sintáticas:** a ordem e relações gramaticais

**Processos semântico-discursivo-pragmáticos**

- Papéis semânticos na estrutura argumental
- Relações de sentido: pressupostos, implicações e implicaturas
- Subjetivação
- Intersubjetivação
- Tópico e Foco
- Inferência Sugerida

**A interferência do contexto**

Nas próximas seções, todos esses princípios serão detalhados.

## 1.2 Processos cognitivos desencadeadores do pareamento forma/função

### 1.2.1 Iconicidade

A noção de iconicidade está vinculada à referência que os falantes fazem dos objetos por meio da língua. A discussão sobre esse conceito está centrada no vínculo entre a estrutura linguística e o mundo. Esse questionamento está presente desde a Antiguidade, quando Platão, em *Crátilo*, discutia se os nomes eram naturalmente dados ou socialmente construídos. Nessa obra, há um contraponto entre as ideias de Crátilo, que defendia a relação direta entre a forma das palavras e o sentido expresso por elas, e as ideias de Hermógenes, defensor da convenção, ou seja, a língua não tem relação direta com o mundo.

Esse debate, segundo Wilson & Martelotta (2008), está presente até hoje na Linguística, mas não está restrito a essa ciência. Estudos filosóficos, como o de Pierce (2000), contrariaram o princípio da arbitrariedade do signo linguístico proposta por Saussure (1999) e influenciaram a linguística funcional, a linguística cognitiva e, conseqüentemente, a linguística centrada no uso.

Na concepção de Pierce (2000, p. 52), um signo pode ser um ícone, ou seja, “refere ao objeto, que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui (...)”. Ainda para Pierce (2000), o modo mais eficiente de comunicação de ideias seria o ícone, o que sugere uma relação direta entre a língua e o mundo, uma vez que ele possibilita fazer uma correspondência entre a forma e o sentido, pois o ícone é imagético, ou seja, possui propriedades que o aproximam do objeto designado.

Segundo esse autor, o signo está ligado ao seu objeto e ao seu interpretante por meio de similaridade. Isso significa que, a partir da contiguidade de conceitos, ocorrem as relações icônicas. É importante lembrar que esse estudioso está ligado à semiótica e, embora Pierce (2000) admita que as relações icônicas possam atingir a língua, o escopo dessa análise do signo amplia-se ao estudo da linguagem não-verbal também. Entretanto, as contribuições do autor para a linguística centrada no uso são relevantes, uma vez que possibilita observar o pareamento entre forma e função, apontando processos desencadeadores como a metáfora e a metonímia desse pareamento.

Do ponto de vista dos estudos linguísticos, a iconicidade é, de acordo com Croft (1990), a motivação externa da organização da estrutura linguística. Em uma visão icônica, a língua organiza-se a partir da influência de fatores externos, ou seja, a relação

entre o código linguístico e seu *designatum* (NEVES, 1997) é natural. Haiman (1980) afirma que as relações internas de organização do arranjo linguístico de alguma forma espelham o referente.

Contudo, é relevante lembrar que as relações icônicas presentes na língua pela perspectiva centrada no uso não são estabelecidas tais quais a ótica platônica, em que a língua reflete o objeto no mundo. A concepção de iconicidade aqui adotada segue a definição de Givón (1984), em que há uma correlação direta entre a forma linguística e o conceito expresso por ela.

Nesse sentido, é válido mencionar a discussão de Haiman (1985) em torno da iconicidade. Para o autor, a iconicidade pode ser imagética ou diagramática. A primeira estabelece a relação entre uma imagem e seu referente, como uma placa de trânsito que indica a conversão à direita ou à esquerda. A iconicidade diagramática refere-se às relações entre forma e conteúdo, ou seja, o rearranjo entre signo e referente sem nenhuma semelhança direta, apenas uma relação de semelhança ou proximidade entre as formas e as funções linguísticas.

Givón (1984) apontou três princípios que explicam a iconicidade diagramática. São eles: quantidade, proximidade e ordenação linear. O primeiro princípio diz respeito, de acordo com Furtado da Cunha *et alii* (2013), à extensão da forma linguística e a quantidade de conteúdo. Um exemplo dado pelos autores é o contraste entre o morfema de plural no português {-s} e o morfema de singular {zero}.

Haiman (1983), ao apresentar o fenômeno da causatividade na língua mixtec, mostra que a alternância entre as formas analíticas e reduzidas que expressam esse fenômeno está diretamente associada à causatividade ser direta ou indireta, ou seja, a forma reduzida expressa causatividade direta, enquanto a analítica expressa a causatividade indireta. Esse exemplo mostra que, quanto mais material linguístico, mais informação se expressa.

Outro ponto relevante nesse princípio é o fato de a informação ser nova ou não. Furtado da Cunha *et alii* (2013) lembram que quanto mais nova a informação for para o leitor, mais material linguístico é necessário para expressar essa nova informação.

A proximidade refere-se ao fato de que, quanto mais próximo é o elemento no campo do sentido, mais próximo o elemento está no campo da forma (WILSON & MARTELOTTA, 2008).

Por fim, a ordenação linear diz respeito à ordem dos eventos que ocorrem no mundo e o paralelismo com a sua ordem na estruturação linguística.

A partir do exposto, uma concepção de linguagem que tem a iconicidade como princípio nega a autonomia do sistema linguístico. Wilson & Martelotta (2008, p. 77) sugerem que a iconicidade se relaciona com uma concepção de língua dinâmica que “constitui o reflexo de processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos”. Segundo os autores, os falantes, devido às suas necessidades comunicativas, adaptam as estruturas linguísticas já existentes para conferir maior expressividade à língua. Desse modo, assumir a iconicidade é assumir que a língua não é um objeto isolado do mundo. Assim, conforme as afirmações de Du Bois (1985), as línguas são sistemas adaptáveis segundo às pressões externas. Nesse caso, as relações contextuais também interferem no estabelecimento das relações icônicas entre forma e função.

As relações icônicas não fazem parte apenas do domínio linguístico, pois elas permeiam todo o processo de percepção humana. Isso está em consonância com as afirmações de Bybee (2010) sobre a integração do componente linguístico e os processos gerais da cognição humana, como a categorização, que será apresentada na seção a seguir.

## **1.2. 2 Categorização e prototipia**

A categorização é uma capacidade humana de percepção e organização da realidade. Bybee (2010) afirma que é o processo cognitivo mais básico, que interage com maior frequência com os outros. A categorização não se relaciona apenas com a codificação da linguagem, sendo um processo de base psicológica que tem interface com aspectos físicos, sociais e culturais (TAYLOR, 1989).

De acordo com Ferrari (2011), desde a Antiguidade houve uma preocupação em analisar como os humanos organizam o pensamento a partir de categorias. O primeiro modelo de categorização remete à lógica aristotélica, que propõe o estabelecimento de categorias por meio de traços distintivos (necessários e suficientes), ou seja, para ser membro de uma categoria, esse membro deve possuir todos os traços que a definem. Por exemplo, as classes gramaticais presentes na gramática tradicional foram determinadas por meio do conceito de categorização clássica.

Essa visão clássica influenciou a semântica estruturalista. Katz & Fodor (1963 *apud* FERRARI, 2011) estabeleceram um sistema de traços semânticos constitutivos

das categorias, em que os membros dessas categorias são definidos por traços rígidos que refletem diretamente o mundo. Entretanto, esse sistema não é suficiente para agrupar elementos que fogem desse modelo, como o termo *pinguim* em relação à categoria AVE, pois esse animal não possui os traços considerados, pela visão clássica, essenciais para pertencer a essa categoria, como “voar” e “ter penas”. Os verbos no gerúndio, na categorização por traços semânticos, também não pertenceriam à categoria VERBO, pois não apresentam traços típicos como flexão de tempo, de pessoa e de modo.

Nesse sentido, a teoria clássica de categorização passou a ser questionada. As contribuições de Wittgenstein (1999) em torno da significação contribuíram para a constituição de um novo modelo de categorização. Wittgenstein (1999) compara a linguagem a um jogo no qual as palavras não são determinadas por uma única significação, mas pelo uso em diversas situações. Para o filósofo, os jogos – e a linguagem se enquadra como um jogo – são flutuantes, os seus membros não têm uma posição fixa, se organizam numa estrutura de semelhança de família, “pois é assim como se superpõem e entrecruzam as diversas semelhanças que ocorrem entre os membros de uma família (...). Assim, podemos dizer: *os jogos compõem uma família*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 52).

A definição de “semelhança/ar de família”, criada por Wittgenstein (1999), possibilitou o desenvolvimento de uma teoria de categorização em que não existe limite definido para as categorias, uma vez que a significação não é um exercício de designação de rótulos para os objetos, mas representa um dinamismo determinado pelo uso. A linguagem é “uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e tudo isto cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e com casas uniformes” (WITTGENSTEIN, 1999, p.32).

As contribuições de Wittgenstein (1999) influenciaram a psicologia a ampliar a noção de categorização. Os trabalhos de Rosch (1973), Rosch *et alii* (1978) e de Rosch & Mervis (1975) desenvolveram o conceito de prototipia, que é a propriedade de os elementos de uma categoria se organizarem em torno de um membro mais prototípico, ou seja, um elemento com traços mais típicos da categoria; porém, os membros que não possuem todos os traços da categoria podem se enquadrar nela, uma vez que as categorias se estruturam por meio de uma rede de semelhanças, tal como o conceito de Wittgenstein (1999) de “semelhança de família”.

Outro ponto relevante na teoria de protótipos de Rosch (1973) é o fato de as categorias refletirem a estrutura conceitual dos membros e, por meio do conhecimento desses conceitos expressos, é possível que “os indivíduos podem classificar de forma confiável na medida em que um membro de uma categoria se encaixa a sua ideia ou imagem do significado do nome da categoria” (ROSCH & MERVIS, 1975, p. 574) (tradução nossa).<sup>7</sup>

Para Rosch *et alii* (1978), a organização em categorias segue dois princípios elementares: a) agregar o máximo de informação com o mínimo de esforço cognitivo e b) refletir a percepção humana do mundo, afastando-se da arbitrariedade. Segundo a autora, para que esse modelo de categorização seja viável, o conceito de protótipos deve ser acionado. Essa operação ocorre em torno de um termo, que apresenta características representativas de uma categoria, e passa a ser considerado o membro central da categoria. Os demais elementos se estabelecem a partir do grau de semelhança com o membro central.

A partir desses princípios, o modelo de categorização por protótipos também considera que o processo de categorização ocorre por níveis (ROSCH *et alii*, 1978). O primeiro nível é, “em geral, o nível básico de abstração em uma taxonomia é o nível no qual as categorias carregam (ou contêm) mais informação [...]” (ROSCH *ET ALII*, 1978, p.383) (tradução nossa).<sup>8</sup> Isso quer dizer que, a partir dos elementos mais básicos das categorias, é possível agregar vários membros, pois esses elementos têm a capacidade de representar toda a categoria (FERRARI, 2011). Para Rosch & Mervis (1975), as categorias básicas seguem os mesmos princípios que os protótipos de uma categoria.

Além do nível básico, existem os níveis superordenado e subordinado. O nível superordenado relaciona-se aos termos mais genéricos de uma categoria e suas características podem ser assim sintetizadas:

- (i) A semelhança entre os membros é baixa, em contraste com a semelhança entre os membros das categorias de nível básico.
  - (ii) O número de atributos definidores de seus membros é mais baixo do que nas categorias de nível básico.
  - (iii) Os nomes das categorias superordenadas são nomes não contáveis, enquanto os nomes das categorias de nível básico costumam ser contáveis.
- (FERRARI, 2011, p.40)

---

<sup>7</sup> “Subjects can reliably rate the extent to which a member of a category fits their idea or image of the meaning of the category name.” (ROSCH & MERVIS, 1975, p.574)

<sup>8</sup> “In general, the basic level of abstraction in a taxonomy is the level at which categories carry the most information [...]” (ROSCH *et alii*, 1978, p. 383)

Por fim, as categorias subordinadas estão relacionadas aos hipônimos. A categoria *CARRO* é considerada de nível básico, *VEÍCULO* é, por sua vez, superordenada. Por fim, *MERCEDES* é uma categoria subordinada.

Nesse sentido, esses níveis de categorização mostram que as categorias de nível básico mais se aproximam dos protótipos (ROSCH & MERVIS, 1975). As categorias são estruturas ricas em informação, que são organizadas a partir desses níveis de categorização, no qual os protótipos são os seus membros representativos.

Contudo, nem sempre a relação entre os elementos da categoria é direta com o membro central. Diante disso, os termos se agregam por meio de redes, em que compartilham traços com diversos membros da categoria, ou seja, o modelo de categorização proposto por Rosch também se apoia na noção de semelhança/ar de família de Wittgeinstein (1999). As contribuições da autora para a teoria de protótipos e categorização é agregar a interface entre os componentes cognitivos e culturais, e prever que esses mecanismos também se aplicam à linguagem humana, apesar de não estudá-la diretamente.

Apesar das contribuições da Teoria de Protótipos, essa visão é, segundo Duque (2001), também problemática, visto que nem sempre um elemento pertencente a uma categoria liga-se por alguma semelhança ao protótipo. Duque (2001) mostra que não tem como estabelecer o protótipo em conceitos como *regra* ou *crença*, uma vez que não é possível determinar todo o conjunto de regras ou de crenças.

Por essas razões, o autor sugere que a teoria dos protótipos de Rosch é útil para ser aplicada em determinados campos da percepção humana, como as categorias de espécies naturais, porém, em outras categorias, as linguísticas, por exemplo, a visão de prototipia deve ser reformulada, dando lugar a uma versão que relativiza o efeito do conceito de protótipo e amplia a noção de semelhança de família. Dessa maneira, as contribuições de Lakoff (1987) e Taylor (1989) são fundamentais para se avançar na visão de categorização e protótipo que se aproxima dos pressupostos da LCU.

Para Lakoff (1987), a categorização é, simultaneamente, uma questão associada à cultura e à cognição e, por essa razão, não pode ser definida somente como uma operação mental abstrata. Nesse prisma, a teoria de protótipos é adequada para explicar os processos de criação de categorias, uma vez que a proposta de organização por protótipos viabiliza uma percepção categorial multifacetada.

Além disso, Lakoff (1987) entende que a categorização linguística possui o mesmo caráter das categorias conceituais, ou seja, a organização da língua segue os

mesmos mecanismos gerais da cognição. Segundo o autor, a evidência da língua serve de comprovação do modelo de categorização das demais categorias conceituais.

Contudo, a visão do autor é um pouco diferente da teoria de categorização por protótipos, pois, ao invés de propor que as categorias se organizam em torno de um protótipo, elas se estruturam a partir de efeitos prototípicos, que são esquematizados a partir de Modelos Cognitivos Idealizados ou MCI's. Esses modelos apresentam os seguintes princípios: estrutura proposicional, esquemas imagéticos e mapeamentos metafóricos e metonímicos.

A estrutura proposicional aproxima-se, de acordo com Lakoff (1987), da noção de *frame*<sup>9</sup> de Fillmore (1982). Para explicar como as categorias se organizam por esse princípio, Lakoff (1987) exemplifica com a palavra inglesa *Tuesday* (*terça-feira*). Os dias da semana são estruturados a partir de um modelo idealizado, que reflete a nossa visão de mundo, pois a sequência de tempo fragmentada em sete dias é própria de certas culturas, ao passo que a divisão de tempo é diferente em outras sociedades como a organização do calendário em *Galugan*. Outro exemplo relevante para explicar esse modelo de categorização é o uso do termo *dia útil*, presente em nossa língua para se referir aos dias em que trabalhamos.

Já os esquemas imagéticos relacionam-se à estrutura conceptual dos MCI's (FERRARI, 2011). As categorias são organizadas a partir das nossas experiências. Um exemplo dado por Ferrari (2011) é a categoria *ESPAÇO* que é estruturada a partir dos esquemas *CONTAINER*, *PARTE-TODO*, *FRENTE-TRÁS*, *CIMA-BAIXO*, *ORIGEM-TRAJETO-DESTINO* e outros. Os esquemas imagéticos expressam a relação do conceito com a forma linguística, validando o princípio da iconicidade.

Por fim, os mapeamentos metafóricos e metonímicos baseiam-se no trabalho de Lakoff & Johnson (1980). Para Lakoff (1987), a relação entre os membros categoriais ocorre por meio das relações e transferência de sentidos (metáfora) e de contiguidade de conceitos (metonímia).

Mediante a interação desses três princípios no processo de formação das categorias, Lakoff (1987) propõe que a noção de protótipo seja substituída pela noção de efeitos prototípicos, pois o autor apresenta uma visão de categoria multirreferencial, ou seja, não há um elemento a ser considerado como exemplar, mas sim focos

---

<sup>9</sup> Segundo Ferrari (2011, p.50), *frame*, conceito criado por Fillmore, é “um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”.

cognitivos, originados da interação dos domínios cognitivos. Assim, as observações de Duque (2001, p.98), ilustram bem o conceito de efeitos prototípicos:

Embora não se possa sustentar que todas as categorias têm, como as de cor, uma base biológica, pode-se sustentar, em geral, que as categorias se estruturam em torno de um centro cognitivo, seja perceptivo ou conceptual, até que os falantes julguem e meçam sua classe denotacional e aplicação. As entidades e os atributos, dentro de uma categoria, se ordenam com diferenças de graus a partir da projeção desses focos cognitivos.

Os efeitos prototípicos, na perspectiva de Lakoff (1987), podem ser definidos como simples ou complexos. Os primeiros relacionam-se ao grau de conhecimento de mundo e à adequação conceptual da categoria (FERRARI, 2011). Ao formular o conceito de efeito prototípico simples, Lakoff (1987) toma a análise de Fillmore (1982) da categoria BACHELOR (*solteiro*).

Segundo o autor, a constituição dessa categoria só é possível por meio de um MCI em uma sociedade monogâmica, pois *solteiro* é um homem adulto que não se casou. Portanto, esse modelo cognitivo idealizado não inclui padres, por exemplo, que são homens adultos solteiros, os quais, porém, não têm expectativa de se casar. Então, a gradiência da categoria se dá pela compreensão do mundo, das relações e expectativas sociais criadas em torno da categoria e não apenas pela gradualidade entre um membro da categoria e seu protótipo. A gradação ocorre segundo a adequação do MCI ao mundo, medida pelos seguintes graus: *perfeitamente, muito bem, bem, um pouco mal, muito mal* ou *de jeito nenhum* (LAKOFF, 1987, p.71). Em suma, os efeitos prototípicos simples são medidos entre a adequação entre o MCI e nosso conhecimento de mundo.

Quanto aos efeitos prototípicos complexos, Lakoff (1987) afirma que estes se originam a partir da combinação de um feixe de modelos cognitivos. Ao definir a categoria MÃE, o autor enumera os seguintes conceitos, que a torna uma categoria complexa:

O modelo de nascimento: a pessoa que dá à luz é a *mãe*.  
 - O modelo genético: a pessoa que contribui com o material genético é a *mãe*.  
 - O modelo de criação (ou de alimentação ou modelo que nutre): a fêmea adulta que alimenta e cria uma criança é a *mãe* dessa criança.  
 - O modelo conjugal: a esposa do pai é a *mãe*.  
 - O modelo genealógico: a ancestral fêmea mais próxima é a *mãe*.  
 (LAKOFF, 1987, p. 74) (tradução nossa)<sup>10</sup>

<sup>10</sup> - The birth model: The person who gives birth is the *mother*.

- The genetic model: The female who contributes the genetic material is the *mother*.

- The nurturance model: The female adult who nurtures and raises a child is the *mother* of that child.

- The marital model: The wife of the father is the *mother*.

Segundo o autor, o efeito prototípico dessa categoria se dá pela convergência entre os modelos, ou seja, não há apenas um efeito, tal como o exemplo de *solteirão*, no qual apenas um MCI é acionado. Por isso, Lakoff (1987) afirma que, na categoria MÃE, há efeitos prototípicos complexos.

Diante das contribuições de Lakoff (1987), é possível reelaborar uma nova proposta da teoria da categorização, sintetizada, segundo Duque (2001, p.99), pelos seguintes princípios:

- a) O protótipo se reduziu a um fenômeno de superfície;
- b) O protótipo toma diferentes formas, de acordo com o modelo da categoria [...], daí a denominação de *efeitos prototípicos*;
- c) Sua extensão, no campo da polissemia, através da noção de *semelhança de família*, favorece o surgimento de uma flexibilidade [...]. Ainda que apenas seja considerado como efeito, já não é, obrigatoriamente, o exemplar reconhecido como o mais idôneo pelos indivíduos.

É válido dizer que a teoria desenvolvida por Lakoff (1987) incluía o estudo de todos os componentes da língua enquanto categorias passíveis dos efeitos prototípicos. Para esse autor, as operações de efeitos prototípicos ocorrem em todos os níveis da língua (fonologia, morfologia, sintaxe e léxico). Entretanto, o estudioso não aprofundou na investigação dos efeitos prototípicos nesses níveis linguísticos. Nesse prisma, as contribuições de Taylor (1989) direcionam o escopo da teoria da categorização por protótipos para fenômenos da língua.

Para Taylor (1989), o conhecimento linguístico está ligado a uma rede de conhecimentos pautados nos padrões culturais. Segundo o autor, o significado das formas linguísticas é altamente dependente do contexto, bem como representa padrões de conhecimento e crenças. Assim, a categorização relaciona-se à percepção humana em torno da realidade e, conseqüentemente, depende das relações socioculturais estabelecidas entre os falantes. Diante disso, Taylor (1989) afirma que a língua não é uma entidade separada do mundo e, por isso, está sujeita às interferências das outras esferas de ação humana, tal como Lakoff (1987) também constatou.

Taylor (1989) entende que as categorias linguísticas se organizam pelos mesmos princípios das categorias cognitivas. Além disso, a categorização da linguagem relaciona-se com o conceptualismo: uma palavra e um grupo de entidades às quais se refere são mediadas por uma entidade mental, um conceito. E a conceptualização não

---

- The genealogical model: The closest female ancestor is the *mother*. (LAKOFF, 1987, p. 74)

está restrita ao léxico, pois categorias morfológicas e sintáticas também passam pelo mesmo processo.

Inspirado em Lakoff (1987), outra contribuição do trabalho de Taylor (1989) foi associar o conceito de polissemia ao processo de categorização, isto é, as categorias linguísticas são polissêmicas, e, por isso, apresentam vários efeitos prototípicos devido a essa característica. O conceito de semelhança de família de Wittgenstein (1999) também sustenta a teoria do autor, pois a rede polissêmica agrega elementos por meio de relações de semelhança e contiguidade.

Para ilustrar essas noções, Taylor (1989) ilustra com o exemplo da preposição inglesa *over*, que apresenta uma estrutura conceptual complexa, possuindo vários sentidos. Esses, por sua vez, são resultado da semelhança, proximidade e transferência dos conceitos presentes na rede cognitiva. Isso mostra que, em uma categoria linguística, como as preposições, as operações cognitivas são acionadas para organizá-las. E o conceito de semelhança de família desconstrói a ideia de centralidade das categorias.

Contudo, Taylor (1989) admite que existem alguns elementos nas categorias que são perceptualmente mais salientes e, por isso, adotar o conceito de semelhança de família pode ser problemático, uma vez que há a possibilidade de categorias naturais – e linguísticas também – assemelhando-se à ideia de categorias prototípicas nos termos de Rosch (1975).

Nesse prisma, Taylor (1989) propõe a gradualidade das categorias, ou seja, não há limites claros entre as categorias, eles são difusos (*fuzzy*). Em suma, ao mesmo tempo em que as categorias são organizadas por meio de redes de semelhança de família, em algumas delas há um centro perceptual. Não há, portanto, um limite rígido no processo de organização entre as categorias e seus termos, tudo é definido a partir da experiência de mundo e da integração entre os domínios cognitivos.

A partir dos conceitos de categorização e prototipia, podemos afirmar que as contribuições da Linguística Cognitiva são produtivas para o escopo da LCU. Bybee (2010) apoia-se em todas essas noções ao definir que categorização é a semelhança ou identidade correspondente entre palavras, frases e seus componentes e às representações armazenadas. Nesse sentido, a autora aciona, também para a forma linguística, todas as relações sociocognitivas presentes na categorização de outros domínios.

Furtado da Cunha *et alii* (2013) afirmam que a categorização é uma operação cognitiva que reflete a percepção humana da realidade. Organizamos a realidade biofísica e sociocultural não como uma operação de rotulação da realidade objetiva, asseveram os autores, mas a categorização é a expressão do modo como percebemos a realidade. Desse modo, a categorização e a prototipia são conceitos que se aproximam do princípio da iconicidade da língua, visto que a língua não é um domínio autônomo, mas integrado à nossa realidade biopsicossocial e cultural.

Entretanto, numa abordagem centrada no uso não se pode analisar apenas a iconicidade, a categorização e a prototipia no modelo da LCU, pois além delas é preciso investigar, tal como Taylor (1989) afirma, as relações de extensão de sentido, já que:

Uma teoria orientada pela noção de protótipo, por outro lado, conduz alguém a aceitar e até a esperar, a gradualidade e a imprecisão das categorias. Contudo se não é possível estabelecer restrições absolutas sobre o conteúdo das semelhanças de família das categorias, poderá ser sustentado, todavia, que certos tipos de extensão de sentido são mais frequentes, mais típicos e mais naturais que outros. Em outras palavras, nós devemos procurar por processos recorrentes de extensão de sentido, inclusive translinguisticamente, ao invés de tentar formular proibições sobre possíveis extensões de sentido.<sup>11</sup> (TAYLOR, 1989, p.121.) (tradução nossa)

Seguindo as orientações de Lakoff (1987), essas relações de sentido que estruturam as categorias, linguísticas ou não linguísticas, são a metáfora e a metonímia, cujas propriedades serão apresentadas na seção a seguir.

### 1.2.3 A metáfora e a metonímia

Na tradição da retórica aristotélica, metáfora e metonímia são consideradas como recursos estilísticos, próprios da linguagem literária. Andrade & Martins (2011) afirmam que nessa perspectiva elas são vistas como desvios, pois fogem do discurso literal e da lógica, uma vez que a significação ocorre via analogia. Essa visão restrita sobre a metáfora ainda é a mais comum, presente nas gramáticas tradicionais e manuais didáticos.

---

<sup>11</sup> A prototype mind-set, on the other hand, leads one to accept, even to expect, fuzziness and gradualness. But if it is not possible to state absolute constraints on the content of family resemblance categories, it might none the less be the case that certain kinds of meaning extension are more frequent, more typical, and more natural, than others. In other words, we should be looking for recurrent process of meaning extension, both within and across languages, rather than attempting to formulate prohibitions on possible meaning extensions. (TAYLOR, 1989, p.121)

Contudo, na visão da Linguística Cognitiva, a metáfora e a metonímia são mecanismos relacionados com a formação do sistema conceitual humano (LAKOFF & JOHNSON, 1980). A partir dessa visão, elas também interferem no processo de formação de categorias (LAKOFF, 1987). Por essas razões, na LCU, a metáfora e a metonímia não são analisadas apenas pelo componente linguístico, mas também pelo componente conceptual. A partir dessa integração, elas motivam a mudança linguística, por permearem os processos de interação e significação (TRAUGOTT & DASHER, 2005; MARTELOTTA, 2011).

Desse modo, nesta seção, trataremos desses dois mecanismos pela vertente da Linguística Cognitiva, enfatizando os processos cognitivos e de mapeamento presentes na metáfora e na metonímia; na seção seguinte, abordaremos suas correlações com processos pragmático-cognitivos e a língua.

O trabalho seminal que mudou a visão em torno da metáfora é o estudo de Lakoff & Johnson (1980), para quem a metáfora está ligada ao sistema conceitual humano, o modo como pensamos e agimos. As metáforas:

governam o nosso dia a dia até os detalhes mais concretos. Nossos conceitos estruturam o que percebemos, como podemos lidar com o mundo e como nos relacionamos com as outras pessoas. Nosso sistema conceitual, portanto, desempenha um papel central na definição das nossas realidades cotidianas. Se estivermos certos ao supor que nosso sistema conceitual é em grande medida metafórico, logo o modo como pensamos, aquilo que experienciamos e o que fazemos no cotidiano é estreitamente relacionado à metáfora. (tradução nossa)<sup>12</sup>

(LAKOFF & JOHNSON, 1980, p.3)

A tese central desses autores é que as metáforas estruturam o processo de elaboração de conceitos, ou seja, um conceito é elaborado a partir da projeção de outro domínio. Para exemplificar isso, Lakoff & Johnson (1980) usam o conceito metafórico TEMPO É DINHEIRO para explicar que o tempo é conceitualizado em termos de valor, mercadoria e que, por isso, existem várias expressões como “perdi meu tempo” e “gastei meu tempo”. Um domínio é estruturado a partir de outro, o que caracteriza a metáfora conceitual.

---

<sup>12</sup> They also govern our everyday functioning, down to the most mundane details. Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people. Our conceptual system thus plays a central role in defining our everyday realities. If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor. (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p.3)

Nesse sentido, os autores afirmam que as metáforas são constituídas a partir da experiência e dos valores culturais dos falantes. Além disso, os conceitos metafóricos viabilizam as construções metafóricas na língua, desconstruindo a visão de metáfora como uma questão unicamente literária.

Além disso, Lakoff & Johnson (1980) formularam o conceito de metáfora espacial, em que um sistema de conceitos é organizado em relação a outro. Dessa maneira, as metáforas espaciais são projetadas a partir da orientação espacial do corpo físico. As expressões “estou pra baixo”, “ela é tão pra cima”, “deixou de lado” são expressões desse tipo de metáfora, que não são arbitrárias, mas refletem nossa realidade física e cultural.

Nesse sentido, o trabalho de Lakoff e Johnson (1980) é muito importante por conceber a metáfora como manipulação conceitual. Em todas as metáforas há um domínio-fonte, caracterizado pelas propriedades físicas e concretas da nossa realidade, e o domínio-alvo, que é uma entidade mais abstrata.

Assim, as relações metafóricas são entendidas como o mapeamento de um domínio mais abstrato a partir de um domínio mais concreto. Lakoff (1987, p.271-275) propõe que algumas áreas da experiência são estruturadas por esquemas de imagens básicas do corpo humano, sintetizadas por Taylor (1989, p. 134-135)<sup>13</sup>:

- a) Recipiente: o esquema de imagem coloca um recipiente, com seu interior e exterior, no domínio do espaço tridimensional. O esquema de imagem é aplicado metaforicamente para um amplo número de domínios não-espaciais. Exemplos: por ideias em palavras / estar apaixonado / estar brigado com o amor.
- b) Trajetória e suas partes componentes: esse esquema diz respeito ao esquema de origem, trajetória e destino. Exemplos: a conceptualização da vida como uma viagem / minha vida está rodando em círculos.
- c) Proximidade e distância: nessa extensão, os domínios não espaciais são organizados em termos de espaço. Exemplos: expressões que envolvam o grau de envolvimento emocional como *somos próximos*.
- d) Ligação e separação: noções espaciais estão relacionadas com abstrações. Exemplo: manter contato / quebrar laços / cortar relações.

---

<sup>13</sup> Optamos por manter os números das páginas em longos trechos de citação indireta, para auxiliar na localização das ideias no texto original.

- e) Relação para frente e para trás: esquema aplicado ao corpo humano, a partir da posição frontal onde os órgãos sensoriais estão localizados. Exemplos: o futuro está a frente / o passado está para trás.
- f) Relação parte-todo: o todo consiste de partes arranjadas em uma configuração específica. A separação ou re-arranjo de partes resultam na destruição do todo. Este esquema é aplicado a unidades discretas e concretas. Exemplo: um casal forma uma unidade, no divórcio eles se separam.
- g) Ordem linear: é metaforicamente aplicado para a sequência temporal. Exemplo: o que acontece primeiro acontece antes, o que vem em segundo acontece depois.
- h) Orientação para cima e para baixo: organiza-se dentro de um campo gravitacional. Exemplo: estar feliz é estar para cima / estar triste é estar para baixo.
- i) Conceptualizações de grande quantidade /coletivo *versus* complexo.

Essas manipulações produzidas pela metáfora serão codificadas distintamente em cada língua, pois os falantes materializam linguisticamente os conceitos conforme suas experiências. O trabalho de Nuñez & Sweetser (2006, *apud* FERRARI, 2011) sobre a língua Aymara<sup>14</sup> observou que o futuro é conceptualizado como um evento que está atrás do EGO e o passado está à frente do EGO. Linguisticamente falando, a expressão que indica posterioridade (*nayra*) marca o tempo passado e a que indica anterioridade (*qhipüru*) indica futuro. E essas transferências fundamentam-se na experiência dos falantes dessa língua que apresentam uma concepção estática do tempo: o que passou – e é conhecido – está à frente, e os fatos que virão, desconhecidos, estariam atrás. Esse exemplo comprova que os falantes criam seus esquemas de imagens baseados nas experiências corporais básicas ou nas experiências culturais, o que contribui para a diversidade de metáforas nas línguas.

No tocante à relação entre metáfora e língua, Taylor (1989) propôs que a metáfora, além de atuar como mecanismo de organização categorial, também conceitualiza os meios mais intangíveis da experiência em termos mais concretos. Para o autor, a metáfora atua como redes de extensão de sentido, nas quais os termos categoriais estabelecem as semelhanças de família, no processo de formação de uma

---

<sup>14</sup> Língua indígena falada nos Andes.

categoria. Em consequência disso, a polissemia torna-se uma característica das categorias linguísticas ou não linguísticas.

Outro ponto relevante do trabalho de Taylor (1989) é o fato de o autor assumir que a extensão metafórica das categorias linguísticas não está presente apenas nas categorias do léxico, ou seja, categorias morfológicas, morfossintáticas e sintáticas também são polissêmicas e estruturadas pelas transferências de domínios metafóricos. A metáfora, portanto, contribui para a organização da língua, pois, se um domínio é conceptualizado a partir de outro, sua materialização linguística será, conseqüentemente, modificada.

Os estudos de metáfora como mecanismo constitutivo da experiência empreendido pela Linguística Cognitiva impulsionaram pesquisas do escopo da linguística funcionalista, sobretudo os estudos de gramaticalização. Nesse sentido, o trabalho de Heine *et alii* (1991) ampliou a relação entre mapeamentos metafóricos, organização linguística e mudança linguística. Esse estudo, ao focar a gramaticalização como “uma atividade cognitiva mapeada na estrutura da língua” (p.259), mostra que as transferências conceituais cognitivas alteram a organização da língua, uma vez que na gramaticalização o item ou construção linguística sofre mudança em algum plano linguístico.

A investigação central do trabalho de Heine *et alii* (1991) é observar como os falantes designam novos conceitos ou recriam designações já existem. Para os autores, isso ocorre devido à extensão de uso de velhas formas em novas funções a partir de processos de metáfora e metonímia. Os autores investigam esse processo aplicado ao processo de gramaticalização, ou seja, velhas formas se prestam a novos usos.

A partir disso, Heine *et alii* (1991) estabelecem que, por meio das manipulações cognitivos, há uma transferência do domínio semântico para o plano gramatical, e um elemento semântico torna-se gramatical. É preciso assumir, portanto, que os mapeamentos metafóricos ocorrem a partir da transferência dos conceitos-fonte para os conceitos-meta. Os primeiros relacionam-se a objetos concretos, processos ou localidades, sendo que as fontes mais básicas são as partes do corpo. Atividades humanas básicas como sentar, ficar de pé e deitar também são consideradas como conceitos. Heine *et alii* (1991) associam os conceitos-fonte às categorias de nível básico.

Portanto, por meio dessas observações, é possível afirmar que a metáfora constitui uma relação de transferência entre domínios conceituais. As proposições-fonte básicas, então, são descritas em termos das seguintes categorias de metáforas:

peessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

(HEINE *et alii*, 1991, p.48)

Linguisticamente falando, os conceitos-fonte são codificados como lexemas, fazendo parte do vocabulário básico. O corpo humano oferece uma gama de pontos de referência para a orientação espacial, como por exemplo, a orientação frente / trás. Partindo desses conceitos-fonte, há também as estruturas cognitivas denominadas proposições-fonte, relativas a estados ou processos básicos da experiência humana, as quais são representadas envolvendo dois participantes. As proposições mais básicas estão explicitadas no quadro a seguir:

Quadro 2 - Proposições fonte (HEINE *et alii*, 1991, p. 36)

(1) X está em Y	proposição locativa
(2) X move-se de/ para Y	proposição de movimento
(3) X faz Y	proposição de ação
(4) X é parte de Y	proposição de parte todo
(5) X é como Y	proposição equacional
(6) X está com Y	proposição de companhia

Esses conceitos e proposições-fonte iniciam um processo de transferência conceitual a partir do enfraquecimento semântico e abstratização de conceitos. O enfraquecimento semântico, como o nome sugere, é o esvaziamento da forma resultante do processo de gramaticalização. O conceito-fonte é pleno de significado enquanto que a forma resultante é vazia, não se adequa às especialidades semânticas dos conceitos-fonte.

Já a abstratização descreve a natureza dos conceitos gramaticais meta em relação ao seu respectivo conceito-fonte. De acordo com Heine *et alii* (1991), é um processo no qual conceitos mais abstratos são descritos por meio de conceitos mais concretos. Além disso, a abstratização relaciona-se ao modo como percebemos o mundo, sendo que os objetos que estão mais próximos a nós são mais concretos que os mais distantes. Desse modo, a expressão linguística de conceitos mais abstratos em termos de conceitos mais

concretos também reflete as relações icônicas presentes em nosso sistema conceitual e na língua também.

Em suma, a metáfora se mostra como um mecanismo presente no processo de mudança linguística (MARTELOTTA, 2011), especialmente na mudança semântica (TRAUGOTT & DASHER, 2005). Heine *et alii* (1991, p.46-47) elencam – a partir da trajetória de gramaticalização do verbo inglês *go* como marcador de futuro – algumas características que julgamos relevantes para compreender a metáfora como mais um elemento de integração entre a língua e os demais domínios cognitivos, conforme a LCU propõe. Apresentamos a seguir essas propriedades:

a) a transferência de significado: como consequência dos mapeamentos metafóricos, ocorre uma transferência de significado. Em *Henry going to town*, *go* é interpretado como um verbo de movimento ao passo que em *It's going to rain* o verbo marca tempo futuro.

b) o mapeamento do esquema de imagem: segundo Sweetser (1988), na metáfora um domínio cognitivo é conceptualizado em termos de outro. É o que acontece com *go*, que deixa de expressar a categoria conceitual de deslocamento espacial para expressar a categoria de deslocamento temporal.

c) Os mapeamentos metafóricos facilitam a compreensão de um conceito mais abstrato a partir de um conceito mais concreto; o conceito de tempo futuro, por exemplo, passa a ser codificado no novo uso que se faz do verbo *go*, originalmente de natureza espacial.

d) A “violação” de algumas regras da língua: a metaforização proporciona mudanças na organização linguística. *Go*, em seu sentido literal, seleciona prototipicamente um sujeito humano, mas ao se abstratizar, permite também um sujeito não-humano como em *It's going to rain*.

e) Conceitos humanos associados a conceitos não-humanos: em consequência de *d*), o verbo *go* passa a se referir a conceitos não-humanos. Ou seja, um conceito tipicamente relacionado à categoria **pessoa** pode ser conceptualizado por outros domínios metafóricos.

f) A coexistência do significado literal e do significado transferido, ocorrendo ambiguidade: em *I'm going to work*, a ideia de deslocamento espacial e deslocamento temporal podem ser interpretadas nesse enunciado de modo ambíguo. Para desfazer essa ambiguidade, fatores contextuais se fazem necessários.

Além da metáfora, a **metonímia** é um mecanismo cognitivo que está integrado à língua. Para Lakoff & Johnson (1980), ela é mais que um dispositivo de referenciação, ou seja, a operação de referir uma entidade em termos de outra é apenas uma propriedade da metonímia. Por meio da metonímia, segundo os autores, é possível compreendermos o mundo.

Nesse sentido, de acordo com esses autores, a metonímia, como a metáfora, é também criada pela cultura. Lakoff & Johnson (1980) mostram isso com o exemplo da fotografia. Quando pedimos a foto de alguém, se nos é apresentada apenas uma fotografia do rosto da pessoa, ficamos satisfeitos, pois a parte do corpo mais representativa de um ser humano, na nossa cultura, é o rosto. Por isso, a metonímia, assim como a metáfora, é um mecanismo linguístico envolvendo aspectos culturais. Ela não é, portanto, de caráter arbitrário, sendo sistematizada a partir da percepção de um povo e de uma dada cultura.

Diferente da metáfora, as metonímias se caracterizam pela projeção de conceitos dentro de um mesmo domínio conceptual (LAKOFF & TURNER, 1989 *apud* FERRARI, 2011). Então, a metonímia PARTE-TODO, por exemplo, é viável devido ao compartilhamento de conceitos dessas duas matrizes. Em outras palavras, as metonímias “implicam uma transferência semântica que se dá pela contiguidade conceitual entre os elementos no mundo biofísico e social” (FURTADO DA CUNHA *et alii*, 2013).

Lakoff (1987), ao estabelecer os modelos cognitivos idealizados, ou os MCI's, percebeu que a metonímia também tem a propriedade de organizar nossos modelos de percepção de mundo. As operações metonímicas têm a propriedade de estabelecer os efeitos ou representantes prototípicos das categorias conceituais. Em outra instância, isso implica que as operações metonímicas:

Fazem parte do raciocínio para os mais variados propósitos, como aqueles em que um membro ou subcategoria pode representar metonimicamente uma categoria inteira, para fazer *inferências*, *cálculos*, *aproximações*, *planos*, *comparações* e *juízos*, que são práticas recorrentes do cotidiano.

(SANTOS, 2012, p. 48)

Já na visão de Taylor (1989), as metonímias são viabilizadas a partir dos conhecimentos encapsulados nos *frames* (esquemas de conhecimento de mundo dos falantes). Contudo, a relação metonímica entre conceitos só ocorre se os *frames* estão encapsulados no mesmo domínio. Por isso, a metonímia é um processo básico de

extensão de significado que se estabelece pelos diferentes usos das palavras que perspectivizam diferentes componentes dos *frames* de cada conceito expresso.

A partir disso, Taylor (1989) reconhece que a metonímia é mais que um mecanismo próprio da cognição humana. Ela também é um processo de organização das categorias linguísticas, pois as categorias altamente polissêmicas se encadeiam com os termos centrais da categoria através das relações de metonímia dos domínios conceptuais, em que os conceitos se aproximam ou se distanciam.

Diante disso, compartilhamos da visão de Lakoff & Johson (1980) de que as metonímias permeiam nossos pensamentos, atitudes e ações, pois elas, tal como as metáforas, são estruturadas por meio da nossa experiência. Ainda para esses autores, os conceitos metonímicos são mais básicos que as metáforas por acionarem elementos físicos mais diretos.

Sweetser (1990), ao examinar as metáforas corporais em verbos de percepção, verificou que há uma relação entre as experiências de mundo dos falantes e a constituição das metáforas, porém, apenas isso não explica a polissemia e a mudança semântica, pois esta está ligada ao movimento dos significados a partir da atitude dos falantes (TRAUGOTT, 1982).

Para exemplificar isso melhor, Sweetser (1990) analisa os verbos relativos à visão e conclui que eles são usados metaforicamente como verbos do domínio do intelecto. Essa metáfora, segundo a autora, se dá por questões sociais, uma vez que a visão associa-se à distância, ou seja, o sentido da visão permite o nosso contato com o mundo, mas sem estar fisicamente ligado a ele, por isso “o domínio do intelecto e da objetividade é entendido como sendo uma área de distância pessoal, em contraste com a intimidade ou com a proximidade do domínio subjetivo e emocional” (SWEETSER, 1990, p.39).<sup>15</sup> Nesse sentido, as contribuições da autora estão orientadas para a compreensão dos mapeamentos metafóricos a partir da ambiguidade pragmática, em que os sentidos advindos das metáforas são interpretados a partir dos contextos de interação.

Heine *et alii* (1991) também reconhecem que os mapeamentos metafóricos provocam ambiguidade. Ao analisarem o desenvolvimento do substantivo *meḡbé* (costas) na língua Ewe, os autores verificaram que a polissemia desse substantivo ocorre

---

<sup>15</sup> (...) The objective and intellectual domain is understood as being an area of personal *distance*, in contrast to the intimacy or closeness of the subjective and emotional domain. (SWEETSER, 1990, p.39) (tradução nossa)

a partir das transferências metafóricas dos seguintes domínios: parte do corpo > espaço > tempo > qualidade. Entretanto, em alguns usos ocorre ambiguidade desses domínios, e não se sabe distinguir em qual domínio *megbé* está sendo conceptualizado.

Nesse sentido, os autores questionam como ocorre essa transferência entre domínios, pois, se há ambiguidade de sentidos, isso quer dizer que há alguma contiguidade entre os domínios. Partindo disso, a transição dos conceitos concretos para os abstratos é simultaneamente discreta e contínua; portanto, a metáfora e a metonímia estão inter-relacionadas, de modo que a primeira associa-se às transferências discretas dos domínios enquanto que a metonímia é essencialmente um processo contíguo, gradual.

Como a semelhança entre conceitos provoca a ambiguidade por parte dos falantes, Heine *et alii* (1991, p.74) afirmam que a metonímia depende do contexto e das estratégias de interação. Para explicar a ação das operações metonímicas no processo de produção de sentidos, esses autores estabeleceram o conceito de “reinterpretação induzida pelo contexto”. Essa noção mostra que a mudança semântica é motivada tanto por fatores contextuais, quanto por fatores cognitivos.

Em relação aos fatores contextuais, Heine *et alii* (1991, p. 71-72) entendem que os sentidos são interpretados a partir dos seguintes estágios:

I - uma forma linguística *F* que possui um sentido *A* ganha um sentido *B* quando ocorre em um contexto específico *C*. Esses dois sentidos podem ser ambíguos, sendo que um é altamente dependente do contexto ou então está implícito no enunciado.

II- o sentido *B* é mais relevante que *A*, podendo ocorrer em contextos incompatíveis para *A*.

III- o sentido *B* é convencionalizado.

Já do ponto de vista cognitivo, as seguintes operações são consideradas: **inferência sugerida (ou pragmática), perspectivização, esquematização e extensão prototípica**. Heine *et alii* (1991) mostraram a relação entre metáfora e metonímia nos processos de ambiguidade e polissemia e também apontam como fatores contextuais e pragmáticos interferem na constituição dos sentidos. Todavia, não dão a devida atenção para a força dos falantes nesse processo (TRAUGOTT & DASHER, 2005).

Desse modo, uma abordagem que privilegia o papel dos falantes na constituição dos sentidos é a de Traugott e König (1991). Para esses autores, a mudança semântica é motivada tanto pela força da informatividade, quanto pela convencionalização das

inferências conversacionais. Segundo os autores, há três possibilidades de fatores semânticos-pragmáticos causarem mudanças.

A primeira possibilidade relaciona-se ao uso de significados referentes a situações externas passarem a se referir a situações internas, como o exemplo de Sweetser (1990) sobre os verbos de percepção. A segunda tendência diz respeito aos significados relacionados ao domínio físico, perceptivo ou mental representarem significados textuais, como a transição do domínio do *de re* para o domínio do *de dicto* (FRAJZYNGIER, 1991). E, por fim, os significados pertencentes aos domínios concretos e abstratos passarem a representar as atitudes e crenças dos falantes. Assim, percebe-se que, para Traugott & König (1991), os fatores de interferência pragmática são relevantes para explicar a mudança semântica.

Heine e Kuteva (2007) propõem o conceito de extensão para remeter às mudanças provocadas pelas forças pragmáticas e contextuais. A extensão é definida como o uso de expressões linguísticas já existentes em novos contextos. Esse aspecto pode ser observado pelos componentes sociolinguístico, textual-pragmático e semântico. Segundo os autores, o termo extensão também pode se referir às mudanças sintáticas ocorridas em qualquer processo de mudança linguística e de gramaticalização, temas que discutimos na seção a seguir.

### **1.3 Mudança linguística e gramaticalização**

Para a LCU, a língua apresenta padrões regulares que não são estáticos. Bybee (2010) compara a língua às dunas de areia, que apresentam uma estrutura aparentemente estável, porém, de modo imperceptível, vão ganhando novas formas. Diante disso, os fenômenos da variação<sup>16</sup> e da mudança são essenciais para justificar o comportamento linguístico.

Nesse sentido, Bybee (2010) entende que a variação relaciona-se à coexistência de estruturas linguísticas no mesmo período de tempo que expressam funções bastante similares. Martelotta (2003) exemplifica isso a partir da expressão da categoria de futuro no PB, que pode ser expressa pelo morfema de futuro ou pela perífrase verbal composta pelo verbo *ir* mais o verbo principal no infinitivo.

---

<sup>16</sup> Segundo Martelotta (2011), os conceitos de variação e mudança linguística, vistos pelo prisma da LCU, são diferentes das noções propostas pela Sociolinguística Variacionista porque não estão associados apenas à estratificação social, mas também a contextos morfossintáticos e pragmático-discursivos.

Martelotta (2003) também mostra que o auxiliar *ir* deixa de expressar, nessa perífrase, a ideia de deslocamento físico para marcar o futuro. Nesse caso, de acordo com o autor, *ir* sofreu uma mudança, perdendo o seu sentido original e ganhando propriedades linguísticas novas. Martelotta (2003) ainda nota que essa mudança segue um fluxo do léxico para a gramática (unidirecionalidade). Em outras palavras, estamos diante do fenômeno da gramaticalização que é, na definição clássica de Kurilowicz (1965 *apud* Gonçalves *et alii*, 2007), a passagem de um item lexical para gramatical.

Por isso, a gramaticalização faz parte da mudança linguística. Para alguns autores (RAMAT & HOPPER, 1998, NEWMAYER, 2001; CAMPBELL, 2001), ela é apenas um dos fenômenos de mudança que constituem a língua; para outros (HEINE, 1994; HEINE & KUTEVA, 2007), a gramaticalização é fator de constituição da língua. Na visão da LCU, a gramaticalização está relacionada à gradiência (BYBEE, 2010), que é o deslizamento categorial das formas linguísticas ao longo do tempo. Em outras palavras, a gradiência relaciona-se às diferentes categorias que podem ser expressas pela construção. A expressão de diferentes informações pelo gerúndio, por exemplo, pode ser caracterizada como um tipo de gradiência.

Aparentemente, os pressupostos da Linguística Centrada no Uso apontam para uma grande instabilidade nos usos linguísticos; porém, segundo Bybee (2010), assumir que a língua apresenta intensa variação e gradiência não significa negar a regularidade do sistema linguístico e tampouco colocar as regularidades da língua em primeiro plano, e os fenômenos em segundo plano. Na LCU, a estrutura da língua sempre está em mudança, contudo, a coexistência dos padrões já existentes aponta para a regularidade (MARTELOTTA, 2011; OLIVEIRA, 2011).

É importante ressaltar que inicialmente, na pesquisa funcionalista, o recorte de estudo da mudança linguística ocorreu a partir do conceito da gramaticalização, ou seja, as mudanças da língua ocorrem a partir de um fluxo unidirecional no decorrer do tempo. Portanto, o conceito de unidirecionalidade e diacronia eram essenciais para se estudar o desenvolvimento da língua nessa perspectiva.

Givón (1979b) contribuiu bastante no desenvolvimento da hipótese da unidirecionalidade. Para ele, os itens da língua que hoje se prestam à expressão de categorias mais gramaticais, em algum tempo, cumpriam funções discursivas. As mudanças linguísticas seguem, portanto, um determinado *cline*:

discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

(GIVÓN, 1979b, p.82)

Ao estabelecer que a mudança linguística parte do discurso para a gramática, Givón (1979b) mostrou que não é apenas a sucessão temporal que desencadeia a mudança, pois é a partir dos usos reais (e do presente da língua) que se inicia o processo. A partir daí, houve uma mudança nos estudos funcionalistas sobre a gramaticalização, uma vez que, para entendermos a cadeia final do *cline* da gramaticalização, é preciso compreender quais foram as motivações que levaram à mudança, que

Deve ser entendida como um fenômeno tridimensional, ou seja, a trajetória de mudança de um elemento linguístico é um reflexo de, pelo menos, três aspectos diferentes: *tempo* e, sobretudo, *cognição* e *uso*. (...) Nesse sentido, a mudança ocorre pela necessidade diferenciada da atuação desses fatores cognitivos, que é ditada no contexto de cada distinta situação de comunicação.

(MARTELOTTA, 2003, p.69)

Desse modo, a mudança não é apenas motivada pelo tempo, ou seja, a transmissão linguística de geração a geração (MARTELOTTA, 2011), mas por padrões gerais da cognição humana (BYBEE, 2010) e também por fatores pragmático-discursivos (TRAUGOTT & DASHER, 2005), que provocam o surgimento/a emergência de novos usos (HOPPER, 1987). Nesse prisma, a gramaticalização e a mudança linguística passam a ser estudadas em uma perspectiva pancrônica.

Quanto a isso, é válido dizer que uma análise pancrônica é vantajosa para um estudo pautado na LCU, pois “os resultados empíricos dos estudos históricos podem lançar luz sobre a variação sincrônica, explicando distribuições aparentemente arbitrárias e testar hipóteses relacionadas à direção dos processos de gramaticalização” (BRAGA & PAIVA, 2015, p. 143).

Nessa nova perspectiva, a mudança na língua é cíclica, e o *cline discurso > gramática* é completado, podendo a estrutura gramaticalizada passar por outros ciclos. Traugott & Dasher (2005), ao estudarem o processo de mudança semântica, constataram que há padrões de mudança translinguisticamente: línguas sem nenhum parentesco apresentam processos semelhantes em épocas diferentes, que são explicados, segundo os autores, pela existência de estruturas cognitivas altamente abstratas presentes no sistema conceitual humano.

Assim, o princípio do uniformitarismo é acionado. Esse princípio, segundo Martelotta (2011), é explicado pelas regularidades das mudanças linguísticas, ou seja, um processo que ocorreu num determinado estágio da língua tende a se repetir em outro momento. No latim, por exemplo, inicialmente, o gerúndio expressava, segundo Besselaar (1960), o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo. Depois, expressava apenas o ablativo, dando origem, no português e em outras línguas românicas (CAMPOS, 1972), ao gerúndio com várias funções sintáticas.

Desse modo, um estudo pautado na LCU, como o nosso, procura verificar se, no atual estágio da língua, outro processo de mudança, semelhante ao que aconteceu no latim, também está acontecendo, juntamente com o desenvolvimento de novas funções nunca assumidas pelo gerúndio antes.

Heine & Kuteva (2007) acreditam que a gênese e a evolução da linguagem humana é resultado da integração entre os domínios biológico, cultural e comunicativo. Desse modo, para os autores, a camada das populações humanas responsáveis pela mudança são adolescentes e adultos jovens, uma vez que eles estão em maior situação de contato e interação. As crianças assumem um papel secundário, fazendo com que as inovações produzidas pelos adolescentes e adultos tornem-se regulares no sistema da língua.

Na perspectiva de Heine & Kuteva (2007), portanto, observamos que, apesar da integração entre os componentes para explicar o funcionamento das línguas, a força da interação e do uso é considerável. Dessa maneira, analisar textos de adolescentes e jovens adultos, como a nossa pesquisa propõe, pode apontar as possíveis mudanças ocorridas na língua ou em curso.

Diante das considerações em torno da mudança linguística, ainda é preciso observar que, na LCU, essa mudança só é viável pelo pareamento forma/função, ou seja, no processo de mudança novos pareamentos de formas já existentes agregam-se a outras funções. Traugott (2008; 2010) apresenta a ideia de que a gramaticalização resulta do uso de construções convencionalizadas na língua em contextos diferentes com funções diferentes. Tudo isso é motivado por fatores pragmáticos e discursivos.

Os princípios aqui expostos mostram que a gramaticalização e mudança linguística são processos gerais das línguas humanas (BYBEE, 2010), podendo ser, portanto, observadas em vários fenômenos linguísticos, entre eles a integração de orações, que será o foco da nossa próxima seção, tendo em vista o nosso recorte de análise do gerúndio não perifrástico.

#### 1.4 A integração de orações na perspectiva da LCU

O processo de integração de orações a partir da perspectiva da gramática tradicional é dicotomizado entre subordinação e coordenação. E as chamadas orações reduzidas, nas quais os usos do gerúndio não perifrástico estão presentes, se enquadram apenas como um subtipo de oração subordinada. Cunha e Cintra (2013, p.623-624), por exemplo, apresentam a seguinte definição para oração reduzida: “oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa, e que tem o verbo numa das formas nominais”. Essa definição suscita a interpretação de que esse tipo de oração é uma “versão” equivalente das denominadas orações desenvolvidas. No entanto, conforme Neves & Braga (2016) afirmam, essa dicotomização não é suficiente, pois entre a coordenação e a subordinação há uma variedade de tipos de orações, cujas propriedades não se encaixam nesses polos.

Rosário (2016) afirma que o principal critério que a tradição gramatical usa para distinguir a subordinação da coordenação é a dependência, mas ele é insuficiente devido à gradualidade desse critério, ou seja, as orações são mais ou menos dependentes entre si, formando um *continuum*, em que a subordinação e a coordenação são suas partes extremas, e as denominadas orações reduzidas, incluindo as de gerúndio, estão em algum ponto dessa escala (LEHMANN, 1988).

Desse modo, o conceito de integração de orações é mais interessante para a LCU, pois privilegia princípios como o pareamento forma/função e a gramaticalização. Seguindo essa linha, os conceitos de Givón (2001) são essenciais para se compreender o que é a integração de orações, pois o autor entende que a integração se dá no âmbito semântico e sintático. E elas estão correlacionadas pelo princípio do isomorfismo, assim sintetizado: “quanto mais forte for a conectividade semântica ou pragmática entre os eventos, mais forte será a dependência sintática entre as sentenças que se integram” (GIVÓN, 2001, p.328).

Ainda de acordo com Givón (2001), o princípio do isomorfismo permite a análise da integração a partir da associação entre propriedades morfossintáticas (como o compartilhamento da expressão do tempo, modo e aspecto), propriedades sintáticas (como o compartilhamento das relações gramaticais das orações e a ordem), propriedades semânticas (como os papéis semânticos, relações de sentido, como os pressupostos e acarratamentos) e propriedades pragmáticas (como o compartilhamento das funções pragmáticas de tópico e foco).

Nesse sentido, Givón (2001) compreende que, além do isomorfismo entre a integração semântica e sintática, a integração de orações não está dissociada da coerência discursiva, sendo que esta afeta a estrutura gramatical. Ao analisar essas contribuições givonianas no espectro da integração de orações, Rosário (2015, p. 46) entende que a integração deve, portanto, “ser refinado a partir de outras bases, porque há sempre conexão da oração com a situação discursiva”.

Trazendo essas reflexões para o nosso objeto de pesquisa, orações integradas com gerúndio não perifrástico, observamos que é necessário também considerar o que os principais referenciais teóricos expõem sobre a escalaridade da integração, pois conforme supracitado, nosso objeto de análise faz parte desse *continuum*, assim como a sua posição nesse *continuum* indica também maior grau de gramaticalização (GONÇALVES *et alii*, 2007).

Assim, as contribuições de Hopper & Traugott (2003) são relevantes para compreendermos como a integração está associada à escalaridade. De acordo com esses autores, a integração de orações é resultado de um processo no qual orações independentes, ao longo do tempo, aproximam-se e se integram a partir da combinação dos traços [dependência] e [encaixamento], constituindo o seguinte *cline* de integração e gramaticalização exposto nas figuras a seguir:

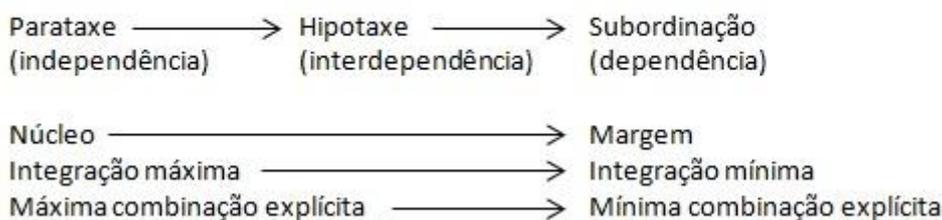
Figura 2- *Cline* de dependência e encaixamento para Hopper & Traugott (2003, p.170-171)

Dependência e encaixamento:

	Parataxe	→	Hipotaxe	→	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Figura 3 – Propriedades relevantes para o cline de combinação de orações

Propriedade relevante para o cline da combinação de orações:



No tratamento dos autores, é possível vislumbrar outros tipos de integração entre orações, como a das orações hipotáticas com valor adverbial e as orações não finitas de gerúndio. Contudo, conforme Rosário (2015) explicitou, esses *clines* não apresentam todas as possibilidades de integração, um exemplo disso são as diferentes nuances de integração das frequências *type* encontradas nos dados. Nesse sentido, as contribuições de Lehmann (1988) apontam para uma direção em que outros fatores também se combinam para explicar a diversidade da integração de orações.

A proposta de Lehmann (1988) consiste em analisar o processo de integração numa perspectiva tipológica, e o autor elenca seis parâmetros que medem esse processo. São eles: 1) rebaixamento hierárquico; 2) relação sintática entre orações; 3) dessentencialização da oração principal; 4) gramaticalização do verbo principal; 5) entrelaçamento das orações e 6) explicitude do vínculo. O autor fez a correlação desses parâmetros em pares, chegando a vários *continua* de integração.

No que diz respeito à interação entre os parâmetros 1 e 2, o autor afirma que uma oração pode ser constituinte da outra em diferentes graus de (inter)dependência e que essa gradualidade está condicionada ao rebaixamento hierárquico de uma das orações, que linguisticamente associa-se a fatores como a restrição sintática da ordem entre as orações integradas. De acordo com Lehmann (1988), quanto mais dependente uma oração for da outra haverá mais restrição de ordem, e a oração será mais subordinada a outra. O ponto máximo dessa integração é o encaixamento no qual a oração subordinada torna-se um constituinte, como um objeto.

Diante disso, o autor apresenta o seguinte *cline* de integração:

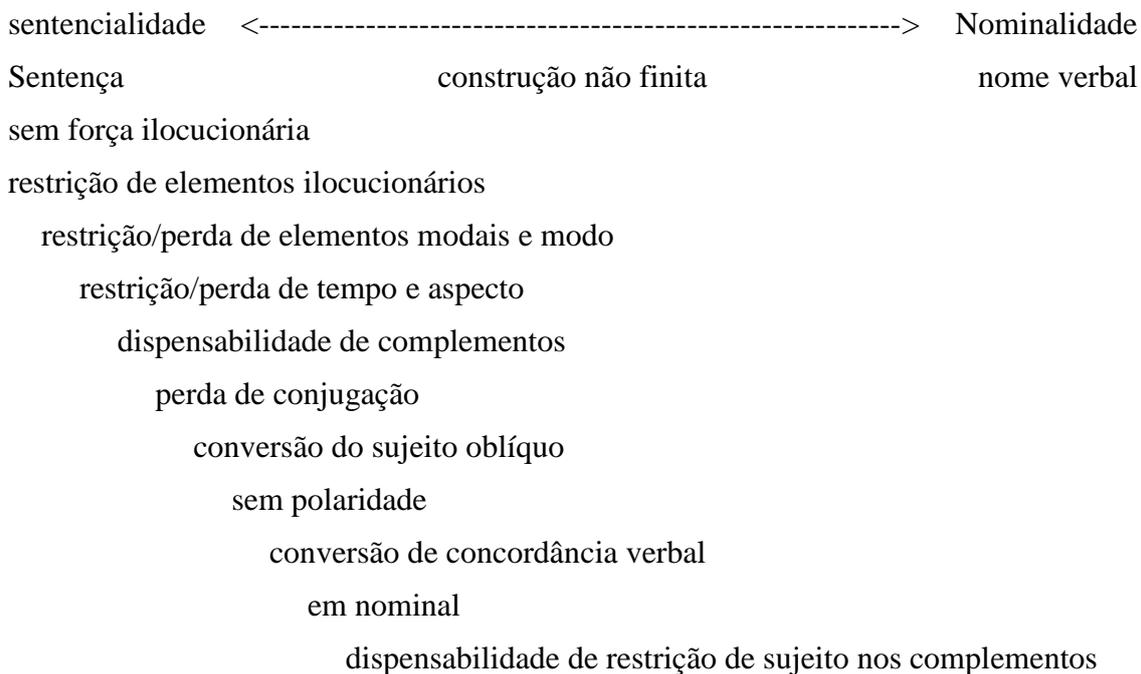
Parataxe → Díptico correlativo → Hipotaxe → Cossubordinação → Encaixamento

(LEHMANN, 1988, p.183)

Falando sobre a relação sintática entre as orações, Lehmann (1988) afirma que quanto maior a integração sintática entre as orações, mais a oração subordinada insere-se na estrutura da oração principal. Sendo assim, na parataxe, as orações apresentam uma integração no nível do texto, ou seja, estabelecem pouco ou nenhum tipo de compartilhamento sintático ou controle, e, no encaixamento, as orações subordinadas tornam-se parte, do ponto de vista sintático, da oração principal. O *cline* a seguir sintetiza isso:



Figura 5- *Cline* de dessentencialização segundo Lehmann (1988, p. 190)



Essas propriedades da dessentencialização se associam às análises de Givón (2001) sobre a relação entre finitude e controle. Em nossos dados, o gerúndio não perifrástico, funcionando como uma oração integrada, perde a expressão do tempo e do aspecto e também a expressão morfossintática do sujeito no verbo, que é controlado pela oração principal a qual ele está integrado. Nesse sentido, o conceito de correferência também é importante para a nossa análise, pois não são apenas as orações integradas que apresentam alterações no processo, mas as chamadas orações principais também passam por mudanças, uma delas é a gramaticalização, exemplificada por Lehmann (1988) pelas construções causativas no italiano e por Givón pelas orações completivas cujos verbos principais enquadram-se na categoria dos verbos “PCU”<sup>17</sup>.

Em decorrência da interação entre a dessentencialização e a gramaticalização do verbo principal, Lehmann (1988) aponta o parâmetro do entrelaçamento que se

<sup>17</sup> *PCU verbs* é uma categoria criada por Givón (2001) na qual se enquadram os verbos de percepção, cognição e de dizer (*dicendi*). Segundo o autor, esses verbos apresentam um processo de gramaticalização e uma das propriedades que estão associadas a esse processo é a integração de orações, pois os complementos (objetos) desses verbos são oracionais.

relaciona ao compartilhamento do tempo, modo e aspecto e também dos actantes. E isso é possível devido à dessentencialização.

Por fim, o último parâmetro destacado por Lehmann (1988) é a explicitude do vínculo entre as orações integradas: a vinculação não é só mensurada com a presença ou ausência do conectivo, essa é apenas uma das possibilidades. Um dos pontos mais importantes que Lehmann (1988) discute em torno desse parâmetro é a relação dos mecanismos de conexão com a coesão e a anáfora, ou seja, além de expressar o vínculo e a integração entre as orações, esses mecanismos também evidenciam a anáfora e o entrelaçamento entre as orações e suas conexões no texto como um todo. Dando um exemplo do gerúndio conectivo do português, Lehmann (1988) mostra que as orações podem se gramaticalizar e se sobrepor às funções enquanto oração integrada e elemento anafórico e de coesão textual.

Em síntese, Lehmann (1988) mostrou que existem inúmeras possibilidades de integração sintática e como os parâmetros se combinam para expressar uma tipologia extensa de orações integradas. Contudo, o estudo desse autor restringe-se a apontar os mecanismos sintáticos e a gramaticalização decorrente do processo de integração. Por isso, é preciso associá-lo ao princípio do isomorfismo givoniano para compreender como ocorre o pareamento forma/função no processo de integração de orações.

Além das contribuições givonianas sobre a integração semântica e sintática, viabilizadas pela iconicidade diagramática, recorremos também ao estudo de Mathiessen & Thompson (1988) que trata da integração a partir do contexto discursivo. Esses autores desenvolveram, a partir de um estudo das orações hipotáticas do inglês escrito, a hipótese de que a integração via hipotaxe resulta da gramaticalização de uma propriedade da estrutura hierárquica do discurso.

A partir disso, os autores mostram que, nas relações retóricas, há uma unidade temática nuclear que se desdobra em outras unidades denominadas satélites, e, essa ordenação no nível do discurso retórico reflete na integração oracional, pois as orações hipotáticas sempre assumem a função de satélite ao passo que as chamadas orações principais correspondem ao núcleo da informação. Sendo assim, os autores chegam à conclusão de que “a gramática da integração oracional reflete o alto-nível de organização do discurso” (MATHIESSEN & THOMPSON, 1988 p.286)<sup>18</sup> (tradução nossa).

---

<sup>18</sup> “The grammar of clause combining to show how it reflects the higher-level organization of discourse”. (MATHIESSEN & THOMPSON, 1988 p.286).

Apresentadas essas reflexões em torno do processo de integração de orações, concordamos com Rosário (2015) que ainda muito precisa ser pesquisado, visto que ainda há poucas pesquisas que associam o processo de integração de orações não apenas aos âmbitos sintático, semântico e pragmático, mas também ao discursivo. É esse o recorte que desejamos estabelecer com a análise de dados do gerúndio, uma abordagem que contemple as possibilidades dos princípios da LCU.

Com o recorte teórico da integração de orações estabelecidos, apresentamos na próxima seção os conceitos das categorias analíticas básicas que fundamentam a construção do nosso protocolo de análise de dados, a começar pelas categorias linguísticas morfossintáticas e sintáticas, que compõem o eixo da forma.

### **1.5 Princípios e Categorias morfossintáticas, sintáticas, semânticas e pragmáticas sob o prima da LCU**

Nesta seção, apresentamos os conceitos teóricos de outras categorias que também fizeram parte do protocolo de análise de dados desta tese, o qual será detalhado no capítulo 4. Partindo do preceito de que a língua se estrutura pelo pareamento forma/função (BYBEE, 2010), organizamos as categorias por meio de três grandes eixos: o eixo da forma, com os sub-eixos morfossintático e sintático, o eixo da função, com os sub-eixos das categorias semânticas e pragmáticas de análise; e o eixo da cognição, já apresentado anteriormente. Aqui, nos concentraremos nos dois primeiros eixos.

#### **1.5.1 Eixo morfossintático: tempo, modo e aspecto**

O gerúndio pode expressar por meio do morfema {-ndo} a categoria de aspecto. Em relação ao tempo e ao modo, o gerúndio não perifrástico, conforme mencionado na seção sobre integração oracional, perde a expressão morfossintática dessas categorias e é possível recuperá-las no contexto. É sabido também que em muitas línguas o sistema de expressão do tempo, modo e aspecto é o mesmo, o que a literatura denomina de sistema TAM (tempo, aspecto e modo).

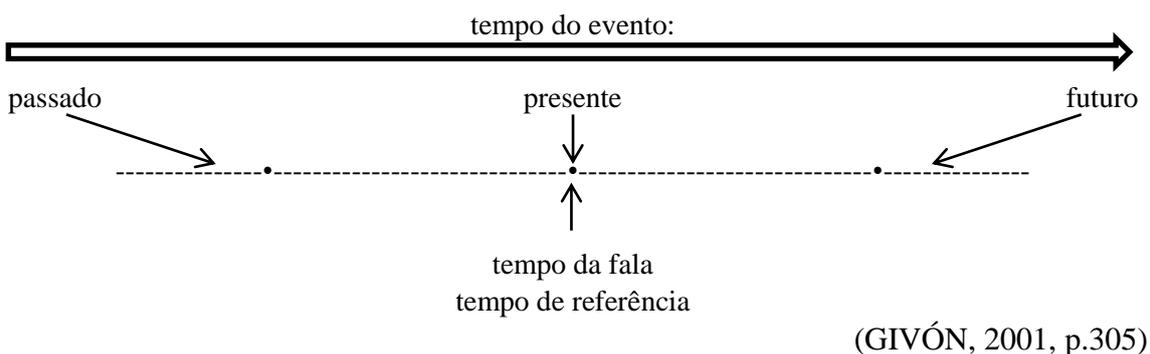
Sendo assim, para analisar o gerúndio a partir desse eixo, discutimos a interrelação entre a expressão do tempo, modo e aspecto em termos givonianos e apresentamos a discussão sobre aspecto em Castilho (1968) e Travaglia (2015). Por fim,

apresentamos a categorização do aspecto de Travaglia (2015), que constituirá o nosso protocolo de análise.

De acordo com Givón (2001), o sistema de tempo, aspecto e modo (TAM), apesar de ser expresso, via de regra, em nível morfossintático, não tem seu escopo funcional restrito à proposição, mas alcança também a pragmática e o seu contexto discursivo. Desse modo, esse pressuposto é base para analisarmos a expressão dessas categorias nos usos do gerúndio.

Em relação ao tempo dos verbos, Corôa (2005) afirma que, para estabelecer os tempos de uma língua natural, é necessário distinguir o momento do evento (ME), que corresponde ao momento em que acontece o evento, o tempo da predicação, do momento da fala, que é o momento da enunciação do evento, assim como é preciso fazer a distinção com o momento da referência, que é “o sistema temporal fixo ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME” (CORÔA, 2005, p.41). Portanto, a expressão temporal pode ser considerada uma categoria dêitica e, conforme Givón (2001) afirma, é um fenômeno pragmático, pois o falante situa temporalmente os eventos a partir da enunciação, o que acarreta na ancoragem temporal, disposta no diagrama a seguir:

Figura 6- Ancoragem temporal na enunciação



Diante disso, adotamos em nossa análise a categoria de tempo para analisar o gerúndio não perifrástico, considerando que este pode compartilhar com a oração principal a interpretação temporal. Esse compartilhamento temporal é acionado metonimicamente e com fins de aproximação e integração icônica. Além disso, é preciso considerar que os nossos dados estão inseridos em textos de gêneros

argumentativos e que a expressão temporal concorre “para persuadir o leitor, buscar adesão, convencimento” (VARGAS, 2011, p.34).

Em relação ao modo, as concepções de Givón (2001) também são relevantes para o nosso trabalho, pois o autor associa o modo verbal à noção de modalidade. Segundo Givón (2001, p. 300), a modalidade é o mecanismo que codifica o posicionamento do falante diante da proposição. Essa atitude representa dois tipos de julgamento: o epistêmico, relacionado às verdades, probabilidades, certezas, crenças e evidências dos falantes; e o deôntico, que são os desejos, preferências, intenções, obrigações e manipulações.

A modalidade se organiza na língua a partir de mecanismos diversos. Do ponto de vista morfosintático, a modalidade se mostra por meio do léxico (verbos modais, por exemplo), expressão do tempo, aspecto, auxiliares e advérbios modais. Já do ponto de vista da sintaxe, a modalidade pode ser expressa por meio de sentenças declarativas e afirmativas, orações completivas, orações relativas, adverbiais e atos de fala não declarativos.

A modalidade é um conceito relevante para a nossa análise visto que nos nossos dados o gerúndio se apresenta como oração adverbial e adjetiva, além do que, assim como a categoria tempo, o gerúndio pode compartilhar da expressão modal do enunciado.

Por fim, apresentamos algumas definições sobre aspecto relevantes para a nossa análise. Vargas (2011) afirma que o conceito desenvolvido pelos linguistas comparativistas do século XIX está relacionado à qualidade do tempo, ou seja, o aspecto é definido em função do tempo. Nas línguas indo-europeias, como o latim, o aspecto deixou aos poucos de ser expresso exclusivamente por meio de um morfema específico e passou a ser expresso, como no português, também por meio do léxico e da sintaxe (CASTILHO, 1968). Desse modo, Vargas (2011) conclui que, para a tradição gramatical, a noção de aspecto não é muito clara, porém, o aspecto é uma categoria tão importante quanto o tempo e o modo, pois está relacionada ao “sujeito enunciativo na prática de linguagem” (VARGAS, 2011, p.35). Nesse sentido, discutimos aqui algumas definições de pesquisadores em torno do aspecto a fim de estabelecermos as nossas categorias de análise do gerúndio, pautados no direcionamento de Vargas (2011).

Castilho (1968), ao fazer um levantamento extenso do conceito de aspecto numa perspectiva histórica, constatou que a categoria ficou mais evidente do ponto de vista morfológico nos verbos das línguas eslavas e concluiu também que o aspecto, nessas

línguas, tem uma expressão lexical bem definida. Nesse prisma, o autor afirma que o *aspecto* refere-se ao desenvolvimento da ação verbal presente na expressão morfológica, enquanto a expressão léxica da duração do ato verbal é a *aktionsart*. Contudo, em outras línguas, segundo o autor, essa distinção entre aspecto e *aktionsart* não é tão clara e, por isso, ele faz a distinção entre esses dois conceitos.

A partir disso, o autor afirma que há uma divisão bipolar do aspecto, que origina todas as nuances aspectuais: o imperfectivo, a ação incompleta, que pode ser inceptiva (a duração nos primeiros estágios), cursiva (duração contínua sem marcação de início e fim) e terminativa (duração nos estágios finais). A ação completa é o perfectivo, que é subdividida em pontual, resultativa e cessativa. Além dessas noções, o autor aponta o aspecto iterativo, que é a ação repetida (e que pode ser imperfectiva ou perfectiva) e a ausência de aspecto, que é o indeterminado.

Castilho (1968) entende o aspecto, no português, como uma categoria na qual há integração dos componentes semânticos e sintáticos. O autor aponta também que o aspecto não é uma categoria exclusiva ao verbo, podendo estar em elementos sintáticos como “adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional”. Por fim, Castilho (1968) conclui que o aspecto é uma categoria objetiva que representa o processo verbal em termos espaciais e, por isso, mais concreta.

As contribuições de Castilho (1968) foram relevantes para se entender que o aspecto não é restrito à morfologia e abriu um campo de estudos sobre essa categoria, porém, essa visão pouco considera o aspecto como uma categoria que está associada à subjetividade do falante, tal como o tempo e a modalidade.

Outro autor que trata do aspecto na nossa língua é Travaglia (2015). Suas contribuições sobre o aspecto se mostraram mais relevantes para a nossa análise de dados. Travaglia (2015, p. 42) defende, assim como Castilho (1968), que o aspecto é uma categoria associada ao tempo, não dêitica, que marca a duração das fases dos eventos verbais. Além disso, Travaglia propõe que a percepção do aspecto pode ser considerada sob diferentes pontos de vista, ou seja, a duração do processo não é necessariamente expressa tal como verdadeiramente é, mas pode ser influenciada pela subjetividade do falante.

Para nossa pesquisa, associamos a perspectiva de Travaglia (2015) à de Givón (2001), que aponta as categorias de tempo, aspecto e modo a partir da complexidade cognitiva e frequência discursiva. Para Givón (2001), a expressão dessas categorias é

influenciada pelo princípio da marcação estrutural<sup>19</sup> e também pelas propriedades discursivas. O autor afirma que há correlação entre a expressão do tempo, modo e aspecto e os gêneros textuais. Em gêneros acadêmicos, segundo Givón (2001), o tempo presente, modo *irrealis* e aspecto imperfectivo são mais frequentes.

Nesse sentido, para analisarmos o gerúndio sob o eixo das propriedades morfossintáticas – em particular a expressão do aspecto, que é a categoria mais marcada no gerúndio –, consideramos a sua correlação com a subjetividade dos falantes nos textos argumentativos. Em outras palavras, analisamos as categorias do tempo, modo e aspecto, considerando seu uso aos propósitos comunicativos dos gêneros e também na expressão das ideologias (VAN DIJK, 2000).

Como ponto de partida, tomamos a tipologia de Travaglia (2015) como uma proposta de categorização da expressão aspectual do gerúndio, disposto no quadro a seguir:

---

<sup>19</sup> O conceito de marcação estrutural, de Givón (1995, p.25), consiste na pressuposição de que elementos marcados linguisticamente são mais complexos que os que não são marcados.

Quadro 3- Noções aspectuais do PB segundo Travaglia (2015)

Noções Aspectuais			Aspectos	
I-Duração	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	Durativos
			b. Ilimitada	Indeterminado
		B. Descontínua	a. Limitada	Iterativo
			b. Ilimitada	Habitual
	2. Não duração ou Pontualidade			Pontual
II-Fases	1. Fases de realização	A. Por começar A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma opção temporal)		Não começado
		B. Começado ou não começado		Começado ou não acabado
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma opção temporal) C. Acabado		Acabado
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		Inceptivo
		B. Meio		Cursivo
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		Terminativo
	3. Fases de completamento	A. Completo		Perfectivo
		B. Incompleto		Imperfectivo
	Ausência de noções aspectuais			Aspecto não atualizado

Apresentados os princípios que norteiam a análise do eixo morfossintático do gerúndio não perifrástico, passamos a próxima seção na qual apresentamos os princípios que fundamentam as categorias do eixo sintático.

### 1.5.2 Eixo sintático: relações gramaticais no contexto da integração de orações

Para analisarmos as propriedades do gerúndio não perifrástico no eixo sintático, recorreremos ao conceito de relações gramaticais. De acordo com Payne (1997), elas se

caracterizam pela relação entre argumentos e predicados, cujas propriedades são: 1) marcação de caso; 2) concordância verbal e 3) ordem dos constituintes. As principais relações gramaticais das línguas, de acordo com esse autor, são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, ergativo e absolutivo.

Givón (1997) afirma que as relações gramaticais devem ser analisadas também a partir das suas funções semânticas e pragmáticas. Ainda segundo o autor, essa aproximação é motivada iconicamente, por exemplo, há uma correlação muito forte nas línguas entre o sujeito e o tópico de um lado, e entre o objeto direto e o foco de outro. Ou então, é possível também associar, tal como a literatura tipológico-funcional já identificou, o sujeito prototípico ao papel semântico de agente e o objeto direto ao papel semântico de paciente.

Diante disso, o princípio da prototipia deve estar presente em uma análise funcionalista, pois “a associação em uma categoria natural não precisa ser determinada por um único recurso, mas sim por um conjunto de características” (GIVÓN, 1997, p.5).

No nosso contexto de análise, compreendemos que as relações gramaticais dos usos do gerúndio devem ser vistas como membros menos prototípicos dessa categoria, visto que o gerúndio, do ponto de vista morfossintático, não apresenta marca de controle da concordância do sujeito por estar em um contexto em que se configura como uma oração dessentencializada (LEHMANN, 1988). Por isso, é necessário compreender como a integração de orações interfere na identificação e constituição das relações gramaticais, bem como acarreta a expressão de propriedades semânticas e pragmáticas.

No estudo sobre as relações gramaticais no processo de integração de orações, Givón (1997) afirma que as principais propriedades sintáticas a serem analisadas no processo de integração de orações é o compartilhamento do sujeito (*equi-subject-SS*) e a troca de sujeito (*switchsubject-DS*), neste último o sujeito da oração integrada assume outra relação gramatical da oração principal. A propriedade de compartilhamento do sujeito é, de acordo com Givón (1997), constituída analogamente à estrutura verbo + objeto a partir da seguinte estrutura: verbo+oração complemento, em que o verbo da oração principal detém as marcações morfossintáticas, e o verbo da oração complemento torna-se mais nominalizado. E, normalmente, quando há o compartilhamento do sujeito entre as orações integradas, a oração principal é anterior à oração integrada (GIVÓN 1971, *apud* GIVÓN, 1997). Quando os sujeitos das orações integradas não são compartilhados, normalmente a integração de orações envolve o fenômeno da causatividade, em que as orações complementam verbos manipulativos.

Considerando que a integração de orações é gradual, é preciso, portanto compreender como as propriedades sintáticas assinaladas por Givón (1997) ocorrem em cada um dos processos de integração de orações, sobretudo os processos em que os usos de gerúndio estão envolvidos. Sendo assim, é necessário apresentar como se configuram as relações gramaticais nas orações adverbiais e nas orações adjetivas, em que o gerúndio não perifrástico assume alguma relação gramatical de outra oração, numa perspectiva de integração oracional.

De acordo com Payne (1997), as orações adverbiais são como advérbios das orações principais, não preenchendo a estrutura argumental do verbo da oração principal. Essas orações acrescentam proposições completas com valor circunstancial e têm fundamental importância na constituição da coerência discursiva do contexto (GIVÓN, 2001). Nesse sentido, as orações adverbiais tendem a compartilhar o mesmo sujeito da oração principal e podem ser antepostas ou pospostas à oração principal, que, nesse caso, depende da coerência discursiva, ou seja, as relações hierárquicas que as orações estabelecem no discurso, acarretando, portanto, a importância do processo de integração na constituição das relações retóricas do texto (MATHIESSEN & THOMPSON, 1988).

Quanto às orações adjetivas, Payne (1997) afirma que uma oração desse tipo modifica um sintagma nominal da oração principal e apresenta a possibilidade de ser anteposta ou posposta à oração principal, mas isso é condicionado em cada língua de acordo com fatores pragmáticos. Segundo o autor, há a tendência de as orações relativas serem frequentemente pospostas ao nome que elas modificam porque informações mais complexas preferencialmente ficam após a oração principal. Ainda sobre a ordem, Payne (1997) afirma que há uma relação entre línguas em que a ordem VO predomina e a posposição das orações relativas.

Em síntese, a análise do eixo sintático do gerúndio não perifrástico em nossos dados se pauta na correlação entre as relações gramaticais do gerúndio nos dados e o fenômeno da correferência com as relações gramaticais das orações com as quais o gerúndio se integra, visto que esse é um parâmetro importante para determinar a gradualidade da integração de orações (LEHMANN, 1988). Além disso, essas propriedades são associadas às demais categorias de análise, no âmbito semântico e pragmático, tal como uma pesquisa fundamentada na LCU preconiza. Desse modo, passamos na próxima seção a apresentar os princípios de análise dos demais eixos, a começar pelos papéis semânticos.

### 1.5.3 Eixo semântico-pragmático

Nessa seção, abordaremos os princípios e categorias que norteiam a nossa análise de dados no eixo da função. Iniciamos com a apresentação das categorias semânticas de análise. Na sequência, apresentamos as categorias pragmáticas relevantes para a nossa análise de dados.

#### 1.5.3.1 Categorias semânticas: os papéis semânticos na estrutura argumental

Conforme o exposto na seção 1.4.2, as relações gramaticais devem estar associadas à semântica e à pragmática para uma análise pautada no pareamento forma/função. Desse modo, apresentamos aqui as definições das principais categorias no âmbito semântico, a começar pela noção de papéis semânticos. De acordo com Payne (1997), papéis semânticos são definidos como estruturas conceituais, que os argumentos verbais assumem na constituição de um predicado. Esse conceito, desenvolvido por Fillmore (1968), está relacionado à estrutura argumental do verbo, ou seja, é um conhecimento encapsulado que os falantes compartilham. A noção de papéis semânticos está associada também ao conceito de *frame*, desenvolvida na seção 1.2.4.

Givón (2001) afirma que, para essa noção abstrata dos papéis semânticos se tornar passível de análise, é interessante aplicar o conceito de protótipo, no qual se estabelece as propriedades do termo central da categoria e os demais vão se agrupando a partir das propriedades que são compartilhadas ao longo do *continuum* da categoria, via extensão metonímica.

Desse modo, apresentamos as principais categorias dos papéis semânticos, relevantes para a nossa análise de dados. O primeiro papel semântico é o **Agente**, que segundo Payne (1997, p.49) é um “participante, tipicamente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento e, portanto, tem a responsabilidade por isso”. De acordo com Givón (2001), a propriedade prototípica desse papel semântico é o controle que ele tem sobre um evento, ou seja, o agente é o papel semântico que tem a capacidade de iniciar um evento e promover mudança no estado de coisas, afetando o paciente. Preferencialmente, o agente mais prototípico é animado e humano. Logo, o agente é um papel semântico presente numa estrutura prototípica de um *frame* de um verbo transitivo.

O segundo papel semântico é o **Paciente**, que, ao contrário do agente, é um participante, que pode ser animado ou inanimado, que sofre a mudança de estado

provocada pelo agente em um evento. As propriedades prototípicas do paciente são a mudança de estado físico diante do evento e a não volição diante dessa mudança de estado.

Outros papéis semânticos relevantes apontados por Payne (1997) são **Força**, uma entidade não humana que desencadeia a ação, **Instrumento**, uma entidade que desenvolve de modo indireto uma ação, e o **Experienciador**, que não controla nem é afetado pelo evento, mas tem um estímulo sensorial ou perceptual. O **Recipiente** é o destino de algum objeto em movimento. Além desses papéis semânticos, temos ainda o papel semântico de **Tema**, que se relaciona a uma entidade que participa do evento, mas não é afetada pela ação verbal (LUCENA, 2010).

Esses papéis semânticos são apenas algumas das possibilidades, visto que dependem dos *frames* da estrutura argumental dos verbos. Desse modo, os papéis semânticos estão associados à categorização semântica dos verbos. Por exemplo, prototipicamente, a relação gramatical sujeito assume, numa estrutura argumental cujo verbo é de ação, o papel semântico de agente. Essa categoria é, portanto, relevante para a nossa análise.

Assim como os papéis semânticos, há uma infinidade de categorizações semânticas para os verbos (CHAFE, 1970; HALLIDAY, 1985; BORBA, 1990) e, para, mantermos a coerência de análise adotamos a classificação de Payne (1997, p.54-60), na qual os verbos são alocados nas seguintes categorias:

- (a) Fenômeno da natureza (*weather verbs*): chover, ventar, esfriar, esquentar, trovejar, (ficar) nublado, anoitecer, amanhecer. Estados: Estes podem muito bem ser substituídos por adjetivos predicativos ou nominais predicados. Ex: *ser* ou *estar*.
- (b) Processos involuntários: Estes são verbos de um argumento em que o argumento: (a) sofre uma mudança de estado; (b) não age com vontade; (c) não se move necessariamente pelo espaço; (d) não é a fonte de algum objeto em movimento. Ex: *crescer, morrer, derreter, murchar, secar, explodir, apodrecer, apertar e quebrar*.
- (c) Funções do corpo: são processos involuntários, mas não envolvem uma mudança de estado. Ex: *tossir, espirrar, soluçar, arrotar, sangrar, suar, vomitar, expectorar, urinar, defecar, dormir / acordar, chorar*.
- (d) Movimento: Os verbos básicos de movimento *ir/vir* podem ter propriedades morfossintáticas diferentes de verbos de movimento que expressam uma maneira particular, como *nadar, correr, andar, rastejar, voar, pular, etc.*
- (e) Posição: verbos que descrevem a posição estática de um objeto, por exemplo, *repousar, sentar, agachar-se, ajoelhar-se, deitar-se, pendurar etc.*

- (f) Ação: verbos que descrevem atos voluntários.
- (g) Ação-processo: são situações que envolvem tanto um ator voluntário quanto um PACIENTE distinto afetado, *como matar, acertar, furar, atirar, arremessar (e outros eventos violentos)*, além dos sentidos transitivos de *quebrar, derreter, esmagar, mudar, etc.*
- (h) Factivos: são aqueles que descrevem a existência de alguma entidade. Ex: *construir, inflamar, formar, criar, fazer, reunir.*
- (i) Cognição: Os verbos de cognição expressam conceitos como *conhecer, pensar, compreender, aprender, lembrar e esquecer.*
- (j) Sensoriais: Os verbos de sensação (ou "impressão sensorial") expressam conceitos que envolvem os sentidos: *ver, ouvir, sentir, saborear, sentir, observar, cheirar e perceber.*
- (k) Emoção: Verbos que expressam conceitos como *medo, gostar / amar, ficar com raiva / triste / triste, ser feliz / alegre / satisfeito.*
- (l) *Dicendi*: verbos como *falar, falar, dizer, contar, perguntar, responder, gritar, gritar, sussurrar, chamar, afirmar, implicar, afirmar, afirmar, declarar, murmurar, tagarelar,*
- (m) Causativos: Os verbos de manipulação expressam conceitos que envolvem o uso de força física ou retórica para fazer com que outra pessoa faça alguma coisa. Exemplos: *obrigar, obrigar, exortar, fazer, causar, deixar, permitir e permitir.*

É válido lembrar que essa categorização aplica-se a verbos que se caracterizam o centro da predicação. Existem outras categorias de verbos que não acionam estrutura argumental. Neves (2006) lista os seguintes grupos: verbos cópula, verbos-suporte, verbos auxiliares e verbos modalizadores. Segundo essa autora, são grupos bastante heterogêneos.

Os verbos cópula são aqueles que formam predicado a partir da junção com sintagmas nominais. Na nossa língua, assumem essa função prototipicamente os verbos estativos *ser* e *estar*. Os verbos-suporte são verbos que selecionam um objeto e é este que seleciona o predicado. Os verbos auxiliares expressam as categorias gramaticais de tempo, modo e aspecto, formando as perífrases verbais; e, por fim, os verbos modalizadores representam os posicionamentos dos falantes diante do conteúdo da proposição.

Outra categoria relevante para a nossa análise é a dos verbos existenciais, que se “limitam a enunciar a existência das coisas” (BAGNO, 2011, p.621). Os principais verbos dessa categoria são *ser, ter, haver, estar* e *existir*. O papel semântico tema normalmente é acionado na estrutura argumental desses verbos.

Diante dessas categorias aqui expostas, as observações de Furtado da Cunha (2006, p.122) de que os verbos podem ter mais de um *frame* semântico e que essa possibilidade resulta da função comunicativa da língua mostram que é necessário aprofundar a relação entre essas propriedades semânticas e como elas interferem nas relações pragmáticas da língua. Na próxima seção, discutimos o conceito das funções pragmáticas de tópico e foco.

### 1.5.3.2 Tópico e Foco

Tópico e foco são funções pragmáticas que podem ter variadas interpretações (SILVA, 2006)<sup>20</sup>. Payne (1997, p. 261) entende que as funções, ou *status* pragmáticos, estão associados às “escolhas que os falantes fazem sobre como adaptar eficientemente as enunciações ao contexto, incluindo o presumido estado mental do destinatário” (tradução nossa)<sup>21</sup>. Pezatti (1998, p.134) define as funções pragmáticas como o “conjunto completo de conhecimento, crença, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis aos falantes no momento da interação”.

Nesse sentido, o conceito de função pragmática é bastante relevante para a nossa análise, situada no pareamento forma/função, pois revela os sentidos construídos no processo de interação, bem como dá espaço também para os sentidos construídos discursivamente. Ao mesmo tempo, as funções pragmáticas mostram uma aproximação com os elementos semânticos e sintáticos, visto que há uma correlação entre elas.

Creissels (2006) afirma que as operações de topicalização e focalização não se restringem à posição de constituintes de oração em posição não canônica, pois a inversão advinda desses processos afeta a estrutura discursiva da sentença. Sendo assim, a definição de tópico do autor se pauta nessa perspectiva. Para Creissels (2006), o falante destaca um tópico da sentença para fazer um comentário sobre ela, e a seleção do tópico é motivada pelo conhecimento compartilhado entre os falantes e pelo contexto.

Prototipicamente, assumem papel de tópico elementos com papel semântico de agente e humano. Já o foco expressa a informação que o falante considera como mais importante.

---

<sup>20</sup> Segundo o autor, as funções de tópico e foco admitem tratamentos diferentes, tanto na perspectiva formal, quanto na funcional.

<sup>21</sup> “(...) choices speakers make about how to efficiently adapt their utterances to the context, including the addressee's presumed ‘mental state’”(PAYNE, 1997, p.261).

Pezatti (1998) afirma que tópico e foco são funções pragmáticas que são intra-oracionais, ou seja, o seu escopo recai em algum elemento da predicação. A autora reconhece que o escopo das funções pragmáticas não se restringe à oração, categorizando-as como funções pragmáticas extra-oracionais.

Por fim, Givón (1995) entende que tópico é uma categoria híbrida, em que há uma relação com a oração e com a coerência discursiva do texto, podendo ser analisada a partir das seguintes propriedades:

- (a) Acessibilidade anafórica: se o referente atual tem antecedente de texto anterior e, em caso afirmativo, até onde e, presumivelmente, quão cognitivamente acessível é essa antecedência.
- (b) Persistência catafórica: se o referente atual se repete no texto a seguir, e, se sim, com que frequência, e, portanto, presumivelmente, quão tematicamente importante ou atenciosamente ativado ele é.<sup>22</sup>

(GIVÓN, 1995, p.78) (tradução nossa)

Nesse sentido, as funções de tópico e foco serão analisadas neste trabalho, considerando essas duas propriedades assinaladas por Givón (1995). Além disso, buscamos analisar como ocorrem as funções de tópico e foco nas orações de gerúndio, visto que a correferencialidade do sujeito entre as orações de gerúndio e a outra oração podem caracterizar também o compartilhamento das funções pragmáticas e como isso contribui para a constituição da coerência discursiva do texto.

Na próxima seção, damos continuidade à discussão das categorias pragmáticas que fundamentam nossa análise de dados, dedicando ao tratamento das interferências pragmáticas associadas aos processos cognitivos inerentes à língua, com especial destaque à subjetivação, intersubjetivação e à teoria da inferência sugerida/pragmática (TRAUGOTT & DASHER, 2005).

### 1.5.3.3 Subjetivação, intersubjetivação e Teoria da Inferência Sugerida/Pragmática (Traugott & Dasher, 2005)

Nas seções anteriores, apresentamos os princípios cognitivos, estruturais e funcionais que explicam o pareamento forma/função, preceito básico da LCU.

---

<sup>22</sup> (a) Anaphoric accessibility: Whether the current referent has prior text antecedence, and if so how far back, and thus presumably how cognitively accessible that antecedence is.

(b) Cataphoric persistence: Whether the current referent recurs in the following text, and if so how frequently, and thus presumably how thematically important or attentionally activated it is.

(GIVÓN, 1995, p.78)

Martelotta (2011) afirma que esse pareamento não é acionado apenas por fatores de ordem cognitiva ou na integração entre níveis estruturais, devendo ser consideradas também as relações contextuais e discursivas. Nesse caso, a interação entre os falantes provoca novos (re)arranjos entre forma e função, induzindo, sobretudo, à mudança linguística. Assim:

A mudança da língua (...) motiva-se a partir do ato da comunicação. Ou seja, é na interação que os usuários manipulam os termos e as expressões disponíveis em sua língua, a fim de veicular estratégias comunicativas, que marquem sua posição subjetiva em relação ao conteúdo que querem transmitir ou sua preocupação com a recepção desse conteúdo por seus interlocutores, dadas as condições contextuais em que se dá a comunicação.  
(MARTELOTTA, 2011, p. 24)

Desse modo, não é possível desvincular da LCU os processos comunicativos como elementos determinantes para a estruturação da língua. Martelotta (2011) aponta que tanto a metáfora quanto a metonímia, embora sejam mecanismos de natureza cognitiva, se materializam na interação, ou seja, as transferências entre domínios ou de contiguidade também dependem de fatores pragmáticos.

As contribuições de Traugott (1982; 1997; 2010) em torno da influência da pragmática no processo de mudança semântica e na gramaticalização ampliaram a associação entre cognição, semântica e pragmática, que é fundamental na construção do arcabouço teórico da LCU. Por isso, a visão de Traugott & Dasher (2005) de que a mudança semântica é uma regularidade da língua e ocorre em épocas diferentes e em todas as línguas é a mais condizente com o arcabouço teórico da LCU. Segundo esses autores, as mudanças semânticas se repetem inúmeras vezes e em línguas totalmente diferentes, e isso se explica por estarem associadas a processos cognitivos e comunicativos de modo que significados pragmáticos sempre são convencionalizados e reanalisados como polissemias semânticas. A mudança semântica está ligada, portanto, aos mecanismos de subjetivação, intersubjetivação e de inferência sugerida.

Para Traugott & Dasher (2005), a função básica da língua é transmitir significado, que eles consideram ser uma noção cognitiva e comunicativa. Os lexemas (LS) representam estruturas cognitivas altamente abstratas, denominadas de CS (*cognitive structures*). Essas estruturas expressam MOVIMENTO, LOCALIZAÇÃO, CONDIÇÃO, GRAU, ANIMACIDADE e ATITUDE EPISTÊMICA, são estáveis e estão presentes na cognição humana, sofrendo influências culturais e sendo expressas por meio da linguagem verbal.

No nível da representação linguística, as estruturas cognitivas (*cognitive structures* – CS) relacionam-se com as estruturas de significados (*meaning structures* – MS), que, segundo Traugott & Dasher (2005), representam processos, atividades e estados, seus participantes e seus papéis (agente, paciente, experimentador, instrumento, locativo), os tipos de crenças e atos de fala. Essas estruturas de significados (MS) não são categorias rígidas, mas protótipos presentes nas línguas.

Outro ponto relevante na teoria de Traugott & Dasher (2005) é que esses elementos linguísticos (MS e suas regras de combinação), presentes no sistema conceitual humano, são materializados nas estruturas fonológica e morfossintática das línguas. Contudo, nem sempre esses elementos conceituais são expressos linguisticamente de modo igual nas línguas e no decorrer do tempo. Por essas razões, umas das hipóteses centrais do estudo de Traugott & Dasher (2005) é de que a língua não expressa apenas a cognição humana, mas também está associada à dinâmica da interação humana, ou seja, os (inter)locutores são participantes ativos do processo de mudança linguística.

Nesse prisma, os estudiosos entendem que os falantes e seus interlocutores negociam significados a partir do contexto de interação. Por isso, um dos pontos principais da pesquisa de Traugott & Dasher (2005) é que as línguas se diferem ao longo do tempo a partir da codificação de significados subjetivos e intersubjetivos. Nesse sentido, as noções de subjetividade e intersubjetividade são relevantes para compreender o processo de mudança semântica.

Esses conceitos, segundo os autores, relacionam-se às ideias de Benveniste (1976, p. 286) em torno da subjetividade, que é “a capacidade de o locutor se propor como sujeito”. Portanto, é na subjetividade que o locutor/falante mais que seleciona as estruturas sintáticas, ele também seleciona a expressão desse conteúdo em função dos seus propósitos. Nesse sentido, o processo de subjetivação segue os pressupostos de Benveniste (1976), pois refere-se ao modo como o falante altera os significados que exteriorizam seu posicionamento diante do mundo e dos atos comunicativos. Em outras palavras, a subjetivação, para Traugott & Dasher (2005), representa o tipo mais generalizado de mudança semântica, pois o falante/escritor que dirige as mudanças na língua.

Oliveira, Dias e Wilson (2013), ao estudarem construções do tipo *é claro, é necessário e é preciso* em gêneros jornalísticos de natureza argumentativa, mostraram que essas construções são acionadas em contextos de constituição do ponto de vista do

autor e a expressão de sua subjetividade. Nesse trabalho, as autoras mostraram que as estruturas sintáticas estão a serviço da expressão do posicionamento do falante, confirmando a seguinte afirmação de Traugott & Dasher (2005, p.20):

Sincronicamente, o falante/ escritor não seleciona apenas o conteúdo, mas também a forma de expressão desse conteúdo – qual entidade é escolhida como sujeito sintático, se a topicalização é usada, se os verbos estão no presente ou no pretérito, etc. Na produção dinâmica da fala ou da escrita, o material linguístico pode ser usado de novas maneiras para expressar a subjetividade [...].<sup>23</sup> (tradução nossa)

Diante disso, é possível percebermos que a subjetividade contribui para a mudança linguística. Nesse prisma, Martelotta (2011) afirma que a mudança linguística não é apenas o resultado da interferência de níveis estruturais da língua, mas também resulta da interação com os componentes discursivo-pragmáticos da língua, aspectos que envolvem o ato comunicativo e as trocas entre falante/escritor e ouvinte/leitor. A subjetividade, portanto, exerce influência relevante no processo de constituição da língua na perspectiva da LCU.

Segundo Traugott (2010), as expressões subjetivas são estruturadas a partir da avaliação que o falante faz do outro, como a palavra inglesa *silly*, que pode ser *inocente* ou *bobo*. Essas expressões podem também revelar as posições relativas dos falantes, como no uso de advérbios como *muito*, *pouco*; ou ainda podem expressar comprometimento com o valor de verdade de uma proposição, exemplificados pelos marcadores epistêmicos como *provavelmente*, *com certeza*.

Além disso, as expressões subjetivas podem, de acordo com Traugott (2010), agregar o posicionamento do falante na estrutura linguística, como no uso de construções de tópico e articuladores textuais, assim como também estão presentes nos atos de fala (a promessa em atos ilocucionários) e nos marcadores discursivos. Nesse prisma, as construções de gerúndio no PB, como em “*voltando ao assunto*”, podem se enquadrar como uma expressão subjetiva, uma vez que o falante chama a atenção do ouvinte para o tema do diálogo desejado por ele.

Contudo, conforme Benveniste (1976, p. 286) afirma que o diálogo é condição de existência do sujeito, pois “não emprego um eu a não ser dirigindo-me a alguém, um tu”. Em outras palavras, no processo comunicativo é preciso considerar também a

---

<sup>23</sup> Synchronically, SP/W selects not only the content, but also the expression of that content – which entity is chosen as syntactic subject, whether topicalization is used, present or past tense, etc. In the dynamic production of speech or writing, linguistic material may be used in novel ways to express that subjectivity. (TRAUGOTT & DASHER, 2005, p.20)

intersubjetividade, que Traugott & Dasher (2005) definem como a expressão voltada para as expectativas do ouvinte. E, no ato comunicativo, os falantes negociam os significados, segundo suas intenções e expectativas.

Nesse sentido, esses autores entendem que é necessário distinguir a subjetividade e a intersubjetividade a partir dos papéis que o falante/ escritor e o ouvinte/leitor assumem no discurso. A intersubjetividade envolve necessariamente a atenção do falante voltada para o ouvinte na enunciação. Traugott & Dasher (2005) ainda afirmam que a relação entre falante e ouvinte não é necessariamente simétrica, pois os estados mentais de falantes e ouvintes não são iguais e, por isso, os sentidos produzidos pelos falantes podem ou não podem ser compreendidos pelos ouvintes. Para os autores, o falante é o negociador principal da referência e do sentido no jogo comunicativo, e ao ouvinte são atribuídas variáveis como tempo, lugar, relevância comunicativa e *status* social. Assim, ao fazer uso de expressões intersubjetivas, o falante ajusta os significados, considerando todas as variáveis ligadas ao ouvinte, o que, conseqüentemente, aumenta a importância dos fatores contextuais na estruturação dos sentidos.

Por isso, segundo Traugott (2010), a intersubjetividade está relacionada ao modo como falante expressa suas atitudes e crenças diante do ouvinte, considerando as concepções do ouvinte. Para a autora, expressões com o caráter intersubjetivo sinalizam, essencialmente, solidariedade, polidez e estão voltadas para a expressão da cultura e preferências estilísticas. Enfim, para Traugott (2010) as expressões intersubjetivas são construídas, sobretudo, para os falantes tentarem influenciar o posicionamento dos interlocutores, tal como um jogo retórico.

Além disso, tanto a constituição da subjetividade quanto da intersubjetividade baseia-se em processos cognitivos. Segundo Traugott & Dasher (2005) e Traugott (2010), os falantes/escritores dão sentido às construções linguísticas a partir das relações sintagmáticas e associações metonímicas, ao passo que as analogias e metáforas produzem os contextos de fundo necessários para a mudança semântica. Entretanto, as motivações das escolhas dos falantes/ escritores têm por objetivo a expressão e regulação de crenças e atitudes por parte do ouvinte/ leitor também.

Essas negociações de significados no processo de interação podem provocar as mudanças semânticas possibilitadas e conduzidas pelos mecanismos da metáfora e da metonímia. Como já defendemos antes, a metaforização é uma relação de transferência entre domínios, e a metonimização, por sua vez, corresponde à contigüidade entre os

conceitos em um mesmo domínio. No entanto, no decorrer desses processos podem ocorrer ambiguidades dos significados, que podem ser convencionalizados pelos falantes, coexistindo com os já existentes. Para Traugott & Dasher (2005), é esse processo que provoca a mudança semântica. Quando uma expressão subjetiva é convencionalizada, ocorre a subjetivação e, se o processo acontece em construções intersubjetivas, ele é chamado de intersubjetivação.

Contudo, não podemos entender a subjetividade e a subjetivação, bem como a intersubjetividade e intersubjetivação como termos intercambiáveis. Para a autora, a subjetividade/ intersubjetividade têm caráter sincrônico, individual, ao passo que a subjetivação/ intersubjetivação são processos diacrônicos nos quais novos significados são convencionalizados a partir da perspectiva do falante. Martelotta (2011) exemplifica a subjetivação por meio da trajetória do verbo “ir”, passando de verbo pleno de movimento para marcador temporal de futuro. Para o autor, o novo sentido do verbo é abstrato e “reflete a perspectiva dos usuários em relação à informação transmitida” (MARTELOTTA, 2011, p. 78). Esse novo sentido provoca mudanças na estrutura linguística da construção.

Nesse prisma, na concepção da Linguística Centrada no Uso, em que a mudança é uma característica inerente à língua (BYBEE, 2010), os processos de subjetivação e de intersubjetivação se organizam, segundo Traugott (2010, p. 5), no seguinte *cline* de mudança semântica:

expressões não subjetivas/pouco subjetivas > expressões subjetivas >  
expressões intersubjetivas

Seguindo as orientações de Traugott (2010), esse *cline* expressa mais as mudanças já consolidadas historicamente, o que não significa que, em estágios sincrônicos da mudança semântica, as interferências pragmáticas não tenham força. Segundo Hopper & Traugott (2003), a interferência pragmática influencia a constituição dos significados em estágios incipientes da mudança, devido à coexistência dos significados. E, ainda, as estratégias semântico-pragmáticas são utilizadas pelos falantes para desfazer a ambiguidade.

Nesse sentido, compreendemos que as operações que provocam a construção dos sentidos das estruturas linguísticas e, conseqüentemente, também ocasionam a mudança linguística (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011) são os pressupostos, os

acarretamentos e as implicaturas. Essas operações recorrem ao implícito da língua, que Ducrot (1977) determina ser fundado na enunciação, ou seja, uma interpretação que depende das relações entre falantes/locutores e ouvintes/interlocutores no momento da fala situada. Para o autor, a significação implícita passa a ser também responsabilidade dos ouvintes/interlocutores.

Ducrot (1977) se dedicou especialmente ao estudo dos pressupostos, que são os implícitos que podem ser apreendidos linguisticamente. No exemplo dado pelo autor *João sabe que virá*, o verbo *saber* traz a ideia de que de fato João virá. O pressuposto é para esse estudioso não discursivo, porém outros autores como Ilari & Geraldi (1985) afirmam que há uma preocupação de se estudar a pressuposição como um mecanismo de atuação do discurso, ou seja, valendo-se da propriedade da pressuposição não ser passível à negação, o locutor pode utilizá-la para impor um quadro discursivo, e estabelecer direcionamento à conversação. É nessa perspectiva, portanto, que tomaremos este conceito para nossa análise.

No que diz respeito aos acarretamentos, Ilari & Geraldi (1985) afirmam que estes se estabelecem numa relação de consequência entre os enunciados, ou seja, uma relação entre eles. Para Cançado (2005), a partir da hiponímia, o acarretamento é estabelecido, pois, tal como na hiponímia, o sentido de um enunciado inclui o sentido do outro. Nessa operação, o valor de verdade da segunda sentença decorre da primeira, e o contrário não pode acontecer.

Tanto as pressuposições e os acarretamentos ainda são recuperados nos enunciados, apesar de partirem da enunciação. Já as implicaturas são totalmente fundamentadas no contexto, ou como Ilari & Geraldi (1985, p.75) propõem, as expressões linguísticas ganham uma significação a partir das expectativas dos interlocutores, que seguem, segundo Grice (1975), os princípios de quantidade, qualidade, relevância e modo. As implicaturas relacionam-se ao conhecimento prévio e partilhamento cultural dos falantes.

Todas as operações supracitadas partem do contexto e dos locutores/interlocutores. Com a ressignificação dos sentidos acionados por elas, há a possibilidade de convencionalização. E é por essa razão que a pressuposição, o acarretamento e a implicatura interessam à LCU, pois acionam e viabilizam a mudança semântica e, conseqüentemente, a mudança linguística.

Entretanto, apesar desses mecanismos serem motivadores da mudança, ao tomá-los sem associação direta com os mecanismos cognitivos para analisar os usos

linguísticos, não consideramos o pareamento entre forma/função, princípio básico da LCU. Desse modo, adotaremos a teoria da inferência sugerida, de Traugott & Dasher (2005) para explicar como ocorre a reinterpretação dos significados que passam a coexistir com os demais.

O termo *invited inference* ou, em português, *inferência sugerida/pragmática*, foi cunhado por Geis & Zwicky (1971) ao analisarem as sentenças condicionais em inglês pelo viés da lógica. Segundo os autores, sentenças do tipo *Se você cortar a grama, te dou cinco dólares* podem ter duas interpretações. A primeira relaciona-se à realização do acontecimento da segunda sentença (*te dou cinco dólares*), e a segunda refere-se à não realização desse fato, ou seja, se eu não cortar a grama, também não ganharei os cinco dólares. Para a lógica, as sentenças só podem ser interpretadas como verdadeiras ou falsas, e, no caso das condicionais, as duas interpretações são verdadeiras. A formalização dessas sentenças está disposta a seguir:

$$\begin{aligned} \mathbf{M} &\supset \mathbf{G} \\ \sim \mathbf{M} &\supset \sim \mathbf{G} \end{aligned}$$

Para compreender a interpretação dessas sentenças, Geis & Zuicky (1971) entendem que uma sentença da forma  $\mathbf{M} \supset \mathbf{G}$  leva o falante a sugerir uma interpretação do tipo  $\sim \mathbf{M} \supset \sim \mathbf{G}$ . Em outras palavras, as inferências sugeridas são diferentes interpretações possíveis de uma sentença. Os autores também estabelecem que o *ou* inclusivo e sentenças causais também são passíveis de sofrer a inferência sugerida. Geis & Zuicky (1971) mostraram essas possibilidades de interpretação da sentença, porém não investigaram as relações contextuais, bem como o papel dos falantes.

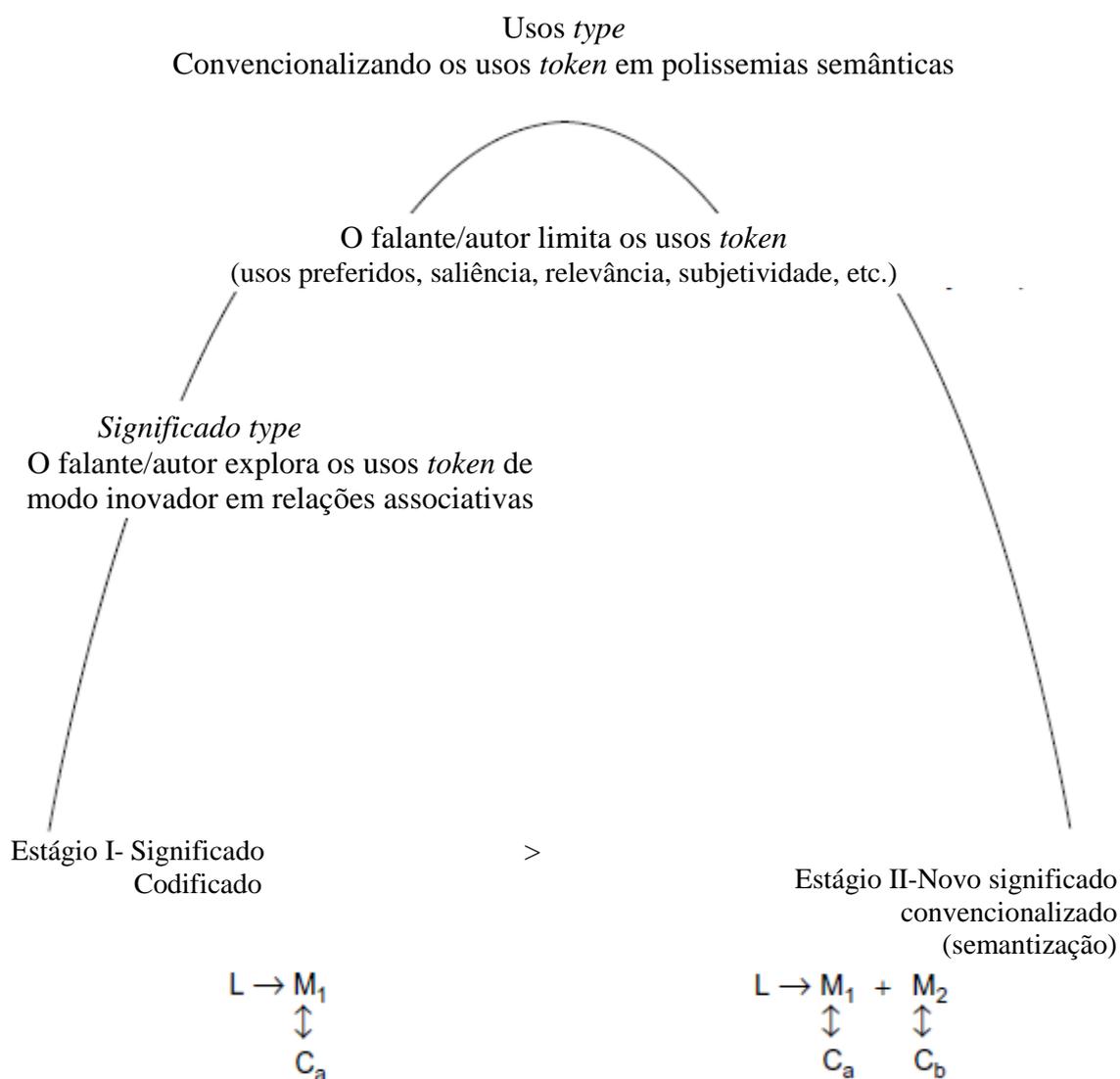
Nesse prisma, Traugott & Dasher (2005) desenvolveram a Teoria da Inferência Sugerida (IITSC em inglês) para explicar que a mudança semântica envolve processos pragmáticos, como a subjetivação e a intersubjetivação, e processos cognitivos, como a metáfora e a metonímia. Segundo Martelotta (2011), a inferência sugerida é um processo em que o ouvinte é levado a reinterpretar um novo significado. Segundo Dias (2015, p.130), a inferência sugerida é:

Um tipo de sentido derivado de combinações semânticas oriundas do contexto pragmático-discursivo específico. O falante utiliza as metáforas e metonímias como processos de descoberta e construção de novos significados. Assim, ao construir o sentido mais abstrato, o falante faz um

convite ao seu interlocutor para compartilhar aquele novo sentido através de expressões de crenças, valores e avaliações.

A partir dessas definições, a teoria da mudança semântica por inferência sugerida pode ser apresentada a partir da figura a seguir:

Figura 7- Modelo da inferência sugerida proposto por Traugott & Dasher (2005)



(TRAUGOTT & DASHER, 2005, p.38)

Traugott & Dasher (2005) afirmam que o objetivo maior da IITSC é mostrar o percurso de convencionalização dos sentidos pragmáticos e sua reanálise em sentidos semânticos. Para os autores, há um *cline* de mudança que parte dos significados codificados pelas ocorrências *token* (IINs em inglês) para as ocorrências *type*. Nesse

percurso, as polissemias pragmáticas (GIINs em inglês) passam a ser polissemias semânticas.

De modo geral, um lexema (L) é uma combinação linguística específica de elementos de cada componente: um elemento semântico (M), um morfossintático (S) e um fonológico (P):

$$L \rightarrow \begin{bmatrix} M \\ S \\ P \end{bmatrix}$$

Esse lexema é associado, por operações cognitivas a uma estrutura conceitual, como no esquema disposto no primeiro estágio:

$$L \rightarrow M_1 \\ \downarrow \\ C_a$$

Em um primeiro momento, os falantes criam novos sentidos para ocorrências *token*, via extensão metafórica. Para expressarem conceitos mais abstratos, os falantes fazem uso de conceitos mais concretos. Entretanto, isso não significa que esse novo significado é aceito pelo ouvinte no momento desse novo uso. Para isso ocorrer, o falante aciona a implicatura conversacional a fim de **convidar** o ouvinte a partilhar a sua nova interpretação. Se o falante alcança o seu objetivo, a ocorrência *token* torna-se uma polissemia pragmática, isto é, um novo sentido dado à construção linguística por força da implicatura acionada no contexto.

Contudo, os mecanismos de metáfora não são suficientes para viabilizar a polissemia pragmática. Segundo Martelotta (2011), são os mecanismos metonímicos que ativam as implicaturas, ou seja, a partir da contiguidade de conceitos elaborada pelo falante, ele faz com que o ouvinte associe, ao material linguístico, novos sentidos que não eram a ele (o material) atribuídos. Ainda de acordo com Martelotta (2011), a implicatura pode estar presente apenas no contexto específico, ou ela pode se incorporar ao sistema, e, com isso, o novo sentido é disseminado e estendido para novos contextos de uso.

A partir do processo de inferência sugerida, ocorre um novo pareamento forma/função no qual a forma linguística associa-se a uma nova estrutura conceitual, novas propriedades pragmáticas, semânticas e discursivas, sem que, necessariamente, o primeiro uso seja extinto do inventário da língua, como o esquema a seguir mostra:

$$L \rightarrow M_1 + M_2$$

$$\begin{array}{ccc} \updownarrow & & \updownarrow \\ C_a & & C_b \end{array}$$

Como exemplo da maneira como a inferência sugerida pode provocar novos pareamentos forma/função, podemos citar a perífrase constituída pelo auxiliar *acabar* com o verbo principal no gerúndio, que, em textos argumentativos, ao invés de ser interpretada como a expressão do aspecto perfectivo, é reinterpretada como reforço argumentativo por dispor relações de causa e consequência, como podemos ver no texto a seguir<sup>24</sup>:

A sexualidade dos jovens de hoje em dia eles só querem fazer sexo sem saber e **acaba engravidano** e **acaba abortano** ou eles nem podem abortar elas cuidam com a ajuda da mãe por que o namorado está preso e quando o namorado não está preso ele tem vez que fala que o filho não é dele e **acaba fugino** e a menina **se acaba siferrano** cuidam da criança socinha sem trabalho e ela **acaba arrumano** um namorado que é bandido e às vezes eles podem até trabalhar e **acaba engravidano** a menina novamente e o rapaz **vai acaba cuidano** das duas crianças.

E tem muitas mães que colocam as crianças que são os jovens para fora de casa as meninas vão morar mais o namorado que **acaba discutino** e depois acaba em briga e às vezes acaba em morte quando o namorado sai da cadeia ele mata as duas pessoas.

As perífrases do texto em tela estão dispostas em uma sequência de sentenças hipotáticas estabelecidas numa relação de adição, marcada, sobretudo, pela conjunção *e*. A constituição do texto aponta para as consequências da prática sexual sem proteção, bem como os resultados de uma gravidez na adolescência para a vida dos jovens, e as perífrases expressam justamente os efeitos das ações dos adolescentes no campo da sexualidade.

No trecho “A sexualidade dos jovens de hoje em dia eles só querem fazer sexo sem saber e **acaba engravidano** e **acaba abortano**”, o primeiro em que a perífrase aparece, percebemos que o esquema de evento, segundo Heine (1993), das perífrases são **X se torna Y** – mudança de estado – e **X faz Y** – ação. O verbo *engravidar*, segundo BAGNO (2011), é incoativo, ou seja, apresenta uma marcação morfológica, do prefixo *en-*, que indica mudança ou início de mudança de estado. Esse verbo, no PB, apresenta, portanto, um *aktionsart* que expressa o aspecto perfectivo, uma ação

<sup>24</sup> Esse texto é resultado de uma das Sequências Didáticas (SDs) (DOLZ ET ALII. 2004) aplicadas no ano de 2015, em turmas de Classes de Distorção Idade Série (CDIS). Propus que os alunos produzissem uma redação dissertativa com o tema “sexualidade na adolescência”. Os procedimentos metodológicos serão melhor explicados no capítulo 3 desta tese.

concluída. A construção perifrástica com o verbo *acabar*, que é um aspectualizador em processo de gramaticalização no PB (CAVALLI, 2014), reforça esse caráter na perífrase.

Contudo, dado o contexto de produção da redação dissertativa, a perífrase *acaba engravidano* tem a noção aspectual alterada, pois é possível interpretá-la como imperfectiva, uma vez que o autor do texto mostra que, ao engravidar, o adolescente sofre uma série de consequências. Percebemos também que essa ambiguidade é sustentada por uma relação metafórica na qual o aspecto progressivo do verbo no gerúndio é emprestado para a perífrase.

Nesse sentido, é possível dizer que, por meio da abstratização do primeiro uso, as demais perífrases são organizadas por meio de associações sintagmáticas, caracterizando o uso metonímico devido à ideia de causa e efeito presente no texto. Notamos também que *acaba engravidano* expressa uma mudança de estado decorrente de uma ação, *fazer sexo sem saber*, e essa alteração de estado desencadeia outra ação, *acaba abortano*.

A partir do exemplo das perífrases do tipo *acabar+v-ndo* é possível perceber que o processo da mudança semântica é acionado pelo uso da perífrase, de modo a expressar a subjetividade do autor, ou seja, suas crenças e atitudes diante do tema. O novo sentido surge a partir de extensão metafórica e é consolidado por associações sintagmáticas, a fim de estabelecer a relação de causa/consequência. Devido a essa configuração, o autor convida os leitores à interpretação das perífrases como imperfectivas a fim de fortalecer a sua argumentação no texto.

Diante disso, é possível observar que a perífrase *acaba +V-ndo* apresenta dois pareamentos. Em um, a perífrase expressa o aspecto perfectivo, indicando atos acabados, no outro, há a expressão do aspecto imperfectivo como uma estratégia do falante para reforçar a argumentação diante do tema proposto. Também o mecanismo ocorre inicialmente em contextos isolados e pode ser aceito socialmente e vir a ser propagado; porém, isso depende de fatores sociais. Em outras palavras, isso quer dizer que não é possível generalizar essa mudança semântica a partir da observação de um único dado. É necessário analisar outras ocorrências da perífrase em textos pertencente ao mesmo gênero textual para afirmarmos se essa mudança semântica, nesse contexto de uso, é recorrente no PB.

Além disso, é válido afirmar que o trabalho de Traugott & Dasher (2005) tem por objetivo analisar como ocorre o processo de mudança semântica a partir de fatores

cognitivos, pragmáticos e discursivos, e, por isso, é bastante útil para a nossa análise. Na próxima seção, discutimos o conceito de contextos sob o prisma da LCU, categoria indispensável na análise que fazemos nesta tese. Ele compõe o eixo da função também, sendo parte das propriedades discursivas (cf. seção 1.6.2).

### **1.6 Fatores contextuais de análise: a importância do contexto e do discurso**

Um estudo fundamentado na LCU tem por princípio analisar a língua considerando o contexto (TRAUGOTT & DASHER, 2005; BYBEE, 2010; TRAGOUTT; 2008, 2010). Contudo, a definição e a abrangência da noção de contexto, de acordo com Oliveira (2015), sempre foi problemática, pois não há uma sistematização dessa variável nas pesquisas.

Para Furtado da Cunha (2012, p. 30), “uma teoria linguística que pretenda descrever e explicar a gramática da língua com base no uso que dela fazem os falantes em suas interações [...] leva em conta as situações e os **contextos comunicativos** em que esse uso se atualiza” (grifos nossos). Nesse sentido, a autora compreende contexto como a situação comunicativa, o uso e a interação.

Entretanto, a noção de contexto, no espectro da LCU, não deve apenas abranger as motivações sociocomunicativas, pois, de acordo com Oliveira (2015), a organização da língua é impulsionada por instâncias estruturais, cognitivas e sócio-históricas. Em outras palavras, Bybee (2010) afirma que o uso, o processamento cognitivo e a mudança linguística explicam as propriedades das estruturas linguísticas. Desse modo, é preciso adotar uma postura holística, considerando que:

Algumas das fontes de dados e de fatores que são considerados em uma teoria baseada no uso que são frequentemente negligenciados em abordagens mais estruturais são os efeitos da frequência do uso, a padronização de estruturas linguísticas dentro do contexto do discurso e as inferências pragmáticas que acompanham a língua usada em interação (BYBEE, 2011, p.69-70) (tradução nossa)<sup>25</sup>.

Traugott (2010) afirma que, na abordagem da inferência sugerida, as motivações da mudança linguística são, simultaneamente, internas e externas. Segundo a autora, os falantes convidam os ouvintes a reinterpretarem os sentidos das

---

<sup>25</sup> “Some of the sources of data and factors that are considered in usage-based theory that are often neglected in more structural approaches are the effects of frequency of use, the patterning of linguistic structures within the discourse context, and the pragmatic inferences that accompany language used in interaction.” (BYBEE, 2011, p.69-70.)

construções, que são convencionalizados via reanálise. Nesse processo, de acordo com a autora, fatores internos – linguísticos e cognitivos – e externos – pragmáticos e dialógicos – atuam de modo integrado a viabilizar a mudança da língua.

Para exemplificar esse mecanismo, Traugott (2010) aponta as construções gramaticalizadas como marcadores discursivos, que são reanalisados com essa função devido ao processo de subjetivação. Em outras palavras, um mecanismo linguístico, a reanálise, foi motivada pela subjetivação, uma motivação contextual.

Nesse sentido, Oliveira (2015) propõe que a noção de contexto abranja os dois pólos do pareamento forma/função, ou seja, o contexto da forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e o contexto da função (semântica, pragmática e discurso). Além disso, a autora alerta que, diferentemente do funcionalismo clássico, na LCU não há uma supremacia da função sobre a forma, mas sim uma correspondência simbólica entre forma e função, o uso contextualizado. Desse modo, os princípios de análise que norteiam nossa análise de dados são pautados nessa correspondência.

Diante disso, consideramos relevante, para a nossa análise de dados, ampliar a nossa compreensão de discurso, uma vez que, segundo Oliveira (2015), a dimensão sócio-histórica é também uma dimensão essencial para a compreensão e análise do uso linguístico. Assim, apresentamos na próxima seção o conceito de discurso proposto pela LCU e suas limitações para a nossa análise.

### **1.6.1 A definição de discurso na LCU e nossa necessidade de expandi-la**

O itinerário do capítulo mostra que a LCU é uma abordagem teórica que se preocupa em analisar a língua a partir de fatores contextuais, sejam eles formais ou funcionais. Percebe-se que os fatores desencadeadores das situações de uso são espectros relevantes de uma análise centrada no uso. Em vários estudos funcionalistas, observamos que as propriedades funcionais relacionam-se à semântica, à pragmática e ao discurso.

Nesse prisma, chama-nos a atenção o conceito de discurso da LCU. Para Martelotta (2011, p.20), por exemplo, discurso é visto como “os aspectos textuais que interferem no uso dos elementos linguísticos, como [...] o fato de a informação já ser sido ou não mencionada anteriormente no enunciado produzido pelo falante”.

Furtado da Cunha *et alii* (2013, p. 19) definem que o discurso, como parâmetro de análise na LCU, é “uma instância autêntica de uso da linguagem em todas suas

manifestações, (...) qualquer ato motivado de produção e compreensão de enunciados em um contexto de interação verbal”. Em outras palavras, discurso, na LCU, está relacionado a propriedades de organização textual, ligado à produção do enunciado e pouco relacionado às condições de enunciação. Martelotta (2011, p. 58) ainda afirma que, na LCU, discurso deve ser “entendido como o uso criativo da língua nos diferentes contextos de comunicação”.

Para nós, o discurso tem uma orientação mais voltada para a intenção dos falantes no processo de construção do texto, associada às práticas sócio-históricas presentes na língua e nas demais práticas. Um exemplo para explicar como a mudança dos comportamentos sociais pode alterar os usos línguas é o verbo *ficar* no PB, que, recentemente, passou por um processo de abstratização de sentidos, do locativo para breve convívio amoroso devido à mudança de comportamento dos jovens brasileiros. Traugott & Dasher (2005 p.3) entendem que as ideologias e o estilo de vida dos falantes marcam essencialmente a mudança do léxico e, por isso, as mudanças decorrentes desses fatores são consideradas pelos autores como irregulares.

Assim, entendemos que o discurso é uma materialidade linguística, uma ação, uma interação, uma prática social, uma representação mental e um produto cultural (VAN DIJK, 2006), e essa perspectiva associamos ao arcabouço teórico da LCU. Por isso, na próxima seção, apresentaremos os princípios dos Estudos Críticos do Discurso, os quais acreditamos se aproximarem dos princípios da LCU, expandindo o seu conceito de discurso e potencializando a esfera funcional da análise no eixo das funções.

### **1.6.2 Os Estudos Críticos do Discurso em diálogo com a LCU: um espaço para a ideologia**

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) constituem uma área de estudos que tem por foco investigar “a reprodução discursiva de abuso de poder e a desigualdade social” (VAN DIJK, 2015, p.9). Além disso, segundo o estudioso, os ECD são um conjunto de práticas acadêmicas que transitam entre todas as ciências humanas e sociais, ou seja, possuem um caráter transdisciplinar.

Partindo desse prisma, Van Dijk (2006) reafirma o compromisso dos ECD buscarem a compreensão e crítica de graves problemas sociais, sobretudo aqueles que se fazem presentes e se reproduzem no discurso. Desse modo, as relações entre estrutura

social e estrutura discursiva e como esta pode ser influenciada por aquela são as principais preocupações em um estudo pautado pelos ECD.

Além disso, existe nos ECD a preocupação em associar o discurso aos processos e representações mentais dos falantes na reprodução e compreensão do discurso na interação verbal. Por isso, van Dijk (2006) afirma que é preciso verificar como ocorre a triangulação entre discurso, sociedade e cognição, visto que o sistema de crenças e ideologia dos falantes é processado a partir de complexas representações mentais, subjetivas e compartilhadas pelos falantes.

Nesse sentido, uma das preocupações dos ECD é entender como o discurso é processado. Van Dijk (2010) afirma que a organização do discurso é um processamento estratégico no qual uma representação mental é construída pelos falantes, porém essa operação não é apenas cognitiva, pois as dimensões sócio-históricas do discurso interagem com as cognitivas.

A noção de *scripts* e *frames* são relevantes para compreender como ocorre a integração entre discurso e cognição. Van Dijk (2010) entende *frame* ou *script* como um conhecimento de mundo compartilhado entre falantes. Por exemplo, os estudantes participantes desta pesquisa, ao escreverem em suas redações afirmações do tipo *Os adolescentes estão tendo relações sexuais cedo demais e acabam fazendo besteira, como usar preservativo errado e acabam tendo filho na adolescência (...)* (J.C.P, 1-9) acionaram, a partir de uma construção que denota causa e consequência (via perífrase *acaba+V-ndo*), a informação de que manter relações sexuais na adolescência pode ser algo ruim, pois os estudantes, pela experiência que eles têm ou que foi compartilhada por outros falantes, entendem que o adolescente pode não saber o modo de usar o preservativo, e a consequência dessa ação é a gravidez precoce.

Provavelmente, esse conhecimento que os adolescentes têm sobre sexo e gravidez na adolescência faz parte de um modelo padronizado do que van Dijk (2010) chama de eventos prototípicos ou estereotípicos que os estudantes generalizaram. Ou seja, a partir de situações particulares, ou *scripts*, os falantes criam modelos mais gerais e abstratos, os *frames*, que se generalizam não só nos textos, mas no sistema de crenças como um todo.

Nesse sentido, os *frames* e *scripts* apresentam uma importância na compreensão do discurso, pois, segundo Van Dijk (2010), eles fornecem o conhecimento referencial para ajustarmos nossas interações aos fenômenos da coerência e correferência. Contudo,

esses modelos não são estáticos, os *frames* e os *scripts* estão em contínua mudança que ocorrem a partir dos atos comunicativos.

Outra questão relevante proposta por van Dijk (2010) em torno dos *frames* e *scripts* é a relação entre essas estruturas cognitivas e a expressão verbal, ou seja, os mesmos mecanismos cognitivos usados na percepção e memorização do conhecimento de mundo que formam os *frames* e os *scripts* também atuam na formulação verbal dos eventos relacionados a esses conhecimentos.

Nesse ponto, os ECD se aproximam dos princípios propostos pela LCU. Bybee (2010), por exemplo, ao propor que processos cognitivos gerais são responsáveis pelo processamento dos padrões linguísticos e que as situações comunicativas moldam esses padrões assemelha-se às ideias de van Dijk em torno do processamento do discurso. Porém, o que a LCU ainda não contempla é como esses processos cognitivos também armazenam os valores, crenças e ideologias dos falantes.

Em outras palavras, nos ECD, a interpretação dos discursos é explicada pelo processamento cognitivo dos textos, porém, o processamento cognitivo dos textos não ocorre apenas na cognição individual, mas a cognição é socialmente compartilhada e construída. Nesse sentido, a relação entre texto e contexto é fundamental. E as dimensões maiores do discurso são controladas pelo contexto, que, nesse caso, é definido como os “entornos sociais relevantes do texto e da fala”(VAN DIJK, 2012, p.168). Esses entornos sociais por si só, contudo, não são a influência maior do discurso, mas sim o modo como os falantes representam esses entornos sociais. A visão de contexto nos ECD é, portanto, sociocognitiva, pois, segundo van Dijk (2012, p. 169):

a definição, interpretação, representação ou construção pelos participantes de sua situação social em termos de modelos de contextos subjetivos influencia o modo como eles falam, escrevem, leem e entendem. Em outras palavras, as estruturas societárias só podem afetar o discurso pela intermediação ou interface das representações mentais dos usuários da língua.

No que diz respeito ao modo como os falantes se expressam, os ECD entendem que as estruturas linguísticas estão a serviço do discurso. Van Dijk (2012), ao exemplificar como o contexto controla o discurso, analisa o discurso do ex-primeiro-ministro inglês Tony Blair na Câmara dos Comuns e afirma que o modo como ele diz é uma representação do seu modelo de contexto (e aí se incluem os *frames* e *scripts*) e leva em consideração o ambiente (tempo, lugar), sua posição física ao proferir o discurso, suas identidades, as identidades dos seus interlocutores, etc.

Nesse sentido, ganha espaço nos ECD a visão de que a estrutura da língua é sensível a essas variáveis de contexto. Ou seja, grande parte das estruturas linguísticas em uso é afetada pelo contexto. Damos especial atenção ao que van Dijk (2012) afirma sobre a variedade das estruturas sintáticas diante de diferentes contextos. Segundo o autor, a variedade das estruturas sintáticas deve ser explicada a partir do uso semântico, pragmático ou retórico e, além disso, a variedade das estruturas sintáticas implica relações sociais ou políticas, como o machismo e o racismo.

Em suma, para os ECD, fatores como idade, classe social, etnia, relações de poder entre falantes, bem como as suas ideologias podem interferir na constituição sintática dos modelos mentais de texto. É essa visão dos ECD que nos dá suporte para ampliar a visão de contexto e discurso na análise dos nossos dados. O componente sociocognitivo contemplado pelos ECD também favorece essa associação com a LCU, pois:

A interface sociocognitiva dá conta de muitos aspectos da relação entre situação social e discurso (...). Os modelos de contextos explicam que o que controla o modo como falamos não é algum fato social objetivo, mas antes nosso modo subjetivo de compreender ou construir esse fato social. (VAN DIJK, 2012,p.169)

Nessa perspectiva, a visão de discurso que adotamos aproxima-se da dos ECD, de um discurso multifacetado, que apresenta simultaneamente uma materialidade linguística, uma ação, uma interação social, uma prática social, uma representação mental e um produto cultural (VAN DIJK, 2000). A definição de discurso dos ECD deve considerar, portanto, a semântica, a interação e a cognição. Para Van Dijk (2000), o discurso constrói, expressa e legitima as ideologias.

Assim a noção de discurso não pode estar dissociada da ideologia proposta por van Dijk (2000). Segundo o autor, *ideologias* constituem os sistemas de crenças compartilhadas socialmente. Além disso, elas são as representações sociais identitárias de um grupo, e a cognição regula sua coerência e aquisição no cotidiano.

Contudo, é importante considerar que as ideologias são as bases das práticas sociais (VAN DIJK, 2000), ou seja, as ideologias não são apenas sistemas de crenças nas quais o mundo faz sentido para os grupos sociais, mas também podem motivar as ações desses grupos. Outra característica das ideologias é que elas muitas vezes relacionam-se aos conflitos sociais e se estabelecem a partir do conflito NÓS x ELES (*US and THEM*), ou seja, as ideologias de um grupo se firmam a partir da oposição com

outro grupo social, considerando que as primeiras são “conhecimentos verdadeiros”, e as outras, “ideologias”.

Van Dijk (2015) ilustra bem como o conflito NÓS x ELES está presente na construção das ideologias ao mostrar que as elites de poder dispõem de meios de censura contra aqueles que questionam e resistem a suas ideologias. Segundo o autor, em muitos países ocidentais se alguém ou algum grupo for taxado de “comunista” este se torna um formador de contraideologias e é bastante discriminado.

Um exemplo de nossos dados que pode representar como as crenças dos adolescentes em torno da gravidez na adolescência são constituídas a partir do conflito NÓS x ELES é o fato de que, em grande parte das ocorrências, os estudantes se referem aos fatos que ocorrem com os adolescentes majoritariamente em terceira pessoa, como no exemplo a seguir:

*(1) Na maioria das adolescentes só querem perder a virgindade pra ser aceita no meio para suas amigas não ficar nessa de “aí não sei pra que essa besteira de ser virgem isso é coisa do passado”. Mais a garota acaba esquecendo as responsabilidades e dos riscos que veem depois. (S.H.B.S, 1-6)*

Os sujeitos das orações que compõem o enunciado acima referem-se aos termos *as adolescentes*. Percebe-se o uso dessa expressão como uma estratégia de generalização, mas, ao mesmo tempo, de afastamento das atitudes consideradas pelos estudantes como inconsequentes. Na concepção dos participantes da pesquisa, as adolescentes que têm vida sexual ativa são inconsequentes, porém eles deixam a entender que não se enquadram nessa categoria.

Assim, percebe-se que a língua está a serviço da expressão e transmissão do discurso e da ideologia. Desse modo, quais são as estruturas linguísticas privilegiadas pelos falantes para construir o seu discurso e sua ideologia? Para van Dijk (2000), a ideologia está presente em praticamente todas as estruturas de texto, sendo que os sentidos são altamente permeados pelas nossas representações ideológicas. Para isso ocorrer, o autor propõe a existência de estratégias discursivas para conferir aos sentidos bases ideológicas. Essas estratégias são denominadas de estruturas do discurso ideológico (van DIJK, 2000, p.45-52), sintetizadas a seguir:

**a) Tópico:** são as informações mais marcantes de um discurso. Eles podem ser formulados concretamente no próprio texto, por exemplo, em resumos, títulos ou

manchetes. As funções ideológicas de tópicos decorrem de querermos enfatizar fatos bons ou ruins, e a tendência é topicalizar tais informações. E, se queremos tirar a ênfase de um determinado fato no discurso, então tiramos do tópico tais informações.

- b) **Implicações e pressuposições:** para van Dijk (2000), a opção que os falantes têm de deixar as informações explícitas ou implícitas no texto tem cunho ideológico. Geralmente, segundo o autor, as implicações e os pressupostos presentes nos textos revelam posicionamento, ou seja, informações que reforçam o preconceito e o abuso de poder normalmente estão implícitos no texto.
- c) **Coerência local:** é uma sequência de ações, eventos ou situações que são mutuamente relacionados em um texto por, por exemplo, causalidade ou habilitação. A coerência local é ideologicamente controlada, por meio dos modelos mentais no qual se baseia.
- d) **Sinônimos e paráfrases:** Os sinônimos e paráfrases são propriedades semânticas do discurso ideológico. Essas propriedades remetem à variação lexical e estilística, que é dependente do contexto e cujos significados de uso e implicaturas ideológicas serão diferentes.
- e) **Contraste:** ideologias muitas vezes surgem quando dois ou mais grupos têm interesses conflitantes, quando há luta ou competição social e em situação de dominação. Cognitivamente e discursivamente, tal oposição pode ser realizada por diversas formas de polarização.
- f) **Exemplos e ilustrações:** o uso de histórias sobre boas obras e ou mau comportamento de um grupo servem para apoiar o discurso e as ideologias, sobretudo as de caráter racista. Em outras palavras, histórias podem servir como instalações em uma argumentação.
- g) **Isenções de responsabilidade:** muito típico de qualquer tipo de discurso preconceituoso é a semântica movimento do aviso legal, da qual a negação aparente é o melhor conhecido, com o tipo de proposição *Não tenho nada contra X, mas ...*. Isso é uma negação aparente porque é apenas a primeira cláusula que nega sentimentos adversos ou racismo contra outro grupo; entretanto, o resto do discurso pode ser muito negativo.
- h) **Atores:** os atores podem assim ser representados no discurso de muitas formas, coletiva ou individualmente, como grupo ("nós") ou membros fora do grupo ("eles"). Essa representação pode ser específica ou geral, como nome, grupo,

profissão ou função, dando destaque (positivo ou negativo) aos atores do discurso.

- i) **Modalização:** proposições podem ser modificadas pela modalidade. Segundo van Dijk (2000), por meio de expressões modalizadoras, é possível legitimar abuso de poder, racismo, etc.
- j) **Evidencialidade:** os falantes são responsáveis por aquilo que dizem. Assim, se eles expressarem uma crença, espera-se que forneçam alguma prova/evidência para a sua crença, e se envolver em um debate com aqueles que negam isso. Naturalmente, cada gênero, contexto e cultura tem seus próprios critérios de avaliação para o que é bom, uma evidência aceitável ou ruim.
- k) **Vagueza e imprecisão:** um instrumento político e ideológico poderoso é a gestão de clareza e de imprecisão. Nós podemos encobrir algo ou ser vagos quando não sabemos uma resposta precisa a uma pergunta ou quando não temos a intenção de dá-la.
- l) **Topoi:** está a meio caminho entre a semântica e a retórica. Eles estão como tópicos como anteriormente definidos, mas tornaram-se padronizados, de modo que eles são normalmente usados como "lugares-comuns" na argumentação. O discurso ideológico em geral é normalmente repleto de *topois*.

A partir dessas propriedades do discurso ideológico, é possível analisarmos como os efeitos de sentido nos usos do gerúndio no PB podem ser compreendidos em termos discursivos que os pressupostos da LCU não contemplam, até porque essas propriedades, bem como os pressupostos dos ECD, estão totalmente afinados com a proposta da LCU e, por isso, fazem parte do arcabouço teórico desta tese.

Em síntese, os princípios dos ECD apresentados nesta seção mostram uma concepção sociocognitiva em que as representações mentais de crenças e valores sociais não são individuais, mas sim resultado de estratégias de controle por parte das elites simbólicas de poder (VAN DIJK, 2015). Nesse sentido van Dijk (2000) afirma que as ideologias podem ser reproduzidas no discurso e, conseqüentemente, na sociedade. Por isso, os ECD têm um papel social relevante, pois uma abordagem, seja na pesquisa ou no ensino, pautada pelos ECD pode contribuir com a denúncia e reflexão de graves problemas sociais como o racismo e o machismo. Feitas essas observações, apresentamos na seção a seguir as considerações finais deste capítulo.

## 1.7 Considerações finais do capítulo teórico

O itinerário que desenvolvemos neste capítulo mostra que a LCU é uma teoria que tem por objetivo explicar o funcionamento da língua a partir do uso e da mudança linguística. Toda a análise dos usos do gerúndio nesta pesquisa é pautada no pareamento forma/função, entendendo que os padrões de uso das construções de gerúndio são motivados por fatores comunicativos, cognitivos e sócio-históricos (TRAUGOTT & DASHER, 2005). A vinculação entre os padrões de uso e as motivações comunicativas se dá via cognição, e, por isso, uma análise pautada na LCU deve descrever a forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e a função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), considerando os mecanismos cognitivos (como, por exemplo, a categorização) que viabilizam o pareamento.

Ao assumir seus pressupostos, reconhecemos que o contexto, entendido como a integração entre propriedades formais e funcionais, é o ponto de partida para estabelecermos nossos parâmetros de análise. Contudo, o conceito de contexto em nossa análise é ampliado, entendido também como as relações de poder, ideologia e identidade (VAN DIJK, 2012). Nesse sentido, os Estudos Críticos do Discurso também sustentam nosso estudo, pois analisaremos como as estruturas do discurso (VAN DIJK, 2000) influenciam na constituição da gramática (VAN DIJK, 2012).

Em síntese, essa análise contextual prevista pela LCU propicia o desenvolvimento de um referencial metodológico que privilegia a interdisciplinaridade. No próximo capítulo, apresentamos esse referencial metodológico e suas relações com os pressupostos teóricos da LCU e dos ECD.

## **CAPÍTULO 2- REVISÃO DOS TRABALHOS SOBRE O GERÚNDIO NÃO PERIFRÁSTICO**

### **2.0 Introdução**

Neste capítulo, apresentamos uma revisão de como a literatura - gramáticas e pesquisas linguísticas - aborda o gerúndio não perifrástico no PB, dando destaque aos trabalhos de orientação funcionalista. Ao pesquisarmos como o gerúndio não perifrástico e sua relação com a integração de orações são vistos pela perspectiva das gramáticas tradicionais e dos estudos linguísticos, foi possível vislumbrar as possibilidades de pesquisa que ainda não foram exploradas e, assim, refinar ainda mais o nosso recorte de pesquisa.

É importante reafirmar que nosso estudo situa-se numa perspectiva funcionalista centrada no uso e, por isso, nossa proposta é analisar “a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo” (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p.19). Nesse sentido, essa revisão também tem por objetivo verificar a percepção da literatura em torno do binômio forma-função do gerúndio e se existem estudos voltados para analisar como esse binômio interfere nos atos comunicativos.

Pensando nesses objetivos, o itinerário do capítulo começa com a origem do gerúndio não perifrástico na língua portuguesa. Nessa seção, partimos do pressuposto de que no latim não havia formas perifrásticas tal como se observa nas línguas românicas (CAMPOS, 1972). Nesse sentido, observamos, a partir de Almeida (2000) e Besselaar (1960), o comportamento do gerúndio no latim. Depois disso, recorreremos aos estudos de Said Ali (1921) e de Campos (1972), para verificar, sob a perspectiva desses estudos, quais foram as funções assumidas pelo gerúndio e se, no desenvolvimento da língua portuguesa, o gerúndio agregou novas funções de formas extintas no latim.

Na sequência do capítulo, apresentamos a visão das gramáticas sobre o gerúndio não perifrástico. Nesta seção, será abordada a visão sobre o gerúndio tanto das gramáticas tradicionais do PB, quanto das gramáticas desenvolvida por linguistas. As gramáticas tradicionais selecionadas para esse estudo foram as de Lima (2011), Cunha & Cintra (2013) e Bechara (2015). Essas gramáticas foram escolhidas por serem representativas da tradição gramatical brasileira.

Já as gramáticas produzidas por linguistas escolhidas para este estudo são as de Castilho (2010) e Bagno (2011). Retomar esses estudos é muito importante, pois eles são fundamentados em teorias linguísticas. Ao estudá-los, procuramos observar como

os autores descrevem a relação entre forma e função do gerúndio e se, nessas gramáticas, as questões contextuais estão efetivamente presentes na descrição do gerúndio. A obra de Azeredo (2014) também será contemplada nessa seção, pois esta gramática está em uma condição limítrofe entre a tradição e as contribuições da linguística e por isso se constituiu como nossa fonte de consulta.

Analisamos também os estudos mais recentes, sobretudo os de orientação funcionalista, sobre o gerúndio. Os trabalhos de Braga & Coriolano (2007), Simões (2007), Reis (2010) e Torres (2014) para estabelecermos suas contribuições em torno da descrição dos usos do gerúndio no PB e também como esses estudos tratam a relação entre forma, função e contexto.

A última seção do capítulo é uma reflexão sobre a “proibição” do uso do gerúndio que ocorre nas gramáticas tradicionais e manuais de redação e livros didáticos de língua portuguesa no Brasil. Essa seção tem por objetivo apresentar a prescrição relativa ao gerúndio presente nessas obras, que são muito consultadas pelos falantes e também ainda estão muito presentes no ensino de língua portuguesa em nosso país. Essa seção também servirá como parâmetro para a análise de dados, pois ao analisarmos as ocorrências do gerúndio nos textos dos estudantes colaboradores da pesquisa, verificaremos se realmente houve influência dessa “proibição” do uso do gerúndio nos dados analisados. Finalizada a seção, partimos para as considerações finais do capítulo.

## **2.1 A origem do gerúndio no PB- a “dicotomia” entre gerúndio perifrástico e não perifrástico**

O gerúndio é conhecido na tradição gramatical como uma forma nominal. Os gregos e os latinos, segundo Bagno (2011), criaram essa classe para rotular palavras que, apesar de oriundas e próximas aos verbos, também compartilhavam traços dos nomes, ou seja, já percebiam o dinamismo dessas formas. Nosso ponto de partida é, portanto, o comportamento do gerúndio na língua latina para compreendermos os usos do gerúndio não perifrástico no PB.

O gerúndio latino era, nos termos de Almeida (2000), um substantivo verbal que assumia as relações gramaticais genitivo, dativo, acusativo e ablativo. Para expressar o nominativo, o infinitivo era acionado. Besselaar (1960, p. 40) apresentou os seguintes exemplos do gerúndio latino:

*Scribere utile est* (Escrever é útil)

*Volo scribere* (Quero escrever)

*Ars scribendi utilis est* (A arte de escrever é útil) genitivo

*Amicus meus aptus est scribendo* (Meu amigo é apto a escrever) dativo

*Amicus meus domum rediit ad scribendum* (Meu amigo voltou à casa para escrever) acusativo

*Amicus meus scribendo certiore me feci de adventu suo* (Meu amigo por escrito me informou da sua chegada.) ablativo

Almeida (2000), em sua *Gramática Latina*, elencou outras propriedades do gerúndio. Segundo o autor, o gerúndio estava presente em sentenças ativas e se declinava à semelhança dos substantivos da segunda declinação. Associando essas propriedades ao conceito de integração, é possível dizer que, no latim, o gerúndio apresentava um alto grau de integração, pois era altamente dessentencializado (LEHMANN, 1988) a ponto de apresentar marcação morfossintática típica dos substantivos.

É interessante observar que, em cada uma das funções, o gerúndio apresenta uma organização sintático-semântica diferente. No genitivo, o gerúndio acompanha alguns substantivos, adjetivos e posições. Havia, de acordo com Besselaar (1960), regras específicas para o uso do gerúndio na relação genitiva. O gerúndio genitivo, por exemplo, acompanhava apenas nomes genéricos e por isso ele particularizava, como em *Ars scribendi utilis est* (A arte de escrever é útil). O substantivo *ars* é especificado por *scribendi*. Ou seja, o gerúndio, ao acompanhar o substantivo, fazia as vezes de adjetivo.

Já nos adjetivos, de acordo com Besselaar (1960), o gerúndio genitivo apresentava regras restritas de combinação. Por exemplo, em *peritus* (perito em) o gerúndio genitivo especificava o adjetivo, assim como nas construções com substantivos. No exemplo dado por Besselaar (1960, p.42) “*amicus meus peritissimus est natandi* (meu amigo é muito perito em nadar)”, o verbo no gerúndio especifica o adjetivo *peritissimus*. Por fim, o gerúndio no genitivo acompanhava apenas as posições de finalidade *causā* e *gratiā*. Em “*amicus meus huc venit natandi causā/ gratiā* (meu amigo veio aqui para nadar)” (BESSELAAR, 1960, p.43), percebe-se a função mais circunstancial do gerúndio genitivo.

No caso dativo, o gerúndio também se associava aos substantivos e aos adjetivos e também aos verbos. Os substantivos aos quais ele se agrupava geralmente indicam títulos oficiais e possuem a ideia de finalidade desse título. Os adjetivos *aptus*, *idoneus*

e *accomodatus* eram os únicos que se combinam com o gerúndio no dativo e essas construções eram raras no latim clássico. E os verbos que participam desse tipo de construção com o gerúndio dativo eram bem restritos. No exemplo *amicus meus magnopere studet natando* (meu amigo se aplica muito à natação) observa-se que o gerúndio tem uma nuance mais nominal, tanto que assume a função sintática de dativo (objeto indireto).

Quanto ao caso dativo que o gerúndio expressava, Besselaar (1960) lembra que esse caso também era expresso pelo infinitivo, mas que também o gerúndio também poderia estar flexionado no caso acusativo somente em construções em que o verbo vem preposicionado com *ad*, *ob* e *inter*. Geralmente com a preposição *ad*, o gerúndio tem a ideia de finalidade, *ob* está restrito às fórmulas jurídicas, e *inter* tem o valor de simultaneidade, tal como a palavra *durante* em português.

Por fim, o gerúndio no latim também expressava o caso ablativo e este podia ser usado com ou sem preposição. Segundo Besselaar (1960), o ablativo não preposicionado indica a ideia de instrumento. O exemplo “*amicus meus vitam patris natando servavit*” (meu amigo salvou nadando a vida do seu pai) (BESSELAAR, 1960, p.44) representa o gerúndio ablativo.

Besselaar (1960) ainda afirma que o gerúndio ablativo sem preposição expressava apenas essas circunstâncias e se, na construção, a circunstância a ser expressa fosse a de condição, causa ou tempo usava-se o particípio presente ou alguma cláusula conjuncional. Parece-nos, portanto, que havia uma correlação forte entre integração oracional e a circunstância a ser expressa pelo gerúndio. Ou seja, ao expressar a circunstância de instrumento, o gerúndio mais estava integrado à sentença; expressando outras circunstâncias, o grau de integração era menor.

Em relação ao gerúndio ablativo preposicionado, este é acompanhado por *in* para indicar simultaneidade, por *de* com a ideia de *acerca de*, *a respeito de*, por *ab* e *ex* exprimindo origem, conforme os respectivos exemplos: “*amicus meus in natando animadversus est a latronibus*” (Durante o ato de/Ao nadar, meu amigo foi notado por ladrões); “*amici mei de natando colloquebantur*” (meus amigos conversavam sobre a natação) e “*natatio e/a natando appellata est*” (a palavra natação deriva de “nadar”) (BESSELAAR, 1960, p.44)

Diante desses usos que o gerúndio assumia no latim clássico, percebemos que essa forma nominal expressava várias circunstâncias semânticas; contudo, para cada circunstância havia um caso gramatical específico. O gerúndio no latim apresentava um

caráter bastante ambíguo, transitando entre verbos e nomes. As características verbais do gerúndio eram a expressão de voz e tempo. Segundo Almeida (2000), o gerúndio estava associado à voz ativa e ao presente em oposição ao gerundivo que se associava à voz passiva e ao futuro. Em relação ao aspecto verbal, nem Besselaar (1960) nem Almeida (2000) relacionam a expressão do gerúndio no latim clássico a essa categoria. Quanto às propriedades nominais, ele possuía características nominais como declinação e se associava a casos gramaticais típicos dos substantivos, como acusativo (objeto direto) e dativo (objeto indireto).

No período tardio, ou latim vulgar, houve uma expansão dos usos do gerúndio conforme afirma Souza (2003). Segundo essa autora, no latim clássico havia cinco formas nominais (infinitivo, gerúndio, gerundivo, particípio e supino) e, no latim vulgar, esse paradigma tornou-se mais simplificado. O gerúndio, por exemplo, perdeu as formas do genitivo, dativo e acusativo, e a única forma que se manteve foi a do ablativo. Para Campos (1972), de todos os casos do gerúndio, o ablativo sempre teve um destaque maior desde o período clássico do latim e, no período tardio do latim, o gerúndio ablativo passou a dominar e inclusive ocupar o lugar de outras, como o particípio presente. Segundo a autora, provavelmente o gerúndio ablativo já era comum na língua falada bem antes do período tardio da língua latina. Outra inovação do uso do gerúndio no latim vulgar foi a sua associação à circunstância de modo (BESSELAAR,1960).

Além disso, foi no período do latim vulgar que formas como o particípio presente, particípio futuro, gerundivo e supino desapareceram, e restaram apenas o infinitivo, particípio e gerúndio. Seguindo o princípio funcionalista de que formas existentes assumem novas funções, as funções exercidas por essas formas extintas foram reconfiguradas e provavelmente assumidas pelas estruturas que ficaram, como é o caso do gerúndio.

A partir da observação das formas e das funções do gerúndio no latim, é possível compreender o desenvolvimento no português arcaico. Said Ali (1921) elencou os usos do gerúndio nesse estágio da nossa língua e observou que o gerúndio apresentava a função de adjetivo e de advérbio. O autor também analisa o surgimento do gerúndio perifrástico no português.

É interessante para o recorte do nosso trabalho o modo como o autor explica/justifica o gerúndio enquanto adjetivo e advérbio. Primeiramente, toda a explicação empreendida pelo autor é associada a textos literários, além do autor fazer

associações contextuais aos usos do gerúndio, como relacionar esses usos a contextos narrativos e expositivos.

Para Said Ali (1921), o gerúndio no português arcaico apresentava funções adjetivas por herdá-las do extinto particípio presente. O autor também afirma que o gerúndio adjetivo equivale a uma oração adjetiva e que a escolha dos autores pelo gerúndio no lugar da oração adjetiva é a concisão. Ou seja, Said Ali associava o uso do gerúndio adjetivo a uma preferência estilística dos autores.

Quanto ao gerúndio circunstancial, Said Ali (1921) também o associava às sentenças complexas. Ele chamava as orações de gerúndio de sentenças implícitas, indicando que a sentença poderia, ou não, se desdobrar em uma sentença explícita (desenvolvida, segundo a tradição gramatical). Segundo o autor, nem sempre as sentenças de gerúndio se equivaliam a uma subordinada adverbial. Algumas delas, por exemplo, tinham valor de sentença coordenada e outras não correspondiam a uma oração explícita como era o caso das sentenças de modo, meio ou instrumento.

Na análise da semântica das sentenças adverbiais de gerúndio, o autor afirma que elas expressavam as seguintes circunstâncias semânticas: tempo (ação simultânea, ação imediata e ação posterior), causa e efeito, modo, meio, instrumento, condição e concessão. Essa diversidade de circunstâncias expressas por essa forma desencadeia, na visão de Said Ali (1921), novas interpretações e novos sentidos. Um exemplo disso é quando o autor afirma que, a partir da simultaneidade e sucessão dos fatos, é possível depreender a circunstância de causa e efeito. O autor também aponta que essa variedade de circunstâncias permite que haja um encadeamento de orações de gerúndio “devendo cada qual ser interpretada segundo pedir o sentido” (SAID ALI, 1921, p.157).

Por fim, Said Ali (1921) também analisou o surgimento do gerúndio perifrástico no português. De acordo com ele, as perífrases verbais surgiram a partir da combinação de determinados verbos com o gerúndio adverbial indicador de ação simultânea. A combinação, nas palavras do autor, mais fecunda na língua, desde o período da Renascença é *estar + verbo no gerúndio*. Essa combinação, ainda continua o autor, “denota o momento rigoroso da ação” (p.157). Ele ainda afirma que verbos de movimento como *andar*, *ir* e *vir* também passaram a ser verbos auxiliares de perífrases de gerúndio.

A análise de Said Ali (1921), resguardadas as suas limitações, é muito relevante, pois aponta que a variedade semântica dos usos do gerúndio está relacionada a fatores contextuais (como o tipo textual e as preferências estilísticas) e também aponta que as

propriedades sintáticas das sentenças gerundiais também variam. O trabalho deste grande filólogo influenciou pesquisas linguísticas sobre o gerúndio no português como o trabalho de Campos (1972), que é uma referência para os estudos mais atuais.

Campos (1972) analisa o gerúndio numa perspectiva histórico-comparativa e chega a uma descrição atual dos usos do gerúndio nas línguas românicas. Vamos apresentar aqui apenas os resultados do português, que foram obtidos mediante um extenso estudo de vários períodos da língua. Os tipos de gerúndio no português analisados por Campos (1972) são: circunstancial, adjetivo, coordenado, equivalente a um verbo finito e perifrástico.

O gerúndio circunstancial serve para expressar as circunstâncias de modo, tempo, causa, concessão, finalidade e consequência da oração principal, ou seja, essa forma está presente num período complexo. A autora não aprofunda as possibilidades de expressão dessas circunstâncias e passa a descrever as propriedades sintáticas da oração de gerúndio. Segundo Campos (1972), o sujeito da oração com gerúndio circunstancial pode ser o mesmo da oração principal ou pode ser um sujeito próprio dessa oração, ou então é uma oração sem sujeito, com um verbo impessoal.

Quanto ao gerúndio adjetivo, Campos (1972) afirma que este herdou a função adjetiva do particípio presente. Dentre as línguas românicas, o estudo aponta que adjetivos que designam qualidades permanentes são uma particularidade da língua portuguesa.

O outro uso que Campos (1972) estudou foi o do gerúndio coordenado, que é a presença dessa forma em sentenças reduzidas. Ressalta-se que esse tipo de construção é observado, além do português, no espanhol, no italiano e romeno. Além disso, a autora também descreve o gerúndio equivalente a um verbo no modo finito. O gerúndio, segundo Campos (1972, p. 393), “é usado em construções dotadas de grande vivacidade onde a afetividade justifica a ausência da forma verbal pessoal”.

O último uso elencado por Campos (1972) é o perifrástico. Segundo ela, o tratamento dado pelas línguas às perífrases de gerúndio é diferenciado. Nesse ponto do estudo, a autora separa as perífrases de acordo com os verbos auxiliares: de repouso (*estar, ser*) e de movimento (*ir, vir e andar*), comuns no português, espanhol e italiano. Essas perífrases, de acordo com a pesquisa, expressam por excelência o aspecto imperfectivo da ação, porém, os aspectos incoativo, progressivo, iterativo ou terminativo também podem estar presentes na semântica do verbo no gerúndio ou em outros termos que antecedem ou sucedem a perífrase.

Em suma, o estudo de Campos (1972) é bastante relevante por se tratar de uma pesquisa que catalogou vários usos do gerúndio em diversos estágios da história das línguas românicas e por isso é considerado um trabalho de referência para este tema. Observamos também que o estudo de Campos (1972) apresenta muitas influências dos estudos de Said Ali (1921) e mostra, para a sua época, uma análise seminal do gerúndio, das suas origens até períodos mais recentes da língua.

Se observarmos, portanto, o desenvolvimento do gerúndio do latim ao português apresentados nesta seção, percebemos uma redução na variedade de formas do gerúndio e o movimento de expansão das suas funções. Apesar desses estudos aqui apresentados se restringirem a uma análise sintática e semântica do gerúndio, eles foram essenciais para nos mostrar que há entre os usos do gerúndio, desde sua origem, uma relação entre semântica, sintaxe e a integração de sentenças e fatores contextuais. Essa percepção fortalece ainda mais as nossas hipóteses sobre os usos do gerúndio no atual estágio da nossa língua.

Para avançarmos em nossa investigação, na seção a seguir apresentamos como as gramáticas brasileiras prescrevem e/ou descrevem o gerúndio, pois as pesquisas até agora avaliadas não lidam especificamente com a variedade do Português Brasileiro. E, como o nosso recorte de pesquisa se restringe ao PB, as gramáticas brasileiras serão o nosso próximo estágio de pesquisa.

## **2.2 O gerúndio não perifrástico nas gramáticas brasileiras**

Nesta seção, apresentamos como o gerúndio não perifrástico é visto pelas gramáticas – normativas e descritivas - do PB. As gramáticas normativas que conhecemos atualmente originam-se da tradição grega dos estudos sobre a linguagem (CAMARA JR, 1975). De acordo com Neves (2002), o pensamento platônico e aristotélico proporcionou as bases para a organização da gramática tradicional. As gramáticas tradicionais, originam-se dessa tradição filosófica e por isso buscam o valor de verdade para os fatos da língua (o certo e o errado), a partir de uma fragmentação (as classes gramaticais) numa perspectiva da língua escrita e artística – as prescrições partem de textos literários consagrados e não da língua em uso.

Nesse sentido, fazer uma busca nessas gramáticas tradicionais dos usos do gerúndio em uma pesquisa cuja concepção de língua está centrada no uso, na mudança e no dinamismo do sistema linguístico pareceria incoerente, pois a base filosófica nas

quais essas obras se estruturam são opostas aos pressupostos aqui adotados. Contudo, compreendemos que as gramáticas tradicionais podem contribuir bastante em nosso trabalho, pois elas mostram os primeiros indícios dos usos do gerúndio mais consagrados na língua, que têm relação direta com o seu desenvolvimento histórico.

Além disso, as gramáticas tradicionais ainda servem de parâmetro para o ensino de língua, e é a referência da língua padrão para grande parte dos falantes. Como parte dos nossos colaboradores de pesquisa ainda estão em fase de escolarização básica, e os outros já completaram esse ciclo, essa incursão nas gramáticas normativas é muito importante para que, na etapa de análise de dados, possamos perceber se houve influência dessa tradição nos usos do gerúndio nos dados. As gramáticas escolhidas para este objetivo são as gramáticas de Lima (2006), CUNHA & CINTRA (2013) e BECHARA(2015).

Nesta seção, também refletimos como as gramáticas descritivas, produzidas por linguistas brasileiros, analisam o gerúndio não perifrástico no PB. Ressaltamos que escolhemos usar essas obras porque elas representam, segundo Farias (2014), uma nova etapa no processo de gramatização<sup>26</sup> brasileira, pois as gramáticas produzidas por linguistas trazem o resultado das pesquisas realizadas no Brasil nas últimas décadas e trazem uma nova contribuição para a descrição linguística, assim como podem vir a modificar a orientação do ensino de língua portuguesa em nosso país.

Atualmente, existem vários linguistas empenhados em produzir gramáticas<sup>27</sup> Para esta tese, escolhemos as gramáticas de Azeredo (2014), Castilho (2010) e Bagno (2011). Essa seleção não foi fortuita, visto que os dois primeiros autores são linguistas filiados ao funcionalismo, e Bagno (2011) apresenta princípios e concepções que se alinham com o referencial teórico aqui empreendido. Assim, a investigação dessas gramáticas tem por objetivo verificar as contribuições dos linguistas em relação à descrição das possíveis inovações dos usos do gerúndio não perifrástico no PB, à integração das sentenças de gerúndio em suas gramáticas, bem como visa saber como esses trabalhos tratam as questões contextuais.

---

<sup>26</sup> Lembrando que o termo gramatização é de Auroux (1992 *apud* FARIAS, 2014) e refere-se à capacidade de produção de tecnologias descritivas de uma língua como gramáticas e dicionários.

<sup>27</sup> Dentre essas obras podemos citar: Ferrarezi & Teles (2008) e Perini (2010), que também são gramáticas produzidas por linguistas e que igualmente têm sua importância na gramaticização brasileira. No entanto, por uma questão de alinhamento teórico, não selecionamos essas obras.

### 2.2.1 Lima (2011)

Lima (2011, p. 122) apresenta, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, o gerúndio como uma das três formas nominais do verbo, ao conceituar verbo como “uma parte da oração mais rica em variações de forma”. Essas variações de forma, ou flexões servem, segundo o autor, para expressar tempo, modo, número, pessoa e voz. Quando o autor apresenta as formas nominais do verbo, ele afirma que os gramáticos “tem vacilado” em chamar essas formas de modos do verbo e que elas não possuem apenas a função de verbo.

Essas observações de Lima (2011) chamam a atenção por, primeiramente, condenar a atitude de alguns gramáticos – que não são citados no corpo do texto – de alinhar as formas nominais do verbo aos modos verbais. Lembrando que linguistas como Givón (2001) consideram que a expressão das categorias de tempo, aspecto e modo estão interligadas nas línguas, então acreditamos que não seria inadequada essa correlação que Lima (2011) critica.

Em relação especificamente ao gerúndio, Lima (2011) afirma que esta forma assemelha-se ao advérbio por expressar as circunstâncias de tempo, modo e condição. Não há menção em quais contextos o gerúndio expressa essas circunstâncias.

Além disso, o autor ainda explana sobre o gerúndio não perifrástico no capítulo em que trata das sentenças complexas. Segundo o autor, as sentenças reduzidas se enquadram no grupo das subordinadas que são “desdobramentos da oração principal” (LIMA, 2011, p.262), sugerindo uma relação de dependência entre oração principal e subordinada.

Quanto à classificação das orações subordinadas, Lima (2011) afirma que existem dois critérios: a função e a forma. Para o autor, as orações reduzidas, nas quais as orações de gerúndio se encaixam, estão afiliadas ao critério da forma. O critério funcional relaciona-se à qual função a oração subordinada exerce em relação à oração principal, ou seja, se é substantiva, adjetiva ou adverbial. Não há, portanto, qualquer relação com a semântica ou fatores contextuais.

Na sequência da gramática, Lima (2011) diz que é possível converter uma oração reduzida em uma desenvolvida, com exceção das orações de modo reduzidas de gerúndio ou de infinitivo. Se em um momento, o autor mostra que o funcionamento das orações subordinadas reduzidas se associa às questões sintáticas, neste trecho, ele não

explica o que motiva as orações de modo a não se tornarem desenvolvidas. Aliás, ele ainda afirma que nem sempre as equivalências, não só das orações de modo, são aceitas na língua.

Quanto às orações de gerúndio, elas podem ser adjetivas e adverbiais. As orações adjetivas de gerúndio, segundo Lima (2011, p. 273), são casos particulares e ocorrem quando “o gerúndio progressivo, o qual preso a um substantivo, ou pronome, da oração principal (e não a um *verbo*), expressa uma ação em desenvolvimento (...)”. Quando trata das orações adverbiais de gerúndio, o autor apenas retoma quais são as circunstâncias que essas orações expressam e retoma a informação de que apenas as orações modais se apresentam na forma reduzida e que isso se deve ao fato de que não existem conjunções modais. Em síntese, as observações desse autor reforçam a ideia de que as orações reduzidas são equivalentes às orações desenvolvidas. Além disso, nessa gramática não há uma relação entre critérios formais e funcionais no funcionamento das orações subordinadas. Na próxima seção, apresentamos outra gramática tradicional: a de Cunha e Cintra (2013).

### 2.2.2 Cunha e Cintra (2013)

Cunha & Cintra (2013) definem o gerúndio como uma das formas nominais do verbo que são caracterizadas por “não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 496). Essa definição já aponta a falha do agrupamento da gramática tradicional em classes estanques. A necessidade de se considerar o dinamismo é tão importante que os próprios autores reconhecem que nem sempre o verbo expressa morfologicamente as categorias de tempo e modo, e elas só podem ser apreendidas a partir do contexto sintático da oração. Ao falarem especificamente do gerúndio, os autores o classificam a partir da forma simples (não perifrástica) ou de uma forma composta (perifrástica). Na explicação do comportamento do gerúndio, há ainda mais incoerência entre o conceito de forma nominal dado pelos autores. Como forma simples, de acordo com os gramáticos, o gerúndio pode ser:

- a) substituto do subjuntivo quando é uma oração reduzida condicional: “*Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro*” (CUNHA& CINTRA, 2013, p.486).

- b) substituto do imperativo, numa construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor depreciativo para quem recebe a ordem: “**Andando!** [=Vá andando! Ande!]” (CUNHA & CINTRA, 2013, p.492).

Se o gerúndio, como uma forma nominal, não pode, de acordo com a perspectiva dos gramáticos, expressar por si só tempo ou modo, como é possível que ele seja substituto, em sua forma nominal, do subjuntivo ou do imperativo, que são **modos** verbais? Nos dois usos, os autores enxergam fendas na classificação gramatical, porém, a análise não vai adiante. Ao observarem o gerúndio exprimindo o imperativo, a explicação dos autores para esse uso é baseada numa situação contextual, mas essa possibilidade é vista como uma idiosincrasia e não uma regularidade da língua.

É válido ressaltar que Cunha & Cintra (2013, p.506) identificam o gerúndio imperativo como uma construção “afetiva”. Além desse emprego, se o gerúndio vier repetido, também é considerado uma forma afetiva:

“**Viajando, viajando**, esquecia-se o mal e o bem. (Adonias Filho, LBB, 101)”  
(CUNHA & CINTRA, 2013, p. 506)

“**Andando, andando**, escureceu-nos (A. Ribeiro, M, 137)” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 506)

Segundo os autores, o que permite essa construção ser afetiva é o fato do gerúndio ter uma ideia de progressão indefinida, reforçada pela repetição. Não há, uma explicação entre essa relação de “afetividade” e progressão indefinida expressa pelo aspecto do verbo no gerúndio. Além desses empregos do gerúndio simples (não perifrástico), Cunha & Cintra (2013) detectaram que, quando essa forma está precedida da preposição *em*, o gerúndio enfatiza o fato anterior imediato à ação do verbo principal:

“*Eu tinha umas asas brancas  
Asas que um anjo me deu  
Que, em meu cansando da terra,  
Batia-as, voava ao céu.*”

(ALMEIDA GARRETT, apud CUNHA & CINTRA, 2013, p.506)

Outros empregos do gerúndio simples elencado por Cunha & Cintra (2013) são o adverbial e o adjetivo. Para os autores, o gerúndio, junto a um verbo principal, expressa ação simultânea e equivale a um adjunto adverbial de modo, ou um adjunto adnominal como nos exemplos “**Metendo** o barco pela terra dentro, é mesmo possível

*ir mais além* (M. Torga, P, 86,)” e “*Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe* (J. Lins do Rego, FM, 146)” (CUNHA & CINTRA, 2013, p.505).

Cunha & Cintra (2013) também apontam uso do gerúndio como oração coordenada, indicando “uma ação posterior à oração principal e iniciada pela conjunção ‘e’” (p.505). Por exemplo “*As trajetórias recomeçaram, **processando-se** a um ritmo regular* (F. Botelho, X, 158)” equivaleria, de acordo com os autores, a “*As trajetórias recomeçaram e **processam-se** a um ritmo regular* (F. Botelho, X, 158)” (CUNHA & CINTRA, 2013, p.506).

Isso mostra um problema de distinção entre coordenação e subordinação, pois se a oração de gerúndio está após a oração principal e, ao mesmo tempo, funciona como oração coordenada, não fica muito claro em quais dos rótulos definidos pelos autores, esse uso se encaixa.

Cunha & Cintra (2013) ainda preveem outras funções para o gerúndio simples, todas elas são relacionadas com sua ordem na sentença. Em todos esses usos, os autores referem-se às orações subordinadas reduzidas de gerúndio. O que se observa é uma separação entre a sintaxe e a semântica, tanto que os empregos do gerúndio simples e as orações subordinadas estão em seções separadas na gramática.

A primeira delas relaciona-se à posição do gerúndio no início da oração. Para os autores, nessa posição, o gerúndio indica anterioridade da ação da oração reduzida e que ainda continua, como em “***Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna nas trevas exteriores* (A. Herculano, E, 180)” e em “***Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre* (A.M. Machado, HR, 41)” (CUNHA & CINTRA, 2013, p.505).

Esses exemplos apresentam as mesmas características das orações reduzidas adverbiais, que estão presentes em seção à parte da gramática. Nessa seção, essas orações são apenas observadas pelo ponto de vista semântico, visto que os autores reforçam a ideia de que a circunstância principal que essas orações expressam é o tempo. No entanto, as orações de gerúndio também exprimem as circunstâncias de causa, concessão e condição, apresentados nos exemplos abaixo:

*“**Passando** hoje pela porta do meu compadre José Amaro, ele me convidou pra tomar conta da sua causa.* (J. Lins do Rego, FM, 279)”.

*“**Pressentindo** que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.* (Ferreira de Castro, OC, I, 89).

*“Aqui mesmo, /mesmo não sendo padre,/ se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória. “(Machado de Assis, OC, I, 735)*

*“Pensando bem,/ tudo aquilo era muito estranho.” (A. Meyer, SI, 25)*

(CUNHA & CINTRA, 2013, p.628)

O último tipo de gerúndio simples são as orações adjetivas. Segundo Cunha & Cintra (2013, p.628), muitos autores consideram essas orações como um “galicismo intolerável”. Entretanto, assinalam os gramáticos, essas orações, quando expressam uma atividade atual e passageira, são antigas no idioma.

Em resumo, Cunha & Cintra (2013) são inconsistentes no que se refere à determinação das funções do gerúndio e seu caráter multifacetado. As funções do gerúndio são bastante resumidas segundo o olhar dos autores, ficando muito restritas especialmente à expressão do aspecto e das circunstâncias, apesar de que, em alguns momentos, essa classificação aponta que existem outras propriedades envolvidas nesses usos.

Ainda tratando dessa classificação, nota-se que, do ponto de vista formal, os autores fizeram uma divisão bem definida, ou o gerúndio é simples ou perifrástico. No entanto, há uma falta de critério no que diz respeito ao pareamento forma-função, pois, ora o gerúndio é descrito pelo ponto de vista sintático, ora pelo ponto de vista semântico, e isso é insuficiente para explicar o seu caráter ambíguo, além do que questões pragmáticas e discursivas não são cogitadas para justificar todos os usos levantados pelos autores.

Na seção a seguir, apresentamos as considerações de Bechara (2015)<sup>28</sup>, outro gramático tradicional, sobre o gerúndio para observarmos se há mudanças na percepção em torno do gerúndio no PB.

### 2.2.3 Bechara

Ao tratar das formas nominais, Bechara (2015) afirma que o infinitivo, o particípio e o gerúndio desempenham funções nominais e verbais, ou seja, pressupõe-se que também podem expressar algumas das categorias verbais. Para melhor organizarmos nossa exposição, apresentamos aqui os usos do gerúndio levantados pelo autor na seguinte ordem: o valor nominal do gerúndio e as orações reduzidas. Segundo

---

<sup>28</sup> Bechara é um gramático que tenta fundamentar a sua prescrição nas teorias linguísticas, mas a sua gramática pode ser considerada como tradicional.

Bechara (2015), gerúndio em seu espectro nominal pode assumir um papel de adjetivo ou de advérbio. Quando é um adjetivo, muitas vezes é visto como um galicismo, mas o autor reforça a ideia de que o uso do gerúndio adjetivo como em *água fervendo* é muito antigo na nossa língua e que substituiu o particípio presente (*água fervente*). Não houve mais comentários sobre o gerúndio adjetivo.

Já no caso do advérbio, o gramático não fez comentários sobre as configurações sintáticas ou semânticas desse uso. O exemplo dado, *amanhecendo, sairemos* pode ser considerado ambíguo, pois pode ser compreendido como *logo pela manhã sairemos*, que é a interpretação de Bechara (2015) e, também, pode ser parafraseado por *quando amanhecer, sairemos*.

O último conjunto de usos do gerúndio não perifrástico, elencado por Bechara (2015), são as orações subordinadas reduzidas. O autor preferiu dar um estatuto à parte a essas construções, porque seguem as seguintes propriedades: a) apresentam autonomia sintática dentro do enunciado e b) são estruturadas de forma análoga às orações com verbo de forma finita, ou seja, quase sempre podem ser convertidas para uma oração desenvolvida.

Em relação às orações reduzidas de gerúndio, Bechara (2015) as classifica em adjetivas e adverbiais. As primeiras podem indicar uma atividade passageira de substantivos ou pronomes ou então uma atividade permanente, inerente às coisas:

“Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino”. [MA. 1, 260]  
 “Algumas comédias havia com este nome contendo argumentos mais sólido” [FF apud SA. 2, 249].

(BECHARA, 2015, p.533)

Além das orações adjetivas, Bechara (2015) apresenta as orações adverbiais, que segundo o gramático, são equivalentes à:

- 1) Uma oração causal  
 “*Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros*” [A.H 2, 97].
- 2) Uma oração consecutiva  
 “*Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, rompendo-o por muitas partes*” [A.H 2, 97].
- 3) Uma oração concessiva  
*Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.*
- 4) Uma oração condicional

*Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativo.*

5) Uma oração que denota modo/meio/instrumento  
*“Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana murmurando sons mal-articulados” [AH. 1 apud ED. 2, §316, b, 1].*

6) Uma oração temporal  
*“El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse voltando-se: Por que virá o conde quase de luto à festa?” [RS apud FB. 5, 205].*

(BECHARA, 2015, p.539-540)

De todas essas orações reduzidas, apenas as que denotam modo/meio/instrumento não podem ser desenvolvidas. Ademais, o autor não explica os efeitos dessas circunstâncias e apenas apresenta algumas propriedades sintáticas em torno da posição do sujeito e das relações entre as orações reduzidas. Essas propriedades aparecem em seção separada, sem qualquer relação com as circunstâncias das orações reduzidas adverbiais.

As propriedades sintáticas detalhadas por Bechara (2015) dizem respeito à posição do sujeito, que de acordo com o autor, nas orações reduzidas de gerúndio é posposto ao verbo como em “A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani [LCo.1.I,44]” (BECHARA, 2015, p. 549). O gramático não elucida as motivações dessa posposição no seu texto.

Ainda sobre as propriedades sintáticas, Bechara classifica as orações reduzidas em decorrentes, que são orações reduzidas presentes no mesmo período, organizadas numa relação de subordinação, e em concorrentes que são orações reduzidas em relação de coordenação. Uma oração reduzida de gerúndio pode estar nessa condição com uma oração reduzida de infinitivo ou de participio. Não há maiores esclarecimentos quanto à semântica, à sintaxe ou às questões contextuais.

Mediante o exposto, as prescrições de Bechara (2015) em torno do gerúndio se voltam ora para um critério mais semântico, como no caso das orações reduzidas, ora para um critério mais sintático, assim como nas perífrases verbais. Portanto, não há uma unidade de análise consistente. Outro ponto controverso é a pouca atenção dada ao contexto, apesar de que Bechara (2015) em alguns casos, por ele considerados periféricos, recorre às questões contextuais. Entretanto, essa dimensão é analisada apenas para distinguir o certo do errado, o que se enquadra no escopo de uma gramática

tradicional como a sua. Na próxima seção, analisamos o trabalho de Azeredo (2014), um linguista que produziu uma gramática com mais influência das pesquisas linguísticas, mas que ainda tem um enfoque normativo.

#### 2.2.4 Azeredo (2014)

Azeredo (2014) define as tradicionalmente denominadas formas nominais a partir do critério morfossintático, pois, de acordo com o autor, os afixos {-r} (infinitivo), {-do} (particípio) e {-ndo} (gerúndio) são desinências de aspecto. O autor, então, apresenta o gerúndio perifrástico, que compõe uma perífrase verbal como verbo principal. Além do uso do gerúndio perifrástico, Azeredo (2014, p.344) catalogou usos do gerúndio não perifrástico. De acordo com o gramático, essa forma possui certas funções adverbiais e predicativas. Em *encontrei as crianças dormindo na calçada*, o verbo no gerúndio *dormindo* funciona como um predicativo para *as crianças*. Em relação às funções adverbiais, o autor afirma que o gerúndio, quando está agregado a uma estrutura oracional, assume valor circunstancial ou modalizador. São as denominadas orações reduzidas, exemplificadas por: “*conhecendo o histórico do pai, meu irmão alterou o itinerário do passeio [CONY,C.H. 1995:78]*” (AZEREDO, 2014, p. 345)

As orações reduzidas apresentam sujeito independente da oração principal, que são correferentes ou não, e podem, segundo Azeredo (2014), absorver as circunstâncias de tempo, condição, causa, modo, meio, adição, conclusão e consequência. Primeiramente, o estudioso alerta sobre a confusão de interpretação entre as circunstâncias, que pode ser desfeita pela intuição do falante ou pelo contexto pragmático. Ele cita a confusão entre as orações de modo ou meio, e o gerúndio denota um fato simultâneo ao verbo finito: *subia o morro cantando. (modo)* e *sobreviveram ao mar bebendo água da chuva. (meio)* (AZEREDO, 2014, p.345).

Outra possibilidade de dupla interpretação é quando o gerúndio exprime um fato anterior ao verbo de forma finita. Para Azeredo (2014), a tendência é mesclar as circunstâncias de tempo, causa e condição como em *bebendo água da chuva, eles sobreviveram no mar*, que pode ser causa ou condição. Por fim, se o gerúndio for um fato posterior ao verbo finito, a tendência é exprimir adição, conclusão ou consequência, como nos exemplos: *Parte do teto da igreja desabou, causando pânico entre os fiéis*

(consequência)/ *Os preços anunciados são promocionais, podendo ser alterados ao final do estoque.* (conclusão) (AZEREDO,2014, p. 346).

Apresentados esses usos, autor não esclarece se a dificuldade de interpretação decorre do verbo no gerúndio expressar um fato simultâneo, anterior ou posterior ao fato exposto na forma finita. A justificativa de se considerar o contexto é relevante desde que haja critérios mensuráveis para observar como este afeta a estrutura linguística.

Por último, Azeredo enumera um uso do gerúndio que ele considera gramaticalizado. É o gerúndio como expressão introdutora de ‘balizamento de compreensão’, representada por *dependendo de, mudando de assunto, pensando bem*. De acordo com Azeredo (2014, p.90), expressões de balizamento de compreensão são responsáveis por explicitar no texto as pistas indicativas do efeito de sentido pretendido pelo enunciador. Esse balizamento ocorre por meio da modalização ou da hierarquização. Esse emprego do gerúndio não foi catalogado em nenhuma das outras gramáticas e, como Azeredo (2014) se propõe a sistematizar o português culto brasileiro, esse uso pode ser um indício de uma inovação do PB. No entanto, não há um detalhamento mais profundo das suas propriedades sintáticas, semânticas, pragmáticas ou discursivas.

Avaliando a prescrição de Azeredo (2014) sobre o gerúndio, verificamos que há uma tentativa de trazer à baila o contexto para justificar alguns comportamentos linguísticos. No entanto, ainda não há uma explicação mais detalhada de como é o funcionamento do gerúndio em todos os níveis e de como o contexto interfere nessa constituição. Um dos pontos que talvez mereça críticas é o fato de que grande parte dos exemplos da obra são criados, poucos são da literatura e não há registro de uso corrente. Desse modo, uma relação entre a estrutura e o contexto torna-se mais distante. Na próxima seção, continuamos o itinerário da nossa pesquisa, verificando a análise das gramáticas elaboradas por outros linguistas em torno do gerúndio.

### **2.2.5 Castilho (2010)**

Castilho (2010) parte da interpretação de pesquisas linguísticas empreendidas nos últimos trinta anos sobre variados fenômenos do português brasileiro. Os dados com os quais o linguista trabalha são provenientes do *corpus* do projeto NURC (Norma Urbana Culta). A gramática de Castilho (2010) apresenta as vozes de vários

pesquisadores brasileiros que se filiaram a projetos coletivos de documentação e análise do português brasileiro culto falado como o *Projeto de Gramática do Português Falado* e *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* e também por tratar de dados da língua falada.

Outro ponto de dissonância com respeito às gramáticas tradicionais é o seu público-alvo. Segundo Castilho (2010), sua obra é destinada aos professores do ensino médio, alunos universitários e professores universitários de linguística geral e de português brasileiro. Ou seja, seus leitores possuem conhecimentos especializados na área da linguística e, por essas razões, Castilho (2010) tenha utilizado dos termos típicos da linguística e não ficou restrito à nomenclatura da gramática tradicional. Por isso, a análise do gerúndio nessa gramática é interessante para os nossos propósitos, visto que a obra em questão apresenta uma proposta inovadora e também princípios teóricos que dialogam com a fundamentação da nossa pesquisa.

A primeira menção que Castilho (2010) faz sobre o gerúndio é em torno da sua origem latina. Ele remete ao morfema {-ndo}, que foi herança do gerúndio ablativo, e também cita as outras formas do gerúndio presentes no latim, que foram extintas, como o genitivo {-ndi} e o acusativo {-ndum}. Destaca também o processo de expansão de funções que o gerúndio teve no latim vulgar, ao assumir as funções que o particípio presente tinha no latim clássico.

Adentrando ao estudo do gerúndio no PB, o autor afirma que essa forma, assim como o infinitivo e o particípio, não são prototipicamente verbos, nem substantivos, adjetivos ou advérbios. Isto quer dizer, em suas palavras, que não são uma categoria fixa, tanto que os gramáticos latinos criaram para as denominadas formas nominais o rótulo de participios, aquele que toma parte ora da categoria dos nomes, ora dos verbos, ou seja, os latinos já haviam percebido que infinitivo, gerúndio e particípio possuem um “estatuto categorial ancorado num ponto de indecisão” (CASTILHO, 2010, p. 409), sintetizado no quadro a seguir:

Quadro 4 - Formas nominais do verbo segundo Castilho (2010, p. 408)

Verbo pleno	Infinitivo Particípio Gerúndio	Substantivo Adjetivo Advérbio
/+verbo/	/±verbo/	/-verbo/

Desse modo, Castilho (2010) prevê que alguns usos do gerúndio estão mais próximos das propriedades verbais e outros das nominais. Do lado mais próximo do *continuum verbal*, o gerúndio pode ser núcleo de sentença simples, representada por: *Você sempre ameaçando! Circulando, circulando!* (CASTILHO, 2010, p.409). A primeira ocorrência é situada no mesmo estatuto das sentenças simples, sem quaisquer elucidações de suas possíveis especificidades sintáticas, semânticas, pragmáticas ou discursivas, como a teoria multissistêmica que ele mesmo propõe.

No segundo exemplo, o gerúndio é uma sentença imperativa direta que, segundo Castilho (2010, p. 327), resulta da posição social superior do locutor mediante ao interlocutor. O autor afirma que o gerúndio pode aparecer nesse uso em sua forma perifrástica como em: *Vai saindo! Pode ir andando!*. Outra informação sobre esse uso dada por Castilho (2010) é em torno do efeito que o locutor deseja causar no interlocutor, que é de estímulo à ação ou movimento. Porém, o estudioso não contempla a possibilidade dessa ação ou movimento provocar um deslocamento físico.

Além das sentenças verbais simples, o gerúndio para Castilho (2010) pode ser núcleo de uma sentença subordinada, ou então, sentenças gerundiais. Sobre este uso, o autor afirma que o gerúndio passou a ser núcleo de sentenças adjetivas e adverbiais. Citando Braga (2005 *apud* CASTILHO, 2010), o autor questiona o seu estatuto de oração subordinada, pois, segundo o estudo da autora em tela, as orações gerundiais têm propriedades das subordinadas e das coordenadas. Isso abre a possibilidade de um *continuum* de análise dessas sentenças.

Castilho (2010) apresenta as sentenças gerundiais adjetivas pelo prisma da sintaxe. Segundo o autor, essas sentenças normalmente se encaixam num sintagma nominal para ser o complementizador do sintagma, sendo que, para Castilho (2010, p.382), *ouvimos os vizinhos reclamando do barulho* e *ouvimos os vizinhos que reclamavam do barulho* são correspondentes.

Apoiado em Campos (1980), Castilho (2010) aponta as possibilidades de funções sintáticas do sintagma nominal no qual o gerúndio se encaixa. Esses sintagmas podem ser sujeito, objeto direto ou oblíquo. O autor sugere a relação entre as funções sintáticas desses sintagmas e a gramaticalização das sentenças de gerúndio. Mediante essa sugestão, como afirmar que essa sentença é equivalente à uma sentença adjetiva? Outro ponto de crítica a Castilho (2010), no que tange às sentenças adjetivas, é o tratamento exclusivamente sintático dado a elas, fugindo do propósito de se analisar as dimensões comunicativas, necessárias a um enfoque teórico de orientação funcionalista.

O último uso levantado por Castilho (2010) do gerúndio como núcleo de sentença simples é a sentença gerundial adverbial. Em relação a esse grupo, o autor apenas faz uma distinção entre as adverbiais e as sentenças ambíguas, ou seja, sentenças que podem ser interpretadas ora como adjetivas, ora como adverbiais:

*Encontrou a garota lavando a roupa.*  
Ou seja,  
*Encontrou a garota que lavava a roupa.*  
*Encontrou a garota quando lavava a roupa.*

(CASTILHO, 2010, p.382)

Ademais, Castilho (2010) afirma que as sentenças adverbiais podem ser parafraseadas pelas sentenças desenvolvidas, sem quaisquer explicações em torno dos efeitos que esses usos podem causar no texto.

Terminada a exposição sobre o gerúndio /+verbo/, Castilho (2010, p. 409) apresenta os o gerúndio /-verbo/, ou seja, adjetivo e advérbio. Quando é um adjetivo, a forma pode assumir, segundo o linguista, o papel de adjunto adnominal restritivo como “*queimou-se com água fervendo*”, ou então um adjunto adnominal explicativo assim como “*lá vai o pelotão dos recrutas, marchando sob as ordens do sargento. A luz do sol, passando pela fresta da porta, atingia o espelho*”. Na qualidade de advérbio, o gerúndio é um adjunto adverbial posposto a um verbo: “*saiu gritando. Durante aquele dia nos distraímos brincando de pega-pega*”. Embora não seja mencionado pelo autor, percebe-se o *continuum* entre esses usos e o gerúndio sentencial.

### 2.2.6 Bagno (2011)

A *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (BAGNO, 2011) é, segundo as palavras de seu autor, uma obra que se propõe a descrever o funcionamento do português brasileiro contemporâneo, valorizando as suas particularidades. Além disso, ela tem o caráter propositivo, ou seja, pretende que regras gramaticais pertencentes ao PB sejam aceitas, bem como tem uma destinação pedagógica, como o próprio nome sinaliza, pois se destina também à formação dos docentes brasileiros e busca uma política de educação linguística.

Nesse sentido, essa gramática tem uma proposta político-ideológica de militar “a favor do reconhecimento do português brasileiro como uma língua plena, autônoma, que deve se orientar por seus princípios de funcionamento e não por uma tradição gramatical voltada exclusivamente para o português europeu literário antigo” (BAGNO, 2011, p. 14).

A gramática de Bagno (2011) tem pontos em comum com a visão funcional-cognitiva e que, por isso, investigar como essa gramática percebe o gerúndio em nossa língua é relevante para nossa proposta de pesquisa. Para começar a falar do gerúndio (e do infinitivo e do particípio também), Bagno (2011), respeitando a visão pancrônica que rege a organização das línguas, retoma à origem do termo *formas nominais*. Segundo o autor, essa classe foi criada pelos greco-latinos, que já tinham uma percepção da fluidez dessas formas. E, como Bagno (2011) quer ressaltar a dinâmica das classes gramaticais, ele resolveu chamar as formas nominais de verbinominais.

Fazendo ainda um retrospecto da origem dos verbinominais, o linguista relembra esse sistema no latim clássico, que possuía três particípios, seis infinitivos, o gerúndio, o gerundivo e o supino. No processo de evolução do latim clássico para o latim vulgar até as línguas românicas, algumas formas foram extintas, enquanto outras se mantiveram e outras foram integradas aos nomes. Entretanto, a função da forma extinta passou a ser exercida por outra. A exemplo disso, em seções anteriores, foi mencionado que o gerúndio assumiu funções do particípio presente.

Para Bagno (2011), essas mudanças alteraram o *status* dos verbinominais que passaram a expressar diferentes funções no espectro nominal e verbal, caracterizando um processo de gramaticalização. Sobre o gerúndio, o autor apresenta um quadro com os seguintes usos, resultantes de gramaticalização:

Quadro 5 - Gramaticalização do gerúndio (BAGNO, 2011, p.724)

G E R Ú N D I O	+  v e r b o	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vamos nessa, pessoal, sambando!</li> </ul>	núcleo de sentença simples
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ainda estou pensando na sua proposta.</li> </ul>	verbo principal de tempo composto
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Rosnando, o cachorro avançou na Ana.</li> </ul>	núcleo de sentença subordinada (reduzida)
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ouvi uma criança chorando.</li> </ul>	núcleo de minissentença
	+  n o m e	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tire essa mancha com água fervendo.</li> </ul>	adjetivo: adjunto adnominal
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ana e Silvia são minhas doutorandas.</li> </ul>	substantivo: núcleo do predicado
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Ana chegou gargalhando.</li> </ul>	advérbio: adjunto adverbial (depois do verbo)

Sobre a minissentença, Bagno (2011, p. 600) a define como um “predicado mínimo que não apresenta marca de tempo”. No PB, elas possivelmente seriam construções causativas/sensitivas, formadas por um verbo causativo ou sensitivo, um sintagma nominal e um verbo no gerúndio ou infinitivo como em:

Só Deus sabe o quanto é difícil... minha filha tem 3 anos e por diversas vezes já **peguei ela chorando** vendo vídeos antigos nossos onde eu ainda tinha cabelo, e não tinha nenhum desses problemas... eu não sei como consigo estar de pé todos os dias ainda... (<http://lupus.realmn.com/t1603-o-começo>)

(BAGNO, 2011, p.598-599)

A minissentença é objeto direto da sentença, e os sujeitos são diferentes. De acordo com as análises do autor, o gerúndio ocorre majoritariamente em construções com verbos sensitivos, que pode ser interpretado como um adjetivo e, assim, ela pode ser equivalente a uma sentença adjetiva. Em *avistei eles chegando* (BAGNO, 2011, p.601), por exemplo, *eles chegando*, nas palavras de Bagno (2011), corresponde à sentença *que eles chegavam*, e a construção, portanto, poderia ser interpretada como *avistei que eles chegavam*. Entretanto, essa equivalência não cabe em *peguei ela chorando*, dada acima. Desse modo, é possível afirmar que as observações de Bagno (2011) em torno das minissentenças de gerúndio são restritas ao âmbito sintático e não

valorizam questões semânticas, pragmáticas e discursivas, pois para analisar as funções da construção em estudo é preciso considerar todos esses componentes.

Sobre o gerúndio [+nome], Bagno (2011) apenas aponta as suas funções sintáticas – o gerúndio adjetivo é um adjunto adnominal, o adverbial é um adjunto adverbial –, sem menção às suas funções semânticas, pragmáticas ou discursivas.

Destacamos também o uso levantado pelo autor do gerúndio como substantivo. No exemplo dado no quadro 5, essa forma é um núcleo do predicativo, porém ela também pode assumir outras funções sintáticas, como sujeito (*A doutoranda do professor Dioneu apresentou sua pesquisa no congresso*) ou então um objeto direto (*O professor corrigiu sua doutoranda durante a apresentação*).

Outro ponto de discussão é o fato de que Bagno (2011), ao explicar a gramaticalização do gerundivo latino, afirma que herdamos alguns nomes originados dessa forma, e o afixo {-ndo}, nesses nomes, indica “aquele que deve PART PASS”<sup>29</sup> ou ‘que está para ser PART PASS’” (BAGNO, 2011, p.725), como, por exemplo, *formando*. Essa explicação também não se adequa a *doutorando* e *mestrando*? Besselaar (1960), por exemplo, sustenta que os substantivos terminados em {-ndo}, como os supracitados, remontam ao gerundivo e não ao gerúndio.

Enfim, as contribuições de Bagno (2011) em torno do gerúndio são relevantes por apresentar usos inovadores no PB, seguindo a proposta da sua gramática. A visão do autor sobre a expressão do aspecto nas perífrases verbais mostrou-se também distinta da proposta tradicional. No entanto, apesar dos méritos, percebemos que, no que concerne às formas nominais, ou verbinominais, a obra focaliza as propriedades semânticas e morfossintáticas e pouco se volta para o contexto. Além disso, não foram abordadas as funcionalidades do gerúndio como núcleo de sentença simples e núcleo de sentença reduzida, ficando esses usos restritos à discussão da forma.

Continuando o nosso itinerário de pesquisa, na seção a seguir, apresentamos as contribuições de pesquisas linguísticas, de orientação funcionalista, sobre o gerúndio a fim de verificarmos como os estudiosos, que compartilham alguns princípios teóricos da nossa pesquisa, percebem o pareamento forma-função, bem como a influência das questões contextuais.

---

<sup>29</sup> Essa denominação de Bagno (2011) sobre o gerundivo contraria o que as gramáticas latinas, como Almeida (2000), afirmam em torno desta forma nominal latina.

## 2.3 O gerúndio não perifrástico nos estudos linguísticos brasileiros

Nesta seção, apresentamos algumas pesquisas que investigaram o gerúndio, sobretudo as que se situam no espectro funcionalista. Vale lembrar que alguns estudos já propuseram a análise do gerúndio no PB, em diferentes perspectivas teóricas, tais como Rodrigues (2006), Mothé (2007) e Oliveira (2008). No entanto, para delimitar o recorte da nossa pesquisa, trataremos aqui apenas os trabalhos funcionalistas.

Os estudos selecionados são os de Braga & Coriolano (2007), Simões (2007), Reis (2010) e Torres (2014). Essas quatro pesquisas analisam o gerúndio no PB em diferentes recortes, porém, em nenhuma delas, é contemplada a visão funcional-cognitiva ou centrada no uso. Elas foram escolhidas por serem estudos recentes sobre o assunto e também por possuírem princípios teóricos que se aproximam do arcabouço teórico da nossa pesquisa.

### 2.3.1 Braga & Coriolano (2007)

Braga & Coriolano (2007), ao estudarem orações complexas de gerúndio, constataram que, no PB, o gerúndio pode ser:

**a) Orações “desgarradas” de gerúndio:**

F: Falei: “Então, tudo bem!”. Aí o pessoal: “A gente faz a prova, Fátima?” “Vamos fazer!” Sempre fui monitora de turma, três anos. “Vamos fazer a prova!” Aí tudo mundo copiando a prova, né? Que não era mimeografada, era não. Toca a copiar a prova. (Amostra Censo 80 – Falante 23) (BRAGA & CORIOLANO, 2007, p.177)

**b) Orações integradas a uma oração complexa:**

F: ... professora Sandra. Eu tive tanto ódio dela... Então, eu pegando assim o Jornal do Brasil, olhando o Jornal do Brasil, eu vi o desenho de uma mulher gorda. Então, pelo desenho do jornal, dessa mulher, eu fiz ela. (Amostra Censo 80 – Falante 42) (BRAGA & CORIOLANO, 2007, p.177)

**c) V2 da perífrase verbal:**

F: Carro, todos eles são perigosos. Isso depende muito da pessoa que está dirigindo, entendeu? (Amostra Censo 80 – Falante 04) (BRAGA & CORIOLANO, 2007, p.178)

**d) Elemento conector:**

Henrique Brandão acrescenta que o valor pago pelo seguro também varia dependendo do bairro carioca ou do município onde o segurado more (Extra – “Apólices variam por bairros” – 4 maio 2003) (BRAGA & CORIOLANO, 2007, p.179)

**e) Marcador discursivo:**

Daqui a pouco, a gente está atuando em cima disso. Normalmente, tudo que eu gosto está... está sempre em cima de comunicação, está sabendo? uma... uma filmagem, uma entrevista, um... sabe? (Amostra Censo 80 – Falante 37) (BRAGA & CORIOLANO, 2007, p.179)

Segundo as autoras, as construções de gerúndio apresentam diferentes graus de gramaticalidade<sup>30</sup>, sendo que o grau mais baixo é representado pelas orações desgarradas e o mais alto pelo gerúndio marcador discursivo. Nessa discussão, o que elas denominam de orações desgarradas pode ser parafraseado por orações independentes ou por orações adjetivas, o que indica uma indefinição de funções dessa forma. Além disso, os elementos que Braga & Coriolano (2007) chamam de marcador discursivo tem a forma de perífrase de gerúndio, e as funções das perífrases de gerúndio não são muito exploradas. Sobre o gerúndio como elemento conector, há apenas a informação de que este uso se encontra em processo incipiente de gramaticalização, sem outros esclarecimentos.

No que tange às orações de gerúndio integradas às orações complexas, que é o foco do seu estudo, Braga & Coriolano (2007) salientam a variedade das relações semânticas que essas orações apresentam e a ambiguidade de interpretação presentes nessas relações. As autoras também analisam as propriedades formais como a posição da oração de gerúndio em relação à oração principal e os graus de dependência dessas orações. Por fim, Braga & Coriolano (2007) restringem o estudo das orações de gerúndio aos contextos da língua falada e fazem apenas um estudo de cunho descritivo.

Diante desta síntese, percebemos que esse estudo aponta usos inovadores, que, inclusive, não foram registrados em gramáticas, bem como considera o contexto e descreve propriedades sintáticas e semânticas do gerúndio. Porém, a pesquisa não explora os demais usos do gerúndio e também a distinção entre forma e função não fica muito clara. Mas devemos considerar o alcance do trabalho e reconhecer as suas contribuições.

### 2.3.2 Simões (2007)

O trabalho de Simões (2007) é uma proposta de análise das orações de gerúndio sob a perspectiva da teoria multissistêmica. A pesquisa em tela estudou cartas, memórias, anúncios de jornais e peças de teatro brasileiros do século XVIII ao XX, além de amostras de língua falada<sup>31</sup>, com o objetivo de verificar os estágios da

---

<sup>30</sup> Segundo as autoras, a gramaticalidade associa-se às possibilidades de pareamento entre a forma e as diversas funções, descritas no trabalho delas, que o gerúndio assume.

<sup>31</sup> Para essa pesquisa, Simões analisou um *Corpus* Básico, composto de *memórias históricas, cartas, entremeses e peças teatrais* e um *Corpus* Diferencial, com cartas do século XIX, como as *Cartas de*

sintaticização, discursivização e semanticização do gerúndio no PB. Nesta seção, apresentamos sucintamente esses resultados.

No que diz respeito à sintaticização, Simões (2007) definiu dois tipos de gerúndio, as construções dependentes do sujeito da sentença matriz e as independentes. E, dentro desses dois grupos, há especificações. No primeiro, o autor identifica i) sentenças adverbiais, ii) gerúndio ambíguo e iii) gerúndio adjetivo. Os respectivos exemplos estão expostos a seguir:

Essas pessoas conviviam com a população nativa, conheciam seus usos e costumes, sua língua, e casavam-se com filhas dos principais chefes indígenas. Foi o que ocorreu com o Bacharel de Cananéia e também com João Ramalho, do planalto acima de São Vicente. **Agindo** como intermediários das negociações entre nativos e portugueses, eles favoreceram a posterior ocupação e colonização do território. [M 20 2 ZEQ 7]

À parte geográfica das expedições corresponde mais ou menos o seguinte esquema: Os bandeirantes **deixando** o Tietê alcançaram o Paraíba do Sul pela garganta de São Miguel, desceram-no até Guapacaré, atual Lorena, e dali passaram a Mantiqueira, aproximadamente por onde hoje transpõe a E. F. Rio e Minas. [M 19 2 HC 16]

Recebi ontem um anúncio do jornal **indicando** a venda do livro, dois dólares. [C 20 1 MA 323 20]

(SIMÕES, 2007, p.220)

Já no grupo das construções do gerúndio independente, ele se comporta, segundo Simões (2007), como núcleo de predicação primária, sendo tratado como i) um gerúndio adverbial independente, ii) nominalização, iii) imperativo, iv) articulador discursivo e v) perífrase verbal, conforme os respectivos exemplos:

É por isso que, em Piratininga, sem que se fizesse menção da qualidade de vila, como era de uso nesses documentos, foi concedida a sesmaria de Pero de Goes, **sendo** a respectiva posse dada alguns dias depois na ilha de S. Vicente. [M 20 1 WLC 27]

Vossamerce bem tem deplorado, em minha presença o indecente estado de nossa Igreja Matriz; quatro paredes nuas e vermelhas, Sem portas, Sem janelas, **representando** mais uma olaria, que a Caza de Deos: onde Com bastante escrupulo Conserve o Santissimo Sacramento. [C 18 2 BAN 2 1]

**Andando! Andando!** (exemplo criado)

---

*Leitores e Redatores de Jornais Brasileiros*, com os *Anúncios de Jornais Brasileiros do séc. XIX*. Parte desses dados foram compilados por membros da equipe do projeto PHPB. Além desses dados, Simões também analisou inquéritos de língua falada do séc. XX do *Projeto da Norma Urbana Culta* (NURC), do *Projeto Filologia Bandeirante* (Filoband) e do *Projeto Português Brasileiro Popular* (PBpop).

**Voltando** ao nosso papo, são 23:04 de domingo | e chegamos a pouco da casa da mãe, e pra | variar tomamos chuva, só prá variar, mas | nesses últimos dois dias aqui tem chovido não | é brincadeira, mas mesmo assim esta uns 28 graus | e por ai cada vez mais frio. [C 20 2 SIM 4 6]

**Fico esperando** resposta de Vossamerce para Com mais e[st]imo, eZelo Continuar aobra daCaza doSenhor, que felismente ConServará aestimavel PeSoa deVossamerce por dilatados años. Vila 2 de outubro de1794 [C 18 2 BAN 2 10]

(SIMÕES, 2007, p.221-222)

De acordo com a análise quantitativa e diacrônica do autor, os gerúndios adverbiais, sejam eles dependentes ou independentes, estão em declínio em nossa língua, ao passo que as perífrases de gerúndio aumentaram e os gerúndios adjetivos tiveram uma frequência maior de uso no século XIX. Do ponto de vista qualitativo, todas as propriedades sintáticas analisadas partem da relação dependência do gerúndio com o sujeito na sentença.

Em relação aos resultados da discursivização do gerúndio, Simões (2007) afirma que este é um processo no qual as propriedades sintáticas e semânticas do gerúndio são desativadas a fim de, nos termos do autor, reativar estratégias de introdução de repetições, correções, paráfrases, parênteses e de referenciação, como ocorre, por exemplo, em casos de gerúndio articulador discursivo.

Ademais, o autor correlaciona os tipos de gerúndio aos gêneros textuais presentes no seu *corpus*. Segundo sua análise, as orações adverbiais são mais propensas a ocorrer em textos mais formais como as memórias, as cartas da administração privada e as cartas oficiais, sendo as orações conjuncionais são mais recorrentes que as orações de gerúndio. As perífrases de gerúndio, por sua vez, são mais comuns em situações informais, exceto em situações em que são usadas como recurso de relevo, nos termos do autor. Os demais tipos sintáticos são mais produtivos na língua falada.

Os resultados relativos à parte semântica mostraram que o imperfectivo do gerúndio é um traço importante na constituição da cena, isto é, interrompe um tópico e agrega informações ao texto. Além disso, Simões (2007) verificou um declínio dos valores semânticos das construções de gerúndio, condizente com o decréscimo da frequência de uso observada na análise quantitativa.

A partir de todos esses resultados, Simões (2007) conclui que, do século XVIII para o XX, ocorreu uma diminuição dos usos das sentenças de gerúndio adverbial e um aumento das perífrases de gerúndio. Outra questão relevante da pesquisa em tela é a relação entre os usos do gerúndio e o gênero textual em análise, visto que os usos em

declínio foram observados especialmente nas memórias, cartas da administração privada e cartas oficiais, gêneros mais monitorados e planejados.

O trabalho de Simões (2007) é muito relevante para a descrição do PB, pois registrou uma diversidade de usos e analisou o fenômeno pela perspectiva sintática, semântica e discursiva. Entretanto, para nós, com relação ao nosso objeto de estudo, algumas questões ainda ficaram abertas como, por exemplo, qual a relevância discursiva do gerúndio não perifrástico? Qual é o *status* das construções de gerúndio adjetivo no atual estágio do PB? E qual seriam os efeitos da integração do gerúndio nos gêneros argumentativos?

Além disso, apesar de algumas afinidades entre o nosso recorte teórico e o da pesquisa de Simões (2007), a proposta de se estudar a língua como um conjunto de domínios em que a reativação e/ou desativação da função em um domínio afeta o outro não se coaduna com uma pesquisa pautada na integração entre os domínios linguísticos. E, devido a essa orientação teórica, um dos pontos de crítica ao trabalho de Simões (2007) é a fragmentação da análise dos usos do gerúndio no âmbito sintático, semântico e discursivo, e é notório que o autor dá mais atenção à sintaxe, que aos demais componentes.

### **2.3.3 Reis (2010)**

Reis (2010) investiga as orações adverbiais de gerúndio sob os pressupostos funcionalistas. O foco de sua pesquisa é a ambiguidade de circunstâncias que essas orações apresentam e, a partir disso, a hipótese principal do trabalho é de que as relações semânticas associam-se a um feixe de propriedades formais e funcionais, indicando diferentes graus de integração, ou seja, as orações de gerúndio podem ter diferentes interpretações e graus de integração sintática.

Para cumprir seus objetivos, Reis (2010) faz uma análise sincrônica do Português Brasileiro e recorre a uma base de dados escritos e falados. No que tange à língua escrita, a autora analisou cartas do leitor, crônicas, artigos de opinião, notícias e reportagens coletados pela equipe do PEUL entre os anos de 2002 e 2004 de jornais de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro. As amostras de língua falada também foram coletadas pelo mesmo grupo e constituem a amostra Censo, que são 32 entrevistas estratificadas pelas variáveis sexo (homem/mulher), idade (07 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos) e escolaridade (Fundamental 1, Fundamental 2 e Ensino

Médio). Essas entrevistas foram realizadas entre 1999 e 2000, e todas elas foram utilizadas por Reis (2010) em sua análise.

No que diz respeito à análise quantitativa dos dados, Reis (2010) relacionou a frequência e a circunstância em cada um dos gêneros das amostras de língua escrita, com o intuito de mostrar que as orações adverbiais são mais recorrentes nessa modalidade. Nesse sentido, de 48739 sentenças das entrevistas, 200 eram orações de gerúndio e de 14081 dos textos escritos, 487 eram orações de gerúndio. Essas conclusões, segundo a autora, confirmam os resultados de Simões (2007) em torno do declínio das orações adverbiais de gerúndio, que ainda têm maior frequência em situações de interação mais monitoradas.

Na análise qualitativa dos dados, Reis (2010) analisou as orações de gerúndio com as circunstâncias mais recorrentes, exemplificadas a seguir:

a) Modo:

E: Me conta aí o que que aconteceu, como é que foi o capítulo de ontem?

F: Ah, o capítulo de ontem foi que... a novela Terra Nostra... o Mateo não tinha arrumado emprego ainda e a Juliana o consolava, **falando** para ele não ficar preocupado, aí, vá, aconteceu muita coisa, só que eu num me lembro. (Amostra Censo 2000, fal.02)

b) Concomitância<sup>32</sup>:

O local está alagado e os pedestres são obrigados a *passarem pelo meio da rua arriscando* suas vidas perto dos carros. (Extra, Carta de leitor)

c) Condição:

F: Eu acho que... Eu acho que isso tudo continua a mesma coisa, né?cada dia tá pior. E as criança sai na rua, a gente:... não sabe se vai voltá, tem muito sequestro. Meu filho é muito bonito. Eu tenho o maior medo. Eu mando ele pra escola sozinho, porque não tem como eu pegá ele. Tem...*talvez até dá*, **dando** um jeitinho. Mas é preguiça mesmo minha de descê. Ele é um garoto muito esperto, inteligente.

Falo: “olha Evanderson, se vim alguém na rua, chamá, não vai não.” E os meus dois pequeno, eu já vou e pego. São menores. E... a violência não acaba não que é... daqui a pior. Vai piorá mais ainda! (Amostra Censo 2000, fal.08)

d) Tempo:

-E: Rômulo, sua mãe tinha me dito que você tem aula sobre atualidades na Escola. Fala um pouco desses aulas que você tem.

F: Ah, atualidades ? Ela ... a gente tem que ver uma notícia e levar para a sala de aula. **Chegando** lá, a gente tem que... *a gente amostra o professor* e tem que falar o que a gente entendemo da reportagem.

É assim, o que aconteceu no Brasil ou então em outro lugar. (Amostra Censo 2000, fal.03)

e) Finalidade:

<sup>32</sup> Para a autora, a circunstância de concomitância “constitui um tipo particular da relação temporal, mais especificamente a que sinaliza uma superposição temporal entre dois estados de coisas” (REIS, 2010, p.87).

F: Aí que eles saíram assim, eles cheg... eles saíram assim do carro, aí tiveram - pegaram minha mãe e botaram como refém e levaram pra num sei onde e meu pai foi pra casa. Contou pro meu irmão. E eu, num contou pra mim, falou que a minha mãe tava viajando, minha mãe viajô, né?, no meio do nada, viajou...que a minha vó tava passando mal, nos Estados Unidos. Aí, eh minha mãe meu pai todo dia (ele)...ele a polícia, teve com a polícia, foi na polícia (eles)...*eles ficaram ligando pro meu pai pedindo* dinheiro sobre a resgate e foi assim, aí foi assim, foi, foi, foi, foi andando assim aí depois teve um dia que pediram pra encontrar o meu pai lá, meu pai foi com a polícia,num esperavam isso, aí ele deu o dinheiro não deu o dinheiro e pegou eles. Mataram ele. (Amostra Censo 2000, fal.01)

f) Causa:

E: Você lembra de alguma coisa engraçada assim que seu avô fez?

F: Uma vez o meu primo estava mexendo no computador, aí *ele pegou o mouse do computador pensando* que era o telefone e começou a falá cidade esportiva. (Amostra Censo, 2000, fal.02)

g) Concessão:

Pois ao final de dezembro de 2003, *houve superávit primário de R\$ 2.275,5 milhões nas despesas efetivamente liquidadas e de R\$ 1.863,3 milhões, com base nas despesas empenhadas no ano passado*, mesmo **tendo** o governo Rosinha quitado 15 folhas salariais em apenas 12 meses (os 12 salários mensais devidos, mais o 13º do exercício de 2003, além dos meses de dezembro de 2002 e do 13º daquele ano, deixados sem pagar pelo governo anterior). (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

h) Consequência:

O cidadão comum só pode imaginar a podridão institucional dos bastidores políticos. E, **imaginando**, *pensar se o sr. senador Almeida Lima não foi cooptado pelo governo* - expondo-se ao ridículo – para desviar a atenção do assunto principal, que é a relação promíscua do governo com os representantes do crime organizado. Mas daí, a relegar a fato despiciente a conivência do chefe da Casa Civil com o bandidão Waldomiro Diniz, é passar atestado de imbecil em nós outros, eleitores. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

(REIS, 2010, p.87-90)

Reis analisou essas orações segundo propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas. Do ponto de vista morfossintático, as características de tempo/modo e a realização do sujeito das orações de gerúndio foram consideradas. Já as propriedades semânticas focalizadas foram os tipos de predicados da oração núcleo e os estados de coisas relacionados no período complexo. Discursivamente, a autora investigou se as orações de gerúndio trazem informação nova, retomam informação velha ou inferível.

Com esses parâmetros para a análise, Reis (2010) concluiu que a combinação dessas propriedades pode possibilitar a interpretação de uma das circunstâncias, tanto na língua escrita, quanto na língua falada. Ela percebeu também que há uma preponderância das orações adverbiais de gerúndio nos gêneros argumentativos em detrimento das entrevistas e dos gêneros narrativos.

Outra conclusão de Reis (2010) foi de que as diferentes propriedades de diferentes circunstâncias das orações adverbiais mostram que elas não são um conjunto homogêneo como a tradição gramatical, por exemplo, trata, e que elas se organizam num *continuum* de vinculação. As orações de concomitância e modo são as mais integradas à oração núcleo, pois compartilham todas as propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas e, com isso, de acordo com a autora, surge a ambiguidade. Em seguida, o *continuum* é constituído pelas orações de condição e causa, depois pelas temporais, consecutivas e concessivas e, por fim, as orações finais, que são menos integradas e com menor possibilidade de ambiguidade.

Diante dessas constatações, reconhecemos a importância do trabalho de Reis (2010) por vincular morfossintaxe, semântica e discurso na descrição das orações adverbiais de gerúndio no PB. Essa pesquisa também foi relevante por trabalhar com *corpora* recentes do PB, mostrando as tendências atuais da nossa língua, além de fazer uma articulação entre os usos do gerúndio e os gêneros textuais, em especial os gêneros argumentativos. No entanto, a pesquisa em tela poderia aprofundar a relação entre o uso do gerúndio e as questões contextuais, partindo da relação com o gênero.

#### 2.3.4 Torres (2014)

Torres (2014) pesquisou as construções gerundivas<sup>33</sup> da Língua Portuguesa dos séculos XVI ao XX. Em seu estudo, o autor se propôs a descrever os domínios funcionais (GIVÓN, 1984) aspecto-temporal e aspecto-circunstancial do gerúndio no PB e no PE. Para cumprir esse objetivo, um *corpus* diacrônico foi constituído de textos representativos das variedades do Português europeu e brasileiro de cada um dos séculos supracitados.

Assim, Torres (2014), retomando Campos (1972), apresenta uma classificação do gerúndio para que os domínios aspecto-temporal e aspecto-circunstancial sejam analisados. Essa classificação segue um critério formal e outro semântico-sintático. Desse modo, para Torres (2014), do ponto de vista formal, o gerúndio pode ser:

---

<sup>33</sup> Torres (2014, p.26) utilizou “intercambiavelmente, as expressões construções gerundivas, construções com gerúndio, orações com gerúndio, entre outras, para se referir às construções de que o gerúndio faz parte, seja o gerúndio simples, seja o gerúndio perifrástico, o duplo gerúndio ou o gerúndio composto”. O termo “construções gerundivas” não está, portanto, relacionado à forma do gerundivo.

- a) **Simplex**<sup>34</sup>: “ (173) – (...) *Não sou mais um daqueles sacerdotes de perna cabeluda celebrando a missa com cálice de cornos de touros.* (B 20 2 BI 63)” (TORRES, 2014, p.151).
- b) **Perifrástico**: “*Não estou pedindo* que o povo pegue em armas, incendeie os celeiros...” (TORRES, 2014, p.61).
- c) **Composto**: “*Sendo* assi *crucificado* o Redêptor do mundo, crucificarão tãbê os dous ladrões (E 16 2 MCM 96).” (TORRES, 2014, p.92).
- d) **Duplo**: “& *estando* assi os entêdimentos *vendo* a Deos claramête a vôtade está vnida e abraçada com o mesmo Deos, está fruindo & gozãdo daquele summo bem, ve alma a Deos no mesmo Deos (E 16 2 MCM 138)” (TORRES, 2014, p.66).

E, da perspectiva semântico-sintática, o gerúndio, segundo Torres (2014), possui a seguinte configuração:

- a) **Circunstancial**: “Assim se fez, e Itaoca, não *podendo* revelar o gênio criador, portou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vai-com-as-outras. (TORRES, 2014, p.59).
- b) **Adjetivo**: “Vê-se uma chaminé *aflorando* de um barracão de madeira e grandes toros empilhados à margem da corrente.” (TORRES, 2014, p.59).
- c) **Coordenado**: “E sacudiam a pedra dentro do poço, *mergulhando* para pegá-la no fundo.” (TORRES, 2014, p.60).
- d) **Independente**: “(Aves *chocando* contra aviões) não é uma situação.” (TORRES, 2014, p.62).
- e) **Narrativo**: “O sol *entrando* pela porta aberta que dava para o terraço. Batiam pratos na copa. O cachorro *latindo* para o Doutor Zózimo.” (TORRES, 2014, p.60).
- f) **Descritivo**: “Laurentina ruma a sua miséria: as figuras dos credore desfilam uma a uma em sua mente. A viúva Mendonça, pequenina, *fazendo* caretas. O italiano do armazém, de cara grande e vermelha. (B 20 1 CC 99)” (TORRES, 2014, p.68).

---

<sup>34</sup> Gerúndio simples, segundo o autor, é a estrutura formal do gerúndio que não se estrutura numa perífrase verbal. Essa denominação corresponde à estrutura que denominamos de “gerúndio não perifrástico”.

**g) Conectivo:** “*Sendo afsi*, que nem há, nem aconteceo em todo este Reyno & fuas conquistas, coufa digna de mais elegante efcritura (E 17 1 HAM 13)” (TORRES, 2014, p.68).

Com essa classificação estabelecida, o autor determina um tratamento quantitativo e qualitativo dos dados. A partir dessas categorias, o autor ainda determina que o gerúndio pode se encontrar no domínio aspecto-temporal, em que o gerúndio “no domínio aspecto-temporal, as orações ocorrem como núcleo do período oracional ou mantém com este núcleo uma relação argumental” (TORRES, 2014, p.142) ou no domínio aspecto-circunstancial em que o gerúndio estabelece uma relação que “não é argumental, mas de natureza circunstancial, podendo assumir funções discursivas diversas” (TORRES, 2014, p.142).

Em todo *corpus*, foram encontradas 3.910 ocorrências de gerúndio, sendo que 1.671 encontram-se no domínio aspecto-temporal e 2.239 no domínio aspecto circunstancial. Todas essas ocorrências foram analisadas a partir das categorias de valores sintático-semântico, valores circunstanciais, noções temporais, noções aspectuais, modalidade, relevo discursivo, século e variedade do português. Por fim, Torres (2014) avaliou os resultados dessa análise por meio do Princípio da Marcação (GIVÓN, 1990, 1991).

Nesse sentido, a avaliação do estudo mostrou que, no domínio aspecto-temporal, o gerúndio adjetivo e o coordenado são categorias não-marcadas, o gerúndio independente é intermediário, e o gerúndio narrativo e descritivo são categorias marcadas. Quanto ao domínio aspecto-circunstancial, as circunstâncias não-marcadas são as de modo, tempo e causa, as intermediárias são as de condição e finalidade, e as circunstâncias de concessão, proporção e comparação pertencem às categorias marcadas.

Além disso, Torres (2014) também propôs uma escala de marcação para as construções de gerúndio segundo a complexidade estrutural, a complexidade cognitiva e a frequência. Essa análise revelou que o gerúndio simples é a categoria não-marcada, o gerúndio perifrástico é a categoria intermediária e o gerúndio composto e o duplo gerúndio são categorias marcadas.

Os resultados da pesquisa dele fazem uma varredura nos usos do gerúndio em grande parte da história da língua portuguesa e, por isso, são de grande valia para um estudo que considera a mudança linguística. É interessante observar que, em termos

quantitativos, as ocorrências de gerúndio, em sua maioria, situam-se no domínio aspecto-circunstancial. Se compararmos o estudo de Torres (2014) com o de Simões (2007), percebemos que os resultados são contrários, pois, nos dados analisados no estudo de Simões (2007), há uma predominância do gerúndio aspecto-temporal (o gerúndio perifrástico, por exemplo). Isso ocorreu, provavelmente, porque o recorte de tempo de Torres (2014) é mais amplo que o de Simões (2007), bem como Torres (2014) recorre a dados do PE e do PB, enquanto que Simões faz uma diacronia com textos exclusivamente brasileiros.

Outra qualidade desse estudo é o fato de tratar em suas categorias de análise os componentes sintáticos, semânticos e discursivos. Destaque também para o tratamento cognitivo mais evidente dos dados. Em conclusão, a pesquisa de Torres é um trabalho relevante, porém, em relação à análise do PB contemporâneo, o *corpus* dessa pesquisa fica restrito a textos literários, e também não trata com maior profundidade das questões contextuais, como o gênero argumentativo, a situação de interação, estratégias cognitivas que motivaram as atuais configurações do gerúndio no PB.

Com a pesquisa de Torres (2014), encerramos nossa investigação dos estudos sobre o gerúndio não perifrástico na literatura linguística. Na próxima seção, apresentamos algumas considerações em torno da “proibição” do gerúndio no ensino formal.

#### **2.4 A “proibição” do uso do gerúndio no ensino formal**

No ano de 2007, o então governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, emitiu o decreto 28.314, no qual proibia o uso do gerúndio nos órgãos do Governo do Distrito Federal, com “desculpa de INEFICIÊNCIA” (DISTRITO FEDERAL, 2007, p.19). Esse fato, na época, chamou muito a atenção da imprensa, pois foi a primeira vez que houve uma proibição do Estado ao uso de uma estrutura linguística, por meio de decreto oficial, e, ao mesmo tempo, motivou o debate sobre o motivo pelo qual o governador “demitiu”<sup>35</sup> o gerúndio, a sensação que essa forma dá aos falantes da falta de comprometimento diante do que é dito (ou escrito).

Após esse impacto na mídia, o ex-governador explicou que a sua intenção em “proibir” o gerúndio era para os funcionários públicos não fazerem uso das perífrases

---

<sup>35</sup> O verbo “demitir” foi utilizado pela imprensa na época para ironizar a atitude do governador.

gerundivas ou o gerundismo como ficou conhecido<sup>36</sup>; não se aplicava ao gerúndio, perifrástico ou não perifrástico, pois segundo o ex-governador o gerundismo demonstra falta de compromisso com a prestação de serviços para a população.

Nesse sentido, Torres & Coan (2011, p. 233) afirmam que essa atitude protecionista da língua, nos termos de Bagno (2002) por parte do governador reforça o preconceito linguístico com as perífrases gerundivas, com o respaldo do Estado. Os autores ainda afirmam que o preconceito linguístico:

É responsável pela segregação dos falantes em dois grandes grupos: os que conhecem a língua e são bons usuários dela versus os que não conhecem a língua e são deturpadores dela. Ao primeiro grupo, pertence uma classe privilegiada, com dons inquestionáveis de dominar o idioma; ao segundo, a grande maioria da população brasileira, acusada de assassinar o idioma.  
(TORRES & COAN, 2011, p.233)

Diante dessas afirmações, observamos que não são apenas as perífrases gerundivas (e os seus falantes) que são alvo de preconceito linguístico, mas o gerúndio, nas suas duas formas de apresentação, também são alvo de preconceito linguístico também.

Sendo assim, entendemos ser necessária a verificação de como as gramáticas tradicionais tratam o gerúndio, e não as perífrases gerundivas caracterizadas como gerundismo, como “certo” ou “errado”, pois a tradição gramatical ainda tem força no estabelecimento de comportamentos linguísticos dos falantes e nos seus preconceitos linguísticos. Uma das preocupações dos falantes ao se produzir um texto em situações monitoradas, como o nosso contexto de geração de dados, é se adequar à norma padrão. Então, essa proibição do gerúndio poderia afetar a nossa geração de dados.

Dos autores gramáticos tradicionais a que recorremos para compor este capítulo, Cunha & Cintra (2013) citam que muitos autores julgam o gerúndio adjetivo um “galicismo imperdoável” (p.628), mas eles não especificam quem são esses autores e também não apresentaram explicitamente juízo de valor próprio direcionado à proibição

---

<sup>36</sup> De acordo com Torres & Coan (2011, p.230), o gerundismo é um fenômeno definido pelas seguintes propriedades: o: “(i) O gerundismo é tipicamente uma construção gerundiva com três verbos; (ii) Das construções com três verbos, só poderão ser consideradas gerundismo aquelas em que o verbo da segunda posição é o verbo estar, funcionando como auxiliar; (iii) O gerundismo expressa um estado de coisas possível, uma modalidade não-factual. É um enunciado que não expressa certeza, mas promessa ou possibilidade de um determinado fato ocorrer; (iv) O gerundismo, como variante da codificação de tempo futuro, ocorre posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência ou a qualquer outra expressão de futuridade, mas nunca é coterminante ao momento de referência”.

desse tipo de gerúndio, embora ao reproduzir o que outros autores dizem acabam por reafirmar sua posição contrária ao uso do gerúndio.

Outro gramático presente neste capítulo foi Bechara (2015). Ele comenta sobre o uso do *sendo* como um estilo próprio da “literatura jornalística” e de “escritores inexperientes” e sem nenhum valor circunstancial. O autor recomenda “fugir desse cacoete sintático” com as seguintes recomendações:

- a) Usando-se a conjunção *e* no lugar de *sendo que*;
- b) Usando-se sinal adequado de pontuação como, por exemplo, ponto e vírgula;
- c) Usando-se a construção com relativo ou outra adequada.

(BECHARA, 2015, P.540)

É interessante observar que Bechara (2015) recomenda a substituição de *e* no lugar de *sendo que* e, anteriormente, afirma que *sendo* não tem nenhum valor circunstancial. Prototipicamente, a conjunção *e* expressa a ideia de adição, e, apesar de que a substituição de um termo por outro no enunciado irá provocar mudanças irreversíveis no seu sentido, alguns traços de proximidade os termos substituídos apresentam. Então, como dizer que *sendo* ou *sendo que* não apresenta nenhum valor circunstancial?

Além disso, Bechara (2015) sugere a substituição de *sendo* por um pronome relativo, porém anteriormente, o próprio autor afirmou que era melhor usar o gerúndio ao invés de uma oração relativa. Se existe essa possibilidade de troca, talvez o *sendo* ou o *sendo que* esteja apresentando alguns traços ou funções semelhantes de um pronome relativo e não é um “cacoete sintático”.

Ademais, o autor não explica os efeitos dessas circunstâncias e apenas apresenta algumas propriedades sintáticas em torno da posição do sujeito e das relações entre as orações reduzidas. Essas propriedades aparecem em seção separada, sem qualquer relação com as circunstâncias das orações reduzidas adverbiais.

O autor defende que esses usos do gerúndio como adjetivo são resultado de uma evolução da língua, e não uma influência do francês no português. Contudo, ele assinala que muitos gramáticos (não citados pelo autor) acusam esse emprego do gerúndio como um galicismo, tal como Cunha e Cintra (2013), mas, para Bechara (2015), é melhor adotar o gerúndio que uma oração relativa, porém, isso não significa que se deve adotá-lo a todo tempo, pois “o seu acúmulo é sinal de mau gosto” (BECHARA, 2015, p.534).

A postura de Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2013) pode estar na base da ampla e generalizada rejeição do gerúndio por parte dos professores de redação Brasil afora.

Bechara (2015) “culpa” os jornalistas pelo uso de um dos tipos do gerúndio. Então buscamos o que os manuais dos jornais *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* recomendam em relação ao gerúndio, e os dois documentos pedem que o uso do gerúndio seja o mínimo possível. Para o manual do jornal *Estado de São Paulo* (MARTINS, 1997), o uso do gerúndio deve ser “comedido” de modo geral e evitado nos títulos de reportagens, artigos, notícias, sendo substituído, “com vantagem”, por formas do presente do indicativo.

Já o manual da *Folha de São Paulo* recomenda que não se inicie as frases com o gerúndio com a justificativa de que essa forma deixa o período longo e deixa o texto menos ágil. Porém, o gerúndio pode ser “conveniente” por evitar o uso de conjunção. Outra recomendação é que um lide noticioso não comece com gerúndio. Cançado (2005) afirma que o motivo da rejeição do gerúndio em manuais de redação é o fato dessas construções serem ambíguas.

Esses manuais sinalizam, portanto, o contrário de Bechara (2015) em relação à origem do “uso imperdoável” do gerúndio, pois eles condenam o seu uso. Por isso não é surpresa o fato de textos como *O manifesto antigerundista*<sup>37</sup> de Ricardo Freire tenha sido publicado em vários veículos de comunicação. O preconceito linguístico é a única explicação para que o gerúndio seja proibido, visto que não há nenhum argumento científico que justifique essa suposta “inadequação” do gerúndio.

Até mesmo em pesquisas linguísticas existe uma rejeição ao gerúndio. Costa *et alii* (2013) analisaram 137 redações escolares de alunos de ensino médio de escolas públicas e uma das conclusões a que os autores chegaram foi um alto índice de “sequências inadequadas de reduzidas de gerúndio” (COSTA *et alii*, 2013, p.1250). Os autores ainda acrescentam que essa organização do texto não é prejudicial à informação do texto, mas provoca um estranhamento. Ou seja, essas sequências são estranhas porque são consideradas por uma perspectiva ainda normativa e não uma possibilidade de mudança no padrão de organização textual.

Diante dessas “restrições” que são feitas ao gerúndio por parte das gramáticas, dos manuais e até de professores e pesquisadores, retomamos as observações de Bagno (2002) de que o preconceito linguístico em relação gerúndio ocorre devido ao mito de

---

<sup>37</sup> Texto disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/509836>. Acesso em 27/06/2018.

que o português europeu é melhor que o português brasileiro e, como no português europeu o gerúndio apresenta uma configuração diferente da nossa, a rejeição do gerúndio brasileiro tem base nesse mito.

Por fim, concluímos que é necessário que pesquisas apresentem e aprofundem essa diversidade dos usos do gerúndio no PB para que o ensino de língua portuguesa também se aproprie desses conhecimentos, e o gerúndio seja visto como uma forma linguística multifuncional a serviço dos propósitos dos falantes, e não uma inadequação ou “erro”.

## 2.5 Considerações finais do capítulo

Todas as gramáticas e pesquisas estudadas neste capítulo mostraram uma diversidade de usos do gerúndio no PB, indicando que algumas das funções do gerúndio da língua latina se mantiveram em nossa língua e que outras funções de formas extintas, como o participio presente, se agregaram à forma em estudo. Outros usos do gerúndio são resultado de mudanças linguísticas tão profundas, típicas do português e ainda há outros usos do gerúndio que são a marca da língua portuguesa do Brasil.

Ao realizar todo esse percurso, percebemos que não existem rupturas no pensamento sobre a linguagem, mas sim um *continuum* no qual as etapas anteriores contribuem para o avanço de novas discussões e, assim, produzir conhecimento. Nesse sentido, as gramáticas tradicionais pesquisadas mostraram diversos usos do gerúndio, inclusive os que fogem da expressão do aspecto e da circunstância, funções típicas da forma em estudo.

Entretanto, por não estarem calcadas sistematicamente em uma base científica e metodológica de análise da língua, elas foram imprecisas no que diz respeito ao pareamento forma-função, bem como não se aprofundaram em questões contextuais que explicariam o funcionamento do gerúndio. Não há um critério que explique o funcionamento do gerúndio em seus diversos usos. As orações reduzidas, por exemplo, são apresentadas apenas pelas circunstâncias que expressam, sem considerar suas propriedades sintáticas, nem a possibilidade de ambiguidade. A análise do gerúndio perifrástico, por sua vez, fica restrita à expressão do aspecto e os outros tipos de gerúndio como o adjetivo e o adverbial são apenas expostos, sem quaisquer explicações.

Quanto às gramáticas produzidas por linguistas, há claramente um avanço em relação às gramáticas tradicionais na direção da fundamentação teórica e metodológica e a busca por uma descrição que contemple a diversidade dos usos reais da nossa língua. No mapeamento dos usos do gerúndio nas obras estudadas no capítulo, há uma preocupação em analisar as funções que as formas linguísticas têm em diferentes contextos morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos. Esse trecho do itinerário traçado neste capítulo nos mostrou que essas gramáticas têm muito a contribuir, e essas possibilidades foram pouquíssimo exploradas.

Apesar disso, no que concerne ao gerúndio, essas gramáticas, na prática, ainda estão presas aos critérios morfossintáticos e semânticos. Bagno (2011), apesar de reconhecer o caráter fluido do gerúndio, e que este pode transitar por várias categorias, também não analisa com mais cuidado questões contextuais que podem interferir na configuração desses usos, embora não desconsideramos a seção em sua obra que traz uma análise diferenciada em torno do fenômeno conhecido por “gerundismo”. Castilho (2010) vai um pouco mais além. Talvez pela característica da sua obra de dar voz às várias pesquisas linguísticas e pelo viés teórico adotado, descreve o gerúndio de um modo mais extenso, considerando do nível morfossintático ao discursivo, enfocando, porém, a morfossintaxe.

Nesse momento, é necessário ressaltar que as fendas existentes nas gramáticas linguísticas do PB devem-se aos limites dessas obras que são de descrever o funcionamento da língua como um todo e, portanto, não há uma investigação detalhada sobre fenômenos específicos da língua. Esse papel está designado às pesquisas linguísticas que irão retroalimentar essas gramáticas e, assim, dar continuidade ao desenvolvimento do pensamento linguístico.

As pesquisas linguísticas aqui estudadas, por estarem situadas no espectro funcionalista, são orientadas para uma análise que aborda questões sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas, mas não aprofundam o pareamento entre esses componentes. Nossa pesquisa avança nesse sentido por analisar, a partir da LCU, como ocorre o pareamento forma-função do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos.

No próximo capítulo, apresentamos a metodologia usada para a elaboração desta tese.

## **CAPÍTULO 3- REFERENCIAL METODOLÓGICO**

### **3.0. Introdução**

Neste capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos que norteiam a geração de dados e análise de dados desta tese. Entendemos que, para analisarmos o uso do gerúndio em textos escritos argumentativos de estudantes da Educação Básica pelo prisma da LCU e dos ECD, a metodologia qualitativa de pesquisa está em primeiro plano e é preciso considerar o texto como unidade de análise e todos os fatores contextuais que envolvem a construção dos usos do gerúndio nesses textos. Por isso, a primeira parte deste capítulo (seção 3.1) contempla a apresentação dos pressupostos do método qualitativo de geração de dados, a partir das contribuições de Haguette (1987), Godoy (1995), Flick (2009) e outros. Na seção 3.2, apresentamos os pressupostos da etnografia e, nas seções 3.3, 3.4, 3.5 e 3.6 a pesquisa-ação, os gêneros textuais, as abordagens ideológicas do letramento e as sequências didáticas são abordadas, respectivamente. Neste capítulo também apresentamos, em 3.7 o contexto de geração de dados: o CEF 27 da Ceilândia. Na seção 3.8, fazemos uma breve descrição dos procedimentos das Sequências Didáticas que resultaram na geração dos dados e, por fim, na seção 3.9 explicitamos como processaremos os dados para a posterior análise.

### **3.1 Pesquisa qualitativa: uma introdução**

Os métodos qualitativos de pesquisa se desenvolveram no âmbito das ciências sociais a partir do interacionismo simbólico, que é, de acordo com Carvalho *et alii.* (2010), uma teoria que explica a interpretação dos indivíduos diante do mundo e das pessoas, bem como essa interpretação conduz o indivíduo a assumir determinados comportamentos.

O autor precursor do interacionismo simbólico foi Hebert Mead. Haguette (1987) afirma que esse autor, pertencente à Escola de Chicago, foi responsável por explicar que os comportamentos humanos se fundam a partir da interação entre os seres humanos e das intenções que desencadeiam essas interações. Nesse prisma, os comportamentos são simbólicos, ou seja, são passíveis de serem interpretados e de provocarem novos comportamentos diante dessas interpretações.

Entretanto, o estudioso que cunhou o termo interacionismo simbólico foi Blumer (1969 *apud* HAGUETTE, 1987) que a partir das ideias de Mead aperfeiçoou a noção de interação e comportamento social, elaborando as seguintes premissas:

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele... A segunda é que o significado dessas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho.

(BLUMER, 1969, p.2, *apud* HAGUETTE, 1987, p.35)

Todas as ações humanas, na perspectiva do interacionismo simbólico, são, portanto, dotadas de sentido e passíveis de serem interpretadas por quem realiza a ação e pelo grupo social, sendo que essas ações podem ser reinterpretadas.

Além de cunhar e aperfeiçoar a noção de interacionismo simbólico, Blumer (1969, *apud* HAGUETTE, 1987) também estabeleceu uma metodologia para a teoria. Segundo o autor, a perspectiva de análise científica deve se pautar no empirismo, ou seja, um estudo verificável em torno da vida humana em grupo e seus comportamentos. Desse modo, a metodologia estabelecida pelo autor baseia-se em três princípios: a) integralidade da busca científica, ou seja, o objeto deve ser estudado a partir da sua integração no mundo; b) o método científico está sujeito à sua aplicação no mundo empírico; c) é o mundo empírico que determina o método e não o modelo de investigação científica.

Ao estabelecer esses princípios, Haguette (1987) afirma que Blumer afastou-se dos métodos quantitativos de pesquisa e criou uma nova forma de investigação científica, bases das diversas metodologias de orientação qualitativa. Nesse sentido, o interacionismo simbólico fez com que houvesse uma mudança no modo de fazer pesquisa, uma vez que “trouxe às ciências sociais, um lugar teórico para o sujeito social como intérprete do mundo” (CARVALHO *ET ALII*, 2010, p.154).

Em suma, o interacionismo simbólico contribuiu para o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa e proporcionou desdobramentos dessa metodologia, conforme afirma Flick (2009). Contudo, outras orientações teóricas como a fenomenologia, o materialismo dialético e a etnometodologia também favorecem o desenvolvimento de métodos qualitativos. Segundo o autor, o ponto em comum de todas as abordagens qualitativas é o enfoque subjetivo, a análise das interações e a reconstrução das estruturas do campo social e seus significados.

Desse modo, a principal característica de uma pesquisa qualitativa é, segundo Godoy (1995), a descrição, análise e interpretação da situação em estudo. A abordagem qualitativa é essencialmente indutiva, ou seja, parte de situações específicas; e a partir da investigação, do contato direto com o objeto de estudo, as generalizações são formuladas. De acordo com Godoy (1995), devido a essa característica da pesquisa qualitativa, geralmente o quadro teórico é desenvolvido aos poucos, à medida que o pesquisador se aprofunda mais no contexto de pesquisa.

Em consequência disso, Flick (2009) aponta que, na pesquisa qualitativa, se faz necessário analisar o objeto de pesquisa a partir de diferentes perspectivas, e a interdisciplinaridade é uma característica presente nesse tipo de abordagem. Os métodos de geração de dados e análise de dados também são variados. Isso ocorre, segundo o autor, porque nessa modalidade de pesquisa o objeto de estudo determina o método e

Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana.

(FLICK, 2009, p.24)

Na pesquisa qualitativa, portanto, as pessoas em seus ambientes naturais são estudadas. Por isso, o pesquisador deve considerar, antes do objeto a ser analisado, os participantes da pesquisa e sua relação com o ambiente, atentando-se às questões éticas. O enfoque interpretativista da pesquisa não é centrado apenas no pesquisador, que imprime em seu estudo sua perspectiva, mas também tem a obrigação ética de respeitar e visualizar o fenômeno em estudo pela perspectiva dos participantes, pois esse olhar múltiplo leva a resultados diferenciados.

Entretanto, Godoy (1995) alerta que é necessário garantir que a perspectiva dos participantes seja realmente contemplada na pesquisa e, para isso, é necessário realizar testes entre os participantes e confrontar o ponto de vista do autor com outros pesquisadores que já investigaram a mesma situação. Por isso, os principais instrumentos na pesquisa qualitativa são o próprio pesquisador e o constante contato deste com o campo de pesquisa. Para Galeffi (2009, p.15), o rigor na pesquisa qualitativa deve ser elucidado:

A partir da atitude existencial e epistemológica do pesquisador em seu contexto de vida, segundo seus diversos níveis de constituição e de realidade, percebidos e elucidados na autocompreensão e na compreensão compartilhada de sua condição histórica – sua gênese como indivíduo,

sociedade e espécie – seu ser-aí como dado e seu ser-outro como acontecimento volátil aberto no tempo instante.

Diante disso, conclui-se que o rigor da pesquisa qualitativa se dá pelo posicionamento teórico do pesquisador e também pelo seu engajamento político, pois, ao tomar a decisão de colocar em primeiro plano os participantes da pesquisa – pesquisador e colaboradores –, requer-se um compromisso social com a comunidade pesquisada. A pesquisa torna-se, portanto, um exercício de alteridade, e voltar-se para o outro, um ato político, visto que:

A pesquisa qualitativa pode superar a dicotomia clássica entre sujeito e objeto, ciências da natureza e ciências do espírito, porque o que está em jogo são os conhecimentos que se podem alcançar e construir para o benefício e realização dos indivíduos, das sociedades e da espécie em sua unidade diversa.

(GALEFFI, 2009, p.27)

Nesse prisma, as reflexões de Flick (2009) em torno da relação entre o pesquisador e a pesquisa coadunam-se com o posicionamento supracitado. Para o autor, as reflexões a respeito de sua pesquisa e a interação do pesquisador com o campo pesquisado também impulsionam a produção do conhecimento. Em outras palavras, a subjetividade do pesquisador também é um modo de interpretar os dados, que se torna parte da pesquisa, altera os resultados finais e, portanto, deve fazer parte do espectro de análise.

Diante dessas características na pesquisa qualitativa, o pesquisador deve estar atento para sistematizar e analisar os dados de pesquisa, a fim de que não se perca o foco do processo. Günther (2006) afirma que é preciso estar atento na descrição dos seguintes passos do processo de pesquisa: a) o delineamento, ou seja, o estabelecimento das modalidades da pesquisa, como a etnografia, pesquisa-ação e estudo de caso; b) geração de dados, as técnicas de coletas de fontes de dados, se os dados gerados são dados verbais, visuais etc.; c) transcrição e d) preparação dos dados para a análise.

Associando os pressupostos da metodologia qualitativa à nossa pesquisa, acreditamos que essa orientação metodológica é coerente com nosso arcabouço teórico, tanto a LCU quanto os ECD's. Van Dijk (2015, p.15) afirma que os focos de interesse dos ECD's são “questões e problemas sociais, desigualdade social, da dominação e de fenômenos relacionados ao papel do discurso, do uso linguístico ou da comunicação em tais fenômenos em particular”. Nesse sentido, nossa pesquisa busca mostrar como os

usos do gerúndio expressam estruturas ideológicas do discurso em textos argumentativos escritos e, por isso, nos preocupamos em verificar essas questões entre os participantes da pesquisa.

Além disso, por se tratar de uma geração de dados em contexto escolar, a pesquisa qualitativa se faz necessária, devido à diversidade desse campo, bem como o compromisso ético, enquanto pesquisadora e professora, de interferir e propor mudanças na prática docente e, com isso, proporcionar a melhoria no aprendizado e letramento dos estudantes da Educação Básica.

Além do caráter qualitativo da nossa pesquisa, optamos por uma interface com o método quantitativo, uma vez que a metodologia qualitativa tem por princípio a flexibilidade de combinação com outros métodos de pesquisa (GÜNTHER, 2006). A pesquisa quantitativa em nosso estudo deu subsídios para evidenciar os padrões inovadores dos usos do gerúndio, ou seja, a partir da análise da quantidade de ocorrências dos usos do gerúndio foi possível identificar indícios de processos de mudança das construções de gerúndio em textos argumentativos no PB, que foram confirmados a partir da interação dos fatores de análise qualitativos. A pesquisa desses padrões, dessas construções e possíveis mudanças linguísticas encontra respaldo no quadro teórico da LCU.

Enfim, como Günther (2006) conclui, essa postura reflete uma visão não dicotômica do processo de pesquisa, que busca resultados que irão mostrar a compreensão do fenômeno de modo satisfatório e um retorno positivo para os colaboradores da pesquisa. Com os pressupostos básicos da metodologia qualitativa estabelecidos nesta seção, especificamos como operacionalizamos nossa pesquisa dentro desse espectro metodológico, respeitando nosso arcabouço teórico e as particularidades do campo de pesquisa, conforme já foi explicitado. Portanto, na próxima seção apresentamos os princípios da etnografia escolar, a materialização da investigação qualitativa desta tese.

### **3.2. A etnografia escolar**

Antes de estabelecermos os princípios da etnografia escolar, é necessário apresentar a etnografia como metodologia de pesquisa. Segundo André (1995), a etnografia é uma tendência metodológica criada no âmbito da antropologia, derivada do interacionismo simbólico. De acordo com autora, a etnografia, em sua origem

etimológica, significa “descrição de uma cultura”, e nasceu com dois objetivos: i) identificar dados dos valores, crenças, práticas e comportamentos de um agrupamento social por meio de técnicas específicas e ii) descrever o resultado das análises a partir do uso dessas técnicas de pesquisa.

Nesse sentido, Wolcott (1988) afirma que a tarefa de um etnógrafo é um processo e, ao mesmo tempo, um produto, pois, na etnografia, ao mesmo tempo em que os dados são identificados/produzidos, a análise é estabelecida e modificada de acordo com o comportamento desses dados. Assim, na etnografia, o pesquisador procura estar em contato com os participantes da pesquisa em seu ambiente por um período de tempo para interpretar com precisão os comportamentos presentes.

Quanto às características, a etnografia apresenta as seguintes configurações:

- (1) Foco particular nas especificidades da performance naturalmente ocorrentes na fala;
- (2) Foco geral nas entidades sociais e culturais, consideradas e descritas como sistemas inteiros em comparação com outros sistemas em outras sociedades;
- (3) Foco no significado social da fala em adição aos seus significados referenciais;
- (4) Foco nos significados da ação social que ocorre naturalmente do ponto de vista dos atores nela engajados.

(ERICKSON, 2004, p. 2)

O desafio da etnografia escolar em nossa pesquisa foi buscar esses focos também na escrita, dado o objeto de estudo escolhido.

Para alcançar esses objetivos, André (1995) afirma que o etnógrafo faz uso da observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. Na observação participante, Erickson (2004) afirma que o pesquisador, ao adotar essa técnica, tem de tomar o cuidado de não interferir no curso das ações por ele analisadas, sem julgar os comportamentos dos participantes e tentando compreender as perspectivas deles. Essa não interferência será discutida mais abaixo, quando identificamos um certo paradoxo quando se trata de ambiente escolar.

Como o próprio autor assevera, é difícil assumir o papel de observador participante, pois a presença do etnógrafo no ambiente já causa alteração no comportamento dos participantes integrais da pesquisa, apesar do autor afirmar que os níveis de interferência do pesquisador no ambiente podem ser controlados. Outra questão a ser considerada é o fato de que, por se inserir em uma abordagem qualitativa, as impressões do etnógrafo também são fatores de análise. Porém, Erickson (2004)

lembra que a posição do estudioso deve ser crítica, pautando-se no referencial teórico adotado na pesquisa. O pesquisador deve ser, ao mesmo tempo, “um estranho e um amigo no ambiente do campo” (ERICKSON, 2004, p. 15) Por isso, é importante o pesquisador saber se relacionar com os membros da comunidade/ambiente em estudo e a escolha de situações a serem vivenciadas.

Diante dessas técnicas, conclui-se que a pesquisa etnográfica busca apresentar e analisar os dados a partir de várias perspectivas, o que Erickson (2004) chama de triangulação. Portanto, a triangulação de dados é relevante na etnografia porque ela valida a análise do pesquisador, ou seja, confirma a interpretação que o pesquisador teve do fenômeno analisado.

Os princípios da pesquisa etnográfica aqui apresentados têm servido a pesquisadores não apenas da antropologia, pois esses métodos não são exclusivos a essa ciência (WOLCOTT, 1988). Muitas áreas das ciências humanas fazem uso desses métodos, incluindo a educação. Nesse prisma, Wolcott (1988) afirma que os princípios da etnografia podem ser aplicados à educação, caracterizando a pesquisa como de **tipo etnográfico** e não uma **etnografia** em seu sentido clássico. Isso ocorre, segundo o autor, porque o foco da pesquisa em educação são os processos educativos e não a cultura em si.

André (1995, p.28) afirma que, ao utilizar as técnicas de observação participante, entrevista intensiva e a análise de documentos, o pesquisador em educação adota o referencial metodológico do tipo etnográfico. A autora ainda afirma que a pesquisa etnográfica em educação alinha-se à etnografia por partilhar os seguintes princípios:

- 1) A interação constante entre pesquisador e participantes da pesquisa: o pesquisador tem contato direto e constante com a situação pesquisada e os participantes da pesquisa e, com isso, acaba afetando e sendo afetado. Ênfase no processo: no processo de pesquisa na escola, a preocupação é com o processo, com o que os dados revelam.
- 2) O caráter interpretativo da pesquisa: na escola, o pesquisador passa um período no ambiente escolar e se torna o principal instrumento de pesquisa, modificando o referencial teórico, as perguntas de pesquisa e as técnicas de geração de dados.
- 3) Trabalho de campo: toda geração de dados ocorre no ambiente escolar, ao contrário da pesquisa experimental, não há controle das ações dos participantes, ou retirada dos mesmos de seu ambiente.

- 4) **Indução e Descrição:** o objetivo da etnografia escolar é o estabelecimento de hipóteses, ou seja, a comprovação de fatos diante de sua observação, descrição e análise. Na etnografia escolar, parte-se de dados empíricos para comprovar as hipóteses e não ao contrário.

Ainda há outras características específicas dessa modalidade de pesquisa. Segundo Erickson (2004), a etnografia escolar ocorre apenas em sociedades modernas complexas, pois em sociedades tradicionais o meio de transmissão da cultura mais direto não é a escola, ou seja, a escola não é a transmissora de todo material cultural da sociedade e, por isso, a etnografia escolar não se encaixa totalmente no modelo clássico de pesquisa etnográfica.

Outra especificidade a ser considerada na etnografia de cunho escolar é a sua dimensão colaborativa. O ambiente escolar é constituído por variadas pessoas de classes e papéis diferenciados, com relações de influência e autoridade bem estabelecidas. Contudo, como afirma Erickson (2004), para que os objetivos da escola sejam alcançados, a colaboração entre todos os componentes é uma condição necessária.

Segundo Erickson (2004, p. 40),

A prática colaboradora é essencial para um ensino e um aprendizado excelentes em salas de aula. Isto parece especialmente verdade dada a atual ênfase na reforma educacional do ensino que favorece o raciocínio e o entendimento dos estudantes e o fortalecimento profissional de professores. Colaboração parece ser uma condição necessária se a prática no ensino for aprimorada de forma fundamental e duradoura. Nada duradouro pode ser executado de maneira educacional sem alguma acomodação mútua e sem pensamento compartilhado por professores e seus alunos, que são seus principais colaboradores.

Nesse sentido, a pesquisa de cunho etnográfico assume um papel social muito importante de colaborar para a melhoria do ensino e aprendizagem no ambiente escolar. O pesquisador que se insere nesse ambiente torna-se também um colaborador, comprometido em contribuir com o seu campo de pesquisa.

Aplicando esses pressupostos em nossa pesquisa, é preciso ter cautela na seleção dos textos a serem analisados, pois devemos considerar o ambiente de produção de texto, se houve maior ou menor monitoramento no momento da produção textual, se houve fatores que atrapalharam o momento da produção de texto, se os participantes se sentiram intimidados com a presença da pesquisadora, que é a professora-regente, e outras questões.

Para evitar que a pesquisa tenha seus resultados alterados, Erickson (2004) sugere que o pesquisador tente variar os tipos de participação no ambiente pesquisado; contudo, nossa reflexão em torno dessa recomendação seria: como diminuir o controle/participação se o papel da pesquisadora no contexto da nossa pesquisa é o de professora-regente? Nesse contexto, o professor também tem uma obrigação profissional e ética de interferir nas situações de classe, o que torna o papel do pesquisador paradoxal.

Nesse sentido, acreditamos que, para cumprirmos os objetivos propostos na pesquisa e considerando o contexto de geração de dados, adotamos alguns princípios da etnografia escolar, assim como André (1995) aponta, que se coadunam com a natureza do nosso objeto de pesquisa, com o contexto de geração de dados e, principalmente, com os colaboradores da pesquisa. Entretanto, não adotamos apenas esse referencial metodológico, pois consideramos o fato de que a dimensão subjetiva do pesquisador é relevante numa abordagem qualitativa como a nossa, e eu como professora-regente e professora-pesquisadora, não poderia desvincular da minha prática o compromisso social e político de promover melhorias no aprendizado dos meus alunos e de aprimorar a minha prática também.

Dessa maneira, o referencial da pesquisa-ação (TRIPP, 2005; BARBIER, 2007) pareceu-me bastante adequado a esta pesquisa e, por isso, resolvi adotá-lo como parte do percurso de geração e análise de dados. Na próxima seção, apresento os princípios da pesquisa-ação que nortearam a minha pesquisa.

### **3.3 Pesquisa-ação**

A pesquisa-ação é caracterizada como uma intervenção no ambiente de pesquisa. Como o próprio termo sinaliza, Dionne (2007) entende que os seus limites não são bem definidos, pois seria a pesquisa-ação um modo de pesquisa ou um modo de agir? O autor levanta os seguintes questionamentos em torno da modalidade:

- Trata-se de uma técnica de pesquisa ou de uma técnica de intervenção?
- Existe uma metodologia específica de pesquisa-ação?
- Deve-se reconhecer uma multiplicidade de práticas de pesquisa-ação, quando se observa a diversidade ou até as divergências de práticas naquele campo?
- A pesquisa-ação contribui para produzir saberes novos ou renovar práticas de intervenção?

- A pesquisa-ação permite questionar a relação entre ciência e ação?  
(DIONNE, 2007, p.25)

Todos esses questionamentos ocorrem em torno da pesquisa-ação porque, segundo Tripp (2005), existe uma tênue divisão entre a pesquisa científica clássica, a prática rotineira e a pesquisa-ação. O autor ainda alerta para a possibilidade da rejeição dessa modalidade de pesquisa devido a uma definição muito vaga, que é a de um conjunto de práticas que promovam mudanças em um determinado ambiente. Tendo apenas essa definição, o autor afirma que não há um rigor metodológico que qualifique a pesquisa-ação como um método de pesquisa. Além disso, críticos podem afirmar que a pesquisa-ação é apenas uma pesquisa clássica aplicada.

Nesse prisma, Tripp (2005) afirma que, para superar esses questionamentos em torno da pesquisa-ação, é preciso entender que ela é um modo de investigação que se utiliza de técnicas de pesquisa consagradas, a fim de propor ações para intervir numa determinada realidade. A pesquisa-ação também deve atender a critérios da pesquisa acadêmica como originalidade e validade. Em outras palavras, a pesquisa-ação pode lançar mão de procedimentos próprios de outras metodologias, como a abordagem qualitativa ou a etnografia, por exemplo, com o objetivo de intervir e modificar uma determinada realidade.

Desse modo, é possível dizer que a pesquisa-ação associa a prática à pesquisa científica. Dionne (2007) afirma que, na pesquisa-ação, o objetivo final é modificar um contexto e que por essa razão a ação predomina. Porém, no processo de intervenção, o pesquisador “é convidado a desenvolver reflexões sistemáticas quanto ao sentido a dar a sua ação, a sua prática” (DIONNE, 2007, p. 29). Em outras palavras, a pesquisa-ação é “uma práxis que esclarece e alimenta o processo de conhecimento” (HAGUETTE, 1987, p.116).

Diante disso, a pesquisa-ação tem por característica a diversidade, uma vez que o contexto de pesquisa, seus participantes e a subjetividade do pesquisador fundamentam as ações; as escolhas teóricas e de procedimentos metodológicos são determinadas no decorrer do processo de pesquisa. Em decorrência disso, existe uma variedade de vertentes da pesquisa-ação desde sua criação, que muitos atribuem a Lewin (1944, *apud* ANDRÉ, 1995). Esse estudioso observava relações sociais e estabelecia estratégias para modificar os comportamentos dos indivíduos e, a partir disso, determinou as seguintes características para a pesquisa-ação: “análise, coleta de

dados e conceituação de problemas; planejamento da ação, execução e nova coleta de dados para avaliá-la; repetição desse ciclo de atividades” (ANDRÉ, 1995, p. 31).

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação não se aplica apenas ao campo educacional. De acordo com o autor, trabalhos na área da administração, desenvolvimento comunitário e mudança organizacional e outros podem adotar o referencial da pesquisa-ação. Nesse sentido, a pesquisa-ação não surgiu e nem se restringe ao campo educacional (TRIPP, 2005). Mas, quando se aplica a esse campo, o que se observa são variações da pesquisa-ação (BARBIER, 2007) em que a intervenção em um contexto é o princípio básico e o objetivo principal. Ela é “(...) uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos (...)” (TRIPP, 2005, p.445). Dionne (2007, p.77) sintetizou as características da pesquisa-ação no quadro a seguir:

Quadro 6 - Resumo das principais características da pesquisa-ação (DIONNE, 2007,p.77)

A pesquisa-ação é antes de tudo um modo de intervenção coletiva que se insere em um processo de mudança social.  
 É realizada junto a grupos reais e é centrada em uma situação concreta, que constitui problema.  
 Sua duração é a de um projeto de intervenção.  
 Persegue dois objetivos concomitantes: modificar uma dada situação e adquirir novos conhecimentos.  
 Pressupõem-se vínculos estreitos entre pesquisadores e atores.  
 Fortalece o relacionamento entre teoria e prática.  
 Permite gerar conhecimentos novos e originais.  
 Tem um alcance sócio-político maior.

Diante da diversidade da pesquisa-ação, a linha de Barbier (2007, p.74-75) propõe um modelo aberto de pesquisa-ação, no qual considera quatro tipos principais desse método: i) a pesquisa-ação predominantemente psicossocial, ii) a predominantemente experimental, iii) a predominantemente existencial e iv) a predominantemente transpessoal. É importante salientar que este modelo não é fechado, e esses tipos podem compartilhar traços entre si. Outro ponto relevante sobre essa variedade é que os tipos se diferem pelo grau de envolvimento que o pesquisador tem no ambiente da pesquisa.

Os tipos psicossocial e experimental são metodologias em que o pesquisador procura investigar e intervir em uma situação, porém sem muito envolvimento, troca de experiência entre o pesquisador e os demais sujeitos da pesquisa e, principalmente, participação desses sujeitos de pesquisa. Já as pesquisas do tipo existencial e transpessoal propõem uma investigação que pressupõe, por parte do pesquisador, compromisso e envolvimento com os sujeitos e também consideram as dimensões pessoal, social e mítica de todos os envolvidos.

Em nosso estudo, adotamos princípios da pesquisa-ação existencial de Barbier (2007). De acordo com esse autor, não se pode mais conceber uma pesquisa centrada exclusivamente no pesquisador e na sua interferência no universo da pesquisa, pois:

Os sujeitos não são mais ratos de laboratório, mas pessoas que decidiram compreender ou lutar e não aceitam ser privados das análises ligadas às informações transmitidas aos pesquisadores e diretamente saídas de suas tragédias cotidianas. **Eles querem saber e participar.**

(BARBIER, 2007, p.65) (grifos nossos)

Segundo palavras desse estudioso, não existe pesquisa-ação sem participação coletiva, todos os envolvidos – pesquisador(es) e os demais participantes – integram-se pessoalmente no processo da pesquisa, visto que a escolha de um tema de estudo é uma escolha afetiva. E, por outro lado, os sujeitos têm desejos e intencionalidades e, certamente, interferirão no resultado final do processo.

Por esses motivos, o objetivo da pesquisa-ação existencial é “uma mudança de atitude do sujeito (indivíduo ou grupo) em relação à realidade que se impõe em última instância” (BARBIER, 2007, p.71). No entanto, não se pode esperar essa mudança de atitude dos sujeitos participantes da pesquisa, principalmente em contextos escolares como o que estamos estudando, em que fatores externos ao ambiente da escola também interferem na conduta dos participantes. Então, o que eu espero nesse tipo pesquisa é “favorecer bastante o imaginário criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a complexidade humana admitida, o tempo da maturação e o instante da descoberta” (BARBIER, 2007, p. 73) (grifos nossos).

Apresentados os princípios da pesquisa-ação existencial, como ela se realiza? De acordo com Barbier (2007), existem quatro pilares metodológicos: 1) a identificação do problema e a contratualização; 2) o planejamento e a realização em espiral; 3) as técnicas da pesquisa-ação e 4) a teorização, a avaliação e a publicação dos resultados.

Geralmente, o pesquisador identifica uma situação-problema e se propõe a pesquisar e buscar soluções com base no contato que teve com os sujeitos envolvidos na problemática. Muitas vezes, esses sujeitos solicitam a intervenção do pesquisador em seu ambiente. Outra questão levantada por Barbier (2007) é a importância da dimensão espaço-tempo na escolha da situação. Para que a pesquisa seja ética, o contrato entre pesquisador e sujeitos deve ser estabelecido de uma forma aberta para que os participantes sejam esclarecidos dos procedimentos de pesquisa e também tenham controle sobre o processo.

No segundo pilar, que é o planejamento/execução da pesquisa, o pesquisador percebe o caráter dinâmico do universo da pesquisa. É nesse momento que os objetivos são estabelecidos, realizados, controlados e avaliados; esse controle e avaliação não devem estar somente nas mãos do pesquisador, pois os sujeitos também moldam o objeto de pesquisa, visto que os conflitos e imprevistos podem surgir na temporalidade e, “mais do que nunca, uma pesquisa-ação visa à emergência de capacidades ao mesmo tempo de solidariedade e de responsabilidade” (BARBIER, 2007, p.125).

Dentre as técnicas de pesquisa da pesquisa-ação existencial, adotamos a observação participante ativa, visto que, por ser professora regente dos alunos participantes da pesquisa, estou, ao mesmo tempo, dentro e fora do grupo. As técnicas do banal e cotidiano, nos termos do autor, também foram adotadas, pois todos os momentos de interação em sala de aula – formais e informais – contam como registro para a análise empreendida. Os acontecimentos em sala de aula serão registrados por meio de diário de campo, e essas anotações servirão de base para análise do contexto de produção dos dados. E, por fim, o registro dos resultados, que são materializados nesta tese, e sua avaliação.

Para finalizar esta seção, apresentamos as reflexões de Freire (1996) em torno da conscientização a partir do processo de ensino-aprendizagem. Escolhi tomar os princípios do método freiriano porque ele se configura como um método de intervenção que visa o desenvolvimento da autonomia dos educandos e a ruptura com as práticas de ensino tradicionais, com o objetivo de promover a libertação e luta pela igualdade social pelos sujeitos.

A minha pesquisa ocorreu no ambiente escolar de uma escola pública de Educação Básica, cujas demandas sociais são grandes, e, por isso, acredito que é necessário tornar os estudantes os “reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996,

p.14), a fim de lutarem por seus direitos. Ao promover práticas de letramento entre os estudantes, não só gerei os meus dados, mas também promovi a prática da cidadania.

Quanto ao desenvolvimento e aprimoramento da minha prática docente, a metodologia freiriana também ganha sentido, e o processo de geração de dados passa a ser também uma atividade na qual, ao mesmo tempo, pesquisa, ensino e aprendizagem de todos os envolvidos. Por fim, a pesquisa-ação pautada no processo de conscientização de Freire (1996) faz com que o professor entenda a sua profissão como “uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade” (FREIRE, 1996, p.13). Esse processo de geração de dados mostrou que, apesar das lutas e das dificuldades, ser professor pode ser acima de tudo uma experiência libertadora.

Em síntese, os princípios de pesquisa-ação que assumimos nos orientam para uma perspectiva de valorização da interação entre todos os participantes da pesquisa; é a partir de toda a interação que se constrói a relação entre pesquisador e sujeitos de pesquisa. Essa metodologia também tem uma visão integral do processo da pesquisa em que todos os pontos de vista constroem o conhecimento e buscam a solução dos problemas existentes no ambiente pesquisado. Estabelecidas as principais propriedades da pesquisa-ação adotada neste estudo, nas próximas seções apresentamos as teorias que fundamentaram o planejamento das ações que geraram os dados: a teoria dos gêneros textuais e dos letramentos. Esse recorte teórico foi posto aqui com o propósito de mostrar seu hibridismo entre teoria e metodologia. Ele também faz parte do protocolo de análise dos dados, compondo um de seus eixos (cf. seção 4.1).

### **3.4 Gêneros textuais**

O estudo dos gêneros textuais é uma diretriz importante para o professor de língua portuguesa prevista, inclusive, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Na minha prática como professora, esse arcabouço sempre me orientou, e, pelo fato de a geração de dados também ser pautada por essa teoria, esboçamos nesta seção alguns dos seus princípios pautados em Bakhtin (1997, 2006). A escolha pelos fundamentos bakhtinianos se deu porque a concepção de linguagem da LCU se afina com a concepção dialógica da linguagem formulada por Bakhtin (2006). Segundo o autor, a língua se sustenta a partir da interação; ela existe em função desse processo, as

estruturas são constituídas para agregar sentidos entre locutores e interlocutores. E é por isso que “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 2006, p. 125).

O diálogo é a unidade básica na qual toda a língua emerge, pois, a partir do momento em que um locutor se dirige a um interlocutor e profere uma palavra, esta tem um sentido que pode ser alterado conforme a interpretação do ouvinte e do contexto de uso. Em consequência disso, ele formulará uma resposta, alternando o seu papel com o seu par. E, nesse momento, a palavra é ressignificada, dando continuidade ao diálogo. Nesse sentido, Bakhtin afirma que:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor.

(BAKHTIN, 2006, p.115)

Bakhtin (1997) sustenta que a interação verbal depende de situações sociais e é sensível às mudanças da sociedade. Dependendo do momento e da situação, cada grupo tem suas formas específicas de interação que se tornam, de acordo com esses fatores, estáveis. Então, os enunciados que apresentam uma forma estável de construção composicional são chamados por Bakhtin (1997) de gêneros discursivos, que aqui chamaremos de gêneros textuais.

Isso reforça a ideia de que a língua opera pelos enunciados, que são reflexos das esferas das atividades humanas. Os enunciados estão inseridos num contexto histórico, numa dada funcionalidade, e é por isso que eles se organizam em condições materiais de produção e recepção em que falantes e ouvintes elaboram seus enunciados mediante a força coercitiva dessas condições.

Dessa forma, a noção de gênero textual é muito importante na prática de sala de aula, pois possibilita abordar a língua como uma atividade dialógica, em que locutores e interlocutores interferem no jogo da linguagem. Nossa pesquisa tem como foco a análise dos usos do gerúndio nos gêneros textuais argumentativos. Então, dedicamos a sessão a seguir para debater em torno dessa categoria de gêneros.

### 3.4.1 Gêneros argumentativos

A argumentação é uma atividade humana. Desde crianças, mesmo antes da escola, aprendemos a defender um ponto de vista. Ainda de acordo com essas autoras, a argumentatividade está presente em todos os gêneros textuais, no sentido em que “orientamos os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões com exclusão de outras” (KOCK & ELIAS, 2016, p.13).

No entanto, existem textos que apresentam estruturas e estratégias linguísticas dentro de um contexto de funcionalidade e interação que são voltadas para a construção de um ponto de vista com fins persuasivos. Estes são os gêneros que fazem parte da esfera argumentativa, que não devem ser confundidos com a tipologia argumentativa.

Marcuschi (2008) afirma que tipo textual é uma construção com características composicionais bem definidas e são conceitos abstratos, visto que, ao serem colocados em uso, é sempre no contexto dos gêneros textuais. Segundo a literatura corrente, as sequências tipológicas são restritas às seguintes categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Os gêneros argumentativos, seguindo o princípio da heterogeneidade (BAKHTIN, 1997), podem ter em sua estrutura outras tipologias que não apenas a argumentativa.

No entanto, assumimos a posição de Dolz *et alii* (2004) de que os gêneros argumentativos, assim como os demais, devem ser agrupados por finalidades pedagógicas, seguindo as finalidades sociais do gênero e as estruturas tipológicas prototípicas. Para os autores, esse agrupamento deve considerar que a aprendizagem dos gêneros é variada, ou seja, é possível aprender um determinado grupo de gêneros, e estes podem fomentar o aprendizado de outros agrupamentos.

Sendo assim, Dolz *et alii* (2004) apresentam o seguinte agrupamento dos gêneros:

Quadro 7- Agrupamento tipológico dos gêneros conforme Dolz *et alii* (2004, p. 102)

Domínios sociais de comunicação	Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional	<b>NARRAR</b> <i>Mimeses</i> da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	<b>RELATAR</b> Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho <i>Curriculum vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio bibliográfico
Discussão de problemas sociais controversos	<b>ARGUMENTAR</b> Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação Informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	<b>EXPOR</b> Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos “expositivos” ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	<b>DESCREVER AÇÕES</b> Regulamentação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

É válido dizer que esse agrupamento foi pensado pelos autores para o ensino dos gêneros textuais no Ensino Fundamental. Diante disso, recorreremos também aos fundamentos das teorias dos Letramentos, sobretudo as abordagens ideológica e ecológica e suas interfaces com o contexto escolar . Na seção a seguir, discorreremos sobre o assunto.

### **3.5 Abordagens ideológica e ecológica do Letramento**

Existem vários estudos sobre Letramento e, em todos eles, é possível observar a investigação do impacto social da escrita (KLEIMAN, 1995). Para o recorte do nosso trabalho, escolhemos as abordagens ideológica e ecológica, pois seus fundamentos estão em sintonia com as ideias propostas pela LCU e pelos ECD.

Em primeiro plano, para se falar de letramento ideológico, é necessário fazer a sua contraposição ao modelo autônomo, conforme a proposta de Street (1984, *apud* KLEIMAN,1995). No letramento autônomo, a aprendizagem da escrita é uma habilidade individual, desvinculada de um contexto de produção, ou seja, não se considera a influência do processo de interação entre os falantes, tampouco as interferências contextuais.

Por outro lado, a abordagem ideológica prevê que o letramento é uma construção social e resultante de suas relações de poder. Portanto, faz parte das condutas sociais. Nesse sentido, o ambiente social é fortemente levado em conta, e isso provoca uma mudança na perspectiva do papel da oralidade e da escola no processo de letramento.

Street (2014) afirma que, na perspectiva ideológica do letramento, a visão sobre sociedades que antes eram consideradas “não letradas” muda, pois a nossa visão etnocêntrica ocidental superestima a escrita como a única fonte do saber e do conhecimento. Ao ver o letramento como uma prática social, percebe-se que as sociedades orais também são altamente letradas. Nesse caso, também a função da escola, que era a de ser a principal agência de letramento, também é redimensionada. Street & Street (2014) refletem sobre a importância que é dada à escola no nosso contexto ocidental como agência de letramento, em detrimento das demais. Para os autores:

O letramento, portanto, não precisa ser associado com escolarização ou com pedagogia (...) se quisermos entender os ricos plenos significados das práticas letradas na sociedade contemporânea, a pesquisa precisa, ao contrário,

começar de uma concepção mais comparativa, mais etnograficamente fundamentada de letramento como práticas sociais de leitura e escrita e evitar juízos de valor acerca da suposta superioridade do letramento escolarizado com relação a outros letramentos.

(STREET & STREET, 2014, p.127)

Isso não quer dizer que a escola e a escrita perdem seu papel na concepção ideológica de letramento; essa visão apenas amplia o escopo com a denominação de práticas sociais que podem ser orais ou escritas, escolares ou não. Para Rios (2010), a coexistência de outras agências de letramento junto à escola só fortalece o seu papel e contribui para ampliar as práticas sociais das comunidades.

Além da perspectiva ideológica, as contribuições de Barton (1994) acerca da perspectiva do letramento ecológico também constituem o nosso arcabouço teórico-metodológico. A visão ecológica do letramento consiste numa abordagem integrada em que se devem olhar os componentes social, psicológico e histórico. Isso quer dizer que os letramentos ocorrem a partir da interação dessas esferas.

Barton (1994) formulou o conceito de *práticas de Letramento*, que é a visão cultural do letramento em si, e elaborou também a ideia de *evento de Letramento*, que consiste no modo de proceder diante de uma situação real de letramento. Os eventos norteados pelas práticas de Letramento ocorrem em diversas esferas sociais e não são estanques. Isto é, eventos de letramento predominantes de um domínio social, como a família, por exemplo, podem ocorrer em outros domínios, como a escola.

Nesse sentido, os eventos de letramento estão inseridos em variados contextos institucionais e estes, de acordo com Barton (1994), moldam as práticas e os significados associados à leitura e à escrita. Em outras palavras, não é apenas no ambiente escolar que os letramentos ocorrem, o aprendizado da leitura e da escrita é também cotidiano ou **vernacular**. E essas práticas vernaculares influenciam também o modo como as pessoas irão se apropriar das práticas do contexto escolar/acadêmico.

De acordo com Barton (1994, p.46-47):

Uma visão ativa do letramento tem em seu centro as pessoas com intenção, significados e valores. As práticas de letramento, a escolarização e as tecnologias que nós temos hoje todas elas resultam das decisões humanas ativas, baseadas nos valores das pessoas.(Tradução nossa)<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> An active view of literacy has people with intentions, meanings and values as its centre. The literacies practices we have today, the schooling we have today, the technologies we have today all result from active humans decisions based on peoples's values (Barton, 1994, p.46-47).

Em suma, essa visão é útil à nossa pesquisa porque, a partir das práticas de letramento vernaculares, é possível compreender os contextos de geração dos usos do gerúndio no PB, dos dados dos falantes, assim como indicam o contexto de uso dos dados analisados. Além disso, essa perspectiva coaduna-se com os demais pressupostos metodológicos adotados na pesquisa, pois situa os participantes da pesquisa, no caso os estudantes, na posição de sujeitos do seu processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Esclarecidos os fundamentos teórico-metodológicos da nossa ação, na seção a seguir, apresentamos o principal instrumento de sistematização da geração de dados: as sequências didáticas.

### **3.6 Sequências Didáticas**

As sequências didáticas (doravante SDs) são uma proposta metodológica sugerida por Dolz *et alii*(2004) de ensino dos gêneros textuais orais e escritos na organização da rotina escolar. Para os autores, as SDs são “um conjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito” (DOLZ *ET ALII*, 2004, p. 97). Subjacente a essa proposta, encontram-se as concepções de que os gêneros do discurso operacionalizam a comunicação, materializando as atividades de interação entre falantes.

Dolz *et alii* (2004) elaboraram essa proposta pensando no ensino dos gêneros textuais em classes do ensino fundamental francês. De acordo com Machado & Cristóvão (2006, p.551), a concepção de gêneros textuais desses autores assenta-se no pressuposto de que são “artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos em uma determinada sociedade”. Nesse sentido, os gêneros textuais são ferramentas/instrumentos, de que os falantes se apropriam segundo as suas necessidades. Portanto, se os falantes não considerarem determinado gênero importante, haverá uma dificuldade maior de apropriação.

Considerando as reflexões de Machado & Cristóvão (2006), entendemos que essa é uma situação muito comum no contexto escolar brasileiro, sobretudo no âmbito do Ensino Fundamental, pois nem sempre o adolescente está ciente da importância de se aprender gêneros, sejam orais ou escritos, como forma de ampliar sua participação em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, o papel do professor é de conscientizar e promover a autonomia, nos termos de Freire (1996), para que o estudante consiga compreender a necessidade de se apropriar dos diferentes gêneros textuais.

Diante disso, para superar essa dificuldade no ensino dos gêneros textuais, Schneuwly e Dolz (2004) elaboraram uma transposição didática do gênero em torno de uma construção do Modelo Didático de Gênero (MDG), que para os autores segue os seguintes princípios gerais:

- 1- constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores;
- 2- evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas sequências didáticas podem ser concebidas.

(SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 82)

Então, de acordo com essas orientações, para se ensinar o gênero é necessário estabelecer as características estruturais e sociocomunicativas, organizadas por meio de uma sequência que fará o aluno compreender todo o alcance do gênero. Assim, seguindo essas recomendações, é importante estabelecer um Modelo Didático de Gênero (MDG). Machado e Cristóvão (2006, p.557-558) propuseram um modelo com as seguintes categorias de análise:

- a) as características da situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual o valor social que lhe é atribuído etc;
- b) os conteúdos típicos do gênero;
- c) as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos;
- d) a construção composicional característica do gênero, ou seja, o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- e) seu estilo particular.

(MACHADO E CRISTÓVÃO, 2006, p.557-558)

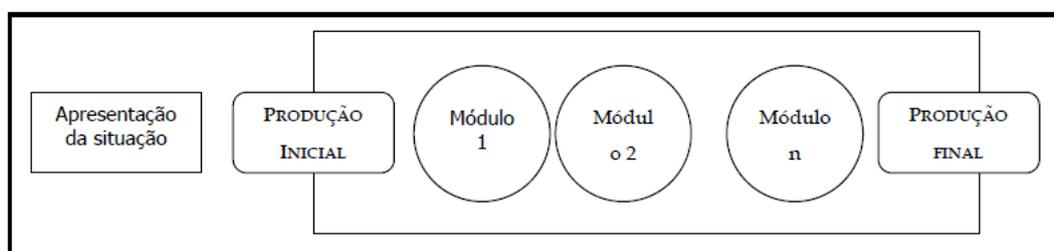
As autoras afirmam que o MDG não é rígido, porém deve ressaltar o caráter dialógico do gênero textual, evitando uma abordagem estruturalista do gênero e que as categorias por elas estabelecidas devem se ajustar a diferentes contextos e orientações teóricas, o que levaria ao estabelecimento de outras categorias de análise e de ensino.

Machado & Cristóvão (2006) defendem ainda que, para constituir o MDG de um gênero, o professor/pesquisador deve ter o conhecimento do estado da arte do gênero a ser ensinado, o conhecimento prévio dos estudantes, suas capacidades e dificuldades, além das orientações de documentos oficiais que orientam a ação docente. Desse modo, o gênero como objeto de ensino está adaptado ao nível dos alunos.

As orientações de Dolz *et alii* (2004) e de Machado & Cristóvão (2006) são pertinentes para nossa pesquisa porque coadunam-se com os princípios metodológicos que adotamos em nosso estudo. O professor-pesquisador, ao estabelecer um modelo didático de ensino de um determinado gênero textual, deve pautar-se pelo conhecimento de seu contexto de ação, conhecer o seu aluno para assim elaborar suas estratégias de ensino.

Nesse sentido, a partir de um MDG constituído, a sequência didática segue o seguinte esquema:

Figura 8 - Esquema da Sequência Didática nos termos de Dolz *et alii* (2004, p.98)



A primeira etapa de uma SD é a apresentação da situação de comunicação do gênero textual. Nesse momento, se explicitam as condições de produção e recepção do gênero, para quem será produzido e a finalidade da produção. Além disso, nesse primeiro momento, explica-se, à classe, a temática a ser desenvolvida, o que requer leitura, pesquisa e debates sobre o assunto a ser desenvolvido na etapa final da sequência. É muito importante que o professor apresente exemplares do gênero a ser produzido.

O segundo instante da SD é a produção inicial, que consiste no primeiro contato que o aluno tem com o gênero. Dolz *et alii* (2004) afirmam que essa produção pode ser individual ou coletiva e pode ser avaliada formativamente pelo professor. Outra questão relevante apontada pelos autores é a importância desse momento para o professor avaliar, junto com os alunos, e interferir no processo de aprendizado do gênero até a produção final.

Em consequência dos resultados da produção inicial, os módulos são formulados para que os alunos possam refletir sobre os problemas apresentados na primeira produção e possam superá-los. Os conteúdos dos módulos podem ser análise do próprio texto e de outros textos, refletindo sobre a situação comunicativa do gênero em estudo

ou então a análise de elementos estruturais que operacionalizam o gênero em questão. Não existe uma quantidade fixa de módulos a serem realizados; eles são determinados de acordo com a necessidade da classe, considerando que “as sequências didáticas apresentam uma grande quantidade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos” (DOLZ *et. alii*, 2004, p.93). Sendo assim, nos módulos intermediários entre a produção inicial e final podem envolver a leitura e interpretação de exemplares do gênero em estudo e análise linguística, bem como a reescrita do primeiro texto produzido durante a sequência.

Por último, ocorre a produção final, momento em que o aluno coloca em prática todos os conhecimentos que aprendeu. É de extrema importância, pois espera-se que o estudante já tenha adquirido controle do processo de aprendizagem, regule seu comportamento como produtor de textos e comece a refletir sobre os seus progressos obtidos durante a SD. A proposta das Sequências Didáticas ainda prevê “um trabalho mais profundo e intervenções diferenciadas” (DOLZ *et. alii*, 2004, p.94), em casos em que os estudantes não tiverem sucesso no processo de produção do gênero. No ensino dos gêneros escritos, a reescrita é um princípio de ação, pois, segundo os autores, “o escritor pode considerar seu texto como um objeto a ser retrabalhado, revisto, refeito, mesmo a ser descartado, até o momento em que dá a seu destinatário” (p. 94-95).

A proposta de Dolz *et alii* (2004) mostrou-se muito adequada para o nosso estudo, pois seus estágios estão em consonância com todo o arcabouço teórico e metodológico empreendido. Percebe-se claramente que, durante o processo de uma SD, valoriza-se tanto a ação do professor quanto a do estudante; assim, os princípios da pesquisa-ação se materializam com o procedimento das Sequências Didáticas. Além disso, essa metodologia já faz parte da minha práxis profissional há anos. Por isso, os estudos de doutoramento me fizeram aperfeiçoar os meus procedimentos como professora-pesquisadora.

No contexto do Ensino Fundamental, elaborei o MDG e as SDs de todos os gêneros textuais que ensinei nas classes em que fui professora regente, e os meus alunos já estavam acostumados com esse modo de trabalho em sala. Por todas essas razões, esse foi o instrumento metodológico escolhido para a geração de dados, no caso os textos que serão analisados no capítulo de análise desta tese.

Contudo, nem sempre a metodologia pode ser aplicada integralmente. Araújo (2013) cita trabalhos, como os de Freitas (2004) e Gonçalves (2012 *apud* ARAÚJO, 2013), em que a dinâmica da sala de aula exigiu adaptações, visto que nem sempre o

contexto e as interações entre os atores do processo (os alunos e professores) se articularam de modo satisfatório. Na minha ação no Ensino Fundamental, isso também ocorreu, e a adaptação também foi necessária. Isso será abordado na seção 3.8.

Com o suporte dos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, pesquisa etnográfica e pesquisa-ação, as Sequências Didáticas foram elaboradas para serem o instrumento de geração de dados. Durante o ano de 2015, elaborei 3 sequências para os alunos de Ensino Fundamental do Centro de Ensino Fundamental 27 da Ceilândia (DF), que gerou a primeira base de dados. Com os dados gerados, partimos para a sua organização e análise, a fim de cercar o objeto principal de pesquisa, os usos do gerúndio. Os princípios do holismo, presentes na abordagem qualitativa, e os princípios teóricos da LCU e dos ECDs orientaram a elaboração das categorias de análise a serem apresentadas e discutidas nos capítulos analíticos desta tese.

Contudo, para encerrar este capítulo, obedecendo aos preceitos metodológicos por nós adotados, se faz necessário apresentar o contexto de geração de dados e o planejamento das Sequências Didáticas, com suas particularidades, que foram aplicadas. Na seção a seguir, apresentamos o Centro de Ensino Fundamental 27, o contexto em que geramos os dados.

### **3.7 Apresentação do Centro de Ensino Fundamental 27 da Ceilândia-DF e dos alunos participantes do estudo**

O Centro de Ensino Fundamental 27 localiza-se na região administrativa da Ceilândia, especificamente na QNR 1, Ceilândia Norte. A QNR 1 é vizinha do Condomínio Sol Nascente, um bairro que chama a atenção da sociedade brasiliense por ter se originado a partir de ocupações irregulares e que atualmente apresenta altos índices de violência e possui muitas demandas sociais, como escola, hospital, transporte, saneamento básico e outras. Apesar de a escola em estudo não estar localizada no Setor Sol Nascente, a maioria dos seus estudantes mora no bairro, pela unidade escolar ser muito próxima ao bairro e também porque não havia escolas de anos finais no Sol Nascente na época da pesquisa. Nesse sentido, é importante apresentarmos aqui o histórico do surgimento do Setor Sol Nascente para entendermos como esse contexto interfere no comportamento dos alunos participantes da pesquisa, inclusive como os estudantes apresentam em seus textos escritos as reflexões sobre o local onde vivem.

O Setor Sol Nascente surgiu, juntamente com a *Área de Regularização de Interesse Social (ARIS) Pôr do Sol*<sup>39</sup>, pela Lei Complementar Nº 785, de 14 de novembro de 2008, segundo os dados da CODEPLAN (DISTRITO FEDERAL, 2013). Essa área situa-se entre o setor “P Norte” e as quadras QNQ e QNR da Ceilândia, e está em regime de concessão de uso.

O território onde hoje se localiza o Sol Nascente começou a ser ocupado na década de 1990 quando foi fracionado de modo irregular por grileiros, cuja ação é histórica no Distrito Federal. A partir do ano 2000, a ocupação se intensificou ainda mais e hoje é uma área altamente habitada. Com a criação do Setor Habitacional, também foi estabelecida, na região, a criação de um parque ou unidade de conservação.

O Setor Sol Nascente, junto com o Condomínio Pôr do Sol, possui uma população, de acordo com a CODEPLAN (DISTRITO FEDERAL, 2013), de aproximadamente 78.912 habitantes. Não encontramos nenhum estudo demográfico oficial que forneça o número total de habitantes apenas do Sol Nascente. Esse é um indicativo de que o governo trata as duas áreas (Sol Nascente e Pôr do Sol) sem distinção, desconsiderando as particularidades de cada uma.

É certo que as duas regiões têm uma origem semelhante e, por serem bastante próximas, compartilham muitas características. No entanto, não se pode negar que na mídia e entre a população do Distrito Federal, o nome Sol Nascente causa maior impacto. A exemplo disso, podemos citar uma notícia que foi lida em sala de aula durante uma das sequências didáticas, *Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha*. No conteúdo do texto, tomamos ciência de que, na verdade, é a soma do número de moradores nos dois setores que ultrapassa a Rocinha, no Rio de Janeiro. Entretanto, em todo o texto, o nome *Sol Nascente* aparece várias vezes topicalizado, passando ao leitor a impressão de que esse número é referente apenas ao Sol Nascente.

Outro ponto interessante a ser discutido no tocante à quantidade de habitantes é que existe um número não oficial, divulgado pelo líder comunitário Carlos Botani. Segundo esse morador, existem aproximadamente, nos dois bairros, 120 mil habitantes, com base em um cadastro feito por uma associação. A discrepância entre esses números

---

<sup>39</sup> O documento oficial *Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios - Setores Habitacionais Pôr Do Sol e Sol Nascente - Pdad 2013* apresenta informações das duas regiões- Sol Nascente e Pôr do Sol. No entanto, o recorte da nossa pesquisa restringe-se ao Setor Sol Nascente.

mostra que, pela perspectiva dos moradores, o Sol Nascente é muito maior, em termos populacionais e, por isso, mereceria mais atenção por parte do Estado.

Nesse contexto, o Centro de Ensino Fundamental 27 surgiu para atender a uma grande demanda social. A escola foi fundada em 10/08/2009 por meio de decreto-lei. Esse dado é relevante porque, nesse período, várias escolas foram construídas e todas elas seguem uma arquitetura semelhante, como mostram as imagens a seguir:

Imagens 1 e 2: fachada do CEF 27 da Ceilândia e campo de futebol da escola



(Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola; 2016)

O modo como a escola foi construída interferiu nas condições de ensino-aprendizagem e conseqüentemente no processo de geração de dados. O telhado e o forro da escola são de um material que produz muito calor, e as salas de aula são muito quentes, o que muitas vezes dificultou as aulas, especialmente nos meses mais secos do ano. Os alunos ficavam cansados e chegavam até a passar mal. Muitas vezes, as aulas até eram interrompidas.

Outra questão que também influenciou no processo de geração de dados foi a quantidade de alunos da escola. No período da pesquisa, o Centro de Ensino Fundamental 27 possuía aproximadamente 1600 alunos, com uma média de 33 alunos por turma, inclusive nas Classes de Distorção Idade/Série (CDIS), que foram os alunos participantes da pesquisa. Essa quantidade de alunos por sala ultrapassava a recomendação legal da época<sup>40</sup> do estudo e, de certo modo, dificultava a minha ação, pois havia muitos estudantes com sérias dificuldades de leitura e escrita. Diante da quantidade de alunos, era difícil fazer uma intervenção específica entre esses alunos e, em consequência disso, esses alunos não conseguiram produzir os textos para compor a base de dados, e o principal, infelizmente, não se apropriavam devidamente das práticas de letramento propostas por mim. Isso será melhor esclarecido no capítulo de análise dos dados.

Conforme já foi dito, os participantes da pesquisa estavam nas Classes de Distorção Idade/Série (CDIS). Essas turmas são destinadas aos estudantes na faixa etária de 13 a 17 anos e que reprovaram pelo menos duas vezes nas séries finais do Ensino Fundamental (DISTRITO FEDERAL, 2012).

Em relação aos aspectos socioeconômicos desse grupo, uma das características era a baixa renda familiar e também a ausência do poder público no que tange aos direitos básicos de cidadania. Além disso, os vínculos familiares desses alunos estavam enfraquecidos, e muitos deles estão em situação de vulnerabilidade como dependência química, violência física, psicológica e sexual, bem como omissão de cuidados por parte dos responsáveis.

Assim, a comunidade escolar pesquisada vive em ambiente agressivo. E a violência se estende à escola também. Era comum, por exemplo, brigas entre alunos, ameaças direcionadas a professores, grupo gestor e demais funcionários da escola. E já ocorreram consumo e tráfico de drogas dentro da unidade escolar. É uma realidade que não pode ser negada, pois interferiu diretamente na minha ação como professora-pesquisadora.

Entretanto, apesar das dificuldades presentes no contexto de pesquisa, é importante salientar que os estudantes gostam de ir à escola, pois, segundo seus relatos, eles encontram seus pares e têm algo para fazer. Muitos relataram que é melhor ficar na

---

<sup>40</sup> O documento *Orientações pedagógicas para distorção idade/série* (DISTRITO FEDERAL, 2012) prevê 25 alunos por sala.

escola que em casa, fazendo tarefas domésticas. Além disso, os adolescentes entendem que é importante ir à escola para, segundo eles, “terem um futuro melhor”.

Quanto às atividades pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, os jovens apresentam um desinteresse pelos conteúdos tradicionais e aulas expositivas. Porém, quando os trabalhos escolares envolvem a interação e a criatividade, fugindo das práticas tradicionais, o interesse é grande. Segundo relatos dos estudantes, eles preferem aulas “divertidas” em que eles possam “se expressar” a aulas “chatas” em que o professor só passa “conteúdo no quadro para copiar”.

Diante desse contexto, eu iniciei minhas atividades docentes nessa instituição no ano de 2012 e, desde o início, senti a necessidade de realizar um trabalho comprometido com princípios que valorizem a interação entre todos os participantes do processo de ensino-aprendizagem. Então, o trabalho com gêneros textuais, com a abordagem ecológica do letramento (BARTON, 1994), em que as práticas de letramentos estão situadas nas práticas sociais, instrumentalizadas pelas Sequências Didáticas, tornou-se para mim uma alternativa para o trabalho pedagógico tradicional. O projeto de pesquisa de doutoramento nasceu devido aos desafios que surgiam na minha prática pedagógica. Muitas vezes, no processo de correção e revisão dos textos dos alunos, me deparava com construções de gerúndio, que são condenadas pela tradição gramatical, mas que me instigaram a pensar e formular as hipóteses que originaram esta pesquisa.

### **3.8 Planejamento das Sequências Didáticas**

Durante o processo de geração de dados no CEF 27, elaborei três sequências didáticas dos gêneros carta do leitor e dissertação escolar, sendo que uma SD foi dedicada à carta do leitor e as outras duas dedicadas à dissertação escolar. Escolhemos esses dois gêneros por predominarem neles a tipologia argumentativa e, a partir desses textos, observar como funcionam os usos do gerúndio nos textos dos estudantes. Em cada uma das subseções a seguir, detalhamos o planejamento e a execução de cada uma das SDs.

#### **3.8.1 Sequência didática sobre carta do leitor**

Entre os dias 18/05/2015 e 19/06/2015, aplicamos a SD sobre o gênero textual carta do leitor. O objetivo principal dessa sequência era fazer os alunos produzirem uma carta do leitor e, para cumprirmos esse objetivo, consideramos a relação entre a carta do

leitor e a notícia. Alves Filho (2011) afirma que, para o processo de leitura e produção de cartas ser satisfatório, o planejamento das atividades deve ser pensado a partir de gêneros que suscitem o surgimento da carta do leitor, como a notícia, a reportagem, a entrevista, o artigo de opinião, o editorial e outros.

É importante esclarecer que escolhemos a notícia como gênero motivador da carta devido às observações de van Dijk (1988) sobre as duas funções sociais da notícia: a primeira, mais explícita, que é a de informar à população sobre fatos relevantes; a segunda, por sua vez mais subjacente, formar opinião em torno dos fatos noticiados. E tudo isso é expresso por meio das estruturas linguísticas.

Nesse sentido, ao fazermos um levantamento das notícias relativas à comunidade Sol Nascente nos principais *sites* de notícias locais e do Brasil<sup>41</sup>, observamos que, em todos os textos, os temas eram violência, tráfico de drogas, invasões e grilagem de terras na região. E, naturalmente, percebemos que em todas as notícias as “crenças dos grupos dominantes” (VAN DIJK, 1988, p.83), em relação à comunidade em estudo, estavam presentes. Dessa forma, trabalhar com a notícia como um evento deflagrador da carta do leitor teve como propósito revelar a versão que os estudantes, como membros da comunidade, teriam dos fatos informados, e a partir disso observar como a relação desses adolescentes com o território é materializada na língua.

Com esses objetivos estabelecidos, levamos para a sala de aula a notícia *Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha*, publicada no jornal *Correio Brasiliense*, em 28/09/2013<sup>42</sup>. A partir da leitura desse texto, realizamos um debate, tendo as seguintes questões como mote:

- 1- Vocês gostam do bairro em que moram?
- 2- Quais são os pontos positivos?
- 3- E os negativos?
- 4- O que pode ser feito para mudar a situação do bairro?
- 5- O que você pode fazer para mudar a situação do bairro?

Como já foi supracitado, a SD aplicada seguiu os princípios propostos por Dolz *et alii* (2004), porém, conforme o contexto, as etapas podem ser adaptadas (ARAÚJO, 2013). Por isso, o momento que corresponderia à produção inicial do gênero, eu optei por produzir um texto oral, pois, seguindo as orientações de Street (2014), as práticas

<sup>41</sup> A pesquisa documental foi realizada nos seguintes sites *G1*, *R7e Correio Brasiliense*.

<sup>42</sup> Texto disponível em:

[http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna\\_cidadesdf\\_390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml](http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf_390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml). Acesso em: 28/09/2015.

letradas orais são complexas, diversificadas e, no caso dos meus alunos, elas proporcionam uma interessante intersecção entre as suas variadas práticas de letramento e o letramento escolar.

Na sequência das atividades, os estudantes realizaram, no caderno, atividades de interpretação do texto. O principal objetivo dessa atividade foi tornar os alunos capazes de perceber o caráter informativo e formativo da notícia, conforme os pressupostos de van Dijk (1988), via linguagem. Os exercícios envolveram a compreensão dos propósitos comunicativos da notícia e análise linguística, com vistas à construção da opinião do autor do texto, conforme o quadro a seguir:

Quadro 8 - Exercícios sobre a notícia *Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha*

- 1- Releia a notícia e copie todos os substantivos que foram utilizados para se referir ao Sol Nascente. Eles expressam uma imagem positiva ou negativa do bairro? Por quê?
- 2- No trecho *Moradores e líderes comunitários acreditam que a quantidade de pessoas nas duas ocupações é muito maior (...)* é verdadeira a informação de que há muito mais moradores no Sol Nascente e no Pôr do Sol do que os números oficiais? Justifique a sua resposta.
- 3- Explique por que a jornalista faz uso na notícia de vários dados numéricos de órgãos do governo (IBGE e CODEPLAN).
- 4- No texto, além dos relatos dos moradores, há também a fala de Júlio Miragaya. Qual é o cargo dessa pessoa? E por que a jornalista usou a fala dele no texto sobre o Sol Nascente?
- 5- Na sua opinião, a que conclusões um leitor pode chegar sobre o Sol Nascente ao ler essa notícia? Você concorda com a posição do texto?

Os alunos responderam por escrito essas questões, que depois foram corrigidas oralmente, reforçando a prática da oralidade como um evento de letramento em sala. Terminada essa etapa, os alunos foram divididos em grupos e, para cada equipe, distribuí uma notícia sobre o Sol Nascente. As notícias foram extraídas de *sites* de circulação nacional como o *R7* e o *G1*. Apenas uma notícia foi retirada de um *blog*, o *Congresso em foco*. A seguir, os títulos das notícias lidas pelos os grupos:

- 1- Ação no Sol Nascente termina com 357 construções derrubadas, diz GDF. Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/acao-no-sol-nascente-termina-com-357-construcoes-derrubadas-diz-gdf.html>. Acesso em: 25/05/2015.
- 2- Em Brasília, ricos são os que mais ocupam área irregular. Fonte: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/em-brasilia-ricos-sao-os-que-mais-ocupam-area-irregular/>. Acesso em: 25/05/2015.

- 3- Mãe e bebê que estava no colo dela são mortos a tiros no DF. Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/mae-e-bebe-que-estava-no-colo-dela-sao-mortos-tiros-no-df.html>. Acesso em: 25/05/2015.
- 4- GDF prevê novas derrubadas em áreas invadidas no Sol Nascente. Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/gdf-preve-novas-derrubadas-em-areas-invadidas-no-sol-nascente.html>. Acesso em 28/05/2015.
- 5- Polícia do DF encontra arma que funciona até debaixo d'água. Fonte: <http://noticias.r7.com/distrito-federal/policia-do-df-encontra-arma-que-funciona-ate-debaixo-dagua-19052015>. Acesso em: 25/05/2015.
- 6- Projeto social no Sol Nascente, no DF, tem minianimais para crianças. Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/projeto-social-no-sol-nascente-no-df-tem-mini-animais-para-criancas.html>. Acesso em: 25/05/2015.

No momento da explicação da atividade, enfatizei seu objetivo principal que era de identificar a informação veiculada, a opinião presente no texto e quais as estruturas linguísticas que expressavam essa opinião. Em grupo, os alunos deveriam ler e responder, por escrito, as seguintes questões:

- 1- Qual é o tema do texto?
- 2- Qual a relação que o texto tem com o nosso dia a dia?
- 3- Escolha três palavras ou expressões que mostram a opinião do texto.

Ainda em grupos, os alunos produziram um cartaz, no qual expressaram suas opiniões sobre as notícias lidas. Essa oportunidade proporcionou aos jovens a leitura, a interpretação, o contato com o gênero textual e a produção escrita. Com os cartazes prontos, os adolescentes apresentaram o resultado dos trabalhos em classe. Em primeiro lugar, as regras de apresentação foram explicadas, os alunos deveriam respeitar o momento de apresentação dos colegas e, ao final, poderiam fazer perguntas e comentários. No início, houve algumas dificuldades, mas no desenvolvimento da aula, os alunos se envolveram com a discussão e, ao final, quase todos interagiram, assim como respeitaram as regras.

Por adotarmos os pressupostos metodológicos da pesquisa-ação, quando as seções de discussão terminaram, os alunos foram convidados a avaliar a atividade de forma holística. Essa prática foi muito importante, pois o foco de todo o processo da SD deixou de ser centrado na ação do docente, e as ações e reflexões dos adolescentes também contribuem para a construção e melhoria da prática pedagógica, cumprindo os propósitos da pesquisa-ação de Barbier (2007).

Depois dessa primeira etapa, que atravessou 10 aulas de 45 minutos, em que preparamos o evento deflagrador da produção da carta do leitor, apresentamos aos alunos o gênero em si, suas condições de produção e circulação. Levamos para a sala de

aula jornais e revistas para que os alunos pudessem identificar o suporte do gênero e expusemos a sua estrutura. Em seguida, eles conheceram o jornal da escola, o *Somos tão jovens*<sup>43</sup>, sua seção de cartas e realizaram exercícios de leitura e interpretação de texto desses textos.

Outra etapa realizada antes da produção final da carta do leitor foi a produção coletiva de texto. A partir da notícia *Agefis estuda caso de igrejas que ocupam irregularmente rua de Ceilândia* e do conhecimento que os alunos já tinham, produzimos no quadro parte de uma carta do leitor. Todas essas ações justificam-se nas recomendações de Dolz *et alii* (2004): elaborar e executar vários módulos na SD antes da produção didática até que o professor tenha certeza de que o aluno esteja preparado para escrever.

Por fim, no dia 19/06/2015, os alunos, com base na notícia *Organização criminosa espalhava o terror no Setor Habitacional Sol Nascente*<sup>44</sup>, produziram uma carta do leitor. Essas foram as ações da SD que gerou parte dos dados analisados neste estudo. As atividades foram realizadas nas 3 turmas de CDIS nas quais eu fui professora-regente e foram produzidas 87 cartas. Nessas mesmas turmas, realizei outras sequências didáticas que também geraram os dados desta pesquisa. Na seção a seguir, explico os procedimentos das sequências didáticas do gênero dissertação escolar.

### **3.8.2 Sequência didática sobre dissertação escolar com o tema sexualidade na adolescência**

Entre os dias 03/08/2015 e 02/09/2015, eu apliquei uma SD do gênero textual dissertação escolar para os alunos sobre o tema “sexualidade na adolescência”. Primeiramente, a dissertação escolar pode ser considerada um gênero textual em que a tipologia argumentativa é predominante. Esse gênero é abordado nas aulas de língua portuguesa, pois é esse o principal gênero textual exigido em processos avaliativos como o ENEM, vestibular e outros concursos públicos em geral. Por essas razões e para

---

<sup>43</sup> O jornal *Somos tão jovens* é um projeto do CEF 27 que surgiu no ano de 2013 a partir do debate entre alunos e professores para construir um canal de comunicação na escola. Até o ano de 2016 foram publicadas oito edições do jornal. Esse jornal escolar foi um instrumento importante para mostrar aos alunos as práticas sociais que viabilizam os gêneros da esfera jornalística.

<sup>44</sup> As notícias trabalhadas nas etapas finais estão disponíveis respectivamente em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/03/05/interna\\_cidadesdf,474049/agefis-estuda-caso-de-igrejas-que-ocupam-irregularmente-rua-de-ceiland.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/03/05/interna_cidadesdf,474049/agefis-estuda-caso-de-igrejas-que-ocupam-irregularmente-rua-de-ceiland.shtml) e [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/05/25/interna\\_cidadesdf,484392/organiza-cao-criminosa-espalhava-o-terror-no-setor-habitacional-sol-nas.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/05/25/interna_cidadesdf,484392/organiza-cao-criminosa-espalhava-o-terror-no-setor-habitacional-sol-nas.shtml). Acesso em: 15/06/2015.

cumprir com o objetivo da pesquisa, escolhi esse gênero para ser objeto de ensino dessa sequência didática.

Comecei a sequência didática com a apresentação da situação inicial de produção do gênero. Para Dolz *et alii* (2004), nessa etapa é importante apresentar a situação de comunicação proposta pelo gênero e o seu conteúdo. Os autores enfatizam que os estudantes devem reconhecer a relevância do assunto para produzir o texto. Minha motivação para escolher o tema foi a percepção que eu tive dos estudantes e também os altos índices de gravidez entre os/as adolescentes da escola. Diante disso, não houve problemas em conscientizá-los acerca da importância do tema, pois o assunto é parte da realidade dos adolescentes, que se interessam muito por ele.

A primeira atividade desse módulo foi uma conversa informal com os estudantes sobre o tema. Cumprindo também com preceitos da pesquisa-ação, solicitei que escrevessem quais seriam as atividades que eles gostariam de desenvolver durante a sequência didática sobre esse assunto. Os alunos relataram que gostariam de assistir a uma palestra e ver filmes que tratam da gravidez na adolescência. Na Sequência Didática anterior<sup>45</sup>, realizamos a leitura do romance *A moreninha*, e eu aproveitei uma das temáticas presentes na obra, que são os desencontros amorosos, e realizei um debate, das semelhanças e diferenças dos relacionamentos amorosos dos jovens na época em que o romance foi escrito e nos dias de hoje.

Os alunos fizeram várias observações sobre as suas impressões sobre o livro, o comportamento das personagens e como esse comportamento é diferente do comportamento deles. Ao final do debate, esclareci que a forma como lidamos com os relacionamentos são resultado de uma construção social e histórica, a nossa percepção daquilo que em alguma época é considerado tabu, como a virgindade, por exemplo, vai se modificando, que, na adolescência dos pais deles, dos professores, era diferente.

A partir desse debate, também expliquei aos estudantes que eles iriam aprender a fazer uma dissertação escolar, um gênero textual argumentativo, no qual deveriam defender o seu ponto de vista sobre o tema “sexualidade do jovem”. Os alunos foram estimulados a refletir que a argumentação é um exercício corriqueiro, presente em

---

<sup>45</sup> Durante este capítulo, eu mencionei que as Sequências Didáticas fazem parte da minha prática há muitos anos. As Sequências Didáticas selecionadas para comporem a geração de dados desta tese foram as que contemplavam o ensino de gêneros argumentativos; contudo, para os demais conteúdos que foram ensinados durante o ano, eu também elaborei Sequências Didáticas, que não fazem parte direta dos dados apresentados nesta tese.

diversas situações, tanto em textos orais quanto escritos e que o objeto de estudo nessa nova SD seria a dissertação escolar, um gênero escrito.

A próxima etapa da Sequência Didática foi a produção inicial. Nesse momento, foi necessário fazer adaptações, pois muitos adolescentes tinham dificuldades de produzir um texto escrito, outros estavam ainda em processo de alfabetização. Então, senti necessidade de adaptar essa etapa, promovendo inicialmente uma produção de uma entrevista com os professores da escola sobre as diferenças dos relacionamentos amorosos na adolescência dos professores e dos adolescentes de hoje.

Pedi que os alunos, em grupos, elaborassem uma entrevista com perguntas para serem feitas por eles aos professores da escola com que eles tivessem mais afinidade. Depois que eles cumpriram essa etapa, os estudantes apresentaram oralmente o resultado da entrevista e, só então, a partir das respostas dos professores, os estudantes produziram um comentário escrito com uma média de 15 linhas com a sua opinião sobre o resultado das entrevistas. O módulo da produção inicial foi mais pertinente ao ser conduzido dessa maneira porque os alunos exercitaram um gênero de natureza argumentativa que fomenta o desenvolvimento e aprendizado da dissertação escolar.

Com a produção inicial dos alunos, percebi que eles tiveram muita dificuldade em organizar os argumentos em torno de um ponto de vista. Então, promovi atividades em que os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver a argumentação e organização de suas opiniões sobre o tema. Na primeira atividade, atendi aos pedidos dos alunos, convidei a professora Ludmilla Seldmeier Morgado, docente da escola com formação na área de sexologia<sup>46</sup>, para proferir uma palestra sobre sexualidade e gravidez na adolescência.

No dia da palestra, a professora fez alguns esclarecimentos iniciais, diferenciando sexo e sexualidade e depois pediu que os alunos fizessem perguntas, por escrito, sobre as dúvidas que eles tinham sobre o tema. A professora respondeu a todas as perguntas, e todos os alunos participaram ativamente da palestra, fazendo comentários sobre as observações da professora Ludmilla. Na aula seguinte à palestra, pedi que os alunos fizessem uma avaliação escrita da palestra e aproveitei para explicar que seria necessário apresentar a sua avaliação sobre a palestra com base em argumentos que sustentassem a opinião deles. Nessa aula, iniciei a explicação do

---

<sup>46</sup> Meus agradecimentos à professora Ludmilla Seldmeier por colaborar nessa etapa da pesquisa.

módulo inicial em torno da estrutura do gênero redação dissertativa<sup>47</sup> e tirei as dúvidas dos alunos enquanto produziam o texto.

Além dessas atividades, os alunos fizeram atividades de leitura e interpretação oral e escrita de diferentes textos argumentativos sobre o tema “sexualidade na adolescência”. Eu propus que os alunos, divididos em grupos, estudassem um dos textos que eu levei para a sala e, depois de ler e discutir em grupo, os estudantes apresentaram o texto para os colegas de sala. Então, os adolescentes fizeram atividades no caderno com foco no desenvolvimento da argumentação e da progressão textual.

Por fim, os alunos fizeram a produção final, que foi uma redação dissertativa-argumentativa, sobre o tema trabalhado em sala. Depois disso, devolvi o texto corrigido aos estudantes, que fizeram a reescrita do texto, tal como é previsto por DOLZ *et. alii* (2004). Com a leitura dos textos produzidos por eles, percebi que os adolescentes precisavam praticar mais a dissertação escolar, pois ainda apresentavam muitas dificuldades na produção do gênero em estudo, especialmente no domínio dos recursos coesivos do texto. Então, diante da necessidade e da possibilidade de adaptação e aprofundamento das sequências didáticas que a teoria, resolvi elaborar outra sequência didática, apresentada na seção a seguir, com o mesmo gênero, porém com outro tema para que os alunos pudessem dominar o gênero. Essa sequência será apresentada na próxima seção.

### **3.8.3 Sequência didática sobre dissertação escolar com o tema enfrentamento do racismo**

A terceira SD ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2015. Para essa nova sequência, eu escolhi o tema “enfrentando o racismo”. Eu percebi a necessidade desse tema ser abordado nas turmas, devido ao fato de a maioria dos alunos ser negros/as e por eu ter presenciado, na escola, vários episódios de racismo, desde situações de *bullying* entre os estudantes até o cancelamento de atividades pedagógicas sobre o dia da consciência negra porque vários professores consideraram que isso “não era importante”.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Eu fundamentei a explicação da estrutura do gênero redação dissertativa a partir de KÖCHE *et. alii* (2010).

<sup>48</sup> Uma das práticas da direção da escola, no início do ano, era a leitura do Projeto Político Pedagógico da escola e a sua reformulação. Havia no PPP um projeto que contemplava o trabalho interdisciplinar das questões raciais, e a culminância desse projeto ocorria em novembro, mês da consciência negra. No entanto, no ano de 2014, alguns docentes da escola propuseram o fim desse projeto, e a direção colocou

Então, para enfrentar essa situação adversa no contexto de pesquisa, segui as orientações propostas Schneuwly *et alii* (2004), em que as sequências didáticas podem estar relacionadas a um projeto de classe, e realizei a SD em conjunto com o projeto de classe da professora de História das turmas<sup>49</sup>. O nosso objetivo foi mostrar aos alunos que o reconhecimento da identidade racial é um modo de enfrentar o racismo institucionalizado na sociedade brasileira. Enquanto a outra professora desenvolveu atividades dentro da sua disciplina sobre o tema, eu apliquei a sequência didática a fim de que os estudantes pudessem desenvolver uma redação argumentativa em torno do tema.

No primeiro módulo, que é o de apresentação da situação inicial de produção, eu retomei as características da situação comunicativa que envolve uma dissertação escolar, mas meu foco foi conscientizar os alunos do conteúdo a ser desenvolvido. Para cumprir esse objetivo, iniciei a discussão questionando o que era racismo para eles. A maioria das respostas estava relacionada à injúria racial, momento em que os alunos relatavam apelidos que caracterizavam, na opinião deles, o racismo.

Apresentei, então, a notícia *Casal acusa concessionária BMW de racismo contra filho de 7 anos no Rio*<sup>50</sup>, que relata o caso de um casal branco que, ao procurar um carro para a família em uma concessionária de um bairro de classe média-alta do Rio de Janeiro, estava com o filho negro de sete anos de idade. A criança se afastou dos pais, e um funcionário julgou que o menino era uma criança de rua e pediu que ela saísse do estabelecimento. Depois de lermos a notícia em sala, discutimos por que essa notícia relata um caso de racismo, se não houve injúrias contra o garoto. Os alunos entenderam então que o racismo não é apenas injúria racial e que existem outras formas de manifestação do racismo.

Na aula seguinte, parti para o próximo módulo da Sequência Didática, que seria a produção inicial. Como a dissertação escolar já havia sido trabalhada, eu pedi aos alunos que produzissem um relato pessoal, contando uma situação de racismo que eles já viveram ou presenciaram e como eles reagiram diante do fato e por que reagiram daquele modo. Eu optei pelo relato pessoal porque era muito importante saber como os alunos se reconheciam, visto que a maioria era negra. Apesar de o relato ser um gênero

---

essa pauta em votação e a ampla maioria concordou que o trabalho pedagógico de questões raciais, conforme a lei prevê, deveria ser feito isoladamente em disciplinas.

<sup>49</sup> Meus agradecimentos à professora Maria Joaquina Guedes pela colaboração na pesquisa.

<sup>50</sup> Notícia disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/01/casal-acusa-concessionaria-bmw-de-racismo-contra-filho-de-7-anos-no-rio.html>. Acesso em 7/10/2016

eminentemente narrativo, a maneira como o tema da produção inicial foi trabalhada possibilitaria aos alunos fazer uso de sequências argumentativas.

O próximo módulo da Sequência Didática foram as atividades de leitura e interpretação. Em colaboração com o projeto da professora de História, lemos em sala de aula o texto de divulgação do evento *Marcha das mulheres negras 2015* da cidade de Brasília-DF. Nosso planejamento inicial era levar os alunos para esse evento; porém, devido à falta de recursos financeiros, o planejamento tornou-se inviável e então resolvemos publicar na *fan page* do evento no *Facebook* imagens do desenvolvimento do nosso projeto em apoio ao evento e à causa defendida. Os alunos escreveram frases sobre o racismo e depois fotografamos os estudantes e fizemos a postagem.

Além dessas atividades de leitura e interpretação de texto, fizemos a leitura de charges, telas, letras de música e biografias de personalidades negras<sup>51</sup>. Os alunos também assistiram em sala ao curta-metragem *Vista minha pele*. Em concomitância a essas atividades, corriji a produção inicial, entreguei para os alunos refazerem o texto e, durante esse processo de refacção, ensinava os alunos a como utilizar os recursos coesivos em uma dissertação escolar. Outra atividade desse módulo foi a culminância do projeto conduzido pela professora de História, no qual os alunos fizeram apresentações sobre a cultura negra.

Por fim, os alunos produziram uma dissertação escolar com o tema “como enfrentar o racismo no Brasil”. Corrigi os textos e orientei os alunos a reescrever as redações. A partir dessas três sequências didáticas, foram produzidos 118 textos que também fazem parte da nossa base de dados. Somados aos 59 textos da primeira SD, tivemos um total de 205 textos produzidos pelos alunos da escola de Educação Fundamental. Na próxima seção, apresentamos como selecionamos esses dados gerados para a análise.

### **3.9 Seleção e tratamento dos dados para análise**

Como exposto na seção 3.8, no ano de 2015, realizei três sequências didáticas nas turmas de CDIS no Centro de Ensino Fundamental 27 da Ceilândia com o objetivo

---

<sup>51</sup> Além de ministrar Língua Portuguesa para essas turmas, também ministrei a disciplina de Língua Inglesa. Nessa disciplina, trabalhei o gênero biografia, em especial a biografia do líder negro Martin Luther King.

de gerar dados para analisar os usos do gerúndio em textos argumentativos. Nessas três sequências, foram gerados 205 textos e são esses textos que formam a base de dados.

Após a leitura cuidadosa e seleção desses textos, eu digitalizei todos os textos selecionados para compor a base de dados. Na sequência, eu digitei os parágrafos em que as ocorrências aparecem no texto com o objetivo de citá-las nas análises de dados. Para orientar melhor o leitor, eu identifiquei as ocorrências com as iniciais do autor(a) do texto, o gênero e o tema do texto e a linha inicial e final em que a ocorrência apareceu no texto original<sup>52</sup>, sempre nessa ordem, como no exemplo a seguir:

(1) *Eu sou aluna do CEF 27 e **Estou querendo** reclamar sobre as organização Sobre os criminoso que esta espalhado muito terro no setor das habitacional no Sol Nascente as seis pessoas foram presos e suspeitos de muitos crimes tipo muito mesmo no tráfico de drogas, os homicídio e muitas parcelamento irregular de terra (C.A.F, 3-6)*

No processo de separação das ocorrências, escolhi esses rótulos para identificá-las porque, segundo Oliveira (2015), fatores contextuais como o gênero textual e o tema do texto podem interferir na configuração dos usos linguísticos. Acredito também que a parte do texto em que a ocorrência aparece também é um fator relevante para a análise dos dados, pois pode ser considerado uma variável contextual de análise.

Conforme foi supracitado no capítulo, nossa pesquisa é de caráter qualitativo, porém a pesquisa quantitativa não é desconsiderada no estudo, pois o volume de dados numa pesquisa pautada na LCU tem relação direta com as mudanças em curso na língua (BYBEE, 2010). Por isso, acredito que essa base de dados composta para este estudo é substancial e atende aos propósitos da pesquisa. É importante ter todos os textos digitalizados, pois no processo de análise qualitativa dos dados todo o contexto deve ser considerado para analisar as ocorrências. Isso quer dizer que, para analisar os usos do gerúndio nos textos, vou considerar o texto completo e também as anotações feitas em campo, registradas no diário etnográfico.

Além disso, não basta a forma em si, mas o contexto em que ela ocorre (o parágrafo, o próprio texto e o que motivou a produção do texto). Cada ocorrência de gerúndio será analisada em suas formas e funções de acordo com o princípio do pareamento proposto pela LCU. As ocorrências serão categorizadas por forma-função e,

---

<sup>52</sup> As informações sobre as ocorrências sempre estarão entre parênteses assim que elas foram mencionadas no decorrer deste trabalho.

por fim, será feita uma análise global dos usos do gerúndio em textos argumentativos, a fim de verificar se há usos que tendem ao discurso, materializando novas estratégias argumentativas em Língua Portuguesa.

Essa análise de dados será norteada pelos pressupostos teóricos da LCU e dos ECD e seus resultados serão apresentados no capítulo a seguir.

### **3.10. Considerações finais do capítulo**

No capítulo anterior, apresentamos os pressupostos da Linguística Centrada no Uso, o principal referencial teórico deste estudo, e as teorias de apoio que também sustentam nossa análise de dados – os Estudos Críticos do Discurso. A Linguística Centrada no Uso, ou LCU, tem por princípio que a língua apresenta padrões de uso suscetíveis à constante variação e mudança, que são determinados por fatores cognitivos, comunicativos e discursivos. Desse modo, uma análise centrada no uso tem por orientação metodológica principal, segundo Oliveira (2012), o holismo, ou seja, a integração entre fatores de análise do fenômeno linguístico a ser estudado.

Furtado da Cunha *et alii* (2013, p.21) afirmam que, numa abordagem centrada no uso, o interesse principal é “a língua em situações reais de interação comunicativa”; por isso, os pesquisadores, ao analisarem um dado fenômeno linguístico, devem se preocupar com os fatores contextuais que afetam a estrutura linguística. Nesse sentido, uma análise de orientação qualitativa atende aos princípios teóricos da LCU. Contudo, um estudo centrado no uso não desconsidera os dados estatísticos referentes à frequência dos usos, pois estes podem ser um indicativo de uma mudança linguística em curso ou concretizada.

Além do enfoque teórico desta pesquisa ser centrado na LCU, as contribuições dos ECD (van DIJK, 2000, 2012, 2015) também compõem o referencial metodológico. Desse modo, conforme van Dijk (2015, p.10), os ECD não constituem um método específico e fazem uso de “qualquer método que seja relevante para os objetivos dos seus projetos de pesquisa e tais métodos são, em grande parte, aqueles utilizados em estudos de discurso em geral”. Em outras palavras, a metodologia empregada nos ECD, assim como na LCU, também valoriza a observação e análise do fenômeno de modo holístico.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), relaciona-se ao desenvolvimento da pesquisa a partir do contato e interação do pesquisador com o campo de pesquisa,

bem como a percepção dos participantes do contexto pesquisado. Nesse sentido, a autora aponta que essa metodologia de pesquisa não se restringe a uma única modalidade. Nesse sentido, a etnografia, a pesquisa-ação, a observação participante e o estudo de caso são alguns métodos que se filiam ao paradigma qualitativo. Discutimos também, nesta seção, a relação entre a metodologia qualitativa e quantitativa, visto que a LCU prevê essa associação (FURTADO DA CUNHA *ET ALII*, 2013). Apresentamos, com base em Günther (2006), como a análise qualitativa e quantitativa se integram em pesquisas fundamentadas no arcabouço teórico da LCU.

Flick (2009) afirma que, na pesquisa qualitativa, o objeto de estudo é fator determinante para a escolha do método, além do que o objeto de pesquisa também pode necessitar de metodologias complementares. O objeto de estudo da minha pesquisa são as construções de gerúndio não perifrástico em textos argumentativos de estudantes da Educação Básica; por isso, em decorrência do fato de a geração de dados ter ocorrido em ambiente escolar no qual fui/sou professora regente, a etnografia escolar foi eleita como aparato metodológico, uma vez que, segundo André (1995), a pesquisa em âmbito escolar é uma adaptação da pesquisa etnográfica em seu sentido estrito.

Além da etnografia escolar, neste estudo, a pesquisa-ação também faz parte do aparato metodológico, pois esse método de pesquisa, de acordo com Tripp (2005, p. 445), “é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado dos seus alunos”.

É necessário afirmar que a pesquisa-ação foi adotada nesta pesquisa com o objetivo de ampliar o alcance social do presente estudo, contribuindo tanto com os estudantes da educação básica, quanto com o processo de formação de professores. Recorreremos aos princípios teóricos de Tripp (2005), Barbier (2007) e Dionne (2007).

Desse modo, a partir do processo de geração de dados para a análise de dados pretendemos também promover práticas de letramento escolar a fim de suprir as necessidades dos participantes da pesquisa, e por isso a pesquisa-ação se justifica, pois sempre busco aperfeiçoar meu desempenho como docente assim como auxiliar meus alunos no processo de aprendizagem da leitura e escrita. A escolha desse aparato metodológico não parte necessariamente de uma questão relacionada à descrição dos usos do gerúndio do PB, apenas com o meu compromisso social de pesquisadora. Nesse sentido, os estudos sobre gêneros textuais (BAKHTIN, 1997, 2006; MARCUSCHI, 2010) e os estudos sobre o letramento (STREET, 1984; BARTON, 1994; RIOS, 2010;

KLEIMAN, 1995, 2007; ROJO, 2010) são suportes metodológicos para o processo de geração e análise de dados. As razões para escolhermos esses constructos teórico-metodológicos de apoio é o fato de que os usos do gerúndio analisados em nosso estudo estão presentes em gêneros de natureza argumentativa e também a geração de dados da nossa pesquisa ocorreu em ambiente escolar. Por isso, essas teorias auxiliaram o processo de análise dos usos do gerúndio nesse contexto específico.

Para geração de dados, adotamos os procedimentos das Sequências Didáticas (DOLZ *et alli*, 2004), por entendermos que esses procedimentos são adequados ao contexto de geração de dados e aos pressupostos metodológicos que norteiam esta pesquisa. Com o referencial metodológico estabelecido, encerramos este capítulo apresentando o contexto de geração de dados. Também apresentamos o planejamento das Sequências Didáticas estabelecidas para o contexto de pesquisa. Por fim, com o tratamento dos dados a serem analisados estabelecidos, partimos para os capítulos analíticos, dispostos a seguir.

## **CAPÍTULO 4- ANÁLISE DE DADOS**

### **4.0 Introdução**

Neste capítulo, apresentamos os resultados das análises dos dados gerados. Nossa pesquisa está sedimentada na análise dos componentes formais e dos componentes funcionais dos usos do gerúndio no PB e nos processos cognitivos que viabilizam esse pareamento. Para sistematizar a análise, organizamos o capítulo em três seções. Na primeira seção, apresentamos o itinerário de análise de dados, os critérios de análise elaborados a partir do arcabouço teórico-metodológico e as categorias dos usos do gerúndio que nós estabelecemos para desenvolver a análise. Na seção 4.2, analisamos os dados gerados por estudantes de Educação Básica, a partir dos critérios de análise. Na sequência, as considerações finais do capítulo.

### **4.1 Apresentação das categorias de análise e do protocolo de análise**

Nosso ponto de partida é o princípio basilar da LCU do pareamento forma/função. Segundo Bybee (2010), a gramática pode ser definida como uma organização cognitiva da experiência e da linguagem. Isso significa que o conhecimento de estruturas linguísticas pode ser armazenado em nosso sistema cognitivo. Conforme os significados que são dados às estruturas, novos usos são estabelecidos, e a vinculação entre a velha forma e a nova função ocorre por processos da cognição humana.

Nesse sentido, a afirmação de Goldberg (2003) de que a língua é um sistema cognitivo e que as estruturas da língua se combinam para criar novos enunciados é o ponto de partida para a nossa análise de dados, pois os pareamentos entre forma e função podem ser mais ou menos fixos, estabelecendo padrões de uso da língua. E, desses padrões, é possível analisar os componentes formais (fonologia, morfologia e sintaxe) e funcionais (semântica, pragmática e discurso). A vinculação entre esses componentes ocorre via processos cognitivos como metáfora e metonímia.

Em busca da compreensão do pareamento forma/função nos usos do gerúndio não perifrástico, elaboramos o seguinte itinerário de análise dos dados:

1º Levantar todas as ocorrências com gerúndio não perifrástico nos textos gerados.

2º Separar as ocorrências por tipos e/ou subtipos formais.

3º Elaborar um protocolo de análise contemplando as categorias de análise propostas no capítulo teórico desta tese e também a partir do contato inicial com os dados.

4º Aplicar o protocolo aos dados gerados que foram selecionados.

5º Comparar, nos âmbitos quantitativo e qualitativo, o resultado da aplicação do protocolo de análise por tipo e/ou subtipos formais.

6º Fazer generalizações sobre os resultados da pesquisa.

Em relação ao primeiro item do itinerário, realizamos essa tarefa à medida que os dados foram sendo gerados no campo de pesquisa, o Centro de Ensino Fundamental 27. As Sequências Didáticas, apresentadas no capítulo metodológico, resultaram na geração de 205 textos. Com esses textos preparados para a análise, fizemos a primeira leitura dos dados e identificamos as ocorrências *token* de gerúndio. A frequência de uso também é importante para compreendermos a produtividade e a mudança das construções. Bybee (2003, 2010) afirma que as frequências de construções podem ser do tipo *type*, ou seja, sua representação abstrata (o tipo), ou então *token*, a materialização no uso (as ocorrências propriamente ditas), e que essas ocorrências *token* determinam a produtividade da construção; as ocorrências *type* estão organizadas em feixes cognitivos<sup>53</sup>.

Outra preocupação durante esse processo foi separar a ocorrência das frequências *token* em cada tema abordado nas SDs, pois durante o processo de geração de dados, os estudantes produziram gêneros textuais com temáticas diferentes. E, segundo Oliveira (2015), é necessário controlar o máximo possível da dimensão contextual numa pesquisa fundamentada na LCU. Desse modo, fazendo a separação das ocorrências entre gênero textual e tema do texto, pretendíamos observar se o tema do texto influenciava no número de ocorrências *token*.

Assim, fizemos o levantamento quantitativo nos textos gerados e identificamos ocorrências de gerúndio de tipo perifrástico e não perifrástico<sup>54</sup>, divididas nos temas e nos gêneros propostos, conforme apresentamos no quadro a seguir:

---

<sup>53</sup> Huback (2013, p. 82) dá como exemplo de frequência *type* os 13.012 verbos terminados em [-ar] registrados no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, e como exemplo de frequência *token*, ela cita “quantas vezes a palavra ‘livros’ é registrada na Amostra do Banco de Português versão 1.01 e encontramos 129 casos”. Esses 129 casos são a frequência *token* da palavra *livros* nesse *corpus* mencionado pela autora.

<sup>54</sup> O recorte da nossa pesquisa é o gerúndio não perifrástico, contudo, consideramos relevante fazer uma análise comparativa, do ponto de vista quantitativo, de todos os tipos de gerúndio, pois esse tipo de análise revela a produtividade do gerúndio e fornece subsídios para uma análise qualitativa.

Quadro 9 - Quantidade de ocorrências *type* de gerúndio nos textos gerados no CEF<sup>55</sup>  
27<sup>56</sup>

	Carta do leitor Sol Nascente	Dissertação sexualidade	Dissertação racismo	Total
Total de textos gerados	87	59	59	205
Textos gerados com gerúndio perifrástico e não perifrástico	49	50	55	154
Ocorrências	95	99	112	306

Do total de 205 textos que foram gerados pelas sequências didáticas, em 154 deles há algum tipo de gerúndio. Em termos percentuais, esse valor corresponde a aproximadamente 75,1%, o que mostra a produtividade das frequências *type* de gerúndio nos dados e contrapõe com a “proibição” do gerúndio que as gramáticas e manuais de redação (cf. seção 2.4) propõem, pois o esperado seria que textos produzidos em ambiente escolar tivessem uma baixa frequência de gerúndio.

Os resultados do quadro acima também mostraram que não há muita variação dessas frequências *token* dos usos do gerúndio nos gêneros textuais, assim como nos temas propostos. As médias de ocorrência/texto para cada gênero textual são próximas, com um leve aumento de frequência na dissertação sobre o racismo. Para continuarmos a análise de dados, apresentamos no quadro a seguir a frequência *type* específica do gerúndio não perifrástico:

<sup>55</sup> O quadro mostra que na primeira sequência didática o número de textos foi maior que nas demais. A razão para esse fato é a evasão escolar de alguns alunos ou a não entrega das produções textuais.

<sup>56</sup> Como critério de seleção dos textos de análise, consideramos apenas os textos que tivessem alguma ocorrência com gerúndio.

Quadro 10- Quantidade de ocorrências *type* de gerúndio não perifrástico nos textos gerados no CEF 27

	Carta do leitor Sol Nascente	Dissertação sexualidade	Dissertação racismo	Total
Textos gerados com gerúndio não perifrástico	22/49	20/50	38/55	80/154
Ocorrências	35	20	52	107

Comparando os quadros 9 e 10, é possível observar que, das 306 ocorrências de gerúndio, 107 foram de gerúndio não perifrástico (35%), ou seja, confirmando o que Simões (2007) afirmou em torno da tendência de decréscimo das ocorrências de gerúndio não perifrástico no PB, embora haja diferença entre o número de ocorrências de gerúndio perifrástico e não perifrástico ao se analisar cada gênero textual e tema.

Outro resultado relevante que os nossos dados também mostram é a diferença na frequência do gerúndio não perifrástico nas dissertações escolares sobre o racismo em comparação com os outros temas. Na carta do leitor e na dissertação sobre sexualidade, a frequência de gerúndio não perifrástico é baixa se comparada à frequência do gerúndio perifrástico (35 x 60 (carta do leitor), 20 x 79 (dissertação sexualidade)). Mas ocorre o inverso na dissertação sobre o racismo, em que temos 52 ocorrências de gerúndio não perifrástico frente a 60 de gerúndio perifrástico), o que corresponde a 46,48% do total.

Os resultados quantitativos já indicam que a frequência do gerúndio não perifrástico pode ser sensível ao contexto, porém, é necessário analisar a frequência *type* em termos quantitativos para mensurar as possíveis influências dessas variáveis nos usos do gerúndio. Retomaremos essa discussão no capítulo 5, após a análise qualitativa das frequências *type*, que iniciaremos no segundo passo do itinerário de análise de dados.

O conceito de frequência *type* subsidiou o estabelecimento dos usos do gerúndio não perifrástico encontrados nos dados, as categorias de análise pertinentes ao pareamento forma/função e quais as possíveis relações de integração entre os usos do gerúndio não perifrástico. Desse modo, os critérios que utilizamos para estabelecer os *types* do gerúndio não perifrástico foram a expressão formal do gerúndio, a gradiência

(TRAUGOTT & TROUSDALE, 2010) do gerúndio entre as categorias de verbo e de nome.

Em relação ao primeiro critério, a expressão formal do gerúndio, ao revisitar as gramáticas (CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011; AZEREDO, 2014) e algumas pesquisas do espectro funcionalista em torno do gerúndio no PB (CAMPOS, 1972; BRAGA & CORIOLANO, 2007; SIMÕES, 2007 e TORRES, 2014) no segundo capítulo desta tese, observamos que, em todos esses trabalhos, o gerúndio é dividido em duas grandes categorias formais: o gerúndio perifrástico do tipo *v1+v-ndo*, e o gerúndio não perifrástico. E, como observamos nos nossos dados a presença desses dois tipos formais do gerúndio, esse foi o primeiro critério para determinar os *types* de gerúndio nos dados.

Optamos por fazer esse critério não só para seguir as pesquisas nas quais recorreremos para termos uma referência de como o gerúndio foi tratado na literatura, mas também porque o gerúndio no latim e nos estágios iniciais do português (e das demais línguas românicas também) não se apresentava na configuração perifrástica (CAMPOS, 1972). Ou seja, o surgimento das formas perifrásticas de gerúndio configura um novo uso do gerúndio com propriedades diferentes das que já eram atribuídas a essa forma no latim. Isso atesta que os *types* de gerúndio não perifrástico se apresentam, seguindo os termos de Bybee (2010), em feixes cognitivos diferentes do gerúndio perifrástico. Em relação ao princípio da gradiência, Traugott & Trousdale (2010) afirmam que não há limites rígidos entre as categorias, ou seja, a partir desse princípio é possível prever usos do gerúndio entre um *continuum* dos verbos e dos nomes. Conforme o que foi exposto no capítulo 2, o gerúndio se enquadra na categoria dos verbo-nominais (BAGNO, 2011), ou seja, ora apresentam configurações típicas da categoria dos verbos, ora dos nomes. Por isso, analisamos as configurações entre essas duas categorias que o gerúndio apresenta nos dados.

Sendo assim, para analisarmos as ocorrências do gerúndio não perifrástico comparamos as funções que o gerúndio assume de acordo com o exposto na literatura com as funções encontradas em nossos dados. Então, identificamos ocorrências que possuem função de adjetivo (exemplo 1), de advérbio (exemplo 2), de conectivo (exemplo 3) e de retopicalizador (exemplo 4). A seguir, apresentamos cada tipo:

- (1) *O Brasil tem diversos tipos de pessoas como o branco, negro, pardo entre outros, mas infelizmente o racismo contra os negros ainda existem, tais como físicos e verbais pessoas que tem a ignorância de julgar a pele negra, **achando***

*que é melhor que o outro devido sua cor, eu acho isso intolerável pois prejudica muito nossa sociedade.*(M.E.N.O.; 1-9)

*Achando* no dado supracitado tem a função específica de modificar o nome *peessoas*. No enunciado, o racismo é qualificado, ou seja, a autora mostra quais são as atitudes tipicamente racistas, dentre elas, a pessoa branca achar que é melhor que a negra. E o gerúndio aí reforça que esse julgamento é constante. Esse uso não é fortuito e tem correlação com o contexto de geração dos dados e o gênero textual, a carta do leitor, que é um gênero argumentativo, conforme nossa análise irá demonstrar.

Encontramos também usos do gerúndio que possuem a função de expressar circunstância, como na ocorrência a seguir:

(2) *Nós podemos enfrentar o racismo **botando** um fim nisso, por que muitas pessoas estão sofrendo por isso muitos bullying em todos os lugares do Brasil (...).* (W.O.F.; 1-3)

Nesse dado, observa-se que *botando* apresenta a função de um adjunto adverbial e expressa circunstância de condição ou de modo, pois pode ser interpretada conforme o processo de (inter)subjetivação (TRAUGOTT & DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010) presente no texto. O dado mostra, portanto, que é preciso ir além de uma descrição que contemple o espectro sintático-semântico como as pesquisas supracitadas abordaram.

Além desses dados, observamos que o gerúndio pode apresentar outros usos:

(3) *E **sendo assim**, jovens que engravidam muito novas, acabam, jogando toda a responsabilidade para os avós da criança pois não tem capacidade para cuidar do filho.*(I.V.11-16)

Na ocorrência (3), *sendo assim*, estabelece uma relação de conclusão com o parágrafo anterior. O escopo do gerúndio não se restringe ao nome, como no gerúndio adjetivo (exemplo 1) e nem ao verbo, como no gerúndio adverbial (exemplo 2). A relação que o gerúndio estabelece, nesse uso, é com o texto, tal como se fosse um conectivo.

Por fim, encontramos nos dados ocorrências do tipo:

(4) *Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de*

*macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, **voltano** para o Brasil também aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha. (...)(T.M.B.C.M.,1-8).*

Nesse dado, o gerúndio não apresenta função de adjetivo, advérbio ou de conectivo. A relação que *voltando* estabelece com o enunciado é de retopicalização, pois o gerúndio retoma o tópico do enunciado, o autor convida o leitor a voltar para o assunto que ele iniciou o texto, que é o racismo no Brasil, após ter agregado o argumento de que o racismo não ocorre só no Brasil e ter dado um exemplo disso.

A diferença dos usos que encontramos a partir da gradiência dos usos do gerúndio no PB mostra que esses usos se organizam a partir de um *continuum* de integração do gerúndio, ou seja, há uma relação direta entre o escopo do gerúndio e as funções que ele assume no enunciado. Esses parâmetros também foram relevantes para que estabelecêssemos os seguintes *types* nos dados:

#### **A) Gerúndio não perifrástico adjetivo**

*(5) Moro na QNR e de vez em quando aparecem uns meninos menores de idade **vendendo** drogas, bicicletas e até armas. (D.B; 3-4)*

#### **B) Gerúndio não perifrástico adverbial**

*(6) O racismo no Brasil está muito comum, hoje em dia varias queixas já foram registradas. Então podemos combatêlo **começando** por nós mesmos, **aceitando** as pessoas pelos seu caracter não pela sua cor de pele.(A.C.C.R; 15-22)*

#### **C) Gerúndio não perifrástico conectivo**

*(7) Para melhorar precisa reforça o policiamento no local **sendo assim** os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança. (D.P.S., 13-16)*

#### **D) Gerúndio não perifrástico retopicalizador**

*(8) É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheir com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e **falando** no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).*

Esses usos serão analisados na seção 4.2.

Ao determinarmos as categorias de análise dos usos do gerúndio, instituímos os componentes do protocolo de análise dos dados. Conforme supracitado, o pareamento

forma/função é o nosso ponto de partida e desse modo analisamos essas categorias a partir das propriedades formais e funcionais do gerúndio não perifrástico.

O nosso protocolo de análise é composto de três eixos analíticos, que foram elaborados a partir do princípio pareamento forma/função. O eixo 1 analisa as configurações formais do gerúndio, nos âmbitos morfossintático e sintático, que são subeixos analíticos. No nível morfossintático, observamos a expressão do tempo, aspecto e modo, com ênfase na expressão aspectual. Para isso, recorreremos à descrição de Travaglia (2015) para observar quais são os aspectos verbais mais comuns expressos pelo gerúndio e se há integração entre eles (cf. seção 1.5.1).

Em relação ao subeixo sintático, o alvo da análise são as relações gramaticais e a ordem. Nesse protocolo, analisamos quais são as relações gramaticais das orações dos enunciados selecionados, com ênfase nas relações gramaticais das orações de gerúndio. Além disso, observamos como a ordem das orações de gerúndio nos enunciados são relevantes para a integração sintática e fortalecimento da argumentação. Os estudos de Payne (1997) e Givón (2001) em torno das relações gramaticais e integração de orações são relevantes para a análise desse eixo (cf. seções 1.4 e 1.5.2).

Do ponto de vista da função, as propriedades a serem analisadas estão no eixo da função, cujos subeixos analisam as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas. As propriedades semânticas contempladas foram os papéis semânticos e a semântica do verbo. Quanto à pragmática, as propriedades analisadas são tópico, foco, pressupostos, acarretamentos, implicações e implicaturas, inferência sugerida e (inter)subjetivação (cf. seções, 1.5.3.1, 1.5.3.2 e 1.5.3.3). No eixo do discurso, conforme foi discutido no capítulo 1 e no também no capítulo 3 (seções 1.6, 3.4 e 3.7) desta tese, os princípios de análise serão o gênero textual, o contexto de geração de dados e as estruturas do discurso ideológico nos termos de van Dijk (2006). Por fim, analisamos os dados a partir da cognição, observando quais são as metáforas, metonímias, as relações icônicas e *frames* que cada uma das categorias dos usos do gerúndio aciona (cf. discussão teórica na seção 1.2).

A partir dessa análise é que observamos quais são os graus de integração dos usos do gerúndio a partir dos princípios de Lehmann (1988) e Thompson & Mathiessen (1988). A seguir, o modelo do protocolo de análise aplicado a cada uso do gerúndio nesta tese. Na primeira coluna, registramos o enunciado em que se encontra a ocorrência de gerúndio para, então, submetê-la à análise a partir dos construtos teóricos já apresentados:

Quadro 11- Protocolo de análise geral dos usos do gerúndio no PB

<b>Tipo de gerúndio não perifrástico- Número da ocorrência</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
	<b>A.1 Propriedades morfosintáticas</b>		
	<b>Tempo</b>	<b>Modo</b>	<b>Aspecto</b>
	<b>A.2 Propriedades sintáticas</b>		
	<b>Sujeito</b>	<b>Objeto</b>	<b>Adjunto</b>
	<b>B - Eixo analítico 2: eixo da função</b>		
	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>		
	<b>Papéis semânticos</b>	<b>Semântica do verbo</b>	<b>Pressupostos, acarretamentos, implicações</b>
	<b>Tópico</b>	<b>Foco</b>	<b>Inferência sugerida</b>
			<b>(Inter) Subjetivação</b>
	<b>B2- Propriedades discursivas</b>		
	<b>Gênero textual</b>	<b>Tema do texto</b>	<b>Contexto de geração de dados</b>
			<b>Estrutura do discurso ideológico</b>
	<b>C- Eixo analítico 3- análise cognitiva</b>		
	<b>C1- Propriedades cognitivas</b>		
	<b>Metáforas</b>	<b>Metonímias</b>	<b>Relações Icônicas</b>
			<b>Frames</b>

Como o nosso estudo é de natureza qualitativa, buscamos separar 5 ocorrências de cada uma das 4 categorias de gerúndio por nós estabelecidas para submetermos a esse protocolo de análise. Ou seja, 5 ocorrências do gerúndio adjetivo, 5 do adverbial, 5 do conectivo e 5 retopicalizador, mas desse último só conseguimos 2, totalizando 17 amostras de análise. Considerando o objetivo da pesquisa que é analisar como o gerúndio influi no processo de integração de sentenças, os enunciados selecionados correspondem a trechos dos textos originais em que as orações de gerúndio ocorrem e as que estão mais próximas a elas e, provavelmente, mais integradas.

Diante disso, apresentamos na seção a seguir a análise dos dados no protocolo de análise. Esse protocolo (cf. quadro 11) constitui um todo, mas cada um dos eixos e subeixos será apresentado em separado para facilitar as pré-conclusões de cada um deles.

Ao final do capítulo, apresentamos nossas considerações gerais sobre o conjunto de dados analisados em cada categoria, para que possamos, no capítulo seguinte, continuar o nosso itinerário de análise.

## **4.2 Análise das ocorrências de gerúndio dos estudantes de Ensino Fundamental**

Durante a análise de dados, observamos que os usos do gerúndio não perifrástico se estruturam, no âmbito sintático, a partir da relação gramatical que estabelecem com a oração principal, ou seja, os usos se estruturam na predicação da oração principal e que se afastam dela conforme o seu grau de integração (LEHMANN, 1988).

Desse modo, apresentamos a análise de dados a partir do uso que está mais inserido na predicação da oração principal, o gerúndio adjetivo para o que se encontra mais distante dela, o gerúndio retopicalizador.

### **4.2.1 Gerúndio adjetivo**

Analisaremos, nesta seção, cinco ocorrências do que classificamos como gerúndio não perifrástico adjetivo. A fim de deixar a análise bem organizada e legível a qualquer um, optamos pelo uso do protocolo de análise já apresentado anteriormente. Nele, há o enunciado em que se encontra a ocorrência do gerúndio (por onde a leitura deve começar) e as categorias de análise adotadas em cada um dos três eixos. Cada eixo gera pré-conclusões, as quais optamos por colocar fora de cada quadro para poder desenvolver a argumentação. Vejamos a seguir a análise de cada uma das cinco ocorrências do gerúndio adjetivo.

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 1			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente, muitas guerras. (L.F.T., 3-6)</i> <b>Orações em análise:</b> O1 <i>vi muitas coisas erradas</i> O2 <i>acontecendo no Sol nascente</i>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1: Pretérito	O1- Indicativo	O1- Indeterminado/iterativo
O2: -	O2- -	O2- Indeterminado/iterativo	

Na primeira oração, o verbo *ver* está no pretérito perfeito do indicativo e remete à experiência que o autor do texto teve enquanto morador da região do Sol Nascente. São fatos que o estudante presenciou ou teve conhecimento, por isso o modo indicativo. Quanto ao aspecto expresso pelo verbo no enunciado, nota-se que, apesar da forma verbal expressar o perfeito, o aspecto do enunciado é indeterminado e iterativo.

Segundo Travaglia (2015, p.87), o aspecto indeterminado remete à expressão de “verdades eternas ou tidas como tais”. Essas verdades, segundo o autor, podem ser verdades científicas, máximas, provérbios ou simples afirmações de caráter geral. Normalmente, os verbos que expressam o aspecto indeterminado estão no presente do indicativo; contudo, nessa ocorrência, é possível depreender as “coisas erradas” presenciadas pelo estudante não se limitam ao pretérito, o testemunho do estudante ocorre até o presente, visto que a violência e o tráfico de drogas são comuns na região. Desse modo, o *topoi* (ver análise do eixo B2 à frente) que o aluno apresenta em seu texto contribui para a expressão do aspecto indeterminado.

Além disso, o uso do modificador *muitas* deixa pressuposta a ideia de repetição, e, como não há limitação e nem continuidade no ato de ver coisas *erradas acontecendo*, entendemos que se expressa também iteração. O verbo no gerúndio, *acontecendo*, também contribui para essa interpretação aspectual indeterminada e iterativa, pois *acontecendo* é um modificador de *coisas erradas* e também deixa subentendido que, à medida que essas coisas erradas acontecem, o estudante as presencia iterativamente.

Nesse sentido, a ocorrência em análise mostra que, além da marcação gramatical, o aspecto pode ser depreendido a partir das relações de sentido e também das estruturas ideológicas do discurso (VAN DIJK, 2006), devido ao *topoi* que a iteração auxilia a expressar. A interação entre os aspectos também reforça o caráter argumentativo do texto, uma vez que presenciar constantemente situações de violência – que ocorrem indeterminadamente – licencia o estudante a apresentar e defender seu ponto de vista em torno destes fatos.

Em relação ao tempo e ao modo de *acontecendo*, não é possível depreender o tempo e o modo deste verbo do ponto de vista morfológico. Contudo, é possível afirmar que *acontecendo*, por modificar *coisas erradas* que o estudante viu acontecer, herda o mesmo TAM da oração anterior. Nesse sentido, houve uma extensão metonímica do TAM para *acontecendo*. Segundo Traugott & Dasher (2005), as relações metonímicas se constroem a partir das associações em um mesmo contexto sintagmático, como observamos no enunciado. Na sequência, continuamos a análise da ocorrência 1 no eixo da forma, com respeito às propriedades sintáticas da sentença:

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 1			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente, muitas guerras. (L.F.T., 3-6)</i>	O1- <i>Eu</i>	O1- <i>muitas coisas erradas</i>	O1 <i>no Sol nascente</i>
	O2 <i>Muitas coisas erradas</i>	O2 <i>acontecendo, muitas guerras</i> O2 -	O2 <i>no Sol nascente</i>
<b>Orações em análise:</b> O1 <i>vi muitas coisas erradas</i> O2 <i>acontecendo no Sol nascente</i>			

No enunciado em análise, temos como sujeito, na primeira oração, *eu* e objeto direto *muitas coisas erradas acontecendo*; já na segunda oração, o sujeito é *muitas coisas erradas*, o verbo *acontecer* não seleciona objeto. Ou seja, *acontecendo* é um constituinte do objeto direto da primeira sentença, pois funciona como um modificador de *coisas erradas*, o núcleo do objeto direto, e, ao mesmo tempo, *acontecendo* apresenta propriedades de um núcleo de predicação como a seleção de um sujeito. O preceito do

“rebaixamento hierárquico” de Lehmann (1988) pode ser observado na ocorrência em análise, visto que *acontecendo no Sol Nascente*, apesar de ser uma oração, é ao mesmo tempo constituinte da outra oração do enunciado. Desse modo, a oração de gerúndio está posposta a outra oração, visto que ela é um constituinte dessa outra oração.

Em decorrência disso, é possível verificar a restrição da ordem das sentenças que compõem o enunciado a partir da integração, pois segundo Lehmann (1988), quanto maior a aproximação/integração, maior também são as restrições de posição das sentenças. Além disso, podemos justificar a restrição de ordem das sentenças integradas na ocorrência pelo princípio da iconicidade de ordenação linear, visto que para justificar a escrita da carta do leitor, o autor se insere no contexto do Setor Sol Nascente, topicalizando o ato de testemunhar as coisas erradas que ocorreram na região. Ou seja, para validar a argumentação, o autor constrói o enunciado a partir do fato de residir no Sol Nascente e, por essa razão, ele presenciou muitas coisas erradas acontecendo. A ordem na qual os constituintes se organizam reforça, portanto, o ponto de vista do estudante.

Por fim, no enunciado temos o adjunto *no Sol nascente*, que é relativo tanto à *eu já vi muitas coisas erradas **acontecendo** no Sol nascente*, quanto à *muitas coisas erradas **acontecendo** no Sol nascente*. O adjunto adverbial é considerado uma relação gramatical periférica (GIVÓN, 2001), considerando que o adjunto adverbial, do ponto de vista sintático, não é um argumento da predicação. Entretanto, na ocorrência em análise, o adjunto *no Sol nascente* é, do ponto de vista semântico, um participante necessário na cena enunciativa (PAYNE, 1997), pois para ocorrer a adequação ao tema do texto, comentário sobre a notícia sobre o Setor Sol Nascente, o uso do adjunto *no Sol nascente* é imprescindível para orientar o leitor no percurso argumentativo a ser desenvolvido no texto. Após essas considerações, apresentamos a análise da ocorrência 1 no segundo eixo de análise, eixo da função, com ênfase nas propriedades semânticas e pragmáticas:

Gerúndio adjetivo-ocorrência 1			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<i>Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente, muitas guerras. (L.F.T., 3-6)</i> <b>Orações em análise:</b> O1 <i>vi muitas coisas erradas</i> O2 <i>acontecendo no Sol nascente</i>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas		
	Papéis semânticos	Semântica do verbo	Pressupostos, acarretamentos, implicações
	O1: <i>Eu: experienciador</i> <i>Coisas erradas</i>  O2: <i>(Coisas erradas):</i> tema. <i>No Sol nascente:</i> locativo	<i>vi:</i> percepção/cognição <i>acontecendo:</i> processo.	Ver: tomar conhecimento e estar presente.  Acontecer: pressuposto iteratividade, maior duração
	Tópico	Foco	Inferência sugerida
O1: <i>Eu</i>  O2 <i>Coisas erradas</i>	O1: <i>muitas coisas erradas</i>  O2:	O verbo no gerúndio com função de adjetivo sugere que as coisas erradas são um fato “natural”, um atributo do Sol Nascente.	<i>Acontecendo</i> torna-se uma expressão (inter)subjetiva.

Em relação ao verbo *ver* em *eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente*, ele pode acionar dois sentidos. O primeiro é testemunhar um fato, ou seja, estar presente no momento em que as coisas erradas ocorreram, já o segundo sentido é tomar conhecimento dos atos de violência, sem que necessariamente o estudante estivesse presente na cena a que ele se reporta no texto. Já em *acontecendo*, há o pressuposto, acionado a partir do gerúndio, de que coisas erradas ocorrem constantemente no Sol Nascente.

Associando essas reflexões ao processo de (inter)subjetivação, em *eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente*, tanto *vi* quanto *acontecendo* são expressões altamente subjetivas. Traugott e Dasher (2005) afirmam que as interações linguísticas tendem a tornar os significados mais subjetivos, assim a ambiguidade é acionada em favor da subjetividade, ou seja, para reforçar os sentidos do texto segundo as implicaturas estabelecidas pelos falantes. Pelo fato de *ver* ter interpretação ambígua,

pois subentende-se que o estudante pode ter tido a experiência sensorial de ter visto *coisas erradas* ou ter tomado conhecimento delas, o autor do texto valida sua voz para argumentar em torno dos problemas do Sol Nascente, tornando a expressão mais (inter)subjativa. Em relação à subjetividade de *acontecendo*, a expressão do aspecto indeterminado deixa pressuposto no texto que os fatos relatados pelo estudante podem ter acontecido e que ainda estão acontecendo na região do Sol Nascente. A função adjetiva dada pelo verbo no gerúndio, somada à semântica de processo, faz com que *acontecendo* se torne uma expressão subjativa, e é mais um recurso que o autor usa para validar o seu posicionamento sobre o Sol Nascente no texto.

Quanto aos papéis semânticos de *eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente*, *eu* é experienciador, pois o autor do texto relata a sua experiência de presenciar ou saber dos atos criminosos. O estímulo que leva o autor a ter essa experiência é *muitas coisas erradas acontecendo*, e *no Sol nascente* tem papel de locativo, que demarca onde as coisas erradas acontecem. Retomando a discussão da análise do eixo da sintaxe, o adjunto *no Sol nascente* é relevante para a constituição do sentido do enunciado, visto que, devido à temática da carta, demarcar o local onde as *coisas erradas* acontecem é imprescindível para o atendimento do tema do texto.

Nessa linha, o sintagma nominal *muitas coisas erradas* tem papel semântico de tema, visto que sofreu um processo cuja causa não é mencionada no texto. Essa omissão é proposital, uma vez que o estudante tem consciência do quão perigoso é denunciar os autores das “coisas erradas” e, por isso, constrói um enunciado em que qualquer tipo de agência das ações que ele considera erradas é apagada, e apenas as ações são focalizadas.

Quanto ao tópico e o foco, na primeira oração o tópico é *eu*, o que é esperado para o início da carta do leitor, uma vez que é esperado que o autor do texto defenda seu ponto de vista diante de vários interlocutores. Da segunda oração, o tópico é *muitas coisas erradas*, que direciona o leitor para a temática que será desenvolvida no texto. Esse tópico coincide com o foco da primeira oração. Vejamos em que medida as propriedades semânticas e pragmáticas também estariam sujeitas às propriedades discursivas, analisadas na continuidade do eixo 2 do protocolo a seguir:

Gerúndio adjetivo - ocorrência 1				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente, muitas guerras. (L.F.T., 3-6)</i> <b>Orações em análise:</b> O1 <i>vi muitas coisas erradas</i> O2 <i>acontecendo no Sol nascente</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Carta do Leitor	Comentário da notícia	A região do Sol Nascente na qual se situa a escola é conhecida pelos altos índices de violência	<i>Topoi</i> Isenção de responsabilidade

A carta do leitor é um gênero textual no qual, em seu início, deve haver uma apresentação na qual o autor do texto estabelece a interlocução com o seu leitor (no caso o editor e a professora). Por isso, o estudante se apresenta e também expõe a sua relação com a região e as situações de violência, que é o tema da notícia. O enunciado em análise é narrativo, visto que há um relato da experiência do estudante no Sol Nascente. Levando em consideração que esta sequência narrativa está na introdução da carta do leitor, ela não é aleatória, pois ela serve para validar a argumentação que o autor irá estabelecer mais adiante.

No enunciado, o estudante reafirma o *topoi* de que, no Sol Nascente, acontecem apenas coisas erradas e ruins. Para van Dijk (2006), o *topoi* é uma estrutura do discurso ideológico que expressa o lugar comum, as crenças dos falantes e o que observamos no enunciado é a reprodução disso, apesar de que, quando os dados foram gerados, os adolescentes afirmavam que gostavam da região do Sol Nascente e que nem todas as pessoas que moram lá estão envolvidas com a criminalidade. Vale ainda dizer que *acontecendo* reforça essa crença do estudante no texto, pois a interpretação aspectual do gerúndio como um ato de duração indeterminada e iterativa se torna um atributo permanente das coisas erradas (acontecem sempre).

Além disso, chama a atenção no enunciado o fato de que o estudante não responsabiliza ninguém pelas coisas erradas. Isso fica evidente na escolha do falante de *muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente* para ser o objeto direto de *eu já vi*.

O sujeito não humano, inanimado e o verbo de processo mostram uma isenção de responsabilidade dos crimes que ocorrem no Sol Nascente. O estudante sabe que existem gangues e quadrilhas de alta periculosidade no bairro onde mora e sabe também que denunciar essas pessoas pode significar graves retaliações ou até mesmo ameaças de morte. Por essa razão, o conflito *Nós X Eles* não fica tão evidente no texto, mas pode ser subentendido a partir do conhecimento do contexto de geração de dados. *Nós*, no enunciado, são os moradores, vítimas da violência provocada por *Eles*, os criminosos, os autores das *coisas erradas*. O estudante assume, portanto, uma posição de morador e testemunha desses crimes.

Quanto a isso, podemos ainda relacionar a aproximação do estudante enquanto testemunha das coisas erradas que ocorrem no Sol Nascente a partir da relação icônica de aproximação, conforme será examinado no eixo C do protocolo, destinado às categorias cognitivas.

Gerúndio adjetivo - Ocorrência 1				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas acontecendo no Sol nascente, muitas guerras.</i> (L.F.T., 3-6) <b>Orações em análise:</b> O1 <i>vi muitas coisas erradas</i> O2 <i>acontecendo no Sol nascente</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Verbo de percepção > verbo de cognição	Projeção metonímica do tempo e modo de <i>vi</i> em <i>acontecendo</i>	Ordenação linear Aproximação	O Sol Nascente é um lugar muito violento.

Na perspectiva de análise que adotamos nesta tese, o discurso é também uma realidade cognitiva (VAN DIJK, 2010), ou seja, as estruturas ideológicas do discurso são compartilhadas cognitivamente. Isso fica evidente com o *frame* “O Sol Nascente é um lugar muito perigoso”, que é expresso no enunciado e compartilhado entre autor e leitores, visto que a carta do leitor é sobre uma notícia que foi lida em sala de aula.

Quanto às demais categorias cognitivas de análise, observa-se que o verbo *ver* está metaforizado, pois ele pode também ser compreendido como um verbo de cognição (saber, ter conhecimento). *Acontecendo* herda a ideia de duração, iteratividade,

indeterminação do enunciado anterior, caracterizando, portanto, uma metonímia. Ocorre aí uma ordenação linear, pois primeiro o aluno generaliza os acontecimentos e depois especifica alguns desses acontecimentos. Tudo isso para reforçar o *frame* de que o Sol Nascente é muito violento.

Além disso, *acontecendo* poderia ser parafraseado como *eu já vi muitas coisas erradas que acontecem/aconteceram no Sol nascente*, o que afastaria a oração subordinada do sintagma verbal da oração principal. Observa-se claramente a opção pelo uso do gerúndio, com a supressão das marcas de tempo, aspecto e modo verbal e do conectivo “que”, acionada pelo princípio da iconicidade de aproximação. O objetivo dessa aproximação do sujeito da sentença principal, *eu*, ao ato de *acontecer* é fortalecer a argumentação, no sentido do autor do texto mostrar para o leitor que estava na cena dos acontecimentos das coisas erradas, como testemunha e, por isso, ele tem “autoridade” para argumentar sobre os problemas da região. Ou seja, a integração das sentenças fortaleceu a construção argumentativa do texto.

Feitas essas considerações em torno da primeira ocorrência analisada do gerúndio adjetivo, passamos para a análise da segunda ocorrência selecionada:

Gerúndio adjetivo - ocorrência 2			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<p><i>Eu gostei que o polícia fez por que agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas querendo rouba e vender droga nas ruas e a min opinião.</i>(P.H. 3-8)</p> <p><b>Orações em análise:</b>  O1  <i>agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas</i>  O2  <i>querendo rouba e vender droga nas ruas</i>  O3 e O4  <i>rouba e vender droga nas ruas</i></p>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1 Futuro	O1 Indicativo	O1 Inceptivo/ imperfectivo
	O 2 Futuro	O2 Indicativo	O2 Imperfectivo/habitual
	O3 e 4 Futuro	O3 e 4 Indicativo	O3 e 4 Imperfectivo/habitual

No enunciado em análise, observamos que o tempo verbal expresso por *vai ficar* é o futuro, porém, a presença de *agora* no texto apresenta uma nuance de tempo presente, ou seja, a partir do momento presente (da ação da polícia) em diante os índices de violência no Sol Nascente diminuirão. Por extensão metonímica, os demais verbos também apresentam essa expressão temporal, reforçando a integração entre as sentenças que constituem o enunciado, pois seguem o princípio da co-temporalidade de Givón (2001). Da mesma maneira, o modo de *vai ficar* e dos demais verbos é o indicativo, pois expressa a certeza do autor de que a partir de agora a quantidade de bandidos nas ruas irá diminuir e, conseqüentemente, não cometerão os crimes de roubar e traficar.

Quanto ao aspecto, observa-se em [a partir de] *agora vai ficar* o inceptivo, pois este aspecto expressa as fases iniciais do evento verbal. Além desse aspecto, a perífrase também tem nuance do imperfectivo, visto que a duração do evento é incompleta. Já em *querendo, roubar e vender* não se observa essa interpretação inceptiva, uma vez que esses eventos referem-se às características típicas dos criminosos, segundo o *frame* de que todo criminoso quer roubar e vender drogas presente no texto. Esses verbos apresentam, portanto, interpretação aspectual imperfectiva e habitual. *Querendo, roubar*

e *vender* são imperfectivos devido à sua duração incompleta e são habituais por terem uma duração constante e contínua. Em suma, o aspecto verbal contribui para exprimir o posicionamento do autor, uma vez que a função adjetiva de *querendo* é constituída a partir dessa combinação aspectual.

A partir dessas considerações, analisamos as propriedades sintáticas do enunciado no protocolo a seguir:

Gerúndio adjetivo - ocorrência 2			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Eu gostei que o polícia fez por que agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas querendo rouba e vender droga nas ruas e a minha opinião.</i> (P.H. 3-8)	O1- <i>Um pouco menos bandidos</i> O2- (Um pouco menos bandidos) O3 e O4 ( <i>um pouco menos bandidos</i> )	O1- - O2- <i>rouba e vender droga</i> O3 - O4- <i>droga</i>	O1- <i>agora</i> <i>nas ruas</i> O2- <i>nas ruas</i> O3- <i>nas ruas</i> O4 <i>nas ruas</i>
Orações em análise: O1 <i>agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas</i> O2 <b><i>querendo</i></b> <i>rouba e vender droga nas ruas</i> O3 e O4 <i>rouba e vender droga nas ruas</i>			

O enunciado em análise é estruturado com uma sequência de orações integradas. Essa ordem contribui para a construção argumentativa, pois a oração principal está articulada ao enunciado anterior por meio de uma relação de explicação, ou seja, por meio dessa sentença o estudante esclarece o motivo pelo qual aprova a ação da polícia de prender a quadrilha. As subordinadas (*um pouco menos bandidos nas ruas querendo rouba e vender droga nas ruas*) reforçam ainda mais porque o fato de *ter menos bandidos nas ruas* seria positivo, pois caracterizam as ações dos bandidos, mostrando para o leitor o quanto eles são perigosos para o bairro Sol Nascente.

As sentenças 2, 3 e 4 modificam o sujeito, qualificando o desejo e as ações dos ladrões, ou seja, as sentenças 2, 3 e 4 são constituintes do sintagma nominal que forma o sujeito da sentença principal do enunciado em análise. Por essa razão, os sujeitos das sentenças 2, 3 e 4 são o mesmo da sentença 1. Já 3 e 4, que são complementos de 2, possuem os verbos no infinitivo. A sentença 3 não seleciona objeto, pois *roubar* está no sentido de agir como ladrão, ou seja, uma ação generalizada, que é condenada socialmente. Na oração 4, o verbo *vender* seleciona o objeto *drogas*, pois *vender* não é uma ação criminosa, mas *vender drogas* sim, por isso a necessidade de se selecionar um objeto direto para *vender* nesse contexto. Além disso, *querendo* pode ter a interpretação de um auxiliar modal, reforçando o caráter ambíguo dessa ocorrência.

Quanto aos adjuntos presentes no enunciado, *agora* funciona como um adjunto da primeira sentença, e *nas ruas* é adjunto das demais sentenças do texto, remetendo à situação de violência que a região do Sol Nascente passa. Diante dessas considerações, passamos à análise do eixo da função desta ocorrência, disposta no protocolo a seguir:

Gerúndio adjetivo -Ocorrência 2				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>Eu gostei que o policia fez por que agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas querendo rouba e vender droga nas ruas e a min opinião.(P.H. 3-8)</i></p> <p>Orações em análise: O1 <i>agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas</i> O2 <b>querendo</b> <i>rouba e vender droga nas ruas</i> O3 e O4 <i>rouba e vender droga nas ruas</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo		Pressupostos, acarretamentos, implicações
	<p>O1- <i>Agora- tempo</i> <i>Um pouco menos de bandidos- tema.</i> <i>Nas ruas- locativo</i></p> <p>O2 <i>Um pouco menos de bandidos- experienciador</i> <i>Nas ruas- locativo</i></p> <p>O3 <i>Um pouco menos de bandidos- agente</i> <i>Nas ruas- locativo</i></p> <p>O4 <i>Um pouco menos de bandidos- agente</i> <i>Droga- tema</i> <i>Nas ruas- locativo</i></p>	<p><i>Vai ficar- existência</i> <i>Querendo- volição</i> <i>Rouba- ação</i> <i>Vender- ação.</i></p>		<p><i>Agora: pressuposto</i> <i>Querendo: pressuposição e implicatura.</i></p>
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
	<p>O1: <i>um pouco</i></p> <p>O2: <i>um pouco menos bandidos</i></p> <p>O3: <i>um pouco menos bandidos</i></p> <p>O4: <i>um pouco menos bandidos</i></p>	<p>O1: <i>um pouco menos bandidos</i></p> <p>O2: <i>rouba e vender droga nas ruas</i></p> <p>O3: -</p> <p>O4: <i>droga nas ruas</i></p>	<p><i>Querendo</i> apresenta ambiguidade que infere o ponto de vista do autor.</p>	<p><i>Querendo</i> é uma expressão subjetiva</p>

A análise dos papéis semânticos das sentenças que constituem o enunciado mostra que, na primeira sentença, *agora* expressa circunstância de tempo e também traz o pressuposto de que, antes da polícia prender a quadrilha que agia no Sol Nascente, a criminalidade era alta e que essa situação se modificará. Já *um pouco menos bandidos* tem papel semântico de tema. Destaque para os modificares “poco” e “menos” que

mostram o posicionamento do autor de que a criminalidade não vai acabar, apenas diminuir.

Na segunda oração, *um pouco menos bandidos* tem papel de experienciador, pois aponta uma vontade vivenciada pelo sujeito. O verbo *querer* expressa volição e, ao mesmo tempo, qualifica, do ponto de vista do estudante, os criminosos que atuam no Sol Nascente. Ou seja *querendo* tem uma função adjetiva de qualificar o bandido e, ao mesmo tempo, tem função modalizadora, pois expressa a visão que o estudante tem do suposto desejo do bandido de roubar e vender drogas. Portanto, *querendo* pressupõe que o bandido teria o desejo/a opção de roubar e vender drogas, mas, ao mesmo tempo pode também acionar no leitor a visão que o autor do texto tem sobre o bandido, acionando uma implicatura com o leitor.

Quanto à *rouba e vender droga nas ruas*, observamos que os dois verbos são verbos de ação e, nessas sentenças, *um pouco menos bandido* tem papel semântico de agente. É interessante notar que essas sentenças que expressam as ações dos criminosos estão em último plano na sequência do texto e o que sobressai é o julgamento do estudante, expresso por *querendo*. Isso é esperado, visto que todo o enunciado é uma justificativa da opinião do estudante sobre a ação da polícia (*eu gostei que o policia fez*<sup>57</sup>). Quanto à análise das funções pragmáticas de tópico e foco do enunciado em análise, o foco é *um pouco menos bandidos*, a informação nova do enunciado que remete às consequências da ação da polícia e que o estudante aprova e convida o leitor a aprovar também, já que a diminuição da violência é um desejo de toda a população.

Nas demais orações, o tópico é *um pouco menos bandidos*, que é a informação que já foi expressa na primeira sentença e o *foco* se altera conforme a argumentação progride. Em *querendo roubar e vender drogas nas ruas*, o foco é *roubar e vender drogas nas ruas*, o que reforça a argumentação do texto, pois a modalidade de crime cometida por esses bandidos é especificada a fim de que o leitor conheça essas modalidades de crime e que, junto com o estudante, apoie seu ponto de vista.

Diante dessas observações relativas ao eixo semântico e pragmático, observa-se que a construção da argumentação do estudante ocorre a partir do compartilhamento do conhecimento de mundo entre autor e leitor. Por essa razão, se faz necessária a análise das propriedades discursivas apresentadas no protocolo a seguir.

---

<sup>57</sup> Esse trecho está no início da redação, mas não faz parte do escopo da ocorrência analisada. Ver texto integral nos anexos desta tese.

Ocorrência 2- Gerúndio adjetivo				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Eu gostei que o polícia fez por que agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas querendo rouba e vender droga nas ruas e a min opinião.(P.H. 3-8)</i>  Orações em análise: O1 <i>agora vai ficar um pouco menos bandidos nas ruas</i> O2 <i>querendo rouba e vender droga nas ruas</i> O3 e O4 <i>rouba e vender droga nas ruas</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Carta do Leitor	Comentário da notícia	O maior índice de crimes no Sol Nascente é o roubo, motivado por drogas, e o tráfico de drogas.	Atores Modalidade

O texto em análise é uma carta do leitor e uma de suas funções é argumentar em torno de um fato noticiado pela mídia. Observa-se que o estudante conseguiu compreender essa função do gênero carta do leitor, pois, na introdução do texto, o estudante afirma que leu uma notícia do Sol Nascente e, a partir dessa leitura, ele desenvolve um ponto de vista, confirmando o que van Dijk (1988) afirma sobre a função que a notícia tem de formar opiniões.

Em relação às estruturas do discurso ideológico, observa-se que a ação dos atores revela o conflito Nós X Eles. A ação da polícia representa o “nós”, pois na concepção do estudante a polícia deve proteger a população. E o “eles” é representado pelos bandidos, que não são quaisquer bandidos, são os que querem roubar e vender drogas. Nesse sentido, o gerúndio, com função adjetiva e modalizadora, reforça ainda mais o conflito, pois, segundo relatos dos estudantes durante as Sequências Didáticas, o maior índice de crimes está relacionado ao tráfico de drogas, inclusive o roubo que é

motivado pelo consumo de drogas, sendo tudo isso associado à vontade dos chamados bandidos.

Por fim, apresentamos a análise do eixo cognitivo dessa ocorrência:

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 2				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Eu gostei que o policia fez por que agora vai ficar um poco menos bandidos nas ruas querendo rouba e vender droga nas ruas e a min opinião.(P.H. 3-8)</i> <b>Orações em análise:</b> O1 <i>agora vai ficar um poco menos bandidos nas ruas</i> O2 <i>querendo rouba e vender droga nas ruas</i> O3 e O4 <i>rouba e vender droga nas ruas</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
			Extensão do tempo, modo e aspecto	Quantidade

No trecho em análise, percebe-se que há uma contiguidade de conceitos desencadeada pela extensão metonímica do tempo, modo e aspecto. Em relação aos processos icônicos, percebe-se que o princípio da quantidade é acionado com a expressão do aspecto habitual em “querendo”, pois o material linguístico – o sufixo de gerúndio – representa mais material semântico, que é a ação repetida dos bandidos. Além disso, é possível observar o princípio da proximidade em “querendo”, pois há uma extensão metonímica da habitualidade expressa pelo gerúndio no verbo para os verbos “roubar” e “vender”.

Quanto aos *frames* presentes no enunciado, observa-se que o principal deles é *No Sol Nascente o tráfico de drogas é intenso*, e, a partir desse *frame*, outros *frames* são acionados como *o Sol Nascente é muito violento* e *Só a polícia resolve o problema da violência do Sol Nascente*. *Querendo* reforça esses *frames*, visto que aponta para o leitor o posicionamento do autor, que coincide com os mesmos.

Feitas essas considerações sobre a 2ª ocorrência, partimos para a análise da 3ª ocorrência de gerúndio adjetivo.

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 3			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<p><i>Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro. Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha Bandido RouBando matando estrupando.</i> (T.V.,15-23)</p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: <i>Si tivesse essas penas</i></p> <p>O2 <i>eu duvido</i></p> <p>O3 <i>Que tinha Bandido RouBando matando estrupando.</i></p> <p>O4: <i>RouBando</i></p> <p>O5 <i>Matando</i></p> <p>O6 <i>Estrupando</i></p>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1 Pretérito	O1 Subjuntivo	O1 Imperfectivo
	O2 Presente	O2 Indicativo	O2 Indeterminado
	O3 Pretérito imperfeito	O3 Indicativo	O3 Indeterminado
	O4 Presente	O4 Indicativo	O4 Indeterminado/Durativo/habitual
	O5 Presente	O5 Indicativo	O5 Indeterminado/Durativo/habitual
	O6 Presente	O6 Indicativo	O6 Indeterminado/Durativo/habitual

O enunciado em análise está inserido num trecho do texto em que o estudante está concluindo sua argumentação em torno do problema da violência do Sol Nascente e do Brasil como um todo. Por isso, ele propõe uma intervenção que, segundo o estudante, resolveria os altos índices de criminalidade a partir de um modelo que o aluno acredita que seja adotado nos Estados Unidos<sup>58</sup>. De acordo com ele, a pessoa que mata sofre a pena de morte, e quem rouba e estupra tem as mãos cortadas nos Estados Unidos. Então, ele conclui o texto afirmando que, se essas leis fossem adotadas no Brasil, não haveria tanta criminalidade como há no nosso país.

Diante disso, o enunciado analisado inicia com uma sentença com valor condicional (*Por que si tivesse essas penas*), na qual introduz a possível solução para os problemas e, por isso, o verbo está no imperfeito do modo subjuntivo (*irrealis*). O aspecto verbal de *tivesse* é imperfectivo, pois sugere a duração indeterminada desse evento, a existência dessas leis no Brasil.

Na sequência do enunciado, *eu duvido* introduz o posicionamento do estudante diante da situação de violência e impunidade no Brasil. O presente do indicativo aciona essa certeza do estudante e também cria no leitor a expectativa de que as mudanças propostas pelo autor do texto serão de fato produtivas. Na próxima sentença, *tinha Bandido RouBando matando estrupando*, o verbo *tinha* foi usado com sentido de “existir” e no lugar de “teria/existiria”, que é o futuro do pretérito. O futuro do pretérito, apesar de estar no modo indicativo, implica um grau *realis* menor que o presente do indicativo. Contudo, percebemos que há também uma leitura de presente do indicativo em *tinha*, porque, pelo contexto, é possível inferir que os bandidos estão agindo. Nesse sentido, é possível afirmar que *tinha* é influenciada metonimicamente pela forma “duvido”, claramente no indicativo (modo *realis*), expressando uma certeza subjetiva do falante frente ao que ele afirma.

---

<sup>58</sup> Vide texto completo nos anexos.

É válido dizer, contudo, que a influência metonímica de tempo e de modo presente no enunciado é marcada pela integração das sentenças, visto que *tinha Bandido RouBando matando estrupando* é objeto de *eu duvido* e essa aproximação sintagmática também influencia na extensão metonímica do tempo e do modo. Givón (1979) afirma que, quanto mais as sentenças forem integradas do ponto de vista semântico e pragmático, maior é a integração sintática e é isso que vemos nesse enunciado, pois a noção de certeza de *eu duvido* também é estendida para *tinha Bandido RouBando matando estrupando*.

Quanto ao aspecto, observamos que *eu duvido* tem uma interpretação indeterminada, porque representa a crença do estudante em relação ao problema da violência. Por extensão metonímica, *tinha bandido* também tem a interpretação aspectual indeterminada, além disso, a interpretação existencial de *tinha* também contribui para essa expressão aspectual. Já *roubando, matando estuprando* teriam, além do aspecto indeterminado, o aspecto durativo e habitual, expresso pelo gerúndio repetido nos verbos. O fato de o gerúndio nesses verbos também ter função adjetiva, por qualificar *bandidos*, o aspecto habitual é reforçado, pois se não há previsão de fim das ações dos bandidos elas se tornam hábito. A seguir, partimos para a análise das propriedades sintáticas do enunciado.

Gerúndio adjetivo - Ocorrência 3			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro. Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha Bandido RouBando matando estrupando.</i> (T.V.,15-23)	O1	O1-	-
	<i>Essas penas</i>	-	
	O2	O2	
	<i>Eu</i>	<i>tinha Bandido</i>	
	O3	<i>RouBando matando</i>	
	<i>Bandido</i>	<i>estrupando.</i>	
<b>Orações em análise:</b> O1: <i>Si tivesse essas penas</i> O2 <i>eu duvido</i> O3 <i>Que tinha Bandido RouBando matando estrupando.</i> O4: <i>RouBando</i> O5 <i>Matando</i> O6 <i>Estrupando</i>	O4 (Bandido)	O3 -	
	O5 (Bandido)	O4 -	
	O6 (Bandido)	O5 -	
		O6 -	
		O6 -	
		O6 -	

A primeira oração a ser analisada é introduzida por *Por que*, trazendo para o leitor a explicação do seu posicionamento (de que o Brasil deve adotar penas mais duras), o qual foi apresentado no parágrafo anterior. A oração seguinte é introduzida por uma conjunção condicional *se*, e o sujeito é *essas penas*, e não há objeto, pois *tivesse* é, no contexto, um verbo existencial.

Já na segunda sentença, o sujeito é “eu”, e “bandido RouBando matando estrupando” é o objeto direto, ou seja, os verbos no gerúndio fazem parte do objeto direto da segunda sentença. *Duvido* é um verbo modal e, tal como Givón (2001) afirma, os verbos modais prototipicamente apresentam complementos oracionais. Como *bandido RouBando matando estrupando* é o objeto direto, a ordem das orações se

justifica, já que essa oração é um constituinte de outra oração, e a ordem nessa ocorrência determina a relação gramatical.

Em relação às sentenças com os verbos no gerúndio, destacamos ainda o fato de que elas compartilham com *tinha bandido* o sujeito, o que aponta uma integração maior entre as sentenças, visto a correferência dos sujeitos e também a extensão metonímica do tempo, modo e aspecto.

As sentenças com o verbo no gerúndio, apesar de serem verbos de ação que, prototipicamente, são verbos transitivos, se apresentam como verbos intransitivos no enunciado. Essa ausência do objeto provavelmente ocorre devido à função adjetiva que os verbos no gerúndio assumem no enunciado, pois o gerúndio acrescenta a expressão do aspecto habitual, que permite a interpretação generalizada, via metonímia, de que *roubar, matar e estuprar* são atributos dos bandidos.

Por fim, notamos que não há adjuntos. Pensamos essa ausência demonstra que o estudante quer conduzir o leitor à conclusão do seu ponto de vista sem necessidade de acrescentar outras informações ao texto.

O enunciado em análise apresenta, portanto, um encadeamento de sentenças que levam o leitor a uma conclusão, mostrando que a integração de sentenças reflete a estrutura do discurso retórico, tal como Mathiessen & Thompson (1988) afirmam. Concluída a análise da ocorrência do ponto de vista sintático, apresentamos a análise das propriedades semânticas e pragmáticas.

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 3				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro. Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha Bandido RouBando matando estrupando.</i> (T.V.,15-23)</p> <p>Orações em análise: O1: <i>Si tivesse essas penas</i> O2 <i>eu duvido</i> O3 <i>Que tinha Bandido RouBando matando estrupando.</i> O4: <i>RouBando</i> O5 <i>Matando</i> O6 <i>Estrupando</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo		Pressupostos, acarretamentos, implicações
	O1- <i>Essas penas</i> - Tema O2- <i>Eu</i> - experienciador <i>Bandido</i> - tema O3- <i>Bandido</i> - tema O4- ( <i>Bandido</i> ): Agente O5- ( <i>Bandido</i> ): Agente O6- ( <i>Bandido</i> ): Agente	<i>Duvido</i> - Modal <i>Tinha</i> - existencial <i>Roubando</i> - Ação <i>Matando</i> - Ação <i>Estrupando</i> - Ação		O verbo <i>duvidar</i> é implicativo negativo.
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
	O1- <i>essas penas</i> O2- <i>eu</i> O3 <i>Bandido</i> O4 <i>Bandido</i> O5 <i>Bandido</i> O6 <i>Bandido</i>	O1- <i>tinha Bandido</i> <i>RouBando matando estrupando.</i> O2- <i>RouBando matando estrupando.</i> O3- - O4- - O5-	A sequência de verbos no gerúndio qualificando as ações dos criminosos permite inferir que essas ações são repetidas, habituais e conjugadas.	A sequência de verbos no gerúndio é uma expressão (inter)subjetiva.

O enunciado em análise é construído a partir das crenças do estudante em torno da possibilidade de penas mais rígidas serem adotadas no Brasil a fim de diminuir a criminalidade. O enunciado começa com a conjunção *porque* justificando o posicionamento do estudante no parágrafo anterior (*Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro*) e introduz a condição para a diminuição dos índices de violência, a existência de penas mais rígidas. Por essa razão, o verbo é existencial (*tivesse*), e *essas penas* tem papel semântico de tema. Esse enunciado (*Por que si tivesse essas penas*) é pressuposto para toda a argumentação e defesa do ponto de vista do estudante.

Já em *eu duvido*, o verbo *duvidar* é um modal epistêmico (GIVÓN, 2001), pois o verbo expressa toda certeza do estudante dos benefícios que a possível adoção de leis mais severas traria ao Brasil. *Duvidar* no enunciado se comporta como um verbo implicativo negativo. Neves (2011) afirma que, em enunciados afirmativos em que um verbo implicativo negativo é o predicado da oração principal, o complemento não é factual, ou seja, algo que não ocorreu. Entretanto, no enunciado em análise, o complemento de *eu duvido* é *tinha bandido RouBando matando estrupando*, que é um complemento factual, pois de acordo com o contexto e o *frame* acionado no texto, a criminalidade ainda é uma realidade no Brasil. A semântica existencial do verbo em análise e a influência da leitura ambígua de *tinha*, de futuro do pretérito e de presente, devido à extensão metonímica entre esse verbo e *eu duvido*, torna a interpretação do enunciado factual.

Diante disso, observamos como nesse contexto o uso de *tinha bandido roubando, matando estuprando* foi resignificado via metonímia e (inter)subjetivação, pois a extensão metonímica contribuiu para criar um sentido no qual o falante reafirma o seu ponto vista no contexto argumentativo. Apoiados em Traugott & Dasher (2005), compreendemos que *eu duvido* teve seu significado reanalisado pragmaticamente.

A relação metonímica e subjetiva de *eu duvido* com o seu complemento amplia, portanto, a integração entre as sentenças, confirmando que sentenças com verbos modalizadores são mais integradas aos seus complementos que sentenças com verbos de elocução, cognição e de manipulação (GIVÓN, 2001). A integração nesse enunciado tem influência de processos pragmáticos, o que confirma essa maior integração, pois não se restringe à semântica e à sintaxe.

Quanto à análise semântica e pragmática dos verbos no gerúndio no enunciado, observamos que todos eles são verbos de ação e se associam ao agente *bandido*. Chama

a atenção o fato de que esses verbos estão dispostos em sequência no enunciado e, além terem uma função adjetiva, ou seja, caracterizam os bandidos, esses verbos no gerúndio em sequência também reforçam o posicionamento do estudante, via inferência sugerida. O gerúndio no enunciado também tem a interpretação de que os atos dos criminosos são habituais, recorrentes. E isso se torna uma denúncia de que a criminalidade é comum não só na região do Sol Nascente, mas em todo o Brasil.

Além disso, a habitualidade expressa pelos verbos no gerúndio reforça a ideia de que as penas devem ser mais rígidas, pois a ideia de habitualidade dada pelo aspecto habitual presente nos verbos mostra que, se esse é um hábito a ponto de ser um atributo do bandido, então a solução é prendê-los por mais tempo. Nesse sentido, o estudante usa o gerúndio em sequência do texto para expressar o seu ponto de vista. Em consequência disso, compreende-se que a sequência de verbos no gerúndio é uma expressão (inter)subjetiva, pois concorre para a construção do ponto de vista do autor, a fim de promover a persuasão do leitor.

Para finalizar a análise do eixo semântico e pragmático da 3ª ocorrência de gerúndio adjetivo, observamos as funções de tópico e foco no enunciado. É válido observar que, nas três primeiras orações, o tópico (*essas penas, eu e bandido*, respectivamente) é voltado para o locutor- o estudante- e o foco a expressão desse posicionamento. Nas orações que são sequências de gerúndio, o tópico é voltado para os criminosos. Em síntese, podemos afirmar que a construção do enunciado é voltada para a expressão do posicionamento do estudante, e as ações dos bandidos ficam em segundo plano. Estabelecida a análise do eixo semântico e pragmático, apresentamos, a seguir, a análise das propriedades discursivas da ocorrência 3:

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 3				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro. Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha</i></p> <p><b>Bandido RouBando matando estrupando.</b> (T.V.,15-23)</p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: <i>Si tivesse essas penas</i></p> <p>O2 <i>eu duvido</i></p> <p>O3 <i>Que tinha</i></p> <p><b>Bandido RouBando matando estrupando.</b></p> <p>O4: <b>RouBando</b></p> <p>O5 <b>Matando</b></p> <p>O6 <b>Estrupando.</b></p>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
Carta do leitor	<p>Comentário sobre a notícia</p> <p><i>Organização criminosa espalhava o terror no Setor Habitacional Sol Nascente</i></p>	<p>O índice de violência e impunidade na comunidade pesquisada é muito alto</p>	<p>Atores</p> <p>Modalidade</p> <p>Generalização</p> <p>Exemplos e ilustrações</p> <p>Contraste</p>	

O enunciado em análise é uma carta do leitor que faz um comentário sobre a notícia *Organização criminosa espalhava o terror no Setor Habitacional Sol Nascente*. Toda a argumentação parte do pressuposto de que a lei não é eficiente para conter a violência (*Eu acho que as regras de DF tem que mudar*<sup>59</sup>). Essa generalização é a premissa para todo o percurso argumentativo que será desenvolvido e reflete a realidade que os adolescentes participantes da pesquisa vivem: uma comunidade com altos índices de violência.

Na sequência do texto, o estudante lança mão de exemplos e ilustrações para convencer o leitor de que as leis precisam mudar para acabar com a violência. O adolescente toma como exemplo as leis dos Estados Unidos, o qual ele tem como modelo de país desenvolvido e sem violência, para contrastar com a realidade brasileira, tanto que ao final do primeiro parágrafo do trecho, o estudante sugere que *tinha que ser assim* (como nos Estados Unidos) *pra para com a criminalidade no Brasil inteiro*.

Ao prosseguir com a argumentação, o estudante então conclui a sua argumentação (e o texto) modalizando o seu discurso, mostrando ao leitor a certeza de que, se as leis mais duras, tal como nos Estados Unidos, fossem vigentes no Brasil, não haveria violência. O verbo *duvidar* modaliza a sequência do texto, pois aponta a crença do autor diante dos efeitos das mudanças por ele propostas. A sequência de verbos no gerúndio como atributos/hábitos dos bandidos reafirma a certeza do estudante de que a violência é uma realidade constante, grave, complexa. E, quando o estudante sugere que penas mais duras impediriam esse tipo de ação dos bandidos, essa sugestão irá solucionar o problema da segurança no Brasil, e por extensão metonímica, do Sol Nascente também, uma vez que o Sol Nascente é parte do Brasil.

Além disso, é importante destacar no trecho a presença do conflito Nós X Eles. O “nós” é representado por agentes (o presidente) e a ação do Estado (penas mais duras) e também o posicionamento do próprio estudante. Já o “eles” é representado pelos bandidos e suas ações (roubar, matar estuprar). Os enunciados que apresentam a ação do Estado ou o posicionamento do estudante possuem uma construção sintática na qual o verbo se apresenta em forma finita, e a ação dos bandidos é representada por uma sequência de verbos no gerúndio, que nominaliza essas ações e também expressa o desejo do estudante de que haja uma supremacia do “nós” sobre o “eles”.

---

<sup>59</sup> Ver texto na íntegra no anexo desta tese.

Feitas essas considerações em torno das propriedades discursivas da ocorrência, apresentamos a análise das propriedades cognitivas presentes na ocorrência 3.

Gerúndio adjetivo-Ocorrência 3				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
<p><i>Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro.</i></p> <p><i>Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha <b>Bandido RouBando matando estrupando.</b> (T.V.,15-23)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: <i>Si tivesse essas penas</i></p> <p>O2 <i>eu duvido</i></p> <p>O3 <i>Que tinha <b>Bandido RouBando matando estrupando.</b></i></p> <p>O4: <i><b>RouBando</b></i></p> <p>O5 <i><b>Matando</b></i></p> <p>O6 <i><b>Estrupando</b></i></p>	<p>Abstratização do sentido da palavra rígida</p>	<p>Extensão metonímica do tempo e modo verbal no enunciado</p> <p>Extensão metonímica na generalização das ações da polícia</p>	<p>Quantidade</p> <p>Ordenação linear</p>	<p>não há leis duras no Brasil, por isso os bandidos cometem crimes”</p> <p>“estuprar é pior que matar”</p>

O trecho em análise é desenvolvido a partir do *frame* “não há leis duras no Brasil, por isso os bandidos cometem crimes”. Então, a solução para o problema é a adoção de leis que acabem com o sentimento de impunidade presente no Brasil. O uso da palavra “rígida”, em trecho anterior ao analisado<sup>60</sup>, para caracterizar as leis é uma metaforização, pois um estado físico caracteriza uma lei, que é o dispositivo de ação do Estado. Essa abstratização do uso de “rígida” não tem uma avaliação negativa por parte do autor, pelo contrário, a rigidez das leis mostra a eficiência do Estado em proteger os cidadãos. Tanto que, para reforçar isso, o estudante usa, ainda que de modo equivocado, como exemplo as leis dos Estados Unidos, que na sua concepção, são leis eficientes para acabar com a violência. O *frame a impunidade no Brasil aumenta a criminalidade* também é acionado neste enunciado, o que reforça a avaliação negativa do autor em torno dessas ações.

No desenvolvimento da argumentação, percebe-se também a extensão metonímica. O estudante refere-se ao problema da violência não só do Sol Nascente, mas de todo o Distrito Federal e de todo o Brasil e sugere mudança nas leis do país para que a região onde ele mora também seja beneficiada.

Quanto às relações icônicas presentes no texto, observa-se, na sequência de verbos no gerúndio, o princípio da quantidade, expresso pela repetição de verbos no gerúndio, o que reforça que as ações criminosas são habituais a ponto de se tornarem atributos, ou seja, mais material linguístico, mais conteúdo semântico. O domínio da habitualidade passa a expressar um atributo, caracterizando também uma metaforização do gerúndio.

O princípio da ordenação linear pode ser considerado nessa sequência se considerarmos que o *frame* “estuprar é pior que matar” é acionado nesse trecho. Isso chama a atenção na sequência de verbos no gerúndio que dá atributo à ação dos bandidos. Parece que a sequência (“roubando matando estuprando”) está disposta segundo o grau de gravidade que o autor do texto atribui a esses crimes, e essa visão de mundo de que estuprar é pior que matar, revelando aí também a crença do autor sobre o medo que a mulher tem de sofrer esse tipo de crime. Assim, é possível afirmar que os verbos estão dispostos em ordem de gravidade do crime cometido, e essa ordem realça o grau de maldade dos criminosos e, por isso, a necessidade de criar leis mais rígidas para acabar com a criminalidade.

---

<sup>60</sup> Ver íntegra do texto nos anexos da tese.

A seguir, apresentamos a quarta ocorrência de gerúndio adjetivo.

<b>Gerúndio adjetivo -Ocorrência 4</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
<p><i>A pessoa não nasce com o racismo, mais a partir do momento que ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista.</i> (L.R.S., 4-6)</p> <p>Orações em análise: O1: <i>ela ver alguém</i> O2: <i>praticando racismo com outra pessoa</i> O3: <i>ela vai aprender a ser racista.</i> O4: <i>a ser racista</i></p>	<b>A.1 Propriedades morfossintáticas</b>		
	<b>Tempo</b>	<b>Modo</b>	<b>Aspecto</b>
	O1 Futuro	O1 Subjuntivo	O1 Perfectivo/iterativo
	O2 Futuro	O2 Subjuntivo	O2 Perfectivo/iterativo/habitual
	O3 Futuro	O3 Indicativo	O3 Perfectivo/iterativo/habitual
O4 futuro	O4 indicativo	O4 Habitual/iterativo	

As orações que fazem parte do enunciado analisado estão quase todas em sua forma mais nominal- gerúndio e infinitivo. A primeira, *ela ver alguém*, *ver* está no futuro, e, por extensão metonímica, as demais formas não finitas também podem ter essa interpretação temporal. A única forma finita, *vai aprender*, também está no futuro e também foi influenciada metonimicamente para expressar o futuro. Quanto ao modo verbal, observamos que nesse enunciado há a predominância do modo subjuntivo, pois se trata das hipóteses criadas pelo falante em torno do tema racismo.

É interessante observar que a primeira sentença do parágrafo - *A pessoa não nasce com o racismo*- está no presente do indicativo e denota uma certeza do falante, mas, na sequência, o operador *mais*, que expressa oposição, e *a partir do momento*, que expressa tempo/aspecto, já induz o leitor a compreender que a sequência do enunciado trará hipóteses elaboradas pelo autor do texto. Apenas a forma finita *vai aprender*

aparece no indicativo, expressando os efeitos da hipótese levantada pelo estudante no texto.

Em relação ao aspecto no enunciado, o verbo *ver*, pela sua semântica, pode ser interpretado como um verbo perfectivo, tendo presenciado em um único momento, mas por ter forma de infinitivo que indica futuro do subjuntivo, a interpretação admite a leitura do aspecto iterativo. Em *praticando*, há também uma interpretação ambígua. Ao mesmo tempo é possível compreender que a criança se tornará racista se presenciar uma única vez um ato de racismo, ou então se ela presenciar vários atos racistas ao longo do tempo, ela se tornará racista.

Diante dessas observações, é interessante mencionar a influência do contexto na constituição do aspecto nesse enunciado, ou seja, não é apenas o verbo que expressa essa categoria na ocorrência. Todo o enunciado é construído a partir da metonímia parte pelo todo, uma vez que o estudante, ao mencionar que uma pessoa não nasce racista, ele não se refere apenas a uma única pessoa, mas está generalizando, tomando um representante do conjunto como o todo. Assim, a metonímia parte-todo também influi na constituição do aspecto verbal de todo o enunciado.

Estabelecidas essas considerações em torno do aspecto, analisamos o eixo sintático a seguir:

Ocorrência 4- Gerúndio adjetivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<p><i>A pessoa não nasce com o racismo, mais a partir do momento que ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista. (L.R.S., 4-6)</i></p> <p><b>Orações em análise:</b></p> <p>O1: <i>ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa</i></p> <p>O2: <i>praticando racismo com outra pessoa</i></p> <p>O3 <i>ela vai aprender</i></p> <p>O4 <i>a ser racista</i></p>	O1- <i>Ela</i>	O1- <i>alguém praticando</i>	O1 <i>com outra pessoa</i>
	O2- <i>Alguém</i>	O2- <i>racismo</i>	O2 -
	O3- <i>Ela</i>	O3- <i>Racismo</i>	O3 -
	O4- <i>(Ela)</i>	O4- <i>A ser racista</i>	O4 -
		O4- -	-

No enunciado em análise, destacamos quatro orações. Todas elas estabelecem entre si uma relação de integração, que ocorre tanto no nível sintático quanto no nível da organização retórica do discurso, tal como Mathiessen & Thompson (1988) afirmam. A primeira sentença em análise, *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*, está numa relação paratática com *A pessoa não nasce com o racismo*, com a qual há baixa integração do ponto de vista sintático, mas o operador discursivo *mais* estabelece uma integração semântica e discursiva.

Na sequência, temos a expressão *a partir do momento que* introduzindo *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*. Essa expressão estabelece uma relação de causa-consequência com *ela vai aprender a ser racista*, a oração que estabelece uma hipotaxe com *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*. Nesse caso, as orações estão em ordem inversa.

Já *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa* as orações encabeçadas pelos verbos “ver” e “praticar” estão bem mais integradas, do ponto de vista sintático, que as demais sentenças do enunciado, pois *praticando racismo* é um modificador de *alguém* e tem um peso muito forte na constituição do argumento do estudante, já que não é qualquer pessoa com quem a criança deve conviver, deve ser alguém que pratica racismo.

Enfim, nessa ocorrência, observamos que a integração de sentenças ocorre a partir da hierarquia do discurso retórico a fim de constituir a argumentação. Apresentamos no eixo a seguir a análise das propriedades semânticas e pragmáticas.

Gerúndio adjetivo- Ocorrência 4				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p>A pessoa não nasce com o racismo, mais a partir do momento que ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista. (L.R.S., 4-6)</p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: ela ver alguém</p> <p>O2: praticando racismo com outra pessoa</p> <p>O3: ela vai aprender a ser racista.</p> <p>O4: a ser racista</p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo		Pressupostos, acarretamentos, implicações
	<p>O1: Ela: experienciador Alguém: tema</p> <p>O2: Alguém: agente Racismo: tema Com outra pessoa: alvo</p> <p>O3 Ela: experienciador</p> <p>O4: Ela: tema</p>	<p>Ver: percepção Praticando: ação Vai aprender: cognição Ser: estado</p>		<p>O gerúndio em praticando pode pressupor iteração e habitualidade e acarreta a aprendizagem do racismo por causa disso.</p>
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
	<p>O1: Ela</p> <p>O2: Alguém</p> <p>O3: Ela</p> <p>O4: Ela</p>	<p>O1: Alguém praticando racismo com outra pessoa</p> <p>O2: Racismo com outra pessoa</p> <p>O3: A ser racista</p> <p>O4: Racista</p>	<p>Pessoa pode ser interpretada como “criança” e alguém como “adulto”</p>	<p>Praticando racismo é uma expressão (inter)subjetiva.</p>

No enunciado, o verbo *ver* é um verbo de percepção que está empregado no sentido de presenciar. Esse verbo seleciona um sujeito experienciador – *ela*, que segundo o autor presencia uma ação, a prática do racismo. *Praticar* é um verbo de ação, que pressupõe um sujeito agente – *alguém* – que causa um efeito, que é o *racismo*, em um alvo – *com outra pessoa*. Diante disso, a pessoa tem uma sensação/percepção do sentido da visão, e a partir dessa percepção ela aprende um comportamento, o de ser racista. Nesse sentido, em *ela vai aprender a ser racista* “aprender” é um verbo de cognição, e “ela” é um sujeito experienciador, tendo o mesmo papel semântico que em *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*, pois o aprendizado ocorreu via

experiência de ver/presenciar a prática do racismo. O papel semântico entre as sentenças é compartilhado metonimicamente.

Quanto aos efeitos de sentido do gerúndio no texto, em *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*, *ver* tem uma ambiguidade no aspecto verbal, pois o contexto admite duas leituras: uma única situação de racismo já faz a criança a aprender o racismo, ou a exposição contínua a situações de racismo faz a criança se tornar racista. *Ver*, portanto, pode ter o aspecto pontual e/ou iterativo. Essa ambiguidade é também estendida metonimicamente para *praticando*, pois as leituras aspectuais de *ver* também são admitidas para *praticando*. Entretanto, *praticando* tem valor adjetivo, ou seja, o indivíduo racista tem como hábito a prática do racismo, portanto, *praticando*, além da leitura pontual e iterativa também tem valor habitual, que a criança irá assimilar, tanto que nas sentenças seguintes a *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*, ocorre a extensão do aspecto habitual: *vai aprender a ser racista*.

Pelo contexto, é a leitura habitual de *praticando* que prevalece, pois, na conclusão do argumento, o autor assume que é o contato com o racismo que faz a criança assimilá-lo, ou seja, torna-se um hábito. A escolha do verbo *praticar* também influi na construção dessa inferência sugerida, pois a semântica aspectual desse verbo sugere repetição de ações concretas. O autor usa, portanto, o verbo no gerúndio para reforçar o seu posicionamento, a fim de persuadir o leitor e isso faz com que ele seja caracterizado como uma expressão (inter)subjativa.

Em relação às funções pragmáticas do texto, observamos que, na primeira sentença – *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa* –, o tópico é *ela*, e o foco é *alguém praticando racismo com outra pessoa*. Já na segunda sentença, o tópico é *alguém*, e o foco é *racismo com outra pessoa*. Na terceira, o foco é *ela*, e o tópico é *a ser racista* e, na última sentença, o tópico é novamente *ela*, e o foco, *racista*. Nesse trecho, *ela* (a pessoa) é o tópico na maioria das sentenças, pois faz referência à tese do enunciado (*a pessoa não nasce com o racismo*), apenas na segunda sentença que o tópico é diferente (*alguém*).

O foco da primeira sentença – *alguém praticando racismo com outra pessoa* – apresenta ao leitor a causa/ a origem do racismo, confirmando a tese do estudante. Notamos que o gerúndio enquanto modificador adjetivo tem um papel relevante, pois não é qualquer pessoa que deve ser o modelo da criança que aprende a ser racista, é alguém que pratica reiteradamente os atos de racismo, sendo essa prática um atributo da pessoa. Por fim, na terceira e quarta sentença, o foco é *racista*, que é o efeito da causa

do racismo, e, assim, o estudante conclui a sua argumentação. Passemos para a análise do eixo das propriedades discursivas da ocorrência 4 de gerúndio adjetivo.

<b>Gerúndio adjetivo - Ocorrência 4</b>				
<b>Enunciado</b>	<b>B - Eixo analítico 2: eixo da função</b>			
<p><i>A pessoa não nasce com o racismo, mais a partir do momento que ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista. (L.R.S., 4-6)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: <i>ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa</i></p> <p>O3 <i>ela vai aprender a ser racista.</i></p> <p>O4 <i>a ser racista</i></p>	<b>Gênero textual</b>	<b>Tema do texto</b>	<b>Contexto de geração de dados</b>	<b>Estrutura do discurso ideológico</b>
	<p>Redação dissertativa escolar</p>	<p>Enfrentamento ao racismo</p>	<p>Na sequência didática, vários textos sobre racismo foram lidos.</p>	<p>Generalizações Isenção de responsabilidade</p>

O enunciado em análise está em uma redação dissertativa escolar, e a tese presente no enunciado é a de que o racismo resulta da vivência com atos racistas. Essa tese é construída a partir da premissa de que o racismo não é “natural”, ou seja, não é de origem biológica (*a pessoa não nasce com o racismo*). E, para estruturar a argumentação, o estudante faz uso de um argumento de consenso, no qual generaliza a conduta que a criança teria diante do(s) ato(s) de racismo. Assim, o estudante parece desconsiderar os fatores que podem influenciar as concepções da criança, como a educação escolar ou familiar, por exemplo, o que poderia evitar que ela se tornasse racista apenas por ter presenciado práticas racistas.

Provavelmente, o aluno usa esse argumento motivado pelas discussões ocorridas em sala, nas quais se defendia que o racismo é uma construção social no sentido de que este está inserido na estrutura da sociedade. Contudo, a generalização feita no texto pode estar evidenciando que o argumento desse estudante é construído a partir da interseção entre os textos lidos em sala, os debates, os *frames* e as crenças do estudante em torno do racismo.

As análises mostraram que *pessoa* está no texto de modo genérico, referindo-se a todas as pessoas. Em *A pessoa não nasce com o racismo mais a partir do momento que ela ver alguém (...)*, o verbo *nascer* e a expressão *mais a partir do momento* pressupõem que as pessoas não demoram muito tempo para se tornarem racistas depois de terem contato com o racismo. É possível inferir também que o termo *pessoa* pode ser interpretado como *criança*, e o termo *alguém* estaria se referindo a adulto.

Além disso, observa-se a isenção de responsabilidade atribuída ao praticante do racismo, pois o texto parte do pressuposto de que ele aprende o racismo com outro, portanto não é culpa sua, mas sim de quem ensina, como se não houvesse outros fatores que poderiam interferir nas suas crenças. Feita a análise do eixo discursivo, apresentamos a seguir a análise das propriedades cognitivas da ocorrência 4.

Gerúndio adjetivo - Ocorrência 4				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<p><i>A pessoa não nasce com o racismo, mais a partir do momento que ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista. (L.R.S., 4-6)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: <i>ela ver alguém</i></p> <p>O2: <i>praticando racismo com outra pessoa</i></p> <p>O3: <i>ela vai aprender a ser racista.</i></p> <p>O4: <i>a ser racista</i></p>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Racismo é contagioso.	Extensão metonímica dos tempos, modos e aspectos verbais. Parte-todo	Proximidade	<p>“O racismo é um aprendizado social.”</p> <p>“A pessoa não tem culpa de ser racista”.</p> <p>“Os valores são formados na infância.”</p>

O enunciado em análise se inicia com uma metáfora conceitual de que o racismo é uma doença, cuja origem é social, visto que o modo de “contágio” é presenciar atos racistas. Para desenvolver seu ponto de vista, além dessa metáfora, o estudante aciona os seguintes *frames*: “o racismo é um aprendizado social” e “A pessoa não tem culpa de ser racista”. Para o primeiro *frame* ser acionado, o verbo “ver” é usado no sentido de presenciar. Neste uso, apenas o sentido da visão aponta a presença de todo o corpo, o que é um caso de metonímia (parte-todo). A metonímia está presente em toda a argumentação, confirmando o que Traugott & Dasher (2005) afirmam de que os processos metonímicos são acionados para propósitos argumentativos. Outro exemplo de metonímia no texto é a generalização ao se referir a todas as pessoas, utilizando apenas a palavra *pessoa* no singular.

Além disso, observamos a extensão metonímica dos tempos, modos e aspectos temporais, o que promove a progressão textual. Em “praticando”, observamos o princípio da proximidade icônica, pois a extensão do aspecto habitual desse verbo para a sentença seguinte provoca o efeito de sentido pretendido pelo estudante, a saber: o racismo é resultado de experiências constantes de observação de atos de racismo, transferindo o atributo expresso por “praticando” a quem experiencia como testemunha o racismo. Diante desse processo icônico, aciona-se o segundo *frame*: “A pessoa não tem culpa de ser racista”.

Além disso, o *frame* “os valores são formados na infância” torna-se presente na argumentação. Na continuidade da argumentação, o trecho *ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista* deixa subentendido que, se as crianças não tiverem contato com situações de racismo praticadas por adultos, elas não vão ser racistas, ou seja, a solução para o enfrentamento do racismo, que é o tema da redação, é a educação pelo exemplo.

Com essas considerações, concluímos a análise da ocorrência quatro e apresentamos, a seguir, a análise da última ocorrência do gerúndio adjetivo selecionada.

<b>Gerúndio adjetivo- Ocorrência 5</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
<i>Tem pessoas negras estudando, trabalhando para você calar o seu preconceito e joga ele fora (...).(I.C.L.X, 8-18)</i> Orações em análise: O1 <i>Tem pessoas negras estudando</i> O2 <i>trabalhando</i> O3 <i>trabalhando</i> O4 <i>Para você calar o seu preconceito</i> O5 <i>E joga ele fora</i>	<b>A.1 Propriedades morfossintáticas</b>		
	<b>Tempo</b>	<b>Modo</b>	<b>Aspecto</b>
	O1 Presente	O1 Indicativo	O1 Indeterminado
	O2 Presente	O2 Indicativo	O2 Indeterminado/habitual
	O3 Presente	O3 Indicativo	O3 Indeterminado/habitual
	O4 Futuro	O4 subjuntivo	O4 não começado/ indeterminado
	O5 Futuro	O5 subjuntivo	O5 Não começado/ indeterminado

O trecho em análise é composto por cinco sentenças e está inserido em um parágrafo cuja argumentação é centrada na seguinte premissa: a pessoa negra é discriminada porque se subentende que ela não tem acesso aos bens de consumo, estudo e trabalho. O enxerto analisado corresponde ao final do parágrafo no qual o estudante contesta a premissa do início do parágrafo, a partir de *está enganado*, na qual estabelece uma interlocução com o leitor, contrariando tudo o que foi até então exposto.

Nesse sentido, a constituição dos tempos e modos verbais do enunciado em análise é orientada para reforçar a ideia de oposição com a primeira parte do parágrafo, pois todos os verbos estão no presente do indicativo, apesar de apenas o primeiro verbo – *tem* – estar na forma finita. Os verbos *estudando* e *trabalhando* também são interpretados no presente do indicativo, via metonímia, para desconstruir a premissa exposta no início do parágrafo.

O verbo *ter* está no presente do indicativo e tem valor existencial, porém não tem uma leitura de presente simultâneo ao momento da enunciação, mas sim uma leitura “onitemporal” (CORÔA, 2005). *Estudando* e *trabalhando* também expressam o presente do indicativo, pois são influenciados metonimicamente por *tem*. Além disso, os verbos referem-se a atributos que o autor confere a algumas pessoas negras, ou seja, verdades onitemporais sobre quem os verbos modificam. O modo verbal é o indicativo, pois trata-se de uma certeza que o autor tem de que algumas pessoas negras estudam e trabalham e, por isso, não merecem ser tratadas com preconceito.

Em relação ao aspecto, percebe-se a expressão do aspecto indeterminado em *tem*, visto que, em *tem pessoas negras estudando e trabalhando*, há expressão de eventos com duração contínua e ilimitada (TRAVAGLIA, 2015) na perspectiva do estudante. Além da interpretação aspectual indeterminada, ao mesmo tempo é possível ter uma interpretação habitual em *estudando e trabalhando*, pois esses eventos podem ter uma duração descontínua ilimitada.

Por fim, *para você calar o seu preconceito e joga(r) ele fora* expressa o aspecto não começado e indeterminado, pois refere-se à reação do leitor diante da argumentação do autor. O estudante espera que, diante da sua argumentação, o leitor mude seu posicionamento de racismo, mas não fica determinado o momento em que isso ocorrerá; por isso, o aspecto desses verbos é o não começado e indeterminado.

Feitas essas considerações, apresentamos a análise do eixo sintático dessa ocorrência.

Gerúndio adjetivo - Ocorrência 5			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Tem pessoas negras</i>	O1	O1	S1
<i>estudando,</i>	<i>Pessoas negras</i>	-	-
<i>trabalhando para</i>	O2	O2	S2
<i>you calar o seu</i>	<i>(Pessoas negras)</i>	-	-
<i>preconceito e joga</i>	O3	O3	S3
<i>ele fora</i>	<i>(Pessoas negras)</i>	-	-
<i>(...).(I.C.L.X, 8-18)</i>	O4	O4	S4
Orações em análise:	<i>you</i>	<i>o seu preconceito</i>	-
O1			
<i>Tem pessoas negras</i>	O5	O5	S5
O2	<i>(You)</i>	<i>ele</i>	-
<i>estudando</i>			
O3			
<i>trabalhando</i>			
O4			
<i>Para you calar o</i>			
<i>seu preconceito</i>			
O5			
<i>E joga ele fora</i>			

A primeira oração a ser analisada no enunciado é *tem pessoas negras*. O primeiro ponto a ser analisado é o fato de as orações de gerúndio virem pospostas a ela. Essa ordem parece estar relacionada diretamente com a necessidade de incluir informações novas sobre o sujeito “pessoas negras”. Essas informações novas vêm nas orações subsequentes: *estudando*, *trabalhando*, orações que modificam o valor de “pessoas negras”, tendo um caráter adjetival. Ao serem analisadas como orações, elas compartilham o sujeito da oração à qual estão integradas (*tem pessoas negras*), além de compartilhar a expressão de tempo, aspecto e modo, conforme foi explicitado na análise do eixo morfossintático.

No contexto, *estudando*, *trabalhando* são intransitivos, possivelmente devido ao fato de terem a função de atributo generalizador, uma vez que os verbos estão empregados no sentido de hábito e, por isso, estão num contexto de generalização e de valorização das ações praticadas pelas pessoas negras.

Quanto às demais sentenças – *Para you calar o seu preconceito e joga(r) ele fora* –, o sujeito é *you*, pois o autor do texto está em diálogo com o leitor, e o objeto direto é “o seu preconceito”. Nesse objeto direto, há o uso do artigo definido e do pronome possessivo, os quais indicam que há uma referência realmente compartilhada entre o autor do texto e o seu leitor, presumido como racista e a quem o racismo

pertence. As duas sentenças estão na ordem SVO para indicar quais devem ser (na concepção do autor) as reações do leitor diante do argumento.

Feita a análise do eixo sintático, apresentamos as análises semântica e discursiva a seguir.

Gerúndio adjetivo -Ocorrência 5			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<p><i>Tem pessoas negras estudando, trabalhando para você calar o seu preconceito e joga ele fora (...).(I.C.L.X, 8-18)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1 <i>Tem pessoas negras, estudando, trabalhando</i></p> <p>O2 <i>estudando</i></p> <p>O3 <i>trabalhando</i></p> <p>O4 <i>para você calar o seu preconceito</i></p> <p>O5 <i>e joga ele fora</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas		
	Papéis semânticos	Semântica do verbo	Pressupostos, acarretamentos, implicações
	O1 <i>pessoas negras:</i> tema	<i>Tem:</i> existencial <i>Estudando:</i> ação <i>Trabalhando:</i> ação	Ao contrário do que prega o racismo, há pessoas negras que estudam e trabalham, mesmo diante da desigualdade de oportunidades.
	O2 <i>(pessoas negras):</i> agente	<i>Calar:</i> ação <i>Jogar:</i> ação	
	O3 <i>(pessoas negras):</i> agente		
	O4 <i>Você:</i> agente		
	O5 <i>O seu preconceito:</i> paciente		
	O5 <i>você:</i> agente <i>ele:</i> paciente		
B - Eixo analítico 2: eixo da função			
B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação

	O1: <i>peessoas negras</i> O2: O3 O4 <i>voçê</i> O5	O1: - O2 <i>estudando</i> O3 <i>trabalhando</i> O4 <i>o seu preconceito</i> O5 <i>ele</i>	Devido ao fato de pessoas negras estudarem e trabalharem, elas merecem respeito; estudar e trabalhar estão intimamente relacionados com pessoas negras também. Combate-se preconceito com estudo e trabalho.	<i>Estudando, trabalhando é uma expressão subjetiva.</i>
--	---	--	--	--

Iniciamos a análise do eixo semântico e pragmático, observando os papéis semânticos no enunciado. *Tem* é um verbo existencial. Vamos considerá-lo como equivalente de “existir”. Logo, o sujeito é *peessoas negras* com papel semântico de tema. Já os verbos *estudando* e *trabalhando* expressam ações, mesmo que no plano da cognição, como em *estudando*. Nesse caso, *peessoas negras* assumem o papel semântico de agente: são humanos, com volição, iniciativa e mudam algo do seu entorno. Já em *para voçê calar o seu preconceito*, *calar* tem sentido de “reprimir”, “conter” e, por isso, pode ser interpretado como um verbo de ação, assim como *jogar*. A escolha de *calar* revela a maneira como o estudante percebe a expressão do racismo: injúrias orais *Voçê é* agente, e *o seu preconceito* e *ele* são pacientes. Espera-se que “voçê” aja como um agente: modifique, por vontade própria, um paciente (“o seu preconceito”), alterando, no caso em análise, o seu estado de ativo para inativo (“calar”, “jogar fora”).

A partir dessa análise, observamos que os papéis semânticos estão a serviço da construção argumentativa do texto, visto que o enunciado se constitui a partir da interlocução entre autor e leitor, e o estudante, que é o autor, usa o argumento de que parte das pessoas negras exerce ações socialmente valorizadas, que é estudar e trabalhar. E, a partir disso, espera que o leitor tenha uma reação, que é a de reprimir e eliminar os seus preconceitos. Podemos afirmar ainda que as orações *para voçê calar o seu*

*preconceito e jogar ele fora* são influenciadas metonimicamente por *estudando, trabalhando*, pois o contexto é construído a partir de uma relação de ação e reação.

Quanto à análise das relações de sentido, observa-se que, no início do trecho analisado, está implícito que o preconceito racial origina-se no equívoco de que a pessoa ser negra implica que ela não pode consumir, ter bom emprego e nem estudar. *Tem pessoas negras estudando, trabalhando* deixa pressuposto que é apenas uma parte do grupo das pessoas negras que estuda e trabalha.

Nesse sentido, o uso de *trabalhando* e de *estudando* modificando “pessoas negras” leva o leitor a inferir que o valor do negro é medido a partir dos atributos de estudar e trabalhar, e que a partir disso deve haver uma ação de conter o preconceito por parte do leitor. Por isso, *trabalhando* e *estudando* são expressões (inter)subjetivas.

Quanto às funções pragmáticas presentes no enunciado, é possível afirmar que o tópico da primeira sentença analisada é *pessoas negras* e que o foco é *estudando, trabalhando*, que altera o percurso argumentativo do texto introduzindo ideia contrária ao pensamento racista. Em *estudando, trabalhando*, o tópico também é *pessoas negras*.

Essa ocorrência mostra que a integração não é só um fenômeno sintático e semântico, visto que as sentenças compartilham também as funções pragmáticas. E é por essa razão que é necessário levar em consideração os fatores pragmáticos na análise da integração de sentenças, bem como as propriedades discursivas, apresentadas na continuidade de nossa análise a seguir.

<b>Gerúndio adjetivo - ocorrência 5</b>				
<b>Enunciado</b>	<b>B - Eixo analítico 2: eixo da função</b>			
<i>Tem pessoas negras estudando, trabalhando para você calar o seu preconceito e joga ele fora (...).</i> (I.C.L.X, 8-18) <b>Orações em análise:</b> O1 <i>Tem pessoas negras estudando</i> O3 <i>trabalhando</i> O4 <i>para você calar o seu preconceito</i> O5 <i>e joga ele fora</i>	<b>B2- Propriedades discursivas</b>			
	<b>Gênero textual</b>	<b>Tema do texto</b>	<b>Contexto de geração de dados</b>	<b>Estrutura do discurso ideológico</b>
	Redação dissertativa escolar	Enfrentamento ao racismo	A comunidade é composta em sua maioria por negros, que são excluídos do mercado de trabalho, do consumo e da educação.	Atores Exemplos e ilustrações <i>Topoi</i>

O trecho analisado faz parte de uma redação dissertativa escolar, cujo tema é enfrentamento ao racismo. Um ponto relevante para essa análise de dados é o fato de que a maioria dos estudantes participantes da pesquisa é negra e, na comunidade onde vivem, eles não têm acesso à educação, trabalho e consumo. Os estudantes convivem diariamente com agressões racistas, como os exemplos utilizados pelo autor do texto para ilustrar o tópico frasal da sua redação.

É interessante observar que os exemplos utilizados no texto apontam um conceito de racismo que vai além da agressão verbal (mesmo ela está pressuposta no *calar*), tal como muitas pessoas ainda entendem o racismo no Brasil. Provavelmente, isso ocorreu devido às aulas e às leituras que os alunos tiveram tanto na disciplina de língua portuguesa quanto na disciplina de história. No início da sequência didática, solicitei que os alunos relatassem um caso de racismo que eles presenciaram ou sofreram. A maioria desses casos estava relacionada à injúria racial, não havia qualquer menção ao racismo enquanto um sistema de exclusão social. Já nesse texto e em vários outros, percebi que os estudantes conseguiram ampliar a percepção em torno do racismo.

Outro ponto a ser observado no texto é a presença do conflito *Nós X Eles* (VAN DIJK, 2015), em que o autor representa o “nós”, pessoas negras e defensores dos negros, e o leitor, o “eles”, os racistas. É importante observar que o autor não se coloca na posição de pessoa negra, embora seja um negro, mas sim de defensor, tanto que a menção ao negro no decorrer do texto ocorre em terceira pessoa.

Por fim, o uso de *estudando* e *trabalhando* como atributo da pessoa negra e condição para ela não merecer o racismo revela o combate a um *topoi*. Ao introduzir a expressão “está enganado”, com o intuito de chamar a atenção do leitor de que algumas pessoas negras trabalham e estudam, deixa implícito que há o preconceito de que negros não trabalham e não estudam. Para concluir a análise da ocorrência 5, apresentamos a análise do eixo cognitivo.

Gerúndio adjetivo - ocorrência 5				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Tem pessoas negras estudando, trabalhando para você calar o seu preconceito e joga ele fora (...).</i> (I.C.L.X, 8-18)  Orações em análise: O1 <i>Tem pessoas negras</i> O2 <i>estudando</i> O3 <i>trabalhando</i> O4 <i>para você calar o seu preconceito</i> O5 <i>e joga ele fora</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Racismo é uma doença Objetificação do racismo	Extensão metonímica do tempo, modo e aspecto	Quantidade Proximidade	Racismo é a negação de direitos aos negros: educação, trabalho e consumo. Negros não são vagabundos, pois trabalham e estudam.

O texto em análise é um texto argumentativo cujo argumento principal se sustenta a partir do *frame*: o racismo é a negação do consumo aos negros por falta de educação formal e trabalho bem pago. A partir desse *frame*, o texto inicia com exemplos de preconceito sofrido por pessoas negras ao entrarem em lojas caras, nas quais, costumeiramente, são maltratadas porque se pensa que elas não têm condições de comprar, pois não teriam tido acesso à educação e não teriam bons salários. Contudo, o autor do texto lança um contra-argumento, no qual tenta deslegitimar esse *frame*, argumentando que pessoas negras também têm acesso ao estudo e ao trabalho, deixando claro que o preconceito não se sustenta, embora haja ainda falta de iguais oportunidades a todos.

O racismo é expresso como se fosse um objeto concreto, o qual se pode conter (“calar”) e jogar fora, a ponto de que ele é expresso pelo papel semântico de paciente nas sentenças do enunciado. Podemos constatar também a metáfora de que o racismo é uma doença. Além disso, é possível perceber a metáfora no verbo *calar*, no qual um verbo *dicendi* é conceptualizado como um verbo de ação, visto que esse verbo está inserido numa sequência sintagmática de verbos de ação, ou seja, a metáfora é motivada pelas relações metonímicas que ocorrem no enunciado.

Quanto às relações de metonímia, é possível observar a influência metonímica na extensão do tempo, modo e aspecto, tanto pelo fato de os verbos estarem no mesmo sintagma quanto por estarem em sentenças integradas. Há também o esquema

metonímico de parte-todo: *tem pessoas negras estudando, trabalhando* qualifica positivamente parte dos negros e deixa implícito que os negros não são inferiores aos brancos e, por isso, todos os negros merecem respeito.

Quanto à iconicidade, é possível observar o princípio da proximidade na sequência de gerúndios entre os conceitos, o que gera o uso do gerúndio como forma de expressão. Em relação à sequência de gerúndios, o subprincípio da ordenação linear está presente no texto, uma vez que “estudar” vem antes de “trabalhar” na vida e no texto. Feitas essas considerações em torno do eixo cognitivo da última ocorrência de gerúndio adjetivo, apresentamos na seção a seguir o gerúndio adverbial.

#### **4.2.2 Gerúndio adverbial**

Nesta seção, seguindo o itinerário proposto, analisaremos cinco ocorrências do gerúndio adverbial. Assim como na seção do gerúndio adjetivo, apresentamos as cinco ocorrências desse tipo de gerúndio no protocolo de análise e, na sequência de cada eixo as suas pré-conclusões. A seguir, a análise da primeira ocorrência de gerúndio adverbial selecionada.

Gerúndio adverbial - ocorrência 1			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<p><i>Porem nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo <b>falando</b> que todo nós somos inguais que não podem jogar por causa da aparência, ou por causa da cor da pele (...). (B.L., 1-9)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1- <i>Porem nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo</i></p> <p>O2 <i><b>falando</b> que todo nós somos inguais</i></p>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O 1 Presente/futuro	O1 Indicativo	O1- Durativo/indeterminado
O 2 Presente/futuro	O2 Indicativo	O 2 Durativo/indeterminado	

Na sentença 1, os verbos *podemos enfrentar ou lutar* estão no presente do indicativo, mas não expressam um fato restrito à enunciação, mas sim sugerem a constância desse fato, partindo do presente em direção ao futuro. Quanto ao modo, o indicativo expressa a certeza que o autor tem em torno das suas opiniões.

Em relação ao verbo no gerúndio – *falando* –, observa-se que, por extensão metonímica, ele expressa também o tempo e o modo de *podemos lutar ou enfrentar sobre o racismo*.

Quanto ao aspecto verbal nas sentenças analisadas, observamos que na primeira sentença há uma integração entre os aspectos durativo e habitual. Travaglia (2015) afirma que o aspecto durativo tem duração contínua limitada, o que observamos na primeira oração. Já o aspecto indeterminado também tem duração contínua, mas apresenta também a propriedade de ser ilimitado, o que observamos na segunda oração analisada. Em *falando*, o aspecto durativo é resultado da extensão metonímica de *podemos lutar ou enfrentar sobre o racismo*, já a ideia de habitualidade é expressa pelo gerúndio.

Diante disso, é válido dizer que a expressão aspectual contribui com a construção da argumentação do texto, uma vez que o estudante sustenta que o fim do racismo resulta de ações contínuas, como a luta e o enfrentamento. Contudo, a materialização dessas ações ocorre pelo discurso que, além de ser contínuo, deve ser ilimitado. Nesse contexto, a interpretação aspectual das sentenças em análise resulta da integração dos aspectos durativo e habitual e também influenciam na organização discursiva do texto, nos termos de Mathiessen & Thompson (1988), pois o acréscimo do aspecto habitual da oração integrada reforça o ponto de vista do estudante.

Além disso, o papel da metonímia é relevante na expressão dos aspectos das orações do trecho, sobretudo no verbo no gerúndio, visto que a forma {-ndo} garante tanto o pareamento com a noção de duração quanto com a de hábito, e a associação com o aspecto durativo garante que, no processo de integração das sentenças, haja uma contiguidade tanto na forma, quanto no encadeamento argumentativo do texto. Já o pareamento com a noção de habitualidade confere ao texto a progressão argumentativa. Tudo isso, portanto, mostra o quanto *falando* é um elemento do texto que está integrado nas duas sentenças em análise.

Feitas essas considerações sobre o eixo morfossintático, apresentamos as propriedades sintáticas do enunciado em análise.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 1			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Porem nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo falando que todo nós somos inguais que não podem jogar por causa da aparência, ou por causa da cor da pele (...). (B.L., 1-9)</i> Orações sob análise: O1- <i>Porem nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo</i> O2 <i>falando que todo nós somos inguais</i>	O1- <i>nós todos</i>	O1- <i>sobre o racismo</i>	O1- <i>falando que todo nós somos inguais</i>
	O2- <i>(nós todos)</i>	O2- <i>que todos nós somos inguais</i>	O2- -

O sujeito de *podemos enfrentar ou lutar* é o mesmo (nós). O sujeito de *falando* é *nós* também porque, segundo a organização argumentativa do texto, a concretização das ações de luta e enfrentamento do racismo deve ser responsabilidade de quem se dispõe a enfrentar e lutar contra o racismo. Obviamente, *falando*, por estar no gerúndio, não tem nenhuma marcação de pessoa explícita. Então, a inferência de seu sujeito ser *nós* ocorre devido ao contexto de integração das sentenças, ou seja, as sentenças já estão num grau de integração no qual compartilham a relação gramatical de sujeito.

Segundo Lehmann (1988), quanto mais integrada uma sentença está mais dessentencializada ela é. Nesse contexto, uma das propriedades que explicam a dessentencialização é a perda de marcação de pessoa verbal, e a forma do verbo da sentença integrada passa a ser não finita. Em consequência disso, observa-se que o sujeito se ancora, portanto, no verbo mais próximo, que é o verbo da primeira oração.

Em relação ao objeto dos verbos, percebemos que a sentença *falando que todos nós somos inguais (...)* possui um objeto diferente da oração principal que é *sobre o racismo*. Isso mostra que a sentença em análise está no meio do processo de dessentencialização, pois ainda apresenta propriedades oracionais, como a seleção de um objeto, mas não seleciona sujeito. A dessentencialização dessa ocorrência também mostra um grau específico de interdependência do gerúndio adverbial em relação à oração principal (NEVES & BRAGA, 2016), diferente, dos demais tipos de gerúndio.

O objeto de *falando que todos nós somos inguais (...)* é oracional devido ao fato de *falando* ser um verbo *dicendi* e essa categoria de verbos apresenta, de acordo com Givón (2001), complementos oracionais frequentemente. O que nos chama a atenção é que *falando* seria “a oração principal” de *todos nós somos inguais*, que é seu objeto, ou seja, uma sentença com alguns traços de dessentencialização ainda pode ter um objeto direto oracional.

Quanto à posição da sentença de gerúndio, ela vem posposta à oração finita e isso se relaciona ao princípio icônico da ordenação linear da argumentação, visto que ela se organiza a partir da tese de que todos devem lutar ou enfrentar o racismo e que essas ações são materializadas via discurso. Ou seja, para o estudante, primeiramente é necessária a conscientização da luta e enfrentamento e depois a ação propriamente dita, que ocorrerá via discurso. Esse arranjo é, portanto, icônico.

Por fim, sobre o *status* sintático da sentença *falando que todos nós somos inguais (...)*, ela exerceria a função de adjunto adverbial. Contudo, a função que essa sentença tem na constituição do enunciado e da argumentação é bem mais ampla, visto que a sentença expressa o cerne do argumento da estudante, correspondendo à ação sugerida por ela para modificar o contexto de racismo apresentado pela estudante no parágrafo anterior. Diante dessas considerações, alinhamos nosso posicionamento ao de Neves & Braga (2016), que defendem uma análise dos critérios morfossintáticos associada às relações lógico-semânticas. Vejamos como isso pode ser evidenciado na análise semântica e pragmática feita a seguir.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 1				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>O racismo em todos os lugares ainda. Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo falando que todo nós somos inguais que não podem jogar por causa da aparência, ou por causa da cor da pele (...). (B.L., 1-9)</i></p> <p>Orações sob análise:</p> <p>O1- <i>Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo</i></p> <p>O2 <i>falando que todo nós somos inguais</i></p>	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>			
	<b>Papéis semânticos</b>	<b>Semântica do verbo</b>	<b>Pressupostos, acarretamentos, implicações</b>	
	O1 <i>Nós todos:</i> agente	<i>Podemos:</i> verbo modal epistêmico	<i>podemos</i> pressupõe uma possibilidade sugerida pelo autor de como o racismo pode ser enfrentado, por meio de uma modalização.	
	<i>O racismo:</i> paciente	<i>Enfrentar:</i> ação		
	Oração 2: modo/condição	<i>Lutar:</i> ação		
O2 <i>Que todos nós somos inguais (...):</i> Tema	<i>Falando:</i> verbo <i>dicendi</i> interpretável como de ação no contexto.			
	<b>Tópico</b>	<b>Foco</b>	<b>Inferência sugerida</b>	<b>(Inter) Subjetivação</b>
	O1 e O2: <i>Nós todos</i>	O1: <i>Sobre o racismo</i>  O2: <i>que todo nós somos inguais</i>	Com esse uso, infere-se que, se falarmos constantemente sobre o racismo, ele irá acabar. Infere-se também que o “falar” estaria no mesmo nível do “lutar” e “enfrentar”, expressando circunstância de modo.	A interpretação modal de <i>falando</i> aponta para uma expressão (inter)subjetiva.

Em relação aos papéis semânticos, percebemos que o sujeito da primeira oração é um agente, visto que os verbos *lutar* e *enfrentar* são verbos de ação. A opção por esse tipo de verbo é relevante na construção da argumentação do estudante, pois, no trecho anterior do texto, ele afirma que o racismo é uma realidade e, nesse contexto, o estudante faz inferir que, para enfrentar o racismo (a temática do texto), é necessário haver ação.

Nesse sentido, podemos afirmar que *falando* também pode ser visto como verbo de ação. Prototipicamente, *falar* é um verbo *dicendi*. No entanto, ele pode ser interpretado aqui como um verbo de ação, pois o ato de falar, no sentido de

conscientizar e prevenir, é o modo sugerido pelo estudante de como o leitor deve lutar e enfrentar o racismo. A ação ocorre, portanto, no plano do discurso. Provavelmente, esse discurso é o escolar, é o familiar, é o midiático. Enfim, seria um discurso institucional certamente.

A circunstância que *falando* aciona, enquanto adjunto adverbial, pode ser de modo ou condição. A interpretação preferencial nesse enunciado está muito relacionada à modalidade. Com o uso do verbo modal *poder*, aciona-se uma sugestão e não uma imposição, o que é uma estratégia argumentativa também, visto que o principal objetivo do texto argumentativo é a persuadir o leitor.

O tema do texto é o enfrentamento ao racismo, o que corresponde ao tema da redação pedida em sala de aula. O estudante inicia o enunciado, expondo sua opinião sobre o tema, de que podemos enfrentar e lutar contra o racismo. O tópico pragmático é “nós todos”. São três focos, três informações novas, que compõem a argumentação do autor. Para introduzir os dois focos da sentença 2, a informação de como se deve combater o racismo, ele usa *falando*. A inferência sugerida acionada no enunciado colabora mais para a interpretação de modo e não de condição, pois o autor sugere formas de ações e não conjecturas na possível reação das pessoas contra o racismo. E essa atitude do estudante faz com que essa expressão se torne (inter)subjetiva, pois a sua interpretação alcança o leitor e é uma tentativa de instigar a ação nele.

Feitas essas considerações, apresentamos a análise das propriedades discursivas do gerúndio na ocorrência:

Gerúndio adverbial- Ocorrência 1				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>O racismo em todos os lugares ainda existe e ainda muitas pessoas ainda passam por isso. Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo <b>falando</b> que todo nós somos inguais que não podem jogar por causa da aparência, ou por causa da cor da pele (...). (B.L., 1-9)</i> Orações sob análise: O1- <i>Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo</i> O2 <i><b>falando</b> que todo nós somos inguais</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Redação dissertativa escolar	Enfrentamento do racismo	Durante a Sequência Didática, os alunos participantes da pesquisa relataram vários casos de racismo que ocorreram na escola, ou presenciado por eles em outros locais.	Atores Generalizações Exemplos e Ilustrações

O enunciado em análise mostra que o estudante aplicou o conhecimento adquirido durante a sequência didática, visto que ele constrói a sua argumentação a partir da premissa “o racismo em todos os lugares ainda existe e ainda muitas pessoas ainda passa por isso”, que foi exposta no parágrafo inicial do texto em que o enunciado analisado está inserido<sup>61</sup>. Durante as aulas, tanto de língua portuguesa quanto de história, os alunos tiveram contato com leituras e debates nos quais nós, eu e a professora de história, tentamos desconstruir o mito de que o Brasil é um país sem racismo e que as ofensas em relação à estética negra são apenas uma das suas formas de manifestação.

<sup>61</sup> A íntegra desse texto se encontra nos anexos da tese.

O trecho em análise também remete a um fato que ocorreu na sala deste estudante envolvendo injúria à estética negra. O pai de uma estudante de outra turma compareceu à escola para reclamar que sua filha, uma menina negra, que na época usava tranças, estava sofrendo *bullying* (na perspectiva do pai) por parte dos estudantes da turma em que eu lecionava devido ao cabelo. Depois de falar com o pai, a diretora da escola foi até a minha turma, antes da minha aula começar, conversar com os alunos sobre a reclamação.

Assim que eu cheguei à sala, os alunos da turma estavam brigando e se acusando. Eu perguntei a eles o motivo da discussão, e os meus estudantes me relataram toda a história. A partir do relato dos meus alunos, eu percebi que essa era uma oportunidade de aproveitar a situação para transformá-la numa intervenção real, visto que estávamos vivenciando o conteúdo estudado. Então, tivemos uma conversa franca sobre o ocorrido e falei que muitos deles ali eram negros também e que, na verdade, a atitude que eles tiveram com a colega é resultado de muitas situações que eles já passaram. Os adolescentes ficaram reflexivos com a situação e só depois desse diálogo que a aula formal começou.

Analisando esse contexto, podemos afirmar que o estudante se apropriou do aprendizado em aula e que esse evento de letramento – a conversa entre professora e alunos – provavelmente subsidiou a construção do argumento, visto que, no texto, fica implícito que o diálogo, ao invés da violência, é uma forma de acabar com o racismo. Por isso, o estudante selecionou o verbo *falar* como modo de defender o seu posicionamento de que é preciso lutar e enfrentar o racismo.

Em relação às estruturas do discurso ideológico, o estudante aciona o conflito nós X eles, no qual *nós* refere-se a todos – autor e leitor –, e *eles* são as pessoas racistas, que são generalizadas em “o racismo”. O fato de *nós* no texto corresponder ao sujeito de *falando* também sugere que tanto o autor quanto o leitor temos a obrigação de usar a nossa voz no combate ao racismo.

Além disso, a generalização é expressa pelo gerúndio em *falando*, visto que o aspecto habitual sugere que a generalização da duração do evento é também uma sugestão de que sempre se deve falar sobre o racismo para ele acabar. Após essas considerações, apresentamos a análise do último eixo, o das propriedades cognitivas:

Gerúndio adverbial- Ocorrência 1				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>O racismo em todos os lugares ainda. Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo falando que todo nós somos iguais que não podem jogar por causa da aparência, ou por causa da cor da pele (...). (B.L., 1-9)</i> Orações sob análise: O1- <i>Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo</i> O2 <i>falando que todo nós somos iguais</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	A ação é deslocada para o campo discursivo. Metáfora conceitual: GUERRA, com alinhamento do conceito FALAR com os conceitos ENFRENTAR e LUTAR	Extensão de modo, tempo e aspecto dos verbos na forma finita para o gerúndio; Interpretação de <i>falando</i> como verbo de ação.	Proximidade Ordenação linear	O racismo é uma realidade. O racismo pode ser combatido a partir da conscientização o por meio do discurso/fala. Racismo é julgar por conta da aparência e cor da pele. Todos somos iguais.

O verbo *falar* é um verbo originalmente/prototipicamente *dicendi*, mas foi nesse contexto conceptualizado como um verbo de ação por comparação metafórica com “lutar” e “enfrentar”. Ao mesmo tempo, observamos que há a influência dos processos metonímicos, visto que *falando* ganha conotação de ação no âmbito discursivo, ou seja, houve uma contiguidade do conceito de ação.

A partir da noção de esquemas de eventos de Heine (1993), é possível dizer que nesse dado houve, portanto, uma transferência metafórica, pois o esquema de evento de ação (“X faz Y”) é conceptualizado em outro domínio, que é o discursivo. Nesse sentido, observamos também que o esquema de evento “X faz Y”, presente nas orações *nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo*, também se faz presente em *falando que todo nós somos iguais*, visto que alguém faz algo e o que é feito, materializado no discurso, causa uma mudança: a conscientização e o fim do racismo. Ou seja, há a influência da metáfora e da metonímia.

Além disso, os verbos usados são “enfrentar”, “lutar” que requerem um sujeito-agente-tópico e um objeto-paciente-foco. O “falar” também seleciona os mesmos tipos de sujeito e de objeto, sendo, portanto, enquadrado por herança metafórico-metonímica.

Quanto à metáfora conceitual, nos termos de Lakoff & Johnson (1980), observamos no texto a presença da metáfora RACISMO É UMA GUERRA, devido à escolha dos verbos *lutar* e *enfrentar*. É válido dizer que o tema da proposta de produção de texto era “Enfrentamento do racismo”, ou seja, a metáfora já estava presente no tema do texto, e a escolha da metáfora pelo estudante apenas reforçou a proposta de produção do texto.

Por fim, em relação às relações icônicas nos trechos analisados, o uso do gerúndio no texto evidencia o princípio da proximidade, pois o gerúndio, ao expressar os aspectos durativo e habitual, também projeta a ideia de continuidade nos enunciados que correspondem ao conteúdo da fala, ou seja, falar que todos nós somos iguais e que não devemos distinguir as pessoas pela aparência e cor da pele deve ser um ato contínuo. O uso do *falando* se aproxima cognitivamente de *lutar ou enfrentar* tanto por meio da metáfora quanto da metonímia. *Falando* se aproxima desses verbos também pela integração sintática, uma vez que faz parte das orações anteriores, na condição de adjunto adverbial. Ao mesmo tempo, *falando* também aproxima o conteúdo de *falar* aos atos de *lutar* e *enfrentar*. Em síntese, a proximidade icônica do gerúndio causa um efeito de aproximação da tese e dos argumentos do texto, reforçando, portanto, a argumentação do estudante. Vistas essas considerações em torno da primeira ocorrência do gerúndio adverbial, passamos para a análise da segunda ocorrência.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 2			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>mas, podemos combater isso, denunciando e não ficando calada diante dessa situação, (...).(B.V.D.P., 5-9)</i> Orações sob análise: <b>O1</b> <i>(...) mas, podemos combater isso,</i> <b>O2</b> <i>Denunciando</i> <b>O3</b> <i>E não ficando calada diante dessa situação</i>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1: Presente/futuro O2 e O3: Presente/ Futuro	O1, O2 e O3: Indicativo	O1 Cursivo O2 e O3: Imperfectivo/Indeterminado

No enunciado em análise, observamos que em (...) *mas, podemos combater isso* há uma leitura temporal de presente e também de futuro do presente (no modo

indicativo), visto que o verbo modal *podemos* indica uma sugestão da autora do texto de como combater o racismo dali em diante. Nesse sentido, nas orações com o verbo no gerúndio— apesar de não haver marcação modo-temporal específica nelas —, o contexto insere a leitura de futuro para *denunciando* e *ficando calada*. Essas atitudes ainda não foram realizadas, e, por herança metonímica, aproximamos a leitura de *denunciando* e *não ficando calada* ao TAM de *podemos combater*. Quanto ao modo verbal, em *podemos combater* há o modo indicativo e, nas orações de gerúndio também também por herança metonímica. Esse modo expressa a certeza do autor de que essas atitudes irão combater o racismo.

Em relação ao aspecto verbal, *podemos combater* expressa o cursivo, pois essa é uma situação incompleta, da qual conhecemos apenas o seu desenvolvimento. O combate ao racismo é uma ação proposta pela autora do texto no presente enunciativo, mas que não tem, na percepção da estudante e do leitor também, uma duração limitada, visto que se deve combater sempre o racismo. Desse modo, o aspecto dos verbos no gerúndio é cursivo e também indeterminado. *Denunciando* e *não ficando calada* são ações que apresentam um viés cursivo, tal como *podemos combater*, e essa manutenção aspectual ocorre mais uma vez por contiguidade metonímica. No entanto, compreendemos que *denunciando* e *não ficando calada* podem ter uma interpretação indeterminada devido ao que Travaglia (2015) afirma sobre essa noção aspectual, que é a expressão de situações atemporais que o falante torna válidas para o presente. Ou seja, denunciar e não ficar calada devem ocorrer sempre a partir do presente enunciativo.

Outro argumento que nos faz afirmar que os verbos no gerúndio analisados possuem interpretação aspectual indeterminada são as funções que Travaglia (2015) atribui a esse aspecto. Segundo o autor, o indeterminado tem como função expressar verdades eternas que podem ser máximas de caráter geral. As orações de gerúndio funcionam no texto como sugestões de como combater o racismo, ou seja, o ponto de vista da estudante. Desse modo, o gerúndio permite essa interpretação por não ter atrelado, do ponto de vista morfossintático, a nenhum tipo de marcação modo-temporal específica que permitiria outra interpretação aspectual. A noção de cursivo foi, portanto, metaforizada no domínio do aspecto indeterminado.

Por fim, o aspecto indeterminado do gerúndio, nesse trecho analisado, reforça o posicionamento da estudante expresso na oração anterior *podemos combater isso*, uma vez que a denúncia como modo de combate deve ser contínua e ilimitada. O uso de uma oração de gerúndio nesse contexto é, portanto, fundamental para manter a coesão e a

coerência argumentativa do texto. Em outras palavras, a integração entre as orações é relevante para a organização argumentativa do texto, assim como Mathiessen & Thompson (1988) defendem.

A seguir, passamos para a análise do eixo sintático da ocorrência 2 de tipo gerúndio adverbial.

Ocorrência 2- Gerúndio adverbial			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>mas, podemos combater isso, denunciando e não ficado calada diante dessa situação, (...).</i> (B.V.D.P., 5-9) Orações sob análise: O1 <i>(...) mas, podemos combater isso,</i> O2 <b>Denunciando</b> O3 <i>E não ficado calada diante dessa situação</i>	O1: <i>nós</i> O2 e O3: ( <i>nós</i> )	O1: <i>isso</i>  O2: <i>(isso)</i> Sentença 3: -	O1: orações 2 e 3 O 2 - Oração 3 <i>diante dessa situação</i>

No enunciado selecionado, vamos analisar, do ponto de vista sintático, as orações (...) *mas, podemos combater isso, Denunciando E não ficado calada diante dessa situação*. A primeira propriedade relevante é a ordem das orações. Considerando que *podemos combater isso* é a sentença que introduz a sequência argumentativa do enunciado opondo-se, devido ao uso do operador *mas*, à sequência expositiva *Isso é a realidade no Brasil e no mundo*<sup>62</sup>. Desse modo, a oração principal vir antes das orações de gerúndio se justifica pela organização textual.

Contudo, além disso, associamos essa disposição sintática das orações ao processo de integração de orações. Observamos que as orações de gerúndio perderam a força ilocucionária delas e, por isso, nesse contexto, há restrição de anteposição em relação à oração principal. Em consequência disso, observamos também a perda de autonomia nos termos de Lehmann (1988).

<sup>62</sup> Ver texto completo nos anexos desta tese.

Além dessas propriedades de dessentencialização, observamos também a perda no verbo da marcação de pessoa, que no caso do PB, também significa a perda de referência explícita ao sujeito. Nas orações de gerúndio em análise, isso ocorre, pois o sujeito de *podemos combater* e de *denunciando e não ficando calada* é o mesmo (nós). Isso ocorre, tal como no compartilhamento da expressão do modo e tempo verbal, via metonímia.

Entretanto, o gerúndio seleciona objeto direto. De *podemos combater*, o objeto é *isso*, o qual se refere ao racismo, tema que foi desenvolvido até chegar a essa parte do texto; o objeto de “*denunciando*” também é “*isso*”, mesmo omitido automaticamente no contexto gramatical; *e não ficando calada* é uma locução verbal intransitiva equivalente a “*calar-se*”. Essa locução traz o gerúndio (*ficando*) e um particípio (*calada*). Esse particípio traz uma marca de gênero, o que indica que foi uma mulher a autora do texto, a qual se marca explicitamente no texto. Também chama a atenção que *não ficando calada* possui um adjunto (*diante dessa situação*) que retoma o referente dos objetos das sentenças 1 e 2. A repetição do referente tanto nos objetos quanto nesse adjunto é relevante para a análise pragmática do texto.

Por fim, dentre os princípios de integração oracional de Lehmann (1988), é relevante destacar que *Denunciando e não ficando calada* se comportam como uma oração, visto que ainda possuem algumas propriedades sentenciais como selecionar sujeito e objeto, permitir polarização. Mas, ao mesmo tempo, estão, de acordo com o *cline* de Lehmann (1988), à margem da sentença principal, visto que elas têm uma função de adjunto, expressando a circunstância de modo de combate ao racismo. Esses adjuntos oracionais apresentam uma maior quantidade de informação para desenvolverem efetivamente o argumento expresso em torno do verbo da sentença 1. Por terem perdido algumas propriedades sintáticas supracitadas, e com isso estarem mais próximas da oração principal, há integração das orações. E, do ponto de vista funcional, ampliam a argumentação, via os princípios da quantidade e proximidade icônica. Isso mostra que quanto mais integradas formalmente maior a integração funcional (GIVÓN, 2001).

Feita a análise do eixo sintático, apresentamos a análise do eixo semântico-pragmático.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 2			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<p><i>mas, podemos combater isso, denunciando e não ficado calada diante dessa situação, (...).(B.V.D.P., 5-9)</i></p> <p>Orações sob análise:</p> <p>O1 (...) <i>mas, podemos combater isso,</i> O2 <b>Denunciando</b> O3 <i>E não ficado calada diante dessa situação</i></p>	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>		
	<b>Papéis semânticos</b>	<b>Semântica do verbo</b>	<b>Pressupostos, acarretamentos, implicações</b>
	<p>O 1: <i>Nós</i>: agente</p> <p><i>Isso</i>: paciente</p> <p>O 2: <i>Nós</i>: agente</p> <p><i>Isso</i>: paciente</p> <p>O3 <i>Nós</i>: agente</p> <p><b>Denunciando e ficado calada</b>: modo/condição.</p>	<p><i>podemos combater</i>: modalidade/ação.</p> <p><b>Denunciando</b>:verbo <i>dicendi</i>/processo/ação.</p> <p><b>ficado calada</b>: estado/verbo <i>dicendi</i></p>	<p>O aspecto cursivo pressupõe que, para o racismo acabar, as ações propostas pelo autor devem ser contínuas, incluída aí a ação de “denunciar”.</p>
	<b>Tópico</b>	<b>Foco</b>	<b>Inferência sugerida</b>
O1, O2 e O3: <i>Nós</i>	O1 e O2: <i>isso</i>	<p>O aspecto indeterminado sugere que a continuidade das ações de combate ao racismo devem ser ilimitadas.</p> <p><b>denunciando e não ficado calada diante dessa situação</b> expressa a circunstância de modo e pode sugerir uma condição para o fim do racismo.</p>	<b>denunciando e não ficado calada diante dessa situação</b> é uma expressão (inter)subjetiva

Os verbos presentes no trecho em análise expressam, em grande medida, a ideia de ação. Em “podemos combater”, temos um verbo auxiliar modal modificando um outro que é de ação, respectivamente. “Podemos” expressa a opinião do autor do texto diante do enfrentamento do racismo no Brasil e no mundo, e “combater” é a ação que pode ser realizada. O verbo *combater* remete à metáfora conceitual de GUERRA (ver eixo de análise C). *Denunciando* é um verbo *dicendi* que é conceptualizado metaforicamente como um verbo de ação. De acordo com Givón (2001), um verbo transitivo, que prototipicamente é um verbo de ação, denota a destruição/modificação de um paciente/objeto. Em *denunciando isso*, o verbo *denunciar* tem no texto o sentido de atribuição de responsabilidade a alguém, via discurso. Porém, além dessa acepção, no enunciado, *denunciar* tem o objetivo de acabar com o racismo. Ou seja, a noção de destruição do objeto está implicada na oração em análise e agrega ao verbo uma propriedade típica dos verbos transitivos de ação.

O uso do *não* em “não ficando calada” pressupõe uma ação contrária ao estado de *ficar calada* e reforça a ideia de que, para acabar com o racismo, é preciso a ação de denunciar. *Não ficando calada* enfatiza, portanto, a necessidade de agir, por meio do discurso, para acabar com o racismo. Diante disso, o papel semântico de “nós” é de agente nas três sentenças, uma vez que o tema do texto (enfrentamento ao racismo) sugere ação. O objeto “isso” é um paciente que se pretende eliminar, tanto no “combater” quanto no “denunciar”. Nas três orações em análise, o tópico pragmático é “nós”, que enfatiza a necessidade de ação, por parte do leitor, para o fim do racismo ocorrer. Quanto ao foco, a informação nova, nas orações 1 e 2 é “isso”, que se refere ao racismo e, na oração 3, é *diante dessa situação*, que também se refere ao racismo. Em relação aos sentidos que o gerúndio expressa em *denunciando* e *não ficando calada*, percebemos que ele agrega ao exposto na oração 1 (*podemos combater isso*) a circunstância de modo, como a autora sugere a materialização do combate ao racismo. Contudo, além dessa leitura, a circunstância de condição também pode ser depreendida do texto, visto que o trecho analisado permite a seguinte paráfrase: *mas, podemos combater isso, se denunciarmos E se não ficarmos caladas diante dessa situação*. Assim, há também a leitura de que essas sugestões estão condicionadas à ação de todos nós. Assim, a circunstância de modo parece estar mais evidente, pois a autora responsabiliza ainda mais a todos, pois parte-se do subentendido de que, a partir do momento em que a sugestão foi dada, cabe ao leitor seguir a sugestão, ou seja, “denunciando” e “não ficando calada”.

Retomando os conceitos de Traugott & Dasher (2005), constatamos que a interpretação da circunstância de modo e/ou de condição aciona para o leitor, a partir do gerúndio, as maneiras de combater e acabar com o racismo. Considerando que, no gênero redação argumentativa, o autor tem por objetivo persuadir o leitor por meio de argumentos, o uso do gerúndio com a circunstância de modo faz com que o autor compartilhe com o leitor a sua crença em torno do tema do texto (DIAS, 2015).

Ainda sobre o gerúndio nessa ocorrência, é válido comentar sobre a expressão aspectual também atuando no processo de inferência sugerida. O aspecto cursivo, expresso pelo gerúndio dos verbos, sugere que deve haver continuidade das ações para que o racismo acabe. E essa continuidade deve ser de duração ilimitada, expressa pelo aspecto indeterminado, presente nesses verbos também.

Diante disso, os sentidos atribuídos pela estudante colaboram para a defesa do seu ponto de vista, antecipando a recepção dos seus leitores, ou a sua *autoimagem* (TRAUGOTT, 2010). *Denunciando E não ficado calada diante dessa situação* são, portanto, expressões (inter)subjetivas. Feitas essas considerações do eixo semântico-pragmático, apresentamos a seguir a análise da ocorrência 2 de gerúndio adverbial no eixo discursivo.

Gerúndio adverbial -Ocorrência 2				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>mas, podemos combater isso, denunciando e não ficando calada diante dessa situação, (...).(B.V.D.P., 5-9)</i></p> <p>Orações sob análise:</p> <p>O1 <i>(...) mas, podemos combater isso,</i></p> <p>O2 <b>Denunciando</b></p> <p>O3 <i>E não ficando calada diante dessa situação</i></p>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Redação dissertativa escolar	Enfrentamento do racismo	Durante a sequência didática, os alunos tiveram aulas e debates na disciplina de história sobre as diversas formas de manifestação do racismo.	Atores Exemplos e Ilustrações

Na redação dissertativa escolar, o autor do texto deve defender um ponto de vista sobre um tema. O tema sugerido aos alunos foi o enfrentamento do racismo, e esse tema já pressupõe que o estudante parta da premissa de que o racismo existe e de que deve ser enfrentado. E é isso que observamos no trecho em análise, o estudante reconhece o racismo tanto no Brasil quanto no mundo e já sugere formas de intervenção nessa realidade.

As sugestões de enfrentamento ao racismo são expressas, principalmente, por verbos no gerúndio que apontam para a continuidade dessas ações de combate, a qual é expressa por meio dos aspectos cursivo e indeterminado e da circunstância de modo, que o gerúndio instaura no enunciado. O primeiro verbo está localizado em uma locução: “podemos combater”. Sua real dimensão vai ser dada pelas duas ocorrências de gerúndio que expressam o modo de combate ao racismo: “denunciando” e “não ficando calada”. O uso do verbo *denunciar* deixa implícito que o enfrentamento do racismo é de responsabilidade de quem sofre e/ou presencia o racismo.

Nessa ocorrência, o conflito Nós X Eles está presente, e a estudante atribui a “nós”, a população consciente dessa realidade e vítima dela, a responsabilidade de acabar com o racismo, enquanto “eles”, as pessoas racistas, parecem ter pouca responsabilidade nisso. Nesse sentido, a estudante faz uma autoapresentação positiva do grupo minorizados/excluídos (“nós”) e uma apresentação negativa do grupo majoritário (“eles”), ao contrário do que normalmente ocorre nesse jogo ideológico (cf. Van Dijk, 2015). Porém, ao fim da sua argumentação, fica implícito que a culpa do racismo existir é de quem não denuncia e se cala diante do racismo e não apenas de quem o pratica necessariamente.

No entanto, é possível compreender a constituição do discurso da estudante, uma vez que as elites simbólicas sempre têm tudo a dizer na sociedade (VAN DIJK, 2015) e no contexto brasileiro não seria diferente. Conforme van Dijk (2015, p.134) afirma, o discurso é, nas sociedades contemporâneas da informação, o cerne do racismo. As estratégias linguísticas estariam a serviço da manutenção desse sistema de discriminação e exclusão social e, no texto analisado, as ressalvas nos termos da estudante estão presentes quando a estudante faz uma *inversão*, culpando a vítima pelo racismo, por *ficar calada*. É interessante que a estudante usa o particípio no feminino o que dá indício de que a própria autora assume essa responsabilidade, reproduzindo o discurso racista. Feitas essas análises no eixo do discurso, apresentamos o último eixo analítico: o da cognição.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 2				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>mas, podemos combater isso, denunciando e não ficado calada diante dessa situação, (...).(B.V.D.P., 5-9)</i> Orações sob análise: <b>O1</b> <i>(...) mas, podemos combater isso,</i> <b>O2</b> <i>Denunciando</i> <b>O3</b> <i>E não ficado calada diante dessa situação</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Acabar com o racismo é uma GUERRA. Personificação do racismo. Verbo <i>dicendi</i> > verbos de ação	Herança contígua do tempo, modo, pessoa da oração principal para as orações de gerúndio.	Quantidade Proximidade	O racismo existe e deve ser combatido. A responsabilidade de acabar com o racismo é de quem sofre/presencia o racismo e não de quem o pratica. A luta contra o racismo deve ser contínua.

A metáfora conceitual na qual o texto se sustenta é a da GUERRA: “acabar com o racismo é uma guerra”, na qual os oponentes são i) as pessoas que sofrem ou são conscientes dessa realidade, e ii) o racismo, que é personificado, principalmente em “podemos combater isso”. De acordo com van Dijk (2015), o racismo tem um subsistema de disseminação cognitiva e o que observamos nesse texto analisado é como as estratégias cognitivas são usadas para expressar e manipular nossas mentes. Van Dijk (2015) cita duas estratégias cognitivas de reprodução do racismo. A primeira é a metáfora, e a outra, o eufemismo. A metáfora, como foi supracitado, estrutura todo o texto, e o eufemismo também está presente, quando implicitamente, os negros, o grupo alvo do racismo, são responsabilizados pela continuidade do racismo.

Além disso, a personificação do racismo é uma estratégia cognitiva de manutenção do sistema de crenças racistas, visto que, ao personificar o racismo, os racistas, ou as elites racistas não são o foco da discussão em torno do tema.

Os *frames* presentes no texto da estudante são: “O racismo existe e deve ser combatido.”; “A responsabilidade de acabar com o racismo é de quem sofre/presencia o racismo e não de quem o pratica” e “A luta contra o racismo deve ser contínua”. Esses *frames* se manifestam via metaforização/metonimização dos verbos *dicendi* em verbos de ação, sugerindo que o combate contra o racismo ocorra por meio do discurso.

Quanto à iconicidade presente no texto, os princípios acionados são o da quantidade, principalmente nos verbos no gerúndio em que o acréscimo do material linguístico (a marca morfossintática {-ndo}) expressa mais informação semântica, o aspecto durativo que sugere continuidade/indeterminação dessas ações para acabar com o racismo.

Já a proximidade icônica está relacionada à integração das orações (ver eixo A2), visto que a integração sintática reflete a proximidade conceitual, e essa aproximação entre conceitos promove o desenvolvimento da argumentação. Por estar no escopo oracional com função de adjunto adverbial, as orações de gerúndio concorrem para promover o cerne argumentativo do texto e aproximam mais os argumentos da tese.

A seguir, fazemos a análise da ocorrência 3 do gerúndio adverbial, com vistas a continuar mostrando o seu valor para a construção da argumentação.

<b>Ocorrência 3 - Gerúndio adverbial</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
	<b>A.1 Propriedades morfossintáticas</b>		
	<b>Tempo</b>	<b>Modo</b>	<b>Aspecto</b>
<i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, respeitando uns aos outros, aceitando a pessoa pela sua raça, aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é... (J.R.C.,8-15)</i>	O1 Presente/futuro	Orações 1 a 5	Orações de 1 a 5 Cursivo/progressivo
	O2 Presente/futuro	Indicativo	
	O3 Presente/futuro		
	O4 Presente/futuro		
Orações em análise: O1	O5 Presente/futuro		
<i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo.</i>			
O2 <i>respeitando uns aos outros.</i>			
O3 <i>aceitando a pessoa pela sua raça</i>			
O4 <i>aceitando o cabelo dele (a)</i>			
O5 <i>do jeito que é...</i>			

Nesse trecho, há uma sequência de verbos no gerúndio, que, pelo contexto, trazem embutida a ideia de tempo presente, tal como na oração 1 (*mas nós podemos mudar isso (...)*), mas também com projeção de futuro, pois a autora sugere que as ações que acabam com o racismo deverão ocorrer continuamente, no presente enunciativo e após ele também. A leitura temporal que advogamos para as orações em gerúndio advém, metonimicamente, do tempo efetivamente expresso na oração 1.

O modo da oração 1 é o indicativo, pois os verbos expressam a certeza de que o autor tem da eficácia das ações no combate ao racismo. Não há uma marcação específica de quando as pessoas deverão respeitar e aceitar a raça da outra, mas sim o posicionamento do autor que é acentuado no enunciado. Por essa razão, a combinação da expressão de tempo futuro e do modo indicativo colaboram para a construção do ponto de vista da autora do texto. Também entendemos que o expresso na oração 1 será pano de fundo modal para a interpretação das orações em gerúndio aí presentes. Quanto ao aspecto, percebe-se que o cursivo é mais relevante na interpretação do enunciado, pois os fatos expressos pelos verbos devem ser contínuos para que o racismo acabe. Segundo Travaglia (2015), o aspecto cursivo pode se combinar com outras noções aspectuais. Ainda segundo esse autor, os aspectos cursivo e progressivo coincidem, porém, o dado em análise mostra que há distinção entre essas duas noções, visto que a sequência de verbos no gerúndio aponta não só para o desenrolar da ação, mas também para um efeito de possível extinção do racismo. A progressão de ações acionada a partir do ato de respeito mútuo entre as pessoas é importante, pois a continuidade e a evolução das ações é que, segundo a autora, garantem o fim do racismo. A seguir, apresentamos as propriedades sintáticas da ocorrência 3:

Gerúndio adverbial- Ocorrência 3			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<p><i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, respeitando uns aos outros, aceitando a pessoa pela sua raça, aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é... (J.R.C.,8-15)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1 <i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo.</i></p> <p>O2 <b>respeitando</b> uns aos outros.</p> <p>O3 <b>aceitando</b> a pessoa pela sua raça</p> <p>O4 <b>aceitando</b> o cabelo dele (a)</p> <p>O5 <i>do jeito que é...</i></p>	<p>O1: <i>Nós</i></p> <p>O2, O3 e O4: <i>(Nós)</i></p> <p>O5: <i>(o cabelo)</i></p>	<p>O1: Isso (o racismo)</p> <p>O2: “Uns aos outros”</p> <p>O3 “a pessoa pela sua raça”</p> <p>O4 “o cabelo dele (a)”</p> <p>O5 -</p>	<p>O1 “no Brasil e no mundo”</p> <p>“<b>respeitando</b> uns aos outros, <b>aceitando</b> a pessoa pela sua raça,” Aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é”</p> <p>O2: -</p> <p>O3: “pela sua raça”</p> <p>O4 -</p> <p>O5 -</p>

O enunciado em análise é composto por cinco orações. A oração principal é constituída com verbo finito e está na primeira posição. Mais uma vez, isso ocorre porque a oração principal está, em relação ao texto, introduzindo a argumentação com o operador *mas*. O contexto interfere, portanto, na posição das sentenças em análise, assim como interfere na perda da força ilocucionária das orações de gerúndio e também na restrição da ordem das orações.

Quanto ao sujeito das orações em análise, as orações 1, 2, 3 e 4 compartilham o mesmo sujeito *nós*. Na oração principal “*nós podemos mudar isso*”, o sujeito é *nós* e, por extensão metonímica, “**respeitando** uns aos outros, **aceitando** a pessoa pela sua raça, **aceitando** o cabelo dele (a)” traz esse mesmo sujeito (*nós*). Assim como nas ocorrências de gerúndio adverbial já analisadas, observamos que a integração sintática entre as orações permite que haja o compartilhamento do sujeito. O referente desse sujeito são todas as pessoas, racistas e não racistas, dando uma ideia de generalização.

Apenas a sentença 5 que tem um sujeito diferente das demais orações, que é *o cabelo dele (a)*.

Já o objeto dos verbos é diferente. Em “nós podemos mudar isso”, o objeto é “isso”, o racismo. E, nas três orações de gerúndio – “**respeitando** uns aos outros, **aceitando** a pessoa pela sua raça, **aceitando** o cabelo dele (a)” – é, respectivamente, “uns aos outros”, “a pessoa pela sua raça” e “o cabelo dele (a)”. Conforme Lehmann (1988) afirma, observamos que as orações de gerúndio apresentam algumas restrições em relação à oração principal, mas ao mesmo tempo apresentam algumas propriedades que apontam uma certa independência, como nesse caso em que as orações de gerúndio selecionam um objeto próprio cada uma, embora tenham um mesmo sujeito, aquele que está expresso na oração 1 do enunciado.

Quanto aos adjuntos adverbiais do trecho em análise, na oração 1, os adjuntos são “no Brasil e no mundo” e as próprias orações de gerúndio “**respeitando** uns aos outros, **aceitando** a pessoa pela sua raça,” e “**aceitando** o cabelo dele (a) do jeito que é”. O primeiro adjunto contextualiza o leitor acerca do espaço de atuação no combate ao racismo. Já as duas orações de gerúndio sinalizam para o leitor de que modo a ação de mudança deve ocorrer. Por indicarem isso, esses adjuntos possuem informações conceituais mais densas e, por isso, são representados do ponto de vista linguístico em forma de oração.

Feitas essas considerações, apresentamos a seguir uma análise das propriedades semânticas e pragmáticas da ocorrência 3.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 3				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, respeitando uns aos outros, aceitando a pessoa pela sua raça, aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é... (J.R.C.,8-15)</i></p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1 <i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo.</i></p> <p>O2 <i>respeitando uns aos outros.</i></p> <p>O3 <i>aceitando a pessoa pela sua raça</i></p> <p>O4 <i>aceitando o cabelo dele (a)</i></p> <p>O5 <i>do jeito que é...</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo		Pressupostos, acarretamentos, implicações
	<p>O1 Nós: agente Isso: paciente No Brasil e no mundo: locativo <b>Respeitando</b> uns aos outros: modo <b>Aceitando</b> a pessoa pela sua raça: modo <b>Aceitando</b> o cabelo dele (a) do jeito que é...: modo. <b>O2, O3 e O4</b> nós: experienciador/agente Uns aos outros: estímulo/paciente A pessoa: estímulo. o cabelo dele (a): estímulo.</p> <p>O5 O cabelo dele (a): tema</p>	<p><i>Podemos</i>: modalidade <i>mudar</i>: ação-processo <b>Respeitando</b>: ação-processo. <b>Aceitando</b>: ação-processo. <b>É</b>: estado.</p>		<p><i>Podemos mudar</i> pressupõe a mudança de um estado, de racista para não racista. A continuidade dos fatos expresso pelos aspectos cursivo/progressivo é um modo de acabar com o racismo.</p>
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
	<p>O1 a O4: “Nós” O5: (O cabelo)</p>	<p>O1: <i>Isso no Brasil e no mundo.</i> O2:<i>uns aos outros</i> O3 <i>a pessoa pela sua raça</i> O4 <i>o cabelo dele (a) do jeito que é...</i></p>	<p>A circunstância preferencial no trecho em análise é o modo.</p>	<p>Os verbos no gerúndio são expressões (inter)subjetivas.</p>

No enunciado em questão, “podemos mudar” expressa ação-processo, pois “mudar” pressupõe um deslocamento metafórico, do estado de “racista” para “não racista”. Contudo, esse deslocamento é processual, pois a mudança de trajetória de racista para não racista demanda tempo e depende de outros fatores. Se há um deslocamento metaforizado, o sujeito que realiza esse deslocamento é humano, tem volição e provoca uma mudança de estado (de racista para não racista). Por isso, podemos afirmar que o sujeito “nós” tem papel semântico de agente, o objeto referente a “nós” (“isso”) é um paciente que deixará de existir depois da conclusão da ação-processo. O adjunto “no Brasil e no mundo” é locativo, que situa o leitor em relação à parte do tema do texto, que é o local em que deve ocorrer o enfrentamento do racismo.

Em relação à “respeitando uns aos outros”, “aceitando a pessoa pela sua raça” e “aceitando o cabelo dele (a)”, é possível afirmar que, ao mesmo tempo, os verbos no gerúndio são núcleos das predicções e também são adjuntos modificadores da locução verbal “podemos mudar”. Quando eles são núcleo da predicação, os verbos “respeitar” e “aceitar” assumem, por contiguidade, a semântica de ação-processo presente em “podemos mudar”, pois esses verbos representam as ações que, na visão da autora, devem ocorrer para o racismo acabar. Por extensão metonímica, o sujeito “nós” relativo a esses verbos têm papel semântico de agente/experienciador, pois apresentam um alto grau de volição, também passam por processo de mudança, de não respeitar e aceitar, para respeitar e aceitar.

Os objetos também apresentam essa característica, pois “uns aos outros” e “as pessoas” são ao mesmo tempo o estímulo ao respeito e aceitação e também são pacientes, já que, a partir do momento em que se respeita e se aceita o outro, essa pessoa também se modifica. Por fim, vale ressaltar que “o cabelo dele (a)” também tem papel semântico de estímulo/paciente, pois quando se respeita e aceita o cabelo, a mudança ocorre no dono do cabelo, então pode-se afirmar que o papel semântico de paciente nesse caso se dá via metonímia.

Quando os verbos no gerúndio são lidos como adjuntos adverbiais da oração 1, eles carregam a ideia de circunstância de modo e correspondem às possibilidades oferecidas pelo autor para acabar com o racismo. O aspecto durativo/progressivo do gerúndio sugere que a continuidade e a evolução das atitudes são alternativas para eliminar o racismo.

O tópico pragmático das sentenças 1 a 4 é “nós” e aponta para a responsabilização de todos – autor e leitores do texto – para o fim do racismo. Já os

focos dessas sentenças (a informação nova) são diferentes, o que sugere uma ideia de progressão temática e argumentativa. Os focos das sentenças 2, 3 e 4 estão organizadas do geral para o particular, ou seja, o respeito ao outro é especificado na informação nova das sentenças seguintes, garantindo ao texto a progressão temática e argumentativa. Destaque para o papel dos verbos no gerúndio nessa construção, pois os aspectos durativo e iterativo reforçam a ideia de continuidade e repetição das ações propostas pela autora para acabar com o racismo em conjunto com a progressão das ideias do texto.

Quanto às circunstâncias expressas pelo gerúndio, percebe-se uma certa ambiguidade, pois os verbos no gerúndio podem expressar tanto modo quanto condição, pois o enunciado em análise poderia ser parafraseado assim: *Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo se respeitarmos uns aos outros, aceitarmos a pessoa pela sua raça, aceitarmos o cabelo dele (a) do jeito que é...* Mas, pelo contexto, a inferência sugerida pela autora é a circunstância de modo, pois essa circunstância concorre para o atendimento do tema textual – ações para enfrentar o racismo. Também a interpretação modal ressalta o posicionamento da autora diante do tema: de que todos nós devemos lutar contra o racismo.

Por fim, pode-se afirmar que os gerúndios no enunciado em análise são expressões (inter)subjativas, pois visam a construção do ponto de vista do autor e, ao mesmo tempo, levam em conta o ponto de vista de leitor.

A seguir, apresentamos a análise das propriedades discursivas da ocorrência 3.

Ocorrência 3-Gerúndio adverbial				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, respeitando uns aos outros, aceitando a pessoa pela sua raça, aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é... (J.R.C.,8-15)</i> Orações em análise: O1 <i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo.</i> O2 <b>respeitando</b> uns aos outros. O3 <b>aceitando</b> a pessoa pela sua raça O4 <b>aceitando</b> o cabelo dele (a) O5 <i>do jeito que é...</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Redação dissertativa escolar.	Enfrentamento do racismo.	Eram muito recorrentes na escola casos de racismo relacionados à estética, como o cabelo, principalmente envolvendo meninas.	Atores Exemplos e ilustrações.

O trecho em análise é uma redação dissertativa escolar, na qual a aluna desenvolveu uma argumentação em torno do tema enfrentamento ao racismo. Para construir o seu texto, a estudante evidencia o papel dos atores no processo de erradicação do racismo. No início do enunciado, o uso do pronome “nós”, em “nós podemos mudar isso”, torna o conflito Nós x Eles presente no texto, no qual “nós” representa todas as pessoas, racistas ou não. O autor responsabiliza a todos pela luta contra o racismo, que é está personificado e representa o “Eles”. Outra estrutura discursiva que constitui o enunciado são os exemplos e ilustrações de como é possível mudar a realidade de uma sociedade racista para uma não racista. A aluna usa esses exemplos que apresentam os verbos no gerúndio, sugerindo que esses exemplos de aceitação e tolerância devem ser contínuos. É válido dizer também que os exemplos e ilustrações escolhidos pela estudante não são fortuitos, pois uma das principais formas de racismo que ocorriam na escola era relacionada à crítica ao cabelo crespo.

Outro destaque é o fato de a estudante se identificar como pessoa negra na sequência do enunciado em análise (*E pra nós negros (a) como eu, o que podemos fazer é seguir em frente e dizer não ao racismo e ajudar outras pessoas que não se aceitam como são*, J.R.C.,15-17)<sup>63</sup> e sugerir ações específicas para os negros no combate ao racismo. Essas ações são relativas ao fortalecimento de si mesmo e das outras pessoas negras, o que mostra que a aluna compreende que, para acabar com o racismo, o fortalecimento da identidade negra é importante.

A seguir, finalizamos a análise da ocorrência 3 de gerúndio adverbial com a discussão em torno do eixo cognitivo.

---

<sup>63</sup> Ver texto completo nos anexos desta tese.

Gerúndio adverbial-Ocorrência 3				
Enunciado/ Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, respeitando uns aos outros, aceitando a pessoa pela sua raça, aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é... (J.R.C.,8-15)</i> Orações em análise: O1 <i>Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo.</i> O2 <i>respeitando uns aos outros.</i> O3 <i>aceitando a pessoa pela sua raça</i> O4 <i>aceitando o cabelo dele (a)</i> O5 <i>do jeito que é...</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Acabar com o racismo implica um deslocamento assentado no verbo “mudar”: ESPAÇO > QUALIDADE (respeitar, aceitar); Personificação do racismo Deslocamento>mudança de estado O aspecto progressivo expressa progressão textual.	Herança metonímica dos tempos, modo e aspecto dos verbos no enunciado. Os verbos “respeitar” e “aceitar” herdaram contigüamente e a semântica do verbo “mudar” e assim passam a ser verbos de “ação-processo”.	Quantidade e	O Brasil e o mundo são racistas; A luta contra o racismo é de responsabilidade e de todos; O combate ao racismo deve ser contínuo.

O racismo está personificado em *nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo*, o objeto paciente é o racismo (referente de *isso*), e o sujeito agente *nós* promove a mudança do estado de racista para não racista, ou seja, está implícito que o racismo será eliminado. O verbo *mudar* também está metaforizado, pois deixou de expressar o

conceito de deslocamento para expressar o conceito de mudança de estado. *Mudar*, nesse caso, é um deslocamento de estado, de racista para não racista. Observamos, no enunciado, a metáfora espaço > qualidade.

Esse conceito de mudança de estado expresso por *mudar* só ocorre diante das ações que a autora do texto sugere que, no caso, são *respeitar* e *aceitar*. Esses verbos, que originalmente são de processo, recebem a interpretação agentiva devido à extensão do conceito de ação de *mudar* para esses verbos. Ou seja, os verbos *respeitar* e *aceitar* são afetados por um processo de metonimização.

Quanto ao uso do gerúndio, percebe-se que o aspecto progressivo é expresso em termos de progressão textual. O domínio do aspecto é projetado no domínio do texto, ou seja, uma metaforização. A disposição da sequência de verbos no gerúndio mostra também uma contiguidade do conceito expresso pelo aspecto durativo projetado em sequência para orientar a argumentação principal, encapsulada no *frame* “o combate ao racismo deve ser contínuo”.

Essa sequência de verbos no gerúndio também mostra a iconicidade de quantidade, pois quanto mais o gerúndio se repete, mais a ideia de contiguidade do conceito de continuidade é reforçada no texto.

Apresentamos, a seguir, a análise da ocorrência 4 do gerúndio adverbial.

Gerúndio adverbial-Ocorrência 4			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<p><i>Portanto eles esquecem de se prevenir usando a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sífilis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)</i></p> <p>Orações em análise:  O 1  <i>Portanto eles esquecem</i>  O 2  <i>de se prevenir</i>  O 3  <i>usando a camisinha</i></p>	Tempo	Modo	Aspecto
	O1, O2 e O3: Presente	O1, O2 e O3: Indicativo	O1: Indeterminado O2: Indeterminado O3: Indeterminado/ Habitual

A parte do enunciado em análise é composta por três orações, sendo que apenas na primeira (*portanto eles esquecem*) o verbo apresenta marcação morfológica de modo e tempo, que na ocorrência é o presente do indicativo. Tanto o verbo no infinitivo, quanto o verbo no gerúndio não tem marcação morfológica de tempo, nem de modo. Contudo, é possível inferir que “usando a camisinha” tem leitura de presente do indicativo, pois estes são o tempo e o modo verbal do verbo da oração principal no enunciado e, por extensão metonímica, os verbos *prevenir* e *usar* herdariam esse tempo e modo.

Ainda sobre o tempo e o modo verbal é válido afirmar que o tempo presente não corresponde unicamente ao momento da enunciação, ou seja, o fato dos adolescentes esquecerem de usar a camisinha ocorre sempre e que isso corresponde à realidade a partir da perspectiva do estudante. Em outras palavras, a escolha do presente do indicativo aponta o posicionamento do autor do texto em torno do tema da produção de texto, de que os adolescentes sempre se esquecem de usar a camisinha.

Quanto ao aspecto verbal, *eles esquecem* pode ter uma leitura indeterminada, visto que o ato de *esquecer* é, na visão do autor, uma verdade atemporal, ou seja, a leitura aspectual indeterminada também remete a uma visão estereotipada de que os adolescentes sempre esquecem de usar a camisinha para se prevenir de gravidez e de DST's (ver eixo B2). Por extensão metonímica, o *se prevenir* também tem uma interpretação aspectual indeterminada.

Quanto à oração “usando a camisinha”, o gerúndio, além de ter a leitura indeterminada, também tem uma leitura de aspecto habitual, pois usar camisinha, na visão do estudante, deveria ser um hábito, mas não é. Nesse enunciado, o aspecto verbal é expresso tanto pelo gerúndio quanto pelo contexto discursivo, as informações implícitas, contrariando o que Travaglia (2015) afirma sobre o aspecto ser determinado apenas linguisticamente.

Mais uma vez, observamos que o gerúndio adverbial, além de herdar metonimicamente a interpretação aspectual do verbo da oração principal, também agrega ao enunciado um novo aspecto, normalmente ampliando a argumentação do enunciado. Nesse sentido, parece que a integração entre as orações também contribui para a progressão do texto argumentativo.

Feitas essas considerações iniciais, apresentamos na sequência a análise das propriedades sintáticas dessa ocorrência.

Gerúndio adverbial-Ocorrência 4			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<p><i>Portanto eles esquecem de se prevenir usando a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sífilis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)</i></p> <p>Orações em análise: O1 <i>Portanto eles esquecem</i> O2 <i>de se prevenir</i> O3 <i>usando a camisinha</i></p>	<p>O1: <i>Eles (os jovens)</i> O2 e O3: <i>(Eles)</i></p>	<p>O1: <i>de se prevenir</i> O2: <i>Se</i> O3: <i>a camisinha</i></p>	<p>O1: O2: <i>usando a camisinha</i> O3: -</p>

O verbo *esquecer* é um verbo de cognição, e as propriedades semântico-sintáticas do enunciado recaem nas propriedades dos *PCU verbs* de Givón (2001), os quais se estruturam a partir de complementos (objetos) oracionais. De acordo com o autor, do ponto de vista sintático, não há restrição de correferência entre os seus sujeitos e objetos e o sujeito da oração complemento. O sujeito de *esquecer*, *eles*, é também o sujeito de *prevenir* e de *usando*.

O objeto de *esquecem* é oracional, encabeçado pelo verbo *prevenir*. O pronome reflexivo “se” é objeto direto do verbo *prevenir* e indica correfência com o sujeito. Já “usando a camisinha” é o adjunto do verbo “prevenir” e aponta o modo de prevenção da gravidez e das DST’s. A oração de gerúndio é o adjunto adverbial oracional do complemento também oracional de *eles esquecem* e, por essa razão, a oração de gerúndio vem posposta a esta oração.

Além disso, a oração de gerúndio especifica o modo de prevenção, e o verbo *esquecer* permite ao leitor acessar as consequências desse esquecimento, que é a gravidez indesejada e as DST’s. *Usando a camisinha*, apesar de estar em posição posposta, numa relação hierárquica inferior à oração principal, tem uma função

importante no texto, que é a de garantir a progressão textual. Esse dado contraria Mathiessen & Thompson (1988), visto que, apesar da “inferioridade sintática”, a oração de gerúndio tem uma função textual relevante: contribuir para a força do argumento. A seguir, fazemos a análise da ocorrência no eixo semântico-pragmático:

Gerúndio adverbial- Ocorrência 4				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>Portanto eles esquecem de se prevenir usando a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sífilis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)</i></p> <p>Orações em análise: O 1 <i>Portanto eles esquecem</i> O2 <i>de se prevenir</i> O3 <i>usando a camisinha</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo		Pressupostos, acarretamentos implicações
	<p>O1: <i>Eles-</i> experienciador <i>de se prevenir-</i> estímulo O2: <i>eles:</i> agente <i>se:</i> paciente <i>usando a camisinha:</i> circunstância de modo O3: <i>Eles:</i> agente <i>a camisinha:</i> instrumento</p>	<p><i>Esquecem:</i> cognição <i>prevenir:</i> ação <i>usando:</i> ação</p>	<p><i>usando a camisinha</i> pressupõe o modo que, na visão do autor, os adolescentes deveriam se prevenir da gravidez indesejada e das DST's. Contudo, o texto aciona a implicatura de que sempre os adolescentes não tomam essa atitude e, com isso, sofrem as consequências.</p>	
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
<p>O1, O2 e O3: <i>Eles</i></p>	<p>O1: <i>de se prevenir</i> O2: <i>usando a camisinha</i> O3: <i>a camisinha</i></p>	<p>O uso do gerúndio em <i>usando a camisinha</i> permite inferir que essa ação deveria ser habitual.</p>	<p><i>usando a camisinha</i> é uma expressão (inter)subjetiva.</p>	

O verbo esquecer é um verbo de cognição, que no enunciado tem o sentido de escapar da memória. O sujeito, nesse caso, é um experienciador, pois o ato de esquecer pode ser involuntário, algo que ocorre sem o devido controle do sujeito. Mas, no texto, o estudante responsabiliza os jovens pelo não uso do preservativo, sendo um ato irresponsável dos jovens.

O objeto indireto de *esquecer* no enunciado é *se prevenir*, que é um verbo de processo, pois o ato de se prevenir causa uma mudança de estado no sujeito, que no caso é objeto também. Esse verbo tem, no enunciado, o sentido de preparar-se, ou seja, tomar uma medida, e essa medida o torna imune dos riscos que a prática sexual pode trazer.

Por fim, o verbo *usar* expressa uma ação em que *eles* (os adolescentes), o agente, têm com um instrumento (*a camisinha*) para evitar as consequências da prática sexual, expostas na sequência do texto. Ao mesmo tempo, *usando a camisinha* expressa também circunstância de como os adolescentes devem se prevenir.

O gerúndio em *usando a camisinha* pressupõe que o uso habitual do preservativo é o modo eficaz de evitar possíveis consequências indesejadas da prática sexual. No entanto, o uso do verbo *esquecer*, no sentido supracitado, implica que essa é uma atitude típica do adolescente, reforçada pelo uso do presente atemporal e do aspecto indeterminado. Nos termos de Corôa (2005), o evento expresso é infinito pela perspectiva do falante e também pelo uso do pronome *eles*, generalizando todos os adolescentes. Diante desse esquecimento do adolescente, o ato de se prevenir com o uso da camisinha não ocorre.

Diante disso, o enunciado deixa implícito que o adolescente deve ser o agente responsável pela prevenção da gravidez e DST's. Por essa razão, o tópico pragmático, nas sentenças 1, 2 e 3, é o mesmo, *eles*, os adolescentes. Essa escolha ocorreu devido à ênfase que é dada nas ações dos adolescentes, que provocam consequências em suas vidas. Em outras palavras, o tópico *eles*, em sequência, revela a responsabilização que o autor atribui ao adolescente pelas suas ações.

Quanto ao foco pragmático, ao contrário do tópico, cada sentença tem um foco diferente, uma informação nova é agregada a cada oração dada. Isso se deve ao desenvolvimento da argumentação que se sustenta numa relação de causa e consequência. Esses focos correspondem às ações desencadeadas a partir do esquecimento do adolescente e é importante especificá-las, pois isso aponta ao leitor a consequência desses atos.

Em *usando a camisinha*, o aspecto habitual faz com que o leitor infira um posicionamento do falante: o uso da camisinha deveria ser constante. Além disso, pode se interpretar nessa expressão o modo como o autor acredita que a gravidez e as DST's poderiam ser prevenidas. E o seu esquecimento, tal como é exposto no texto, desencadeia as consequências desse esquecimento. Há, portanto, a visão do autor em torno do tema do texto e como o leitor interpreta essa visão (TRAUGOTT, 2010) e, por isso, pode ser considerada uma expressão intersubjetiva. A partir dessas considerações, apresentamos a análise das propriedades discursivas da ocorrência 4 do gerúndio de tipo adverbial.

<b>Gerúndio adverbial- Ocorrência 4</b>				
<b>Enunciado</b>	<b>B - Eixo analítico 2: eixo da função</b>			
<i>Portanto eles esquecem de se prevenir usando a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sífis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)</i> Orações em análise: O 1 [...]eles esquecem O2 de se prevenir O3 <i>usando a camisinha</i>	<b>B2- Propriedades discursivas</b>			
	<b>Gênero textual</b>	<b>Tema do texto</b>	<b>Contexto de geração de dados</b>	<b>Estrutura do discurso ideológico</b>
	Redação dissertativa escolar	Gravidez na adolescência	O índice de gravidez na escola pesquisada é muito alto.	Exemplos e ilustrações <i>Topoi</i> Isenção de responsabilidade

O enunciado em análise é um trecho de uma redação dissertativa escolar, cujo tema é gravidez na adolescência. Sua argumentação é construída a partir do *topoi* de que todo adolescente tem vida sexual ativa e não se previne. Por isso, sofre as consequências da prática sexual. Provavelmente, a expressão desse *topoi* no texto ocorreu devido a um fato comum na escola pesquisada: o alto índice de gravidez na adolescência.

Para sustentar seu ponto de vista, o estudante usa exemplos e ilustrações das consequências da prática sexual sem prevenção: a gravidez na adolescência e as DST's. Um detalhe relevante é que o aluno identifica o câncer do colo de útero como uma DST, provavelmente reflexo de uma campanha de vacinação promovida pelo governo que esteve na escola pesquisada, quando muitas das alunas foram vacinadas. Isso mostra também que a prática de letramento advinda das ações de prevenção promovida pelo Estado também contribuiu para a construção da argumentação do estudante.

Por fim, outro ponto que chama a atenção no texto é o fato de o autor, um estudante adolescente, se referir ao problema da gravidez na adolescência sempre em terceira pessoa. Todos os referentes dos sujeitos dos verbos presentes nos textos estão em terceira pessoa. Isso provavelmente revela uma isenção de responsabilidade do autor, que, apesar de ser adolescente, não se identifica ou não quer fazer parte das estatísticas envolvendo a gravidez na adolescência. Além disso, o uso da oração de gerúndio generaliza ainda mais os agentes da prevenção devido à ausência de marcação de pessoa no verbo.

A seguir, apresentamos o último eixo de análise da ocorrência 4 de gerúndio adverbial: o eixo cognitivo.

Ocorrência 4- Gerúndio adverbial				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Portanto eles esquecem de se prevenir usando a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sífis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)</i> Orações em análise: O 1 <i>[...]eles esquecem</i> O2 <i>de se prevenir</i> O3 <i>usando a camisinha</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	<i>a camisinha:</i> agente>instrumento	Metonímia PARTE-TODO com a generalização do comportamento dos adolescentes. Relação de causa-consequência presente no texto. Contiguidade de conceitos: os verbos que não são de ação herdam a agentividade dos verbos de ação.	Quantidade Ordenação linear Proximidade de	O adolescente é irresponsável, e, por isso, sofre as consequências de seus atos.

O verbo “usar” possui no enunciado o sentido de “empregar”, ou seja, o adolescente emprega a camisinha (o instrumento) para prevenir gravidez e DST’s. Contudo, quem efetivamente impede a gravidez e as DST’s é o preservativo. Nesse caso houve uma transferência de um domínio cognitivo em termos de outro (SWEETSER, 1988), pois o agente foi conceptualizado em termos de instrumento.

Quanto às metonímias presentes no texto, é notável a relação metonímica PARTE-TODO, pois o autor do texto usa o fato de alguns adolescentes que não usam preservativo para generalizar como se todos os adolescentes tivessem o mesmo comportamento. Além disso, observa-se como a relação de causa-consequência é constituída pelo esquema metonímico, ou seja, o esquecimento da prevenção, que é o não uso do preservativo, implica em consequências. Vale lembrar que as relações metonímicas só se viabilizam se os conceitos estiverem encapsulados em um mesmo

*frame* (TAYLOR, 1989), e é o que ocorre no enunciado, pois “O adolescente é irresponsável, e por isso sofre as consequências de seus atos”.

Essa extensão metonímica opera a partir do princípio da iconicidade de ordenação linear, pois só é possível estabelecer a extensão metonímica devido à ordenação que obedece ao fluxo de acontecimentos no mundo. Além disso, a metonímia atua na contiguidade de conceitos de verbos de ação para os verbos que não são de ação.

Por fim, é possível observar também o princípio da iconicidade de quantidade em “usando a camisinha”, pois o gerúndio, ao expressar o aspecto habitual, aponta para uma ação que se repete, ou seja, mais material linguístico para expressar mais informações. O adjunto oracional mais integrado a outra oração aproxima e articula as partes da argumentação. O princípio da proximidade é, portanto, acionado.

Feitas essas considerações da ocorrência em todos os eixos de análise, partimos para a análise da última ocorrência do gerúndio adverbial selecionada para este estudo:

<b>Gerúndio adverbial- Ocorrência 5</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
	<b>A.1 Propriedades morfossintáticas</b>		
	<b>Tempo</b>	<b>Modo</b>	<b>Aspecto</b>
<i>se o governo para- se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo <b>asfaltando</b> o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12). Orações em análise: O1 se o governo para- se O2 para pensar O3: em ajudar as pessoas do Sol Nascente O4 por exemplo <b>asfaltando</b> o lugar O5 o trabalho dos policiais seria bem mais fácil[...]</i>	O1 a O4: Pretérito  O5: Futuro do pretérito	O1 a O4: Subjuntivo  O5: Indicativo	O1: Imperfeito O2 e O3: Cursivo O4: Cursivo/durativo O5: Indeterminado

O trecho em análise apresenta uma sequência de cinco orações integradas. A primeira oração é introduzida pela conjunção *se*, indicando para o leitor um cenário possível caso os governantes pensassem nas necessidades da população. Nesse sentido, a expressão de tempo e de modo é o pretérito do subjuntivo, típico das orações condicionais. Na sequência, as orações com verbo em forma não finita (infinitivo e gerúndio) herdaram por contiguidade metonímica a mesma leitura de modo e de tempo. Por fim, temos o efeito da ação condicionada, e o seu tempo e modo é o futuro do pretérito do indicativo. A expressão de modo e tempo refere-se, portanto, a uma ação que na avaliação do autor deveria ser realizada, mas não o será, visto que o agente é o governo, entidade que não tem credibilidade para o autor, pois ele (o governo) não para para pensar nos problemas da população do Setor Sol Nascente.

Quanto ao aspecto verbal, *parasse* na sentença 1 expressa imperfectividade; já *pensar*, *ajudar* e *asfaltando* têm aspecto cursivo, visto que o estudante expressa o desenvolvimento dos atos sem especificar a sua duração, uma vez que eles trariam benefícios para a população e, por isso, devem ser contínuos. *Asfaltando* é a concretização do ato de pensar em ajudar a população, por isso, além da noção de aspecto cursivo, há também o aspecto durativo, visto que está implícito que o ato de asfaltar ocorre apenas uma vez, ou seja, é um processo de duração limitada (TRAVAGLIA, 2015). A sentença 5 tem aspecto indeterminado visto que expressa uma caracterização do trabalho dos policiais. A contiguidade metonímica na expressão do tempo, modo e aspecto confirma a maior integração das orações no enunciado. A seguir, analisamos a ocorrência 5 no eixo das propriedades sintáticas.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 5			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo <b>asfaltando</b> o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12).</i> <b>Orações em análise:</b> O1 <i>se o governo para-se</i> O2 <i>para pensar</i> O3: <i>em ajudar as pessoas do Sol Nascente</i> O4 <i>por exemplo <b>asfaltando</b> o lugar</i> O5 <i>o trabalho dos policiais seria bem mais fácil</i>	O1 <i>o governo</i>	O 1: -	O1: <i>para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente</i>
	O2 a O4: <i>(o governo)</i>	O2: <i>Em ajudar</i>	O2: <i>Nascente</i>
	O5: <i>o trabalho dos policiais</i>	O3: <i>as pessoas do Sol Nascente</i>	O2: -
		O4: <i>o lugar</i>	O3: <i>por exemplo <b>asfaltando</b> o lugar</i>
		O5: -	O4: -
			O5: -

O enunciado começa com uma oração condicional composta também por três orações integradas subordinadas a ela: “*para pensar*”, “*em ajudar as pessoas do Sol Nascente*” e “*por exemplo asfaltando o lugar*”. A oração “*Em ajudar as pessoas do Sol Nascente*” funciona como objeto indireto de “pensar”. “Para pensar” funciona como adjunto adverbial de finalidade. E a oração “por exemplo asfaltando o lugar” funciona como adjunto adverbial de modo. Essas orações expressam as possíveis ações do governo se ele deixasse de se importar com seus próprios interesses e começasse a se importar com a população. Por fim, o enunciado finaliza com a oração *o trabalho dos policiais seria bem mais fácil*, que expressa o efeito positivo advindo do atendimento da condição expressa anteriormente e do modo (no gerúndio) de resolver parte dos problemas locais.

No trecho analisado, a oração condicional vem anteposta/topicalizada e é a partir dela que toda a argumentação do trecho é desenvolvida, por isso essa disposição da ordem das orações se justifica no texto. O sujeito das sentenças de 1 a 4 é o mesmo, o governo, pois as sentenças 2, 3 e 4 são bem integradas a ela, confirmando que quanto mais integradas as orações, mais próximas elas ficam do sintagma verbal da oração com

a qual se integram (LEHMANN, 1988). O fato de os adjuntos apresentarem a forma oracional e serem construídos com verbos não finitos também confirma o processo de integração oracional, visto que a ausência de marcação morfossintática de número e pessoa nas formas de infinitivo e gerúndio faz com que essas orações, por extensão metonímica, se aproximem da oração da forma finita mais próxima a elas.

Além disso, as orações de infinitivo e gerúndio desenvolvem o conteúdo semântico que sustenta a argumentação introduzida pela oração condicional e, por isso, estão mais integrados à sentença condicional.

Já na oração 5, o sujeito é *o trabalho dos policiais*. A distância entre essa oração e a oração condicional, bem como o grau de integração entre essas orações ser menor faz com que elas, do ponto de vista sintático não tenham relações gramaticais em comum (LEHMANN, 1988).

O verbo *parar*, neste enunciado, tem o sentido de interromper-se e, por isso, pode ser considerado um verbo intransitivo. Já o verbo *pensar* tem o objeto indireto oracional *em ajudar as pessoas do Sol Nascente*. Nessa sentença, o verbo *ajudar* tem o objeto *as pessoas*. Em *asfaltando o lugar*, o objeto é *lugar*. Enquanto as orações compartilhem o mesmo sujeito, os objetos são diferentes, e isso influencia na progressão temática do texto.

Observadas as propriedades sintáticas do enunciado no qual a ocorrência de gerúndio se insere, passamos para a análise do eixo semântico-pragmático.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 5			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<p><i>se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo</i>  <b>asfaltando</b> o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12).            Orações em análise:            O1  <i>se o governo para-se</i>            O2  <i>para pensar</i>            O3:  <i>em ajudar as pessoas do Sol Nascente</i>            O4  <i>por exemplo</i>  <b>asfaltando</b> o lugar            O5  <i>o trabalho dos policiais seria bem mais fácil</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas		Pressupostos, acarretamentos, implicações
	Papéis semânticos	Semântica do verbo	
	O1: <i>O governo-</i> agente <i>para</i> pensar- finalidade. O2: <i>O</i> governo- agente/experienciador <b>O3</b> <i>O governo-</i> agente <i>as pessoas do Sol Nascente-</i> paciente. <b>O4</b> <i>Governo-</i> agente <i>o lugar-</i> paciente. <b>O5</b> <i>O trabalho dos policiais:</i> tema. <i>Bem mais fácil:</i> tema.	<i>Parasse:</i> ação <i>pensar:</i> ação /cognição <i>ajudar:</i> ação <b>asfaltando:</b> ação <i>seria:</i> estado.	<b>Asfaltando</b> o lugar é uma sugestão de como os políticos poderiam ajudar as pessoas do Sol Nascente. Contudo, o período, iniciado com o articulador <i>se</i> , expressa que essa sugestão está condicionada ao fato dos governantes pararem de cuidar dos seus próprios interesses para pensar na população.
Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
O1 a 4 <i>O governo</i> O5 <i>O trabalho dos policiais</i>	O1 <i>para</i> <i>pensar</i> O2 <i>em ajudar</i> O3 <i>as pessoas do Sol Nascente</i> O4 <i>o lugar</i> O5 <i>bem mais fácil</i>	<b>Asfaltando</b> o lugar é o modo como o governo pode ajudar a população do Sol Nascente. Ao mesmo tempo, é uma condição que facilitaria o trabalho da polícia para diminuir a violência.	<b>Asfaltando</b> o lugar é uma expressão (inter) subjetiva.

Nas sentenças 1, 2, 3 e 4, o papel semântico atribuído ao sujeito (governo) é de agente/experienciador. Em relação à oração 1, o verbo *parar* tem sentido de interromper uma atividade, ou seja, o governo, por vontade própria, para para pensar nos problemas da população. Nessa linha, está implícito que essa interrupção expressa por *parar* sugere uma ação que o governo estava executando. Provavelmente, essa ação é cuidar dos próprios interesses, cometer atos de corrupção etc. Assim, o verbo, que apesar de intransitivo, pode ter um objeto implícito acionado pelo leitor via implicatura. Essa implicatura traz o *frame* “os políticos brasileiros só sabem cuidar dos próprios interesses”. Na sequência, “(...) *para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo asfaltando o lugar*”, traz um adjunto de finalidade oracional, o motivo pelo qual os políticos deveriam parar de fazer o que eles fazem. Esse adjunto oracional é formado ainda por duas orações: uma completiva objetiva indireta no infinitivo e uma adverbial modal no gerúndio, sendo que esta última expressa uma sugestão que é uma das funções do gênero carta do leitor (KÖCHE *et alii*, 2010).

O verbo *pensar* é um verbo de cognição que, na ocorrência, tem sentido de pretender, ou seja, ter a intenção de fazer algo, por isso, pensar é uma ação mental que será materializada no mundo físico. O verbo *ajudar* é também um verbo de ação e o objeto *as pessoas do Sol Nascente* é um paciente. *Asfaltando* é um verbo de ação, e *o lugar*, o paciente. Por fim, a última sentença, que é predicativa, *o trabalho dos policiais e bem mais fácil* possuem papel semântico de tema.

Em síntese, todo o enunciado é construído a partir da relação entre a falta de infraestrutura e a violência no Setor Sol Nascente e como a ação do governo poderia mudar esse quadro. Contudo, a associação entre falta de infraestrutura e violência inicialmente não é muito forte. Ela só é acionada via implicatura, que revela um conhecimento de mundo do autor que ele compartilha com leitor ao sugerir o asfalto das ruas, pois quem não conhece o Setor Sol Nascente talvez não saberia que lá não há asfalto nas ruas, e isso dificulta a locomoção das viaturas policiais.

O tópico pragmático das orações 1 a 4 é o mesmo, *governo*, que é o sujeito agente/experienciador de todas essas sentenças, Isso aponta uma relação estreita com o *frame* de que apenas o governo é responsável por realizar mudanças e melhorar a segurança e infraestrutura do Sol Nascente. No enunciado, a população apenas espera que o governo irá ajudá-la. Apenas o autor do texto, morador do Sol Nascente, tem algum tipo de agência ao sugerir que as ruas do bairro sejam asfaltadas para facilitar o trabalho da polícia ao combate à violência.

Quanto aos focos, percebe-se que as informações novas conduzem o leitor para o posicionamento do falante, expresso na última oração - *o trabalho dos policiais seria bem mais fácil*.

Em relação a *asfaltando o lugar*, o autor está sugerindo uma ação do governo que ilustra a sua preocupação com o bem-estar da população. Nessa expressão, o estudante proporciona ao leitor a inferência de que esse pode ser, ao mesmo tempo, o modo como o governo pode intervir efetivamente e também uma condição de melhoria do trabalho dos policiais. Nesse ponto, há a associação entre os argumentos desenvolvidos no texto e, por isso, “asfaltando o lugar” pode ser considerada como uma expressão intersubjetiva, pois o autor a utiliza para expressar seu posicionamento pessoal e, ao mesmo tempo, leva em conta os anseios dos leitores, que pensam parecido com ele.

Feitas essas considerações, apresentamos a análise das propriedades discursivas da ocorrência em análise.

Gerúndio adverbial- Ocorrência 5				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo asfaltando o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil</i> (D.J., 6-12). Orações em análise: O1 <i>se o governo para-se para pensar</i> O2: <i>em ajudar as pessoas do Sol Nascente</i> O4 <i>por exemplo asfaltando o lugar</i> O5 <i>o trabalho dos policiais seria bem mais fácil</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Carta do leitor.	Comentário sobre a notícia	O Setor Sol Nascente tem vários problemas com a infraestrutura, como a falta de asfalto na maioria das ruas do bairro.	Exemplos e Ilustrações Atores Topoi

O texto em análise pertence ao gênero carta do leitor, que tem por objetivo o interlocutor argumentar, reclamar ou sugerir em torno de uma situação relevante. Um

dos maiores problemas do Setor Sol Nascente é a falta de infraestrutura, como a falta de asfalto. As ruas do bairro são de terra e têm enormes buracos e vários tipos de carro, como viaturas, não conseguem chegar em vários pontos do bairro, dificultando a ação da polícia em relação à segurança.

Diante disso, o estudante procurou associar o problema da segurança ao da infraestrutura para construir sua argumentação e também fazer uma denúncia de outro problema do Sol Nascente. Ao mencionar o problema do asfalto, o estudante faz uso de exemplos e ilustrações para enriquecer a sua argumentação e convencer o leitor de que o governo deve dar mais atenção à região.

Nessa ocorrência, há a presença do conflito Nós X Eles na construção da argumentação. *Nós* se refere à população, que sofre com a falta de segurança e infraestrutura, e *Eles* é o governo que pouco se preocupa com a região. O interessante é que o aluno dá a agência de mudar todo esse quadro ao governo, e pouco a população faz para mudar essa situação, o que revela o lugar comum de que a população, ao eleger os governantes, delega toda a responsabilidade a eles para realizar as melhorias. A seguir, apresentamos a análise do eixo cognitivo da ocorrência 5 de gerúndio adverbial.

Ocorrência 5- Gerúndio adverbial				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo <b>asfaltando</b> o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12).</i> Orações em análise: <i>O1</i> <i>se o governo para-se</i> <i>O2</i> <i>para pensar</i> <i>O3:</i> <i>em ajudar as pessoas do Sol Nascente</i> <i>O4</i> <i>por exemplo</i> <i><b>asfaltando</b> o lugar</i> <i>O5</i> <i>o trabalho dos policiais seria bem mais fácil</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	A falta de infraestrutura e de segurança é uma DOENÇA <i>Parar:</i> Ação>mudança de estado	Extensão metonímica da noção de sujeito dos verbos	Proximidade Quantidade Ordenação linear	A falta de infraestrutura e segurança são dois problemas do Sol Nascente. Se o governo se importasse com a população do Sol Nascente pelo menos asfaltaria as ruas do Sol Nascente e amenizaria os dois problemas

É perceptível, nesse enunciado, a presença da metáfora conceitual A falta de infraestrutura e de segurança é uma DOENÇA, pois o texto mostra que os moradores sofrem com isso e precisam da ajuda do governo para sanar esses problemas, etc. A primeira acepção do verbo “ajudar” é “prestar socorro”. Etimologicamente, esse verbo tem uma leitura aspectual lexical de iteração.

O verbo *parar* no enunciado tem o sentido de interromper uma trajetória. Entretanto, a trajetória não é física, mas sim uma mudança de estado, de insensibilidade com os problemas da população para ter sensibilidade com esses mesmos problemas. Por isso, o verbo “parar” está metaforizado.

Quanto às relações metonímicas presentes no texto, observamos que a extensão metonímica que motiva a herança da noção de sujeito dos verbos também está associada ao princípio da quantidade e da proximidade, visto que os adjuntos oracionais e o complemento oracional apresentam mais conteúdo semântico e por estarem próximos à sentença condicional herdada à relação gramatical sujeito.

Já a ordenação linear está associada à expressão dos *frames* no texto. O primeiro *frame* relaciona-se aos dois grandes problemas do Setor Sol Nascente: segurança e infraestrutura. O estudante fundamenta sua argumentação no fato de que esses dois problemas estão relacionados, mas, para esclarecer o leitor sobre essa relação, o estudante aciona o segundo *frame*, de que o governo não “para para pensar em ajudar as pessoas”, pois, na visão do autor, o grande agente de mudança é o governo.

Na sequência, o autor usa o exemplo “asfaltando o lugar” para propor uma ação efetiva de mudança. Assim, ele associa a falta de segurança à falta de infraestrutura, estabelecendo a contiguidade entre os dois *frames* via metonímia. Toda essa ordenação dos *frames* ocorre seguindo o fluxo temporal linear, por isso esse princípio da iconicidade é acionado.

Feitas essas considerações, concluímos a análise das ocorrências selecionadas do gerúndio adverbial. No capítulo 5, especificamente na seção 5.1.2 aprofundaremos essa análise, comparando os resultados das análises realizadas nesta seção. Passamos para a análise do gerúndio conectivo.

### 4.2.3 Gerúndio conectivo

Lehmann (1988), ao estabelecer um *continuum* de integração das orações, partindo da sínese explícita até a assínese, constatou que orações de gerúndio podem ser elemento de conexão entre orações. Dando exemplos de várias línguas, inclusive o português, o autor afirma que, nesse tipo de conexão, as orações conectivas têm função anafórica, ou seja, proporcionam a coesão entre as orações e no texto como um todo também. Nos nossos dados, encontramos também esse tipo de estrutura que denominamos de gerúndio conectivo (cf. seção 4.1). Apresentamos, nesta seção, os resultados da análise dos dados seguindo o modelo já estabelecido.

Ocorrência 1- Gerúndio conectivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar, sendo assim, eles perdem o momento mais esperado que é a adolescência.</i> (P.G.T.S., 18-22) Orações em análise: O1 <i>Os jovens não pensam</i> O2 <i>No que a sexualidade pode causar</i> O3 <i>sendo assim, eles perdem o momento mais esperado</i>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1: presente	O1: Indicativo	O1: Habitual/ Indeterminado
	O2: Presente	O2: Indicativo	O2: Indeterminado
O3: Presente; nessa oração, ocorre o uso do gerúndio “sendo” acompanhado de “assim”, formando uma conjunção.	O3: indicativo	O3: indeterminado	

No enunciado em análise, a oração que inicia o trecho – *os jovens não pensam no* – está no presente do indicativo e pode ter o aspecto interpretado como habitual ou indeterminado. Habitual porque o ato dos jovens não pensarem é descontínuo, ilimitado, visto que o estudante expressa nesse trecho o *frame* de que todos os jovens não pensam nas consequências da prática sexual sem proteção. Travaglia (2015) afirma que é possível ocorrer ambiguidade entre os aspectos habitual e indeterminado e, na ocorrência em análise, observamos isso e entendemos que a interpretação aspectual privilegiada pelo estudante é a de aspecto indeterminado a fim de expressar o seu *frame* para o leitor e, assim, estabelecer a sua argumentação. Além disso, a expressão do aspecto indeterminado fica evidente devido à extensão metonímica desse aspecto nas orações subsequentes do enunciado. Em *que a sexualidade pode causar* e *sendo assim, eles perdem o momento mais esperado*, o aspecto predominante é o indeterminado. Contudo, diferente das duas primeiras orações em que o aspecto expressa uma verdade eterna do autor do texto, na terceira oração *sendo assim* introduz a ideia de caracterização do resultado do ato de não pensar.

Quanto à expressão de tempo e de modo nas demais orações, observamos que, na oração *que a sexualidade pode causar*, o tempo é o presente do indicativo com uma

leitura de futuro devido ao verbo modal *poder*. Já em *sendo assim, eles perdem o momento esperado*, o gerúndio não apresenta leitura de tempo nem de modo verbal, sugerindo um grau maior de dessentencialização (LEHMANN, 1988) da oração, o que corrobora seu uso como conjunção. O tempo e o modo presentes no verbo propriamente dito (*perdem*) são o presente e o indicativo, e o aspecto continua sendo indeterminado. O gerúndio *sendo assim* funciona como uma conjunção conclusiva, introduzindo o resultado das atitudes dos jovens expostas pelo autor do texto. Esse uso do gerúndio colabora para a persuasão estabelecida via texto argumentativo (VARGAS, 2011). Após essas considerações iniciais, apresentamos a análise do eixo sintático em relação à ocorrência 1 de gerúndio conectivo.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 1			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<p><i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar, sendo assim, eles perdem o momento mais esperado que é a adolescência.</i> (P.G.T.S., 18-22)</p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1: <i>Os jovens não pensam no</i></p> <p>O2: <i>que a sexualidade pode causar,</i></p> <p>O3: <i>sendo assim, eles perdem o momento mais esperado</i></p>	<p>O1: <i>Os jovens</i></p> <p>O2: <i>A sexualidade</i></p> <p>O3: <i>Eles</i> (retomando os <i>jovens</i>)</p>	<p>O1: <i>no que a sexualidade pode causar</i></p> <p>O2: <i>Que</i></p> <p>O3: <i>O momento mais esperado</i></p>	<p>Oração 1 -</p> <p>Oração 2 -</p> <p>Oração 3 -</p>

Na primeira oração, *os jovens não pensam no*, o sujeito é *jovens*, e o verbo *pensar em* é completado pelo objeto pronominal “o” (um pronome indefinido), o qual, por sua vez, é especificado pela oração adjetiva *que a sexualidade pode causar*. Já em *sendo assim, eles perdem o momento mais esperado*, o sujeito é *eles*, o objeto direto é *o momento mais esperado*. Essa oração corresponde ao efeito de não pensar no que a sexualidade pode causar, e essa relação é depreendida a partir de *sendo assim*. Essa

oração, do ponto de vista sintático, não compartilha nenhuma relação gramatical com outra no enunciado, a integração sintática, portanto, ocorre em menor grau, visto que nessa oração os critérios de dessentencialização de Lehmann (1988) não se enquadram. Contudo, isso não significa que não haja uma integração semântica.

O enunciado em análise se estrutura a partir do argumento de que o fato de os jovens não pensarem/refletirem sobre as consequências da prática sexual lhes traz como consequência a perda da adolescência. Assim, a relação que se estabelece entre as orações é de causa-consequência. De acordo com Givón (2001), as orações se integram simultaneamente no domínio semântico e sintático e é o que ocorre no dado em análise. O elemento sintático que relaciona as orações do enunciado é a conjunção baseada no gerúndio: *sendo assim*.

Na análise do próximo eixo, apresentamos as propriedades semânticas e pragmáticas a fim de relacioná-las ao processo de integração.

Ocorrência 1- Gerúndio conectivo			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<p><i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar, sendo assim, eles perdem o momento mais esperado que é a adolescência.</i> (P.G.T. S., 18-22)</p> <p>Orações em análise:            O1  <i>Os jovens não pensam no</i>            O2  <i>que a sexualidade pode causar.</i>            O3  <i>sendo assim, eles perdem o momento mais esperado</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas		
	Papéis semânticos	Semântica do verbo	Pressupostos, acarretamentos, implicações e implicaturas
	O1: <i>os jovens:</i> experienciador <i>O</i> (pronome): fonte O2: <i>que: paciente</i> <i>Sexualidade:</i> agente O3 <i>Eles:</i> Agente-paciente <i>O momento mais esperado:</i> tema	<i>Pensam:</i> cognição <i>Pode:</i> modal <i>Causar:</i> ação <i>Perdem:</i> processo	A relação de acarretamento, que é dada por <i>sendo assim</i> , implica as consequências, como o jovem perder a adolescência por causa de uma gravidez precoce por exemplo.
Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter)Subjetivação
O1: <i>Os jovens</i> O2: <i>A sexualidade</i> O3: <i>Eles</i>	O1: <i>o</i> O2: <i>que</i> O3: <i>o momento mais esperado</i>	<b><i>Sendo assim:</i></b> o autor sugere que a relação entre as duas sentenças ligadas por <i>sendo assim</i> é de conclusão.	<i>Sendo assim</i> parece ser uma expressão subjetiva, pois a interpretação da circunstância expressa por <i>sendo assim</i> é constituída pelas crenças do autor.

As orações do enunciado em análise se integram do ponto de vista semântico a partir da relação local de causa e consequência e, principalmente, da relação global de conclusão. É a expressão *sendo assim* que confere ao enunciado a relação de causa-

consequência. Na primeira oração, os papéis semânticos de *os jovens* é experienciador, visto que o verbo *pensar* é um verbo de cognição. Na segunda sentença, *a sexualidade* tem papel semântico de fonte, juntamente com a locução *pode causar*, em que o verbo modalizador *poder* deixa implícito que nem sempre a sexualidade causa consequências negativas. Nessa ocorrência, chama a atenção o fato de que o verbo de ação *causar* pressupõe um objeto direto, visto que a semântica desse verbo implica a criação de um objeto (GIVÓN, 2001). No entanto, observamos uma sentença na qual o conteúdo desse objeto está implícito no pronome relativo “que”, o qual, por sua vez, introduz a oração que especifica o pronome indefinido “o”. Esse conteúdo é acionado pelos leitores a partir do contexto, visto que as possíveis consequências da prática sexual são conhecidas pelo estudante e sua leitora.

No primeiro e segundo enunciados, há o motivo (o fato de os jovens não pensarem nas consequências do sexo na adolescência), e no terceiro, temos a conclusão-consequência (perder a adolescência). Uma das relações de sentido acionada por *sendo assim* é o acarretamento, pois a verdade do primeiro enunciado que leva à interpretação verdadeira do outro (CANÇADO, 2015).

Observamos que *sendo assim* estabelece a relação consecutiva ou mesmo conclusiva, via inferência sugerida, visto que essa interpretação reforça a argumentação e, conseqüentemente, a opinião do estudante no texto. Desse modo, a expressão *sendo assim*, ao ser interpretada com a relação de causa-consequência e conclusão, ela se torna mais subjetiva.

A análise desse eixo mostra que *sendo assim* perdeu propriedades semânticas e pragmáticas próprias da predicação como o foco, mostrando que a dessentencialização de *sendo assim* no nível sintático também desencadeou perda semântica, característica típica dos processos de gramaticalização (HOPPER, 1991). No entanto, *sendo assim* ganhou novas propriedades como a expressão da relação causa-consequência, além da conclusão, mostrando que a construção assumiu uma nova função a partir de novos pareamentos formais.

A seguir, analisamos as propriedades discursivas da ocorrência 1 de gerúndio conectivo.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 1				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar, sendo assim, eles perdem o momento mais esperado que é a adolescência.</i> (P.G. T.S., 18-22) Orações em análise: O1 <i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar</i> O2 <i>sendo assim, eles perdem o momento mais esperado</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Redação dissertativa a escolar	A sexualidade do jovem	Durante a geração de dados houve uma palestra com uma professora sexóloga, e os alunos poderiam fazer perguntas. Os alunos fizeram muitas perguntas sobre gravidez na adolescência.	<i>Topoi</i> Isenção de responsabilidade Coerência Local

O texto em análise foi produzido a partir de uma sequência didática na qual o estudante deveria fazer uma redação argumentativa sobre o tema *a sexualidade na adolescência*. Dentre as várias atividades desenvolvidas a partir do módulo de leitura e de atividades de interpretação de texto, houve uma palestra com a professora Ludmilla Seldmeier, que, além de professora de língua portuguesa, é sexóloga. A metodologia da professora foi explicar os conceitos de sexo, sexualidade, orientação sexual e gênero; depois disso, os alunos fizeram perguntas por escrito com dúvidas sobre o tema. Muitas das perguntas estavam relacionadas aos métodos anticonceptivos. Percebi que essas perguntas são bastante pertinentes para a realidade dos meus alunos, visto que o índice de gravidez precoce é muito alto na escola e na região do Sol Nascente.

Nesse sentido, observamos que o estudante faz uso tanto dos conhecimentos adquiridos durante a sequência didática quanto do seu conhecimento de mundo para construir a argumentação presente no trecho analisado. O estudante, ao afirmar que o adolescente não pensa nas consequências da prática sexual, retoma um *topoi* da sua experiência de vida: todo adolescente é inconsequente.

Já a relação de sentido causa-consequência e conclusão estabelecida por *sendo assim*, em que parte das consequências estão implicadas no enunciado, mostra também

a visão de mundo do autor, um adolescente, que pensa que ter um filho na adolescência representa a perda de um momento para ele muito esperado – a adolescência. Além disso, percebe-se que, no enunciado, a conclusão do texto, a relação causa-consequência da expressão *sendo assim*, reforça o posicionamento do falante do texto. A coerência local também é acionada a partir de *sendo assim*, pois um enunciado estabelece relação de coerência com os demais e com o texto como um todo.

Por fim, chama a atenção o uso da terceira pessoa do plural no texto. Ao nosso ver, apesar de essa ser uma estratégia de impessoalização do discurso, típica do gênero redação argumentativa escolar, o uso da terceira pessoa implica a isenção de responsabilidade do autor diante da situação por ele apresentada. Isso ocorre porque o estudante não quer se enquadrar no comportamento por ele citado, visto que, para ele, isso representa a perda de um momento que é muito importante – a adolescência.

A seguir, examinamos a ocorrência 1 de gerúndio conectivo sob a perspectiva cognitiva definida nesta tese.

Ocorrência 1- Gerúndio conectivo				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar, sendo assim, eles perdem o momento mais esperado que é a adolescência.</i> (P.G.T.S., 18-22) Orações em análise: O1 <i>Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar</i> O2 <i>sendo assim, eles perdem o momento mais esperado</i> O3	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	<i>Perder</i> é metaforizado: metáfora conceitual da GUERRA	Compartilha mento do valor de verdade entre os enunciados.	Ordenação linear; maior material linguístico, buscando retratar maior valor conceitual.	O adolescente é inconsequente em relação à sexualidade. Se o adolescente tem filho, ele deixa de ser adolescente e passa a ser adulto.

A argumentação do trecho em análise é estruturada a partir do frame *o adolescente é inconsequente em relação à sexualidade*. E o verbo *perder* está metaforizado no enquadre conceitual de GUERRA.

*Sendo assim*, por estabelecer uma circunstância de conclusão-consequência, determina que o enunciado anterior seja a causa, já que os *frames* acionados colaboram para que os enunciados estejam dispostos, iconicamente, em uma ordenação linear específica; a relação entre os enunciados é feita de modo mais integrado, sem ponto

final, por meio de vírgula e pelo gerúndio no lugar de uma conjunção canônica, como “portanto”. O trecho pode ser compreendido, assim, como uma proposição lógica bicondicional (se...e somente se...). E o primeiro enunciado é interpretado como sempre sendo verdadeiro e o segundo também. Por isso, temos uma relação metonímica na qual há um compartilhamento do valor de verdade. E isso só pode ser acionado devido ao contexto analisado, aos *frames* acionados e as estruturas do discurso ideológico. O *sendo assim* é um operador lógico bicondicional, no qual a ideia de conclusão-consequência é posta em evidência.

Feitas essas considerações, apresentamos a seguir a análise da segunda ocorrência de gerúndio conectivo.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 2			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, sendo que o menino, ou seja, o pai também tem culpa.</i> (L.P.M 6-10)	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	Orações em análise: O1 <i>Muita das vezes deixam a culpa pra cima da mãe</i> O2 <i>Sendo que o menino, ou seja, o pai, também tem culpa.</i>	O1: Presente O2: Presente	O1: Indicativo O2: Presente

No enunciado em análise, a primeira oração está no presente do indicativo. Entretanto, o tempo presente tem uma leitura onitemporal (CORÔA, 2005). Nesse caso, parece-nos que há também a ambiguidade entre a leitura aspectual iterativa e a indeterminada, visto que o aspecto iterativo é uma situação com duração descontínua limitada, mas o contexto nos permite compreender que não são sempre os mesmos rapazes que deixam a responsabilidade da gravidez para a adolescente, visto que a terceira pessoa está sendo utilizada para generalizar a relação dos adolescentes com a gravidez precoce.

Desse modo, a generalização permite a leitura de que vários rapazes não assumem a responsabilidade do filho e também permite que essa interpretação seja uma verdade atemporal, isto é, uma situação de aspecto indeterminado. Nesse sentido, aplicamos aqui as reflexões de Traugott & Dasher (2005), na qual a ambiguidade dos sentidos promove o desenvolvimento da mudança semântica, ou seja, a partir da ambiguidade e com a influência do contexto, que no caso se trata de uma redação argumentativa na qual a generalização é uma estratégia de persuasão, há uma nova leitura aspectual.

Na seção a seguir, continuamos a análise da ocorrência 2 de gerúndio conectivo no eixo da forma.

Ocorrência 2 - Gerúndio conectivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<p><i>Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, sendo que o menino, ou seja, o pai também tem culpa.</i> (L.P.M 6-10)</p> <p>Orações em análise:</p> <p>O1 <i>Muita das vezes deixam a culpa pra cima da mãe</i></p> <p>O2 <i>Sendo que o menino, ou seja, o pai, também tem culpa.</i></p>	<p>O1- (os jovens)</p> <p>O2 <i>O menino</i></p>	<p>O1- Objeto direto: <i>a culpa toda</i></p> <p>Objeto indireto: <i>Pra cima da mãe</i></p> <p>O2- culpa</p>	<p>O1- <i>Muitas das vezes</i></p> <p>O2- -</p>

As orações analisadas nesse eixo constituem o argumento da tese presente no período anterior- *Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez*. O período constituído pelas duas orações justifica o posicionamento da autora. A oração 1 estabelece uma relação de causa com o período inicial e, por isso, se encontra na posição inicial.

Quanto às relações gramaticais, o sujeito é *jovens*, citado na primeira oração do trecho todo e automaticamente omitido na oração 1 em análise aqui. O verbo seleciona mais dois argumentos, o objeto direto *a culpa toda* e o objeto indireto “pra cima da mãe”. Observa-se que, apenas no objeto indireto, há participação da adolescente no

processo, e o referente do sujeito é *menino*, o *pai* da criança, o que sugere a expressão do ponto de vista da autora de que o homem é tão responsável quanto a mulher no processo de gravidez. Destaque também para o adjunto “muitas das vezes”, que está anteposto ao sujeito para enfatizar a opinião da autora, tendo, portanto, função modalizadora, pois há um julgamento de valor aí.

*Sendo que* nesse enunciado tem a função de conectivo, introduzindo uma oração com sentido concessivo. Esse uso é condizente com a construção do argumento: os meninos costumam culpar as meninas pela gravidez, mas isso não diminui a responsabilidade deles também. Formalmente, *sendo que* não seleciona mais sujeito nem objeto, reforçando que essa expressão está dessentencializada nos termos de Lehmann (1988). É um conectivo pleno, portanto.

Quanto à segunda sentença, o sujeito é *o menino*, e o verbo *ter* é um verbo que exprime posse e constitui junto com *culpa* o predicado dessa sentença. Destaque para o termo “também” que está entre o sujeito e o verbo a fim de enfatizar que, além da mãe, o menino é responsável pela gravidez na adolescência. As expressões “ou seja, o pai” também mostram que o adolescente também tem responsabilidade pela gravidez, pois essas expressões deixam claro que o menino é o pai da criança que vai nascer.

A seguir, apresentamos a seguir a análise do eixo semântico-pragmático.

Ocorrência 2- Gerúndio conectivo			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<p><i>Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, sendo que o menino, ou seja, o pai também tem culpa.</i> (L.P.M 6-10)</p> <p>Orações em análise: O1 <i>Muita das vezes deixam a culpa pra cima da mãe</i> O2 <i>Sendo que o menino, ou seja, o pai, também tem culpa.</i></p>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas		
	Papéis semânticos	Semântica do verbo	Pressupostos, acarretamentos, implicações
	<p>O1: (os jovens): agente <i>a culpa toda:</i> tema <i>pra cima da mãe:</i> alvo O2: <i>o menino:</i> tema</p>	<p><i>deixam:</i>ação <i>tem:</i> existencial</p>	<p><i>a culpa toda:</i> pressuposto de que a responsabilidade da gravidez deve ser dividida entre os adolescentes. <i>Sendo que:</i> pressuposto de que a informação subsequente será oposta a anterior <i>Também:</i> pressuposto de que tanto o menino quanto a menina têm responsabilidade perante a gravidez.</p>
Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
<p>O1: <i>Os jovens</i> O2: <i>O menino, o pai</i></p>	<p>O1: <i>a culpa toda pra cima da mãe</i> O2: <i>culpa</i></p>	<p><i>Sendo que</i> introduz a relação de oposição entre as orações 1 e 2 e determina o ponto de vista da autora do texto.</p>	<p><i>Sendo que</i> é uma expressão mais intersubjetiva.</p>

O verbo *deixar* no enunciado em análise assume uma semântica de verbo de ação, visto que, no contexto, *deixar* apresenta traço de intencionalidade deliberada por parte do sujeito agente, e essa ação causa mudança de estado para a *mãe*, que no caso está expressa no objeto indireto. Desse modo, *os jovens* têm papel semântico de agente, *a culpa* é o tema e *pra cima da mãe* é alvo com leitura de paciente, pois terá sua vida alterada mais ainda se não houver corresponsabilização por parte dos meninos na gravidez e nos cuidados com a criança.

A seleção desses papéis semânticos aponta para a construção dos pressupostos e implicações no texto, pois todo o enunciado é constituído semanticamente a partir do subentendido de que, quando ocorre uma gravidez, a responsabilidade deve ser compartilhada entre o homem e a mulher. As expressões “a culpa toda” e “também” revelam esses pressupostos. Contudo, o enunciado deixa implicado/subentendido que o menino adolescente, por não ter responsabilidade e nem capacidade, deixa toda a responsabilidade para a mãe adolescente. Por isso, a interpretação semântica de *deixar* como verbo de ação e os papéis semânticos são relacionados à agência do adolescente prejudicando a garota, que além de alvo é paciente, como defendemos acima.

Nesse sentido, é possível acionar a implicatura de que a mãe adolescente mesmo sem condições tem que assumir a gravidez e suas consequências. O *sendo que* entra para introduzir a oposição a essa implicatura, contestando a leitura de que a mulher é a única responsável pela gravidez e reforçando a responsabilidade do garoto. Na oração seguinte, portanto, o verbo existencial (*tem*) e o papel semântico de tema conferem ao sujeito (*o menino*) condição de que é também responsável permanente pela criança que vai nascer.

Quanto às funções de tópico e foco, nas orações 1 e 2 o tópico tem o mesmo referente: o adolescente pai da criança. Já o foco nas duas orações também é o mesmo: culpa. Entretanto, o conteúdo das orações é contrário, pois a expressão *sendo que* é introduzida para mostrar ao mesmo tempo que o adolescente é culpado pela gravidez também e também para atenuar a responsabilidade da mãe adolescente. Desse modo, o autor leva o leitor a inferir que a culpa é ao mesmo tempo também do menino adolescente e que não pode ser exclusiva da menina adolescente.

Essa leitura ambígua de “sendo que” mostra, portanto, que ela é uma expressão intersubjetiva, pois aciona o posicionamento do autor diante da argumentação. Para finalizar, observamos que *sendo que* não seleciona nenhum papel semântico, e o verbo aí perdeu no contexto o sentido de verbo de estado. *Sendo que* assumiu valor de oposição, apontando para uma mudança semântica e também para uma mudança estrutural. Aprofundaremos essa discussão no próximo capítulo, na seção 5.1.3.

Feitas essas considerações, apresentamos, no eixo analítico a seguir, a análise discursiva dessa ocorrência em que se encontra o gerúndio conectivo.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 2				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, sendo que o menino, ou seja, o pai também tem culpa.</i> (L.P.M 6-10)</p> <p>Orações em análise: O1 <i>Muita das vezes deixam a culpa pra cima da mãe</i> O2 <i>Sendo que o menino, ou seja, o pai, também tem culpa.</i></p>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Redação dissertativa escolar.	O jovem e a sexualidade	Alto índice de gravidez precoce no campo de pesquisa.	Exemplos e ilustrações <i>Topoi</i> Modalidade Atores Coerência Local

Uma das características da comunidade pesquisada é o alto índice de gravidez precoce. Muitas adolescentes engravidam e é comum que o pai não assuma a responsabilidade pelos cuidados das crianças, inclusive, muitos dos adolescentes participantes da pesquisa se enquadram nessa condição. Dessa maneira, observamos que a argumentação é construída a partir do conhecimento de mundo, dos *frames* que a autora do texto está habituada a experienciar.

O trecho analisado é construído em torno do *topoi* de que, na gravidez na adolescência, o pai da criança não assume a responsabilidade, e a mãe tem que criar a criança sozinha. Para expressar esse *topoi*, o autor faz uso de exemplos e ilustrações, remetendo a vários casos que já presenciou de rapazes que deixam toda a responsabilidade da gravidez com a adolescente. O adjunto *muita das vezes* indica os exemplos e ilustrações que a autora utiliza. Contudo, a autora não concorda com a postura frequentemente dos rapazes. Para mostrar seu posicionamento, a expressão “sendo que” provoca a ruptura desse *topoi*. Em outras palavras, a expressão *sendo que* modaliza o texto com o posicionamento da autora.

Além disso, observamos que, no trecho, há uma generalização em relação à atribuição de responsabilidade dos atores participantes do processo, ao fazer a seleção lexical de termos como *os jovens, a mãe, o menino* e *o pai*. É interessante observar que

a autora usa uma variedade de termos para se referir ao adolescente e, diante disso, relacionamos essa escolha ao fato de “sermos, frequentemente, mais específicos e mais detalhistas sobre nossas coisas boas e sobre as coisas ruins dos outros” (VAN DIJK, 2006, p.46)<sup>64</sup>. Desse modo, percebemos que essa escolha é também uma maneira de a autora reforçar o conflito *Nós X Eles* no texto. Ela, uma adolescente, reforça as ações negativas dos adolescentes do sexo masculino e equilibra o peso da responsabilidade das adolescentes diante de uma gravidez precoce, atribuindo-a também ao rapaz.

Feitas essas considerações, apresentamos a análise do eixo cognitivo dessa ocorrência.

Ocorrência 2- Gerúndio cognitivo				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, <b>sendo que</b> o menino, ou seja, o pai também tem culpa. (L.P.M 6-10)	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Deixar Espaço>pessoa Gravidez é um crime X está em Y X é Y	Parte-todo	Ordenação linear	A responsabilidade da gravidez é tanto do homem quanto da mulher. Na adolescência, o homem não tem capacidade nem responsabilidade para assumir a gravidez.

No trecho em análise, os *frames* que orientam a construção da argumentação são nessa ordem: “na adolescência, os jovens não têm capacidade nem responsabilidade para assumir a gravidez” e “a responsabilidade de uma gravidez, qualquer época da vida em que ela ocorra, é tanto do homem quanto da mulher”. A autora expressa os *frames* nessa ordem devido à metonímia parte-todo, uma vez que o *frame* “na adolescência, o homem não tem capacidade nem responsabilidade para assumir a gravidez” representa um recorte nos casos de gravidez, específico do período da adolescência. A autora optou, portanto, por iniciar a sua argumentação com esse ponto de vista para depois fazer a contra-argumentação, que representa o seu posicionamento: “a responsabilidade da gravidez é tanto do homem quanto da mulher”. Nesse sentido, o princípio da

<sup>64</sup> “[...] We will usually be more specific and more detailed about our good things and about the bad things of the others [...]”.

ordenação linear icônica pode ser observado aqui visto que a metonímia parte-todo orienta a ordenação sintática das orações.

Quanto às metáforas presentes no texto, observamos a metáfora “gravidez na adolescência é um CRIME”, e a palavra *culpa* aparece duas vezes no trecho. Isso pode indicar que, conceitualmente, a gravidez na adolescência esteja sendo tratada por nossa sociedade como um crime, algo a ser investigado. Além disso, o verbo *deixar* está metaforizado, pois o conceito físico expresso por *deixar* (deixar algo em algum lugar) é conceptualizado em termos mais abstratos, pois o verbo nesse contexto significa *legar*, deixar algo para alguém. O esquema de evento nos termos de Heine (1993) passa de espaço para pessoa.

A seguir, analisamos a próxima ocorrência de gerúndio conectivo, com o propósito de continuar em busca da compreensão de suas características formais, funcionais e cognitivas, como fizemos com as demais ocorrências de gerúndio adjetivo e gerúndio adverbial anteriormente analisadas.

Gerúndio conectivo-Ocorrência 3			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>Para melhorar precisa reforça o policiamento no local sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança. (D.P.S., 13-16)</i>  Orações em análise: O1 <i>Para melhorar</i> O2 <i>Precisa</i> O3 <i>reforçar o policiamento no local</i> O4 <i>Sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros</i>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1: Futuro	O1: Subjuntivo	O1: Durativo
	O2: Presente	O2: Indicativo	O2: Durativo
	O3: Presente	O3: Indicativo	O3: Indeterminado
O4: Futuro	O4: Indicativo	O4: Durativo/Indeterminado	

Do ponto de vista das propriedades morfossintáticas, o enunciado em análise está constituído a partir de uma oração de finalidade, cujo verbo expressa futuro do subjuntivo: *para melhorar (...)*. Essa escolha ocorreu no texto diante da temática e do gênero, visto que normalmente, na carta do leitor, o autor da carta pode sugerir soluções para a problemática abordada no texto. Na ocorrência analisada, o estudante usa *para*

*melhorar* como sugestão de mudança do problema da falta de segurança no Setor Sol Nascente, ou seja, uma ação futura que o estudante não sabe ao certo quando ou se vai acontecer. Por isso, optou pelo futuro do subjuntivo.

Na sequência, *precisa* está no presente do indicativo, mas com projeção para o futuro também, e a oração está inserida num contexto no qual ela se assemelha a uma construção subjetiva nos termos de Dias *et alii* (2017). Segundo as autoras, nessas construções, do ponto de vista morfossintático, apresentam a oração matriz na terceira pessoa do singular, o que favorece a interpretação de que o falante não tem compromisso com a informação veiculada. Contudo, observamos que o presente do indicativo reforça o posicionamento do autor diante da informação veiculada, visto que o presente do indicativo, na ocorrência, tem uma interpretação de que a ação sugerida daí para frente (por isso, futuro também) – precisa reforçar – deve ser concomitante ao presente enunciativo, o que sugere a urgência dessa ação, na visão do estudante, para que sua sugestão seja concretizada e, conseqüentemente, o problema da falta de segurança resolvido.

*Reforçar* herda a noção de presente do indicativo + futuro, pois a oração é objeto direto oracional de *precisa*<sup>65</sup> e, por extensão metonímica, o verbo no infinitivo também herda por contigüidade sintagmática o tempo e o modo da oração matriz. Já *sendo assim* não seleciona nem tempo, nem modo, uma vez que apresenta grau de dessentencialização nos termos de Lehmann (1988), assim como foi observado nas ocorrências 1 e 2 do gerúndio conectivo. Seu papel é de conectivo e não mais de oração.

Por fim, a última oração em análise – *os moradores irão se sentir mais seguros* – está no futuro do indicativo, apontando o resultado da possível intervenção do Estado, que seria o reforço da segurança no Sol Nascente.

Quanto ao aspecto, observamos que nas orações 1, 2 e 3 o aspecto expresso é o durativo, por terem uma duração contínua limitada. Por fim, a última oração (4) expressa os aspectos durativo/intederminado, que são resultantes da ação do Estado. A relação de consequência-conclusão de *sendo assim* interfere na leitura aspectual da oração 4, pois o resultado das ações empreendidas faz com que o sentimento de segurança por parte dos moradores tenha duração contínua e ilimitada. Nesse sentido,

---

<sup>65</sup> *Reforçar* poderia ser interpretado como sujeito oracional de *precisa*, mas, devido aos alinhamentos metonímicos presentes no enunciado, optamos por analisar a oração *reforça o policiamento no local* o como objeto de *precisa*, pois subentende-se que o sujeito/agente implícito é *Estado*.

afirmamos que *sendo assim* integra conceitualmente as orações do enunciado. Na seção 5.1.3, os efeitos da integração do gerúndio conectivo serão aprofundados. A seguir, submetemos esse mesmo trecho à análise de suas propriedades sintáticas.

Ocorrência 3- Gerúndio adjetivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Para melhorar precisa reforça o policiamento no local sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança. (D.P.S., 13-16)</i>	O1: <i>O Sol Nascente/o Estado</i> (implícito) (há uma ambiguidade aí também: <i>Para o Sol nascente</i> melhorar ou <i>Para o Estado</i> melhorar o <i>Sol Nascente</i> )	O1: - O2: <i>reforçar o policiamento no local</i> O3: <i>O policiamento</i> O4: <i>se (os moradores)</i>	O1: - O2: - O3: <i>Para melhorar/ No local</i> O4: -
Orações em análise: O1 <i>Para melhorar</i> O2 <i>Precisa</i> O3 <i>reforçar o policiamento no local</i> O4 <i>Sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros</i>	O2: <i>O Estado</i> (implícito) O3: <i>O Estado</i> (implícito) O4: <i>Os moradores</i>	Predicativo do objeto: <i>mais seguros</i>	

O enunciado em análise é composto por quatro orações. A primeira oração é introduzida por *para* indicando finalidade, referente à sugestão dada pelo estudante de intervenção/melhoria na comunidade do Sol Nascente, o que justifica essa oração vir em primeiro lugar no enunciado. Seu sujeito é *Sol Nascente* e está implícito, sendo recuperável pelo contexto. O verbo *melhorar* na oração é intransitivo.

Na sequência, temos *precisa reforça o policiamento no local*. Além da semelhança no eixo morfossintático, essa construção também tem características no âmbito sintático de construções subjetivas. De acordo com Dias *et alii* (2017), o sujeito desse tipo de construção foge do protótipo de sujeito<sup>66</sup>, e é isso que observamos nessa ocorrência. A terceira pessoa do singular pode estar demonstrando um descomprometimento do agente responsável pela ação de melhoria no Sol Nascente. Pelo contexto, é possível recuperar esse agente, que é o Estado. O verbo *precisa*, por ser

<sup>66</sup> O sujeito prototípico é nominal, associa-se ao papel semântico agente e tem função pragmática de tópico.

modalizador deôntico realça o posicionamento do falante, tornando a construção analisada subjetiva.

Nesse prisma, o verbo *precisar* seleciona um objeto oracional, visto que se enquadra na categoria dos PCU *verbs* de Givón (2001): *dicendi*, cognição e modais. Esse objeto oracional (*reforçar o policiamento*) compartilha o mesmo sujeito (o Estado) que sua oração matriz e tem, por sua vez, o objeto direto *o policiamento*. Há aí também um adjunto de lugar – *no local* – que se refere a Sol Nascente e é relevante para a constituição do contexto. *Para melhorar* é também adjunto dessa oração.

É interessante observar também que *sendo assim* prepara o leitor para o efeito das possíveis ações sugeridas pelo autor, introduzindo informação nova no texto e garantindo, portanto, a progressão do texto. Desse modo, *sendo assim* aproxima as orações anteriores à oração subsequente.

Por fim, na última oração (*Sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros*), temos *os moradores* como sujeito, e o verbo *sentir* seleciona objeto direto reflexivo e um predicativo de objeto, o adjetivo *seguros*, igualmente importante para a predicação.

A seguir, passamos à análise das propriedades semânticas e pragmáticas do trecho selecionado em que se encontra a ocorrência 2 de gerúndio conectivo.

Ocorrência 3- Gerúndio conectivo				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Para melhorar precisa reforça o policiamento no local sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança.</i> (D.P.S., 13-16)	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos		Semântica do verbo	Pressupostos, acarretamentos, implicações e implicaturas
	<i>O Sol Nascente</i> (implícito): alvo <i>O Estado</i> (implícito): agente <i>o policiamento</i> : paciente <i>no local</i> : locativo <i>os moradores</i> : tema	<i>Melhorar</i> - processo <i>Precisa</i> - modalizador <i>Reforçar</i> - ação <i>Sentir</i> - estado		<i>Para melhorar</i> : pressuposição <i>Sendo assim</i> : acarretamento.
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
	O1: <i>Sol Nascente/ o Estado</i> (implícitos) O2: <i>O Estado</i> (implícito) O3: <i>O Estado</i> (implícito) O4: <i>Para melhorar</i> (o Sol Nascente)	O1 - O2 <i>reforçar o policiamento no local</i> O3 <i>O policiamento</i> O4 -	A expressão <i>sendo assim</i> pode ser interpretada tanto como relação de condição quanto de consequência-conclusão, sendo que esta última permite inferir o posicionamento do estudante.	<i>Sendo assim</i> com sentido de causa-consequência é uma expressão subjetiva.

Em relação às propriedades semânticas da ocorrência em análise, observamos que o enunciado inicia-se com o pressuposto de que a segurança do Sol Nascente não está boa de acordo com o ponto de vista do autor. O verbo de processo *melhorar* seleciona um sujeito alvo (Sol Nascente), que, na visão do autor, precisa passar por mudanças para ficar melhor para os moradores. Se a leitura é de alvo, pressupõe-se que há um agente que irá atingir esse alvo, no caso o Estado, cuja responsabilidade é acionada ao longo da argumentação.

Na sequência, o verbo modalizador *precisa* introduz o posicionamento do estudante de como a melhoria pode ocorrer. Assim, o verbo de ação *reforçar* é acionado, deixando implícito que a melhora, na visão do estudante, só é possível a partir de uma ação, e o agente, que coincidentemente é o sujeito implícito, é o Estado. Na

verdade, o Estado é um superagente, visto que quem acaba com a insegurança seria a polícia, ou a ação policial, mas a polícia sem estrutura não consegue agir, e, por isso, *policimento* assume papel semântico de *paciente*. Essa interpretação só é possível pela implicatura acionada pelo estudante e o *frame* “O Estado resolve os problemas da população”. *No local* é um adjunto locativo e retoma no enunciado o referente Sol Nascente, fazendo o leitor situar a comunidade do Sol Nascente como alvo de modificação.

*Sendo assim* é então introduzido na sequência do texto e pode expressar a relação de consequência-conclusão entre as orações anterior e posterior (e o próprio texto) ou então pode ser interpretado como elemento condicional, ou seja, se o Estado reforçar o policiamento, os moradores se sentirão mais seguros. Contudo, parece que a interpretação preferencial é a de consequência-conclusão, pois essa relação, estabelecia por *sendo assim* acarreta os efeitos que o autor prevê diante das sugestões para melhorar o seu bairro.

Nesse sentido, *sendo assim* é uma expressão intersubjetiva, visto que ela aciona a crença do autor de que as ações promovidas pelo Estado causarão a sensação de segurança entre a população, prevendo também que isso é a expectativa dos leitores. Traugott (2010) afirma que a intersubjetivação de um determinado sentido resulta da interação entre os falantes, e é isso que observamos na ocorrência analisada. A interpretação de consequência-conclusão é privilegiada no texto devido ao fato de que essa circunstância reforça o posicionamento do estudante, e isso se torna necessário em um texto de natureza argumentativa, como é o texto em análise.

Na sequência do enunciado, a última oração analisada – *os moradores irão se sentir mais seguros* – apresenta os efeitos da ação sugerida pelo estudante. Por se tratar de um estado que será adquirido pelos moradores, o sujeito seleciona papel de tema e *irão se sentir* seleciona sentido de estado. A interpretação dos papéis semânticos são, de certa maneira, influenciados pela interpretação da circunstância de *sendo assim*.

Para finalizar a análise desse eixo analítico, observamos as funções de tópico e foco do excerto. Nas orações 1, 2 e 3, o tópico é *Estado*, e o foco são os referentes que correspondem ao alvo da ação do Estado. Essa seleção não é fortuita, visto que ela reflete o *frame* do estudante de que apenas o Estado que é responsável pela melhoria da sensação de segurança dos moradores do Sol Nascente. Associando a análise das funções pragmáticas e a ordem em que as orações aparecem, percebemos que a ordenação sintática das orações também reflete o *frame* expresso pelo estudante, pois a

ação do Estado tem tamanha relevância e, por isso, deve vir em primeira posição no enunciado. Após essas observações, apresentamos a análise das propriedades discursivas.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 3				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Para melhorar precisa reforça o policiamento no local sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança. (D.P.S., 13-16)</i>  Orações em análise: O1 <i>Para melhorar</i> O2 <i>Precisa</i> O 3 <i>reforçar o policiamento no local</i> O4 <i>Sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Carta do Leitor	Comentário sobre a notícia	Na comunidade pesquisada, os estudantes relataram várias situações de violência e a falta de policiamento adequado.	Modalidade Coerência local

Em relação à análise do eixo das propriedades discursivas da ocorrência em tela, observamos que a ocorrência atende ao gênero carta do leitor, visto que no trecho o estudante sugere, segundo sua perspectiva, como resolver o problema da violência. O uso de expressões de modalidade como o verbo *precisa* no qual o estudante expressa o seu posicionamento, contribui para o desenvolvimento da argumentação, necessária ao gênero carta do leitor.

Além da modalidade, a coerência local conferida por *sendo assim* também está presente no texto enquanto estrutura ideológica do discurso. De acordo com van Dijk (2006), a coerência local é controlada ideologicamente, pois a relação entre as proposições leva a constituição de julgamentos. Na ocorrência em análise, isso pode ser visto a partir da relação de acarretamento que *sendo assim* estabelece entre as orações que compõem o enunciado. Ao determinar que a sensação de segurança dos moradores do Sol Nascente só será verdadeira se o policiamento for reforçado, o estudante revela, portanto, suas crenças, com o objetivo de persuadir o seu leitor, atendendo ao gênero em tela.

Essas estruturas ideológicas são possíveis de serem analisadas no enunciado a partir do conhecimento do contexto de geração de dados. A comunidade do Sol Nascente é conhecida historicamente pela violência e a falta de ação do poder público. Nesse sentido, a relação de acarretamento e a coerência local só podem ser analisadas sob o efeito da construção das ideologias, se essas variáveis contextuais forem consideradas. No eixo a seguir, apresentamos a análise do último eixo analítico da ocorrência: o eixo cognitivo.

<b>Gerúndio conectivo- Ocorrência 3</b>				
<b>Enunciado/Propriedades</b>	<b>C- Eixo analítico 3- análise cognitiva</b>			
<i>Para melhorar precisa reforça o policiamento no local sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança. (D.P.S., 13-16)</i>  Orações em análise: O1 <i>Para melhorar</i> O2 <i>Precisa</i> O 3 <i>reforçar o policiamento no local</i> O4 <i>Sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros</i>	<b>C1- Propriedades cognitivas</b>			
	<b>Metáforas</b>	<b>Metonímias</b>	<b>Relações Icônicas</b>	<b>Frames</b>
			Extensão metonímica da expressão do tempo, modo e aspecto	proximidade e

O enunciado em análise é estruturado a partir do *frame O Estado é o responsável pela segurança da população*. A partir dele, a argumentação é desenvolvida pelos acarretamentos em que a relação de causa-consequência orienta o leitor para o ponto de vista do autor do texto. Essa relação, expressa por *sendo assim*, aproxima os conteúdos das orações via iconicidade de aproximação.

Na sequência, apresentamos a análise da quarta ocorrência do gerúndio conectivo.

Ocorrência 4- Gerúndio conectivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou ate abandona</i> (K.N., 14-20) Orações em análise: O1: <i>Muitos adolescentes engravidam</i> O2: <i>sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i> O3: <i>criar uma criança</i>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1	O1	O1
	Presente	Indicativo	Iterativo/Indeterminado
	O2	O2	O2
Presente	Indicativo	Indeterminado	
O3	O3	O3	
Presente	Indicativo	Indeterminado	

No que diz respeito às propriedades morfossintáticas, observamos que o uso do presente do indicativo nas orações tem, assim como na ocorrência 2 e 3, uma leitura onitemporal, visto que o fato de os adolescentes engravidarem é uma constante segundo a perspectiva da autora do texto. Se o ato de engravidar for constante, a falta de responsabilidade também é. Por isso, a expressão modo-temporal do presente do indicativo é estendida metonimicamente da oração 1 para a 2 e 3 também.

Quanto ao aspecto verbal, observamos mais uma vez, a ambiguidade entre a leitura iterativa e a indeterminada, com prevalência, observada pela extensão metonímica do aspecto indeterminado. Isso ocorre devido ao efeito de generalização do aspecto indeterminado como reforço da argumentação empreendida no texto. Mais uma vez, a mudança semântica é atualizada em decorrência das necessidades comunicativas do falante. Diante dessas considerações, apresentamos a análise das propriedades sintáticas, dispostas a seguir:

Ocorrência 4- Gerúndio conectivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou ate abandona tem tantas forma de evitar uma gravidez usando preservativo para não passar esse transtorno, preservativo é tudo!</i> (K.N., 14-20) O1: <i>Muitos adolescentes engravidam</i> O2: <i>sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i> O3 <i>criar uma criança</i>	O1 <i>Muitos adolescentes</i>	O1 - O2	O1 - O2
	O2 <i>Muitos adolescentes</i> (implícito e recuperável no contexto)	<i>responsabilidade de criar uma criança</i> O3 <i>Uma criança</i>	- O3 -
	O3 <i>Muitos adolescentes</i> (implícito e recuperável no contexto)		

As orações do enunciado estão dispostas a partir de uma relação de oposição concessiva, e é justamente a construção *sendo que* a responsável por expressar semanticamente essa relação. A ordenação sintática das orações segue o princípio da iconicidade de ordenação linear, visto que o conteúdo do enunciado segue a ordem dos acontecimentos no mundo: os adolescentes engravidam e depois negligenciam a educação dos seus filhos. Mas antes já seriam considerados irresponsáveis por natureza: um *topoi*.

Quanto às relações gramaticais, as orações 1, 2 e 3 compartilham o mesmo sujeito (*muitos adolescentes*), o que aponta a integração sintática entre as duas orações. A construção de gerúndio aí não seleciona sujeito, visto que apresenta um algo grau de dessentencialização (LEHMANN, 1988) e tem função de ligar as duas orações, não sendo ela mesma uma oração.

O verbo *engravidar* assume no contexto sentido de mudança de estado, de não grávida para grávida, e, por isso, é um verbo intransitivo e não seleciona objeto. *Ter* é um verbo de posse inerente, é quase um estado, e junto com *responsabilidade de criar uma criança* constitui o predicado dessa oração.

Feitas as análises, apresentamos as considerações em torno do eixo das propriedades semânticas e pragmáticas, dispostas a seguir:

Ocorrência 4- Gerúndio conectivo			
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função		
<p><i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou ate abandona (K.N., 14-20)</i>            O1:  <i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i>            O2:  <i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i>            O3:  <i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i></p>	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>		
	<b>Papéis semânticos</b>	<b>Semântica do verbo</b>	<b>Pressupostos, acarretamentos, implicações</b>
	<i>Muitos adolescentes-tema</i> <i>Responsabilidade-tema</i> <i>Criança-tema</i>	<i>Engravidam</i> - processo <i>Tem-</i> posse <i>Criar-</i> processo	Implicatura de que o adolescente que engravida não tem responsabilidade de criar uma criança.
	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>		
	<b>Tópico</b>	<b>Foco</b>	<b>Inferência sugerida</b>
O1 <i>Muitos adolescentes</i> O2 <i>Muitos adolescentes (implícito)</i> O3 <i>Muitos adolescentes (implícito)</i>	O1 - O2 <i>responsabilidade de criar uma criança</i> O3 <i>uma criança</i>	<i>Sendo que</i> introduz a relação de oposição entre as orações 1 e 2 e determina o ponto de vista da autora do texto.	<i>Sendo que é</i> uma expressão intersubjetiva.

O verbo *engravidar* tem o sentido de mudança de estado, e por isso pode ser considerado como um verbo de processo. O sujeito, *muitos adolescentes*, tem papel semântico de tema, o que sugere a não responsabilização do adolescente em relação à gravidez, ou seja, a gravidez ocorreu sem qualquer tipo de controle do sujeito. O verbo *ter* exprime posse inerente, em que *responsabilidade* seria um atributo dos adolescentes, contudo, o advérbio *não* modifica a leitura da oração. *Criar* nessa ocorrência possui valor semântico de processo, pois admite a interpretação de *educar* e não se restringe à descrição de existência ou surgimento de uma entidade (cf. seção 1.5.3.1).

Na sequência, *sendo que* aciona a relação de oposição, que é acionada devido à implicatura de que a gravidez requer cuidados e responsabilidade; contudo, o adolescente não tem responsabilidade para assumir esses cuidados, visto que esse é o

*frame* do autor em torno da adolescência e da gravidez. Por isso, *sendo que* é usado de modo que o leitor também acione esse *frame* via implicatura.

Nesse sentido, a relação de oposição de *sendo assim* contribui para a expressão do ponto de vista da autora em torno do tema do texto, que é a sexualidade na adolescência, e, ao mesmo tempo, também convida o leitor a compartilhar o mesmo *frame* que ele.

Traugott (2010, p. 13) afirma que expressões com valor concessivo apresentam orientação dialógica no texto, visto que elas expressam o que “os falantes contestam, refutam ou desenvolvem nos argumentos para conclusões alternativas ou diferentes” das que eram esperadas. Aplicando esses conceitos a *sendo que* no contexto usado, notamos que essa expressão tem, portanto, esse tipo de orientação, apontando para uma construção de sentidos pautada na intersubjetividade, ou seja, nas expectativas do leitor-ouvinte. Por isso, afirmamos que *sendo que* é uma expressão (inter) subjetiva.

Por fim, observamos que o tópico das orações 1,2 e 3 é o mesmo, *muitos adolescentes*, coincidindo com os sujeitos das respectivas orações e estão implícitos nas orações 2 e 3, sendo recuperados metonimicamente. E a oração 2 tem como foco *responsabilidade de criar uma criança*. *Sendo assim* não possui tópico e nem foco devido ao seu alto grau de dessentencialização, funcionando efetivamente como um conectivo de orações.

A seguir, apresentamos análise das propriedades discursivas do enunciado em que se encontra a ocorrência 4 de gerúndio conectivo

Ocorrência 4-Gerúndio conectivo				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou ate abandona tem tantas forma de evitar uma gravidez usando preservativo para não passar esse transtorno, preservativo é tudo!</i> (K.N., 14-20) O1 <i>Muitos adolescentes engravidam</i> O2 <i>sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i> O3 <i>criar uma criança</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Redação dissertativa escolar.	O jovem e a sexualidade	Alto índice de gravidez precoce no campo de pesquisa.	Topoi Atores Coerência Local

Uma das características presentes no campo de geração de dados é o alto índice de gravidez na adolescência. Além disso, é muito comum que os pais adolescentes negligenciem os cuidados e a criação das crianças, deixando-as aos cuidados dos avós ou outros familiares. Inclusive muitos dos alunos participantes da pesquisa enquadram-se nessa situação. Na ocorrência em análise, vemos o retrato dessa realidade a partir das estruturas do discurso ideológico a saber: *topoi* e atores.

De acordo com van Dijk (2006), *topoi* é um lugar comum na argumentação. E é isso que observamos no trecho analisado, toda a argumentação da estudante é estruturada a partir do lugar comum de que o adolescente não tem responsabilidade para assumir uma gravidez. Esse *topoi* é constituído no texto a partir da contraposição com a implicatura acionada por *muitos adolescentes engravidam*. A construção *sendo assim* tem, portanto, a função de acionar esse *topoi*.

Outra estrutura do discurso ideológico presente no enunciado é o conflito *Nós x Eles* expresso, respectivamente, por *uma criança* e *muitos adolescentes*. Apesar da autora do texto ser adolescente, ela assume no texto a defesa da criança desamparada pelos pais adolescentes porque negligenciar a criação de uma criança é um ato socialmente condenável. E, como o texto em análise pertence ao gênero redação

dissertativa escolar, a autora sabe que assumir a identidade/defesa da criança é uma estratégia de persuasão de seu leitor.

Por fim, é interessante observar a generalização que a estudante faz no texto, na expressão *muitos adolescentes*, que está no masculino, sugerindo compreensão da estudante de que a gravidez não é apenas responsabilidade da garota. Provavelmente, essa generalização ocorre devido ao fato de o texto ter sido escrito por uma adolescente que sabe da condição da mulher durante a gravidez.

Estabelecidas essas considerações, passamos à análise do último eixo da ocorrência, o eixo das propriedades cognitivas.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 4				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou ate abandona (K.N., 14-20)</i> O1: <i>Muitos adolescentes engravidam</i> O2: <i>sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	O verbo <i>criar</i> está metaforizado	Extensão metonímica da expressão do tempo, modo e aspecto	Proximidade e Ordenação linear	O adolescente não tem responsabilidade Engravidar/ Criar uma criança requer muita responsabilidade

O verbo *criar* tem por acepção “gerar, conceber, originar, parir”. No entanto, no enunciado em análise, *criar* tem sentido de educar, que está relacionado ao cuidado e desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e morais, estando metaforizado, pois tem o seu sentido abstratizado.

E essa metaforização de *criar* contribui com a coerência do texto, já que um dos *frames* que fundamentam a argumentação é: “criar uma criança requer muita responsabilidade”. A estudante associa esse *frame* à temática do texto, que é a sexualidade na adolescência, e, ao fazer isso, ela aciona outro *frame*: “o adolescente não tem responsabilidade”. A partir dessa associação, o leitor consegue acessar o ponto de vista da autora. E a estrutura linguística que aproxima/relaciona os dois *frames* é *sendo assim*, caracterizando um processo de iconicidade de aproximação.

Além dessa relação icônica, observamos que os *frames* se organizam a partir da ordenação linear de ocorrência dos fatos no mundo. E isso justifica a ordem sintática das orações no enunciado, tal como foi analisado no eixo sintático da ocorrência.

Por fim, observamos que houve extensão metonímica da expressão do tempo, modo e aspecto entre as orações. A expressão do aspecto indeterminado com valor de generalização fortalece a argumentação e a sua extensão promove esse reforço argumentativo.

A seguir, apresentamos a análise da última ocorrência do gerúndio conectivo.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 5			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<i>não tem coisas boas no nosso país, pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas (...)</i> (L.P.S. 10-17) Orações em análise: O1 <i>Não tem coisas boas no nosso país</i> O2 <i>Pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins</i> O3 <i>também tem coisas boas</i>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	O1: Presente	O1: Indicativo	O1: Indeterminado
	O2: Presente	O2: Indicativo	O2: Indeterminado
O3: Presente	O3: Indicativo	O3: Indeterminado	

No enunciado em análise, observamos que as orações estão no presente do indicativo. Esse uso revela na ocorrência uma leitura onitemporal, visto que, no seu texto, a estudante trata das características positivas e negativas do Brasil que são, para ela, inerentes ao país. O presente do indicativo traz para o leitor um panorama dessas características.

*Pensando bem*, ao introduzir ideia contrária ao que foi dito na primeira oração do enunciado, não apresenta leitura de tempo e de modo, e essa ausência faz com que haja uma aproximação entre as orações articuladas por *pensando bem*. Sua função, portanto, é conectar/integrar essas orações.

Quanto ao aspecto, observamos mais uma vez a presença do aspecto indeterminado, nos termos de Travaglia (2015), pois o enunciado expressa uma caracterização geral e inerente do Brasil.

Feitas essas considerações, apresentamos a seguir a análise das propriedades sintáticas do quinto enunciado em que se encontra uma ocorrência de gerúndio conectivo.

Ocorrência 5- Gerúndio conectivo			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<i>não tem coisas boas no nosso país, pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas (...)</i>	O1 Coisas boas	O1 -	O1 Não, no nosso país
(L.P.S. 10-17)	O2 O nosso país	O2 Coisas ruins	O2 não, só
Orações em análise:	O3 (O nosso país) implícito	O3 Coisas boas	O3 também
O1 <i>Não tem coisas boas no nosso país</i>			
O2 <i>Pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins</i>			
O3 <i>também tem coisas boas</i>			

O enunciado em análise é ordenado a partir da oração negativa - *não tem coisas boas no nosso país*- e isso é relevante para a constituição da argumentação do texto analisado, pois o tema da carta do leitor é a questão da violência no contexto do Sol Nascente, ou seja, há a percepção apenas das características ruins do Brasil (e por extensão no Sol Nascente também). Contudo, a autora quer mostrar, como estratégia argumentativa, que existem pontos positivos e que a notícia comentada em seu texto não contribui para essa visão positiva. Por isso, a ordem em que as orações estão dispostas no enunciado endossa o ponto de vista da autora do texto (ver análise eixo C- análise cognitiva).

Em relação às relações gramaticais observadas no texto, o sujeito da primeira oração é *coisas boas*. Já, nas demais orações, o sujeito é *nosso país*. Existe uma relação metonímica entre os sujeitos devido a *coisas boas* ser um atributo de *nosso país*, ou seja, o referente não é o mesmo, porém os referentes dos sujeitos das orações estão em relação metonímica já que *coisas boas* é uma parte de *nosso país*, tanto que há, na primeira oração, um adjunto de lugar (*no nosso país*) para marcar essa relação. Portanto, a relação metonímica parte-todo é acionada nesse enunciado, via relação gramatical de sujeito, a fim de estabelecer a coerência do texto. As orações 2 e 3 selecionam objetos, momentos em que o verbo *ter* passa a ter outro sujeito: de *coisas*

*boas para nosso país*. Daí, a palavra *coisas* em 2 e 3 é que passa a ocupar o lugar de objeto do verbo *ter*. Essa mudança de perspectiva entre a 1 e as demais orações é significativa, pois o tópico muda e isso será comentado mais à frente quando fizermos as análises das propriedades semânticas e pragmáticas.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 5				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>não tem coisas boas no nosso país, pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas (...)</i> (L.P.S. 10-17) <b>Orações em análise:</b> O1 <i>Não tem coisas boas no nosso país</i> O2 <i>Pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins</i> O3 <i>também tem coisas boas</i>	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>			
	<b>Papéis semânticos</b>	<b>Semântica do verbo</b>	<b>Pressupostos, acarretamentos, implicações implicaturas</b>	
	<i>Coisas boas</i> : tema <i>No nosso país</i> : locativo <i>O nosso país</i> : tema <i>(O nosso país)</i> : tema	<i>Ter-</i> existencial e posse	<i>Pensando bem</i> : pressupõe uma ressalva no fluxo argumentativo, uma mudança de perspectiva.	
	<b>B1- Propriedades semânticas e pragmáticas</b>			
	<b>Tópico</b>	<b>Foco</b>	<b>Inferência sugerida</b>	<b>(Inter) Subjetivação</b>
	O1 <i>Não tem coisas boas no nosso país</i> O2 <i>O nosso país</i> O3 <i>(o nosso país)</i>	O1 - O2 <i>Só coisas ruins</i> O3 <i>Coisas boas</i>	<i>Pensando bem</i> convida o leitor a compartilhar do mesmo ponto de vista da autora	<i>Pensando bem é uma expressão intersubjetiva.</i>

As orações do enunciado em análise são compostas pelo verbo existencial *ter* e, por isso, os papéis semânticos atribuídos aos participantes das orações são temas. A escolha desse verbo e dos papéis semânticos que ele seleciona relaciona-se bem com assunto abordado pela estudante no enunciado. Ela afirma que, apesar dos pontos negativos, o leitor deve reconhecer e valorizar os pontos positivos e negativos do Brasil. Nesse sentido, *pensando bem* orienta o leitor a uma mudança de perspectiva a fim de que ele venha a compartilhar do mesmo ponto de vista da autora. Ao acionar o pressuposto de que o conteúdo da oração que segue *pensando bem* é contrário ao que já está posto na primeira oração, a autora convida o leitor, via inferência sugerida, a também ter uma visão positiva do nosso país. O valor de concessão expresso por *pensando bem*, portanto, se caracteriza como uma expressão intersubjetiva, tal como a análise de Traugott (2010) sobre as expressões concessivas.

Por fim, em relação ao tópico e foco, observamos que, inicialmente, a autora optou por topicalizar uma sentença inteira, que representa um *frame*: “não existem coisas boas no nosso país”. Logo depois, ela muda o tópico já na oração 2, que passa a ser *o nosso país* que também estabelece com o foco da primeira oração uma extensão metonímica a fim de garantir a coesão do texto. O foco, *coisas ruins*, também apresenta a negação que é fundamental para a construção da coerência argumentativa. Nesse contexto, *pensando bem* tem importância fundamental para garantir também a aproximação e coesão entre o foco e tópico das orações do enunciado.

Por fim, na oração 3, o tópico também é *o nosso país*, mas está subentendido pois *também* possibilita essa leitura, e o foco é *coisas boas*, sem a negação. O enunciado se encerra com esse foco, pois esse é o posicionamento da autora do texto diante da situação do Brasil. A partir das análises estabelecidas nesse eixo, observamos a estreita relação entre as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, as quais serão melhor discutidas na análise do protocolo a seguir.

Ocorrência 5- Gerúndio conectivo				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>não tem coisas boas no nosso país, pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas (...)</i> (L.P.S. 10-17) Orações em análise: O1 <i>Não tem coisas boas no nosso país</i> O2 <i>Pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins</i> O3 <i>também tem coisas boas</i>	B2- Propriedades discursivas			
	Gênero textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Carta do leitor	Análise da notícia	A região do Sol Nascente é conhecida pelos altos índices de violência, e isso foi questionado durante as sequências didáticas.	Topoi

Durante a sequência didática sobre a carta do leitor, uma das atividades realizadas foi a leitura e discussão de notícias sobre o Sol Nascente. Das sete notícias lidas, apenas uma (*Projeto social no Sol Nascente, no DF, tem minianimais para crianças*) tinha uma avaliação positiva sobre a comunidade. As demais tratavam de assuntos como violência, grilagem de terras e tráfico de drogas. A partir dos pressupostos de van Dijk (1988) de que o gênero notícia, além de informar, também induz o leitor a construir um ponto de vista, discuti com os meus estudantes o fato de a mídia do Distrito Federal

apenas divulgar informações negativas sobre o Sol Nascente. Chegamos à conclusão de que essas notícias servem para reforçar o estereótipo de que na periferia só ocorrem fatos ruins. Comentei com os meus alunos que, dificilmente, um veículo da mídia iria noticiar, por exemplo, as atividades que realizávamos em sala de aula. Infelizmente, na mídia, os jovens do Sol Nascente não seriam retratados como estudantes que estavam aprendendo, mas sim como jovens ligados à criminalidade. A atividade complementar a essa roda de leitura era que os estudantes produzissem a sua própria versão das notícias lidas em sala.

Diante desse contexto, observamos que a estudante inicia o seu texto,<sup>67</sup> elogiando a polícia por ter prendido a quadrilha que causava violência e transtorno ao bairro. Contudo, na continuidade do texto, a estudante faz uma crítica ao jornal *Correio Brasiliense*, na qual ela argumenta que os leitores estão cansados de ver apenas situações ruins noticiadas no jornal. Por fim, ela reconhece que, apesar de haver episódios ruins no Brasil, há também coisas boas, e que isso já é um começo para um Brasil melhor. Foi esse o trecho que destacamos na análise que está sendo feita até aqui.

Nesse sentido, observamos que o texto da estudante se adequa ao gênero carta do leitor, visto que, além de opinar em torno da informação veiculada pela notícia, a aluna também faz uma crítica ao jornal, e é nessa crítica que observamos que ela parte de um *topoi* para desenvolver o seu ponto de vista: no Brasil há coisas boas também e elas devem ser valorizadas igualmente. A expressão *pensando bem* introduz no texto esse ponto de vista da autora, que reconhece o cenário da violência, dos problemas sociais brasileiros, mas, em contrapartida, propõe para o leitor que o reconhecimento das coisas boas é uma proposta de um início de mudança.

Em síntese, a estudante retoma em seu texto a discussão realizada em sala de aula e organiza a argumentação a partir dela, contrapondo o *topoi* de que no Sol Nascente só há coisas ruins a partir de *pensando bem*. Feitas essas considerações, apresentamos a seguir a análise da ocorrência 5 no eixo das propriedades cognitivas.

---

<sup>67</sup> Ver o texto na íntegra nos anexos da tese.

Gerúndio conectivo- Ocorrência 5				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>não tem coisas boas no nosso país, pensando bem o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas (...)</i> (L.P.S. 10-17) Orações em análise: O1 <i>Não tem coisas boas no nosso país</i> O2 <i>Pensando bem, o nosso país não tem só coisas ruins</i> O3 <i>também tem coisas boas</i>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	Personificação do Brasil.	Sol Nascente-Brasil: parte-todo	Ordenação linear	No Brasil só tem coisas ruins.

O *frame* a partir do qual o enunciado se organiza é *no Brasil só tem coisas ruins*. Para iniciar a argumentação, a estudante lança mão desse *frame*. No entanto, a argumentação nesse enunciado é construída a partir da relação de concessão entre as orações e, para fazer essa associação, a ordenação linear icônica é acionada, na qual a autora do texto organiza a ordem das orações seguindo o fluxo argumentativo do *frame* mais geral (“o Brasil só tem coisas ruins”) para chegar ao seu posicionamento, que é contrário a esse *frame*. A expressão *pensando bem* organiza, portanto, a ordenação linear do ponto de vista sintático.

Uma reflexão maior sobre as propriedades do gerúndio conectivo será apresentada na seção 5.1.3, quando retomaremos esse tema.

Apresentamos, na seção a seguir, a análise das ocorrências do gerúndio retopicalizador.

#### 4.2.4 Gerúndio retopicalizador

No *corpus* gerado pelos textos do CEF 27, identificamos um tipo de gerúndio que categorizamos como gerúndio retopicalizador, pois percebemos que ele tem por função retomar algum tópico que o autor do texto desejava acessar outra vez, com o objetivo de estabelecer o seu ponto de vista a partir dele. São semelhantes às expressões denominadas por Azeredo (2014) (cf. seção 2.1.4) de “expressões de balizamento de compreensão”. Nos nossos dados, identificamos apenas duas ocorrências desse tipo de gerúndio, mas, como um dos objetivos da pesquisa é investigar a mudança linguística do gerúndio no PB, optamos por analisar esses dois dados a partir do protocolo, a fim de

observar as suas propriedades, formais, funcionais e discursivas, verificando em quais pontos a nossa análise se aproxima ou diverge do que a literatura sobre o gerúndio (cf. capítulo 2 desta tese) afirma sobre esse tipo de gerúndio. A seguir, a análise da primeira ocorrência.

<b>Ocorrência 1- Gerúndio retopicalizador</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
<i>Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, voltano para o Brasil tambem aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha.</i> (...)(T.M.B.C.M.,1-8) <b>Orações em análise:</b> O1 <sup>68</sup> <i>voltano para o Brasil</i>	<b>A.1 Propriedades morfossintáticas</b>		
	<b>Tempo</b>	<b>Modo</b>	<b>Aspecto</b>
	Presente do enunciado	indicativo/imperativo (convite, pedido)	Progressivo

O aspecto é o progressivo e está relacionado ao propósito de progressão textual e coerência textual, porque o texto começa com um tópico e, em determinado ponto, o autor usa um exemplo meio fora do tópico para ilustrar a sua argumentação. Mas, depois, ele retorna para o tópico original do texto, por meio do gerúndio não perifrástico, que classificamos como “retopicalizador”. Daí, acrescenta novas informações, dando progressão a sua argumentação.

O trecho em análise corresponde ao início do texto, e a primeira sentença corresponde ao tópico frasal da redação do aluno, qual seja: o racismo no Brasil tinha de melhorar. O verbo utilizado *tinha* está no pretérito imperfeito do indicativo, contudo pode ser interpretado como subjuntivo, pois destaca uma possibilidade, que é o posicionamento do aluno. Na sequência do texto, o aluno tenta desenvolver a sua argumentação, dizendo que, apesar do racismo ser um problema brasileiro, ele não é exclusivo do nosso país, citando jogo oficial da Fifa como algo externo, internacional. O verbo *ser* está no presente do indicativo. Ao utilizar exemplos e ilustrações de casos

<sup>68</sup> Optamos por analisar apenas o gerúndio retopicalizador, por ele ser menos integrado às demais orações que compõem o enunciado.

de racismo no exterior, os verbos selecionados estão no pretérito perfeito do indicativo, pois são fatos ocorridos, noticiados inclusive pela mídia.

Ao usar o verbo *voltar* no gerúndio, o estudante convida seu leitor a retomar o tópico principal (racismo no Brasil) e a comparar esses casos citados com a realidade brasileira para mostrar que existem casos de racismo não só aqui. Esse convite ocorreu durante a enunciação por meio do próprio gerúndio em si e do item lexical “voltar”. O tempo presente está implícito na cena enunciativa, e o modo indicativo também, pois se trata de uma certeza de que o autor do texto tem sobre o racismo, uma vez que o texto pertence ao gênero argumentativo.

<b>Ocorrência 1- Gerúndio retopicalizador</b>			
<b>Enunciado</b>	<b>A - Eixo analítico 1: eixo da forma</b>		
	<b>A.2 Propriedades sintáticas</b>		
	<b>Sujeito</b>	<b>Objeto</b>	<b>Adjunto</b>
<p><i>Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, voltano para o Brasil tambem aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha.</i>            (...) (T.M.B.C.M., 1-8)            Orações em análise:            O1  <i>voltano para o Brasil</i></p>	<p>Nós implícito (autor e leitores)</p>	<p>Para o Brasil</p>	<p>-</p>

Não há uma marcação morfológica de número e pessoa na forma verbal *voltano* nem um pronome sujeito explícito. Contudo, nesse uso ele está na dimensão da enunciação, na qual o enunciador (o autor do texto), ao utilizar o verbo no gerúndio naquele momento, convida o leitor para ambos voltarem ao tópico da sua argumentação. O “sujeito” de *voltano* seria um “nós” implícito (o autor e o leitor). O objeto indireto é “para o Brasil”, que compõe o tópico retomado junto com o verbo no gerúndio. Feitas essas considerações em torno do eixo sintático, passamos ao próximo eixo analítico.

Ocorrência 1- Gerúndio retopicalizador				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, voltano para o Brasil tambem aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha.</i> (...) (T.M.B.C.M., 1-8) Orações em análise: O1 <i>voltano para o Brasil</i>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo		Pressupostos, acarretamentos, implicações
	<i>Nós: agente</i> <i>Para o Brasil: locativo.</i>	<i>Voltano: deslocamento metafórico</i>		<b>Voltano</b> pressupõe um deslocamento prévio (a ida). Há racismo no Brasil e é grave.
Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação	
<i>“Esse Racismo o nosso país”</i> E <i>“Voltano para o Brasil”</i>	<i>“o nosso país tinha que melhorar; o racismo não e soa ki no Brasil.”</i>	O autor, ao usar <i>voltano</i> , convida os seus leitores a retomar o tópico do texto, que é o racismo no Brasil. O deslocamento metafórico é mostrado pelo verbo. A expressão do aspecto progressivo também sugere ao leitor que haverá desenvolvimento argumentativo.	Ao usar o gerúndio e o verbo <i>voltar</i> , o autor aciona uma estratégia (inter)subjetiva, pois o uso do gerúndio sem uma marcação pessoal específica generaliza o convite que o autor faz ao leitor para retomar o tópico do texto.	

O verbo *voltar* é um verbo de ação que expressa deslocamento/movimento. O sujeito assume papel de agente, pois o deslocamento implica volição e mudança, e o objeto indireto tem papel semântico de lugar, o qual também está metaforizado.

O verbo também está metaforizado, pois não expressa uma trajetória física, mas sim uma trajetória discursiva. Isso quer dizer que o autor do texto parte do tópico que é *esse racismo*. Como estratégia argumentativa inicial, os leitores são conduzidos a um percurso argumentativo (não é só o Brasil que tem racismo) e que, com o uso do *voltando*, eles (autor e leitores) retomam o tópico inicial, para dar continuidade à argumentação. Por isso, há leitura de aspecto progressivo no verbo *voltar* por meio do gerúndio.

Na sequência, temos a informação nova do enunciado (o foco), que é o fato de que *o nosso país tinha de melhorar* e não ocorrer racismo apenas no Brasil, mas em outros países também. Esse foco é uma estratégia argumentativa também, tanto que o aluno utiliza-se de exemplos para confirmar o seu posicionamento. Contudo, ao utilizar-se de *voltando*, o estudante retoma o tópico do texto, acrescentando informações novas ao tópico inicialmente dado. O *voltando* é uma expressão que o autor utiliza para retomar o seu posicionamento (subjetivação) e também chamar a atenção dos leitores para a informação nova que será acrescentada ao tópico inicial. E isso ocorre via inferência sugerida, que ocorre por meio de metaforização de *voltar* e do aspecto progressivo dado pelo gerúndio. Em consequência disso, *voltando* torna-se uma expressão (inter)subjetiva, na qual o autor expressa sua subjetividade, tentando interferir nas reações/interpretações do seu leitor.

<b>Ocorrência 1- Gerúndio retopicalizador</b>				
<b>Enunciado</b>	<b>B - Eixo analítico 2: eixo da função</b>			
<i>Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, voltano para o Brasil tambem aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha.</i> (...)(T.M.B.C.M.,1-8) O1 <i>voltano para o Brasil</i>	<b>B2- Propriedades discursivas</b>			
	<b>Gênero textual</b>	<b>Tema do texto</b>	<b>Contexto de geração de dados</b>	<b>Estrutura do discurso ideológico</b>
	Redação dissertativa escolar	Enfrentamento ao racismo	O estudante autor do texto, no momento da geração de dados, era atleta de futebol, atuando em categorias de base de um clube do Distrito Federal.	Exemplos e Ilustrações Coerência Local

No momento da sequência didática que desencadeou a geração de dados, eu havia explicado para os alunos que havia algumas estratégias que poderiam ser utilizadas para construir a argumentação. Uma delas é o uso de exemplos e ilustrações, que o aluno utilizou no texto. Relacionar o contexto do futebol ao racismo, provavelmente, ocorreu devido ao estudante ser atleta de futebol e também porque esses casos foram bastante noticiados na mídia. O estudante fez uso desses exemplos para ampliar o alcance da sua argumentação. É interessante o modo como ele constrói a

argumentação a partir dessa estratégia discursiva, retomando o tópico do texto e desenvolvendo a progressão textual por meio do gerúndio retopicalizador.

A seguir, passamos à análise do eixo cognitivo.

Ocorrência 1- Gerúndio retopicalizador				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<i>Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, <b>voltano</b> para o Brasil tambem aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha.</i> (...)(T.M.B.C.M.,1-8)	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
O1 <i><b>voltano</b> para o Brasil</i>	A trajetória discursiva é conceptualizada em termos de trajetória física. Racismo é doença e é personificado	O uso desse gerúndio não perifrástico aproxima a ideia introduzida por ele das ideias anteriores.	Proximidade: o gerúndio expressa progressão do texto por reintroduzir o tópico com acréscimo de informações desse tópico.	O Brasil é um país racista, mas até países europeus também são. Racismo é algo ruim, doentio.

*Voltando* teve seu sentido metaforizado ao ser conceptualizado em termos de trajetória discursiva ao invés de física. O aspecto progressivo dado pelo gerúndio é projetado na sequência do texto, sem marcação explícita de pessoa e número, o que permite aproximar metonimicamente o tópico reintroduzido pelo gerúndio do tópico inicial.

Os *frames* acionados colocam o Brasil como racista, o racismo como doença e a Europa como racista também. Isso somado, conjugado, prepara o terreno para o terceiro argumento, que é introduzido pelo gerúndio, num processo de retomada do tópico principal, que coincide com os *frames* principais inicialmente postos. O uso do gerúndio não perifrástico colabora iconicamente para aproximar os argumentos.

A seguir, apresentamos a análise da ocorrência 2 de gerúndio do tipo retopicalizador.

Gerúndio retopicalizador- Ocorrência 2-			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
<p><i>É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e <b>falando</b> no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).</i></p> <p>Orações em análise</p> <p>O1</p> <p><b>Falando</b> no cheque de 2 milhões de reais</p>	A.1 Propriedades morfossintáticas		
	Tempo	Modo	Aspecto
	Presente	Indicativo	Progressivo

*Falando*, por estar no gerúndio, não tem marcação morfossintática de tempo e de modo. Contudo, a partir do contexto enunciativo, é possível compreender que, implicitamente, é acionado o tempo presente, pois corresponde ao momento em que o autor está escrevendo o texto, e ele retoma um assunto que foi mencionado na notícia que motivou a produção da carta do leitor.

Quanto ao modo verbal, implicitamente também temos uma leitura de indicativo, pois remete a uma ação (discursiva) do autor no presente enunciativo, ou seja, o tempo presente aciona o modo indicativo como uma estratégia argumentativa, uma vez que uma ação no presente dá mais veracidade e credibilidade ao argumento que será apresentado na sequência do texto.

O aspecto expresso no gerúndio é o progressivo, pois *falando* retoma uma informação anterior, que estava implícita (*no cheque de 2 milhões de reais*) no texto, e da qual o autor acredita que o leitor já tinha conhecimento. Essa retomada do tópico serve para introduzir uma informação nova (*e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem*), que corresponde ao posicionamento do estudante diante do fato. Diante dessa retomada, o aspecto progressivo de *falando* está a serviço da progressão e da coerência textual. A seguir, apresentamos as propriedades sintáticas dessa ocorrência.

Gerúndio retopicalizador- Ocorrência 2			
Enunciado	A - Eixo analítico 1: eixo da forma		
	A.2 Propriedades sintáticas		
	Sujeito	Objeto	Adjunto
<p><i>É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e <b>falando</b> no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).</i></p> <p>Orações em análise O1 <i>Falando no cheque de 2 milhões de reais</i></p>	<p>Eu implícito (o autor)</p>	<p>“No cheque de 2 milhões de reais”</p>	<p>-</p>

*Falando* não seleciona marcação morfológica número-pessoal, porém, no contexto do enunciado em análise, é possível inferir que o sujeito deste verbo está implícito. Esse sujeito é *eu*, o autor do texto, e isso pode ser deduzido devido à semântica de *falar*, pois esse verbo no texto está pressupondo que o enunciador do texto é também o sujeito.

Provavelmente, a escolha do gerúndio e a falta de marcação morfossintática de sujeito ocorreram devido à tentativa do autor de generalizar o ato de mencionar o fato expresso pelo verbo *falar*, ou seja, qualquer leitor pode retomar o texto motivador e verificar a fonte do conteúdo do texto do autor.

*Falando* ainda seleciona um objeto indireto – *no cheque de 2 milhões de reais* – que remete à notícia motivadora da carta produzida pelo aluno.

Ocorrência 2- Gerúndio retopicalizador				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<i>É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e falando no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19). Orações em análise O1 Falando no cheque de 2 milhões de reais</i>	B1- Propriedades semânticas e pragmáticas			
	Papéis semânticos	Semântica do verbo	Pressupostos, acarretamentos, implicações	
	<i>“Eu”</i> : experienciador <i>“No cheque de 2 milhões de reais”</i> : tema	<i>“Falando”</i> - verbo <i>dicendi</i> , mas com sentido de “pensar”	Menção a um fato que não está explícito em seu texto, mas que está presente no texto motivador da produção textual.	
	Tópico	Foco	Inferência sugerida	(Inter) Subjetivação
<i>“falando no cheque de 2 milhões de reais”</i>	<i>“e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa (...)”</i>	O estudante, quando usa <i>falando</i> , retoma o tópico o <i>cheque de 2 milhões de reais</i> para introduzir uma informação nova, que é posicionamento perante a extorsão realizada pelos bandidos.	<i>Falando</i> é uma expressão intersubjetiva.	

O verbo *falar* é um verbo *dicendi*, mas tem valor de verbo cognitivo. Ele admite múltiplas regências e, no dado analisado, a regência com a preposição *em (no)* exprime o sentido de comentar a respeito de algo, de pensar sobre algo.

Segundo Givón (2001), os verbos *dicendi* podem ter um sujeito agente ou dativo. Na ocorrência em análise, o sujeito assume valor de experienciador. No enunciado *falando no cheque de 2 milhões de reais*, o estudante quer acionar no leitor a implicatura de refletir sobre um assunto externo ao texto, pois o conteúdo da sua fala é uma informação presente na notícia motivadora e não no texto. Assim, o autor, ao mencionar a informação *falando no cheque de 2 milhões de reais* sugere que o seu leitor lembre a notícia que motivou a produção em análise, pois essa informação ainda não havia sido explicitamente mencionada em seu texto.

Desse modo, é possível dizer que *falando* é uma expressão mais (inter)subjetiva, pois reflete a estratégia argumentativa que o autor usa para convencer o leitor: retomar

uma informação compartilhada entre ele e os seus leitores, e influenciar seu posicionamento. O estudante pressupõe que os seus leitores leram a notícia e, por isso, ele retopicaliza essa informação, para introduzir o foco do enunciado, que é também a conclusão da carta. Nessa conclusão, o aluno reforça o posicionamento desenvolvido durante a sua argumentação, e isso pode ser percebido a partir do termo *mesmo*, que reforça a ideia de que os criminosos que agiam no Sol Nascente realmente são ladrões, pois além de roubar pessoas honestas, também praticam extorsão.

Gerúndio retopicalizador- Ocorrência 2				
Enunciado	B - Eixo analítico 2: eixo da função			
<p><i>É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e <b>falando</b> no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).</i></p> <p>Orações em análise O1 <i><b>Falando</b> no cheque de 2 milhões de reais</i></p>	B2- Propriedades discursivas			
	Gêner o textual	Tema do texto	Contexto de geração de dados	Estrutura do discurso ideológico
	Carta do leitor	Comentário da notícia <i>Organizaçã o criminosa espalhava o terror no Setor Habitaciona l Sol Nascente</i>	Durante a Sequência Didática, eu expliquei que a carta do leitor é um gênero em que os leitores de um jornal comentam suas opiniões em torno das notícias publicadas	Atores Exemplos e Ilustrações

A argumentação da carta em análise é sustentada a partir das ações dos atores e do conflito Nós X Eles. *Nós* é a população do Sol Nascente, e *Eles* são os criminosos. O estudante, ao manifestar sua indignação com as ações dos bandidos, se mostra como parte da população do bairro.

Em relação ao trecho em análise, *falando no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão*, o uso do gerúndio é uma estratégia de evidencializar a fonte do conteúdo do texto do estudante, que é a notícia motivadora da carta que ele está escrevendo. Ele enfatiza o conteúdo da notícia por ele mencionada. Provavelmente, o aluno adotou essa

estratégia para reforçar a sua argumentação, pois o seu argumento é fundamentado em uma fonte confiável, que é o próprio texto motivador, lido em sala de aula.

Além disso, a menção ao texto motivador, introduzida pelo gerúndio retopicalizador, mostra que o estudante compreendeu a situação comunicativa do gênero carta do leitor, de que se trata de um comentário de uma notícia que se espera que tenha sido lida pelos leitores do jornal, mesmo que estes sejam a professora e os colegas de classe.

A seguir, analisamos as propriedades cognitivas presentes na ocorrência de gerúndio retopicalizador em análise.

Ocorrência 2- Gerúndio retopicalizador				
Enunciado/Propriedades	C- Eixo analítico 3- análise cognitiva			
<p><i>É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e <b>falando</b> no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).</i></p> <p>Orações em análise O1 <b>Falando</b> no cheque de 2 milhões de reais</p>	C1- Propriedades cognitivas			
	Metáforas	Metonímias	Relações Icônicas	Frames
	<p>Falar como reflexão: Ação&gt;discurso Trabalho é esforço físico.</p>	<p>Em <i>falando</i> a ausência de marca de sujeito é uma estratégia para generalizar a retopicalização.</p>	<p>Proximidade</p>	<p>Homem é alguém honesto. Bandido é alguém que comete crimes contra pessoas honestas. Honestidade ocorre via trabalho assalariado. A extorsão é pior que roubo. Passar muito tempo na cadeia para virar homem.</p>

A argumentação do aluno é sustentada pelo *frame Ser homem é ser honesto*. Os bandidos, em sua visão, não são homens, pois cometem crimes, como o roubo, contra pessoas honestas. A honestidade é o trabalho assalariado, materializado no texto pelo trecho *peessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor*, que corresponde à metáfora *trabalho é esforço físico*.

Ao introduzir *Falando no cheque de 2 milhões de reais* no texto, o aluno aciona o *frame* de que *extorsão é um crime pior que o roubo*. O verbo *discendi falando* que foi conceptualizado no domínio da reflexão aproxima iconicamente a informação extratextual do argumento que será apresentado *e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem*. Também conclui a argumentação com o *frame* *passar muito tempo na cadeia fará o bandido virar homem*. O uso do gerúndio em *falando* para generalizar a retopicalização e evidenciar a fonte do conteúdo (a notícia) se dá via metonímia.

Feita a análise do eixo cognitivo desta ocorrência, concluímos a 4ª etapa do nosso itinerário de análise, previsto no início deste capítulo. Para encerrar este capítulo, apresentamos na seção a seguir algumas considerações em torno da aplicação do protocolo de análise nos dados selecionados para darmos continuidade a nossa análise no próximo capítulo.

### **4.3 Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, categorizamos o gerúndio não perifrástico em quatro *types*: gerúndio adjetivo, adverbial, conectivo e retopicalizador, selecionando 17 ocorrências (5 ocorrências eram de gerúndio adjetivo, 5 de gerúndio adverbial, 5 de gerúndio conectivo e 2 de gerúndio retopicalizador) para serem analisadas de acordo com o protocolo. No próximo capítulo, continuaremos a análise de dados, mensurando os graus de gramaticalização e integração das orações de gerúndio, bem como se essa possível gradação interfere na força argumentativa dos enunciados analisados.

## **CAPÍTULO 5- A INTEGRAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO DOS USOS GERÚNDIO**

### **5.0 Introdução**

No capítulo anterior, iniciamos a análise de dados e os submetemos ao protocolo analítico. Ao concluirmos essa etapa, constatamos que os dados apontam algumas tendências no que diz respeito à integração e gramaticalização dos usos do gerúndio encontrados. Assim, neste capítulo, apresentamos as tendências gerais encontradas, bem como aplicamos esses resultados aos estudos de Lehmann (1988) e Traugott (2002), a fim de verificar a existência de um *cline* de integração e de gramaticalização dos usos do gerúndio no PB. Desse modo, o capítulo divide-se nas seguintes seções: tendências gerais dos dados submetidos ao protocolo de análise e comparação desses resultados com os tipos de gerúndio (seção 5.1); *continua* de integração e gramaticalização dos usos do gerúndio e interferência do contexto nos *continua* (seção 5.2) e, por fim, as considerações finais do capítulo (seção 5.3).

### **5.1 Tendências gerais dos dados submetidos ao protocolo de análise**

Nesta seção, apresentamos as tendências que os dados analisados no capítulo 4 mostraram. Para isso, dividimos esta seção em subseções nas quais comparamos cada *type* de gerúndio não perifrástico as suas propriedades a partir das ocorrências já submetidas ao protocolo de análise, para que na seção seguinte possamos estabelecer uma comparação entre os tipos de gerúndio analisados. Seguindo a ordem de análise do capítulo anterior, iniciamos a síntese dos resultados pelos usos de gerúndio adjetivo.

#### **5.1.1 Gerúndio Adjetivo**

Para iniciar a análise dos dados do gerúndio adjetivo, apresentamos os resultados da análise quantitativa da frequência *type* desse uso. Nos dados do CEF 27, nas cartas do leitor, há 20 ocorrências de gerúndio adjetivo. Nas dissertações sobre racismo, o gerúndio adjetivo ocorreu 18 vezes, e há quatro ocorrências nas dissertações sobre sexualidade na adolescência. No total, as 42 ocorrências correspondem a 39,2% das ocorrências do gerúndio não perifrástico no *corpus* do CEF 27.

Nos usos que analisamos no capítulo 4 do gerúndio adjetivo, observamos que, no que diz respeito à expressão do eixo A1, das propriedades morfossintáticas, não há uma predominância de um tempo ou modo nas orações com as quais nas quais as orações de gerúndio estão integradas. Há orações com verbos tanto no pretérito, presente e futuro do indicativo, quanto ocorrências no subjuntivo:

(1) *Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas **acontecendo** no Sol nascente, muitas guerras o Sol nascente foi considerado a maior favela do brasil, já houve muitas mortes por causa de droga. (L.F.T., 3-6)*

(2) *Eu ler um noticia que sobre as drogas no sol nansente que fala sobre drogas e armas, venda de terra eu gostei que o policia fez por que agora vai ficar um poco menos bandidos nas ruas **querendo** rouba e vender droga nas ruas e a min opinião.(P.H. 3-8)*

(3) *Eu acho que as regras de DF tem que mudar si Eu fosse o Presidente eu botava penas muito rigida ingual nos Estados Unido, lá si matar morre também si Rouba, estrupar corta as mãos. Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro. Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha Bandido **RouBando matando estrupando**. (T.V.,15-23)*

(4) *A pessoa não nasce com o racismo, mais a partir do momento que ela ver alguém **praticando** racismo com outra pessoa ela vai aprender a ser racista. (L.R.S., 4-6)*

(5) *Então agora só por que a pessoa e negra não pode compra nada nas lojas caras por que não tem condição por que não tem estudo que dizer que não tem dinheiro que não pode arranja um emprego bom, está enganado tem pessoas negras **estudando, trabalhando** para você calar o seu preconceito e joga ele fora (...).(I.C.L.X, 8-18)*

Os dados mostram que as orações de gerúndio compartilham a interpretação de tempo, modo e aspecto da oração finita com a qual se relacionam. E a ausência da expressão explícita dessas categorias morfossintáticas no gerúndio reforça o grau de integração sintática da construção de gerúndio. Esses dados confirmam, portanto, o que a literatura apresenta em relação ao processo de integração de orações (GIVÓN, 2001;1995, LEHMANN, 1988).

Em relação à expressão do aspecto, os dados aplicados ao protocolo de análise tiveram, em sua maioria, predominância, nas orações que não são de gerúndio, dos aspectos iterativo ou indeterminado. Na ocorrência (1), por exemplo, o contexto sintagmático e a derivação de gerúndio apontam que esse verbo apresenta os aspectos indeterminado, iterativo e habitual. Essas nuances aspectuais se explicam devido à associação metonímica com *ver* e ao uso do {-ndo}. A expressão dos aspectos indeterminado e iterativo também contribui para que *acontecendo* seja interpretado como um ato contínuo sem momento específico para terminar, embora expresso no

pretérito perfeito. Ou seja, a marcação de gerúndio traz ambiguidade para a interpretação temporal de *acontecendo*.

As demais orações de gerúndio adjetivo nos dados apresentam também essa expressão aspectual com o acréscimo do aspecto habitual, e isso pode estar associado às propriedades semânticas dos referentes do sujeito a que o gerúndio se conecta. Na ocorrência (2) (*querendo roubar e vender droga*), o verbo no gerúndio ganha a interpretação habitual devido ao referente do sujeito (*bandidos*) ser humano, ou seja, a leitura habitual se torna mais aceitável que na ocorrência (1). Além disso, na ocorrência (2), *querendo* tem função adjetiva e modalizadora, pois o uso do verbo *querer* não revela no texto o desejo do bandido, mas sim a avaliação que o autor do texto faz das ações do bandido. Então, na visão do estudante, o desejo de roubar e vender droga é um hábito/atributo do bandido, por isso a interpretação de que *querendo* agrega a função adjetiva e de auxiliar modal.

Se compararmos as ocorrências (2), (3), (4) e (5) pela perspectiva aspectual, observamos que a habitualidade do gerúndio tem uma função modalizadora, na qual expressa a avaliação dos autores dos textos nos argumentos desenvolvidos por eles. Nos exemplos de (2) a (4), a habitualidade expressa pelo gerúndio gera uma avaliação negativa. Já em (5), a habitualidade das ações de estudar e trabalhar da pessoa negra provoca a avaliação positiva do estudante e justifica o seu ponto de vista de que não se deve ter preconceito com as pessoas negras.

Dias *et alii* (2017), ao estudar os adjetivos em construções subjetivas, afirmam que os adjetivos podem expressar a atitude ou a avaliação do indivíduo em relação ao conteúdo. As reflexões das autoras são pertinentes para os dados aqui analisados porque o gerúndio expressa, a partir da noção da habitualidade aspectual, a avaliação do autor em torno do tema do texto. A exemplo disso, na ocorrência (4), *a partir do momento que ela ver alguém praticando racismo com outra pessoa*, o gerúndio dá, ao verbo *praticar*, o valor de hábito constante, ou seja, na concepção do estudante, a prática constante do racismo leva à sua reprodução. Assim, a opção da oração de gerúndio, ao invés da oração finita, serve aos propósitos discursivos do gênero redação dissertativa.

A interpretação do aspecto habitual do gerúndio adjetivo direciona a nossa análise para a associação desse uso à (inter)subjetivação e à integração oracional. Cuenca & Hilferty (1999 *apud* Rosário, 2015) afirmam que a subjetivação ocorre a partir de processos metonímicos em que o princípio da economia é ativado, pois o

emissor diz apenas o necessário, e o receptor tende a selecionar apenas a informação relevante.

Diante disso, uma oração de gerúndio adjetiva, como os dados supracitados, aciona relações metonímicas como a contiguidade da expressão morfossintática e também leva a interpretações aspectuais específicas como a habitualidade e, conseqüentemente, reforça ainda mais o ponto de vista do autor do texto, enriquecendo a sua argumentação. Em síntese, a necessidade do autor do texto em construir a sua argumentação e reforçá-la faz a associação de ideias a fim de torná-las mais convincentes para o seu leitor. Isso, no plano linguístico, gera uma integração maior das orações por meio do compartilhamento da expressão do tempo, modo e aspecto entre as orações principais e orações de gerúndio.

Provavelmente, isso ocorre devido à função adjetiva do gerúndio. Segundo Payne (1997), os adjetivos, nas línguas, muitas vezes são expressos por nomes ou por verbos. Na nossa língua, observa-se que os adjetivos apresentam características morfossintáticas semelhantes às dos substantivos, a concordância de gênero e número. E, em alguns casos, como o das ocorrências em análise, características típicas dos verbos, a expressão morfossintática aspectual. Campos (1972) afirma que o gerúndio adjetivo pode caracterizar estados transitórios ou permanentes dos substantivos, e, na ocorrência em questão, a nuance aspectual de indeterminação da expressão do gerúndio confere característica permanente ao gerúndio adjetivo, o que também interfere na construção do ponto de vista do autor do texto, pois o estado permanente dado pelo gerúndio adjetivo é um posicionamento do autor do texto.

A integração das orações de gerúndio adjetivo também ocorre no nível das suas propriedades sintáticas e apresenta correlação direta com a intersubjetivação desse uso. A primeira propriedade presente em todos os dados analisados no protocolo é a ordem das sentenças de gerúndio adjetivo, que em todos os dados vêm pospostas à oração principal. Nas ocorrências (1) e (4), as orações de gerúndio estão em relação de constituência com o objeto direto da oração que ele acompanha, modificando o nome objeto direto. Já em (2), (3) e (5), o gerúndio é um modificador do nome sujeito da oração finita, e a ordem posposta do adjetivo modificador é admitida na nossa língua.

Analisando a relação entre a ordem e o processo de subjetivação dos sentidos do gerúndio adjetivo, as afirmações de Traugott (2010, p.49) de que “elementos

subjativados tendem a ser posicionados na periferia do constituinte ou da cláusula”<sup>69</sup> se coadunam com a nossa análise.

Givón (2001) observou que a oração do tipo adjetivo, além de modificar um nome da oração principal, também atua como uma “ancoragem anafórica”, pois aciona no ouvinte/leitor uma memória episódica à qual o referente deve ser associado. Ou seja, a condição pragmática básica de uma oração de gerúndio adjetiva é o compartilhamento do seu conteúdo entre falante/autor e ouvinte/leitor. Na ocorrência (1), por exemplo, *eu já vi coisas erradas acontecendo no Sol Nascente*, a informação pressuposta compartilhada entre autor e leitor é a de que, no Sol Nascente, devido ao histórico de violência, sempre acontecem coisas erradas, que é o *frame* no qual o enunciado se estrutura.

No que diz respeito às relações gramaticais do gerúndio adjetivo, observamos que, com o da oração finita, como nas ocorrências (2), (3) e (5), ou então ele pode apresentar um sujeito não correferente, como em (1) e (4). Quando o sujeito não é correferente, ele é o nome do sintagma nominal do objeto direto da oração finita, e o gerúndio adjetivo é o modificador desse sintagma. Retomamos a seguir os exemplos (1) e (3):

(1) *Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas **acontecendo** no Sol nascente, muitas guerras o Sol nascente foi considerado a maior favela do brasil, já houve muitas mortes por causa de droga. (L.F.T., 3-6)*

(3) *Eu acho que as regras de DF tem que mudar si Eu fosse o Presidente eu botava penas muito rigida ingual nos Estados Unido, lá si matar morre também si Rouba, estrupar corta as mãos. Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro. Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha Bandido **RouBando matando esturpando**. (T.V., 15-23)*

Observamos que *acontecendo*, além de modificar *coisas erradas* permite o autor desenvolver a sua argumentação, tanto que ele continua o seu texto apresentando para o leitor quais são essas *coisas erradas*: guerras e mortes por causa do tráfico de drogas. Já em (3), observamos que *Roubando, matando esturpando* tem seu escopo restrito ao substantivo que esses verbos modificam. Esses dados confirmam o que Lehmann (1988) afirma sobre a maior integração ser mais forte à medida que os constituintes são compartilhados entre orações, tal como nas ocorrências (2), (3) e (5) em que há o

<sup>69</sup> “Subjectified elements tend to be positioned at the periphery of a constituent or clause” (Traugott, 2010, p.49). (tradução nossa)

compartilhamento do sujeito das orações, e em (1) e (4) o gerúndio é parte do objeto direto da oração finita, sugerindo uma integração menor nessas orações, que é inversamente proporcional ao escopo dessas construções.

Nas ocorrências em análise, constatamos que há, portanto, uma correlação entre a seleção de objeto e a correferência do sujeito da oração finita e da oração de gerúndio. Os dados nos mostram que quando o gerúndio adjetivo compartilha o sujeito com a oração principal, o seu escopo é o nome referente ao sujeito. Então, o gerúndio está mais dessentencializado, visto que, além de perder a flexão verbal de sujeito – uma das propriedades típicas do verbo – o gerúndio também não seleciona objeto, o que caracteriza a perda de propriedade do verbo.

Quanto à análise dos objetos, em (1), *acontecendo* é intransitivo, mas não compartilha do sujeito da oração principal, comportando-se, portanto, de um modo mais próximo de uma oração intransitiva, que os outros exemplos em comparação. Essa ocorrência é a introdução de uma carta do leitor, e a estudante contextualiza o leitor para desenvolver seu posicionamento diante do tema textual. Portanto, esse uso se aproxima de construções que Braga & Coriolano (2007) analisaram como plano de fundo para a organização textual, típica de contextos narrativos. A oração de gerúndio apresenta uma sequência textual narrativa, e a oração intransitiva *coisas erradas acontecendo no Sol nascente* apenas situa o leitor para que o autor desenvolva o seu ponto de vista.

Já em (2), a oração de gerúndio ((...) *querendo rouba e vender droga* (...)) tem um complemento oracional, pois *querer* é um verbo modal que entra na categoria dos *PCU verbs*, proposto por Givón (2001). A configuração desse período é interessante, pois a oração de gerúndio, ao selecionar um complemento oracional com um verbo não-finito (infinitivo), se encontra num encadeamento de orações – *clause-chaining* (GIVÓN, 2001). Lehmann (1988) também elenca esse tipo de oração complexa e afirma que normalmente as orações desse tipo apresentam um alto grau de rebaixamento sintático, aproximando-se inclusive das construções compostas por verbos seriais.

Na ocorrência (3), a sequência de gerúndios adjetivos dispostos ao final do parágrafo (***Roubando, matando, estuprando***) traz verbos transitivos, de ação, que requerem prototipicamente objeto direto, nos quais um sujeito agente promove uma mudança de estado. Nesse caso, porém, esse objeto direto não ocorre. Semelhante à ocorrência (3), a ocorrência (5) também apresenta uma sequência de verbos no gerúndio que são de ação, porém os verbos *estudar* e *trabalhar* podem ser transitivos ou intransitivos. Nos dois casos, conforme supracitado, o gerúndio marca a habitualidade

dessas ações a ponto de o leitor interpretá-las como atributo do sujeito da oração principal e, com isso, a transitividade dos verbos no gerúndio diminui. Assim, nos dados analisados, a valência dos verbos é reduzida, e isso é um indício de que as orações se tornaram mais dessentencializadas e, portanto, mais integradas. O processo de dessentencialização da oração do gerúndio ocorre para produzir um efeito intersubjetivo no texto, visto que a função adjetiva do gerúndio aponta para o leitor a avaliação que o autor faz do conteúdo textual.

Em relação aos adjuntos adverbiais presentes nos dados, observamos que o escopo do adjunto é o enunciado. Esse é mais um fator que comprova a baixa hierarquia sintática do gerúndio adjetivo, o que comprova também a alta integração da oração de gerúndio nas ocorrências. Alguns dos adjuntos têm papel semântico de locativo e se referem ao Sol Nascente. Em (1), o adjunto é *no Sol Nascente* e, em (2), é *nas ruas*, se referindo às ruas do Sol Nascente. Percebemos que esses adjuntos foram usados como uma estratégia de apresentação do tema do texto, que era o comentário em torno da notícia sobre o Sol Nascente, tanto que as orações em que o adjunto se situa estão na parte inicial da carta do leitor.

Analisando os dados a partir das propriedades semânticas do gerúndio, observamos uma variedade de tipos semânticos dos verbos no gerúndio. Há verbos de ação, processo, cognição e volição, com uma ligeira tendência de haver mais verbos de ação nas orações de gerúndio, ou seja, há um deslocamento entre domínios conceituais (SWEETSER, 1988).

Em (1) e (4), o verbo das orações principais das ocorrências é *ver*, um verbo de cognição que ocorre com um complemento modificado por uma oração. O uso do gerúndio como parte do complemento da oração principal se justifica pela sua função adjetiva ter finalidade de fortalecer a argumentação empreendida no texto. Quanto às ocorrências (2) e (3), os verbos da oração principal são, respectivamente, o verbo existencial *ter* e a perífrase estativa *vai ficar*.

Ainda sobre as relações semânticas do gerúndio adjetivo, é interessante observar que, nos exemplos (2), (3) e (4), o gerúndio aciona pressuposições, que também são motivadas pela leitura aspectual da habitualidade (ver cap.4). Em (5), especificamente, percebemos que, além do pressuposto, a leitura habitual do gerúndio (*estudando, trabalhando*) também aciona uma implicatura, visto que fica implícito o estereótipo de que pessoas negras são marginalizadas e, por isso, não têm oportunidades

de estudo e trabalho. Semelhante análise da implicatura pode ser feita com o exemplo (3).

Essas relações de sentido do gerúndio mostram estreita associação com as relações metonímicas. Traugott & Dasher (2005) afirmam que as relações metonímicas se desenvolvem por meio da convencionalização das implicaturas. Nesses dados, observamos que as implicaturas provocadas pelos autores dos textos fazem com que os *frames* sejam compartilhados com o leitor, ou seja, há uma associação de conceitos acionada pelo gerúndio.

Além disso, a metonimização do gerúndio via implicatura também têm estreita relação com a (inter)subjetivação, visto que as operações cognitivas, semânticas e pragmáticas presentes no texto têm por objetivo convencer o leitor do seu ponto de vista, já que as ocorrências que analisamos são trechos de textos argumentativos, justificando o processo da (inter)subjetivação.

Heine *et alii* (1991) afirmam que a integração de orações origina-se a partir de estruturas discursivas que são convencionalizadas, e, portanto, são mais gramaticalizadas. A manipulação, no plano cognitivo, produz alterações na estrutura morfossintática da oração com o propósito de garantir a progressão textual e também viabilizar a argumentação empreendida pelo estudante.

Sendo assim, a integração semântica dos eventos, em paralelo à integração sintática, é muito forte devido ao fato de que o gerúndio com função adjetiva é um termo constituinte de um sintagma que ele modifica. Desse modo, constatamos que a integração sintática aproxima mais os eventos expressos pelas orações com o propósito de reforçar o posicionamento do autor do texto na construção do argumento no qual a oração se situa. O compartilhamento dos *frames* entre autor e leitor da oração de gerúndio adjetivo se mostra, portanto, como uma estratégia de persuasão do autor do texto, e o gerúndio adjetivo torna-se uma expressão intersubjetiva.

Um exemplo disso está presente na ocorrência (5) - *está enganado **tem pessoas negras estudando, trabalhando** para você calar o seu preconceito e joga ele fora*. Ao usar *estudando* e *trabalhando*, o estudante convida, via inferência, o seu leitor a mudar o seu posicionamento (tanto que, para o autor, o leitor está enganado em relação às pessoas negras ao acionar o conhecimento de mundo). E isso, segundo Bybee (2016, p.58), só pode se tornar um uso intersubjetivo frequente se “os usuários (...) guardassem na memória as inferências em cada situação (...). Quando certas inferências se tornam fortes em certos contextos, elas se tornam parte do significado de uma construção”. Ou

seja, o pareamento entre a ordem sintática e o seu uso intersubjetivo no contexto da argumentação é mediado pelo encapsulamento dos *frames* compartilhados entre autor e leitor.

Diante dessas considerações, constatamos que o gerúndio adjetivo, portanto, apresenta graus diferentes de integração e consequentemente de gramaticalização. Além disso, constatamos também que, à medida que o gerúndio adjetivo está mais integrado semanticamente à oração principal, mais integrado sintaticamente ele também está, o que confirma o que Hopper & Traugott (1993) afirmam em torno do processo de dependência e encaixamento de orações.

Por fim, apresentamos algumas considerações em torno do eixo discursivo. Retomando o protocolo de análise, os dados do gerúndio adjetivo apresentam, na variedade das Estruturas do Discurso Ideológico (VAN DIJK, 2006), a expressão do conflito *Nós X Eles*. É a partir desse conflito que os *frames* são ativados, tomando a forma do gerúndio adjetivo a fim de produzir o efeito argumentativo/persuasivo no texto.

A temática das ocorrências (1), (2) e (3) é a violência do bairro Sol Nascente. Então, nesse contexto, o “Nós” é a população do bairro, do qual os estudantes fazem parte, e o qual sofre diariamente os efeitos da violência, e o “eles” são os criminosos. É interessante observar que, nesses dados, os estudantes, enquanto atores, sempre estão presentes, e o uso da primeira pessoa em todos os trechos evidencia isso.

As estruturas do discurso ideológico ligadas à expressão do gerúndio adjetivo são respectivamente a isenção de responsabilidade, modalidade e exemplos/ilustrações. E isso está diretamente relacionado à ausência da marcação de pessoa do gerúndio, que, ao mesmo tempo, tem relação direta com a integração de orações e também com a expressão do discurso. No geral, os estudantes se mostram enquanto sujeitos, capazes de emitir opinião sobre o assunto solicitado, mas, ao tratar diretamente do tema, eles se afastam, fazendo uso do gerúndio. Podemos dizer que o gerúndio vai além da expressão do aspecto, tal como Travaglia (2015) afirma, pois estruturas do discurso ideológico interferem na expressão aspectual.

Em síntese, o gerúndio adjetivo se mostra integrado, tanto sintática quanto semântica e pragmaticamente. As estruturas do discurso ideológico que ele expressa contribuem também para a integração dos *frames* e constituição dos gêneros de natureza argumentativa, confirmando a afirmação de Mathiessen & Thompson (1988) de que integração de orações reflete a organização discursiva do texto. Feitas essas

considerações, passamos, na próxima seção, a discutir as tendências do gerúndio adverbial dos textos gerados no CEF 27.

### 5.1.2 Gerúndio Adverbial

Em relação aos dados, do ponto de vista quantitativo, o gerúndio adverbial é o que apresenta maior frequência de uso nos dados gerados. Do total de 107 ocorrências geradas de gerúndio não perifrástico, 52 (48,5%) são do gerúndio adverbial. Essa alta frequência do gerúndio pode ser justificada pelo fato desse ser o uso mais antigo na língua (CAMPOS, 1972) e também confirma a relação que Simões (2007) estabeleceu entre esse tipo de gerúndio e os gêneros mais formais.

Ainda sobre a frequência dos dados, o resultado específico da frequência do gerúndio adverbial por tema e gênero também é relevante, pois, das 52 ocorrências de gerúndio adverbial, 32 (ou 61,5%) estavam em redações dissertativas sobre o racismo. Desse modo, nessa seção vamos analisar as propriedades do gerúndio adverbial presentes nos dados do CEF 27 a fim de observarmos se, além da alta frequência em contextos mais formais, as propriedades também apresentam comportamento semelhante. A seguir, as ocorrências submetidas ao protocolo no capítulo 4:

- (6) *O racismo en todos os lugares ainda existe e muintas pessoas ainda passa por isso. Porem nós todos podemos enfrentar ou lutar sobre o racismo **falando** que todo nós somos inguais que não podem jugar por causa da aparência, ou por causa da cor da pele (...)]. (B.L., 1-9)*
- (7) *Isso é a realidade no Brasil e no mundo mas, podemos combater isso, **denunciando** e não **ficado** calada diante dessa situação, muitas pessoas não denunciam por medo, muitos não mostram a cara por vergonha, mas quem tem que ter vergonha é quem prática esse crime (...).(B.V.D.P., 5-9)*
- (8) *Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, **respeitando** uns aos outros, **aceitando** a pessoa pela sua raça, **aceitando** o cabelo dele (a) do jeito que é... E pra nós negros (a) como eu, o que podemos fazer é seguir em frente e dizer não ao racismo e ajudar outras pessoas que não se aceitam como são. (J.R.C.,8-15)*
- (9) *Portanto eles esquecem de se prevenir **usando** a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescencia as doenças como, sifis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)*
- (10) *Muitos moradores do sol nascente sofrem com a falta de infraestrutura e a falta de segurança pois se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo **asfaltando** o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12)*

Nos dados analisados no capítulo 4, o gerúndio adverbial, do ponto de vista morfossintático, está associado majoritariamente a uma oração no presente do indicativo, a qual indica também uma projeção para o futuro. Em razão da contiguidade metonímica, o gerúndio adverbial tem leitura de presente e futuro, conforme mostramos no capítulo anterior.

Givón (2001), ao analisar as orações adverbiais não finitas, afirmou que a integração dessas orações associa-se com fatores de coerência temporal. Para o autor, essas orações apresentam uma restrição rígida em relação à temporalidade com tendência de expressarem eventos simultâneos à oração principal, por isso têm a mesma leitura de tempo e modo.

Aplicando isso aos dados analisados, percebemos que, nas ocorrências, o gerúndio, além de expressar o presente do indicativo, tem também a projeção de futuro.

No exemplo (6), *falando* expressa simultaneidade em relação à oração principal, mas também tem a leitura de futuridade, e isso se relaciona com o fato de que o gerúndio expressa a sugestão do autor do texto em relação ao problema desenvolvido – mesmo que de modo incipiente – na argumentação. Nesse sentido, esta ambiguidade de leitura temporal do gerúndio nos dados do CEF 27 é uma estratégia de coerência textual, conforme Givón (2001) mostrou em suas análises. E é também um modo de atender às expectativas do leitor em relação ao gênero redação dissertativa escolar, que é propor uma forma de intervenção diante a temática do texto<sup>70</sup>. E, no caso específico da ocorrência, também atende ao tema da proposta de produção de texto, o enfrentamento do racismo.

Na ocorrência (7), observamos que os eventos das orações de gerúndio também têm leitura simultânea, assim como a ocorrência anterior. A leitura temporal de presente do indicativo com projeção de futuro nesse dado em análise também tem por objetivo o atendimento do gênero textual, que é apresentar ao leitor uma proposta de intervenção em torno da argumentação empreendida no texto. A diferença do uso do gerúndio adverbial em (6) e (7) está no desenvolvimento da argumentação. O aluno B.L usou o gerúndio com a leitura de presente do indicativo com projeção de futuro no início do seu texto, ou seja, apresentou a proposta de intervenção sem desenvolver com profundidade a argumentação. Já a aluna B.V apresentou a proposta de intervenção no

---

<sup>70</sup> O tema da redação foi “enfrentamento do racismo no Brasil”, cuja sequência didática está exposta no capítulo 3 desta tese.

último parágrafo do texto, quando já havia desenvolvido a argumentação, tanto que a ocorrência de gerúndio adverbial se localiza entre as linhas 5 e 9.

Sobre a expressão aspectual do gerúndio adverbial, constatamos que, em quase todas as ocorrências analisadas, as orações com as quais o gerúndio se integra expressam aspecto durativo/cursivo, e as orações de gerúndio, além dessa expressão aspectual, também expressam o indeterminado, como em (8), repetido abaixo:

*(8) Mas nós podemos mudar isso no Brasil e no mundo, **respeitando** uns aos outros, **aceitando** a pessoa pela sua raça, **aceitando** o cabelo dele (a) do jeito que é... E pra nós negros (a) como eu, o que podemos fazer é seguir em frente e dizer não ao racismo e ajudar outras pessoas que não se aceitam como são. (J.R.C.,8-15)*

Uma das propriedades que indicam a dessentencialização e a consequente integração de orações é a perda da expressão do tempo, modo e aspecto. Os dados analisados no capítulo 4 mostraram que o gerúndio adverbial, além de compartilhar com a oração principal a expressão do aspecto, acrescenta uma leitura aspectual própria, mostrando que a dessentencialização do gerúndio não foi completa.

Além disso, a leitura aspectual que o gerúndio adverbial possui nos dados analisados pode ter correlação com a expressão do conteúdo epistêmico, pois, de acordo com Neves & Braga (2016), essa é uma das funções de construções hipotéticas adverbiais. Ainda segundo as autoras, as construções pertencentes ao domínio epistêmico se associam às proposições ou fatos possíveis. Desse modo, nossos dados mostram que a expressão do aspecto indeterminado ocorre a fim de “expressar as ideologias nas proposições” (VAN DIJK, 2000, p.16), visto que esse aspecto tem por função, tal como Travaglia (2015) afirma, expressar verdades tidas como eternas, do ponto de vista do autor do texto.

Tomemos como exemplo a ocorrência (8), em que a leitura aspectual corresponde à proposta que a estudante faz para intervir no problema desenvolvido no decorrer da argumentação: o racismo no Brasil. Evidentemente, essa proposta parte das crenças e ideologias que a estudante tem diante do tema. Assim, podemos concluir que o gerúndio nessa ocorrência contribui para expressar o valor epistêmico do gerúndio adverbial.

Em síntese, ao tratarmos da expressão das categorias de tempo, modo e aspecto do gerúndio adverbial nas ocorrências, podemos afirmar que o gerúndio pode denotar eventos simultâneos à oração principal, mas, no nível da expressão, a ausência da marcação modo-temporal aciona o compartilhamento metonímico da leitura de tempo e

modo do verbo da oração principal com vistas a aproximar os conteúdos das duas orações e assim construir a argumentação empreendida no texto. Já nos dados em que o gerúndio, além de ter leitura do presente do indicativo, também tem leitura do futuro, há a estratégia de mostrar para o leitor que as ações propostas pelo estudante para modificar a realidade que ele está discutindo não devem ocorrer apenas no presente, mas devem ser contínuas. Ou seja, essa ambiguidade temporal do gerúndio torna-se uma expressão (inter)subjativa a fim de garantir a persuasão do texto.

Com relação à análise das tendências no eixo sintático, observamos que, quanto à ordem, normalmente, as orações de gerúndio adverbial dos dados analisados estão pospostas em relação à oração principal. Nesse sentido, são válidas as observações de Martelotta (1994 *apud* Cezário *et alii*, 2018) de que a posição de elementos adverbiais associa-se estreitamente com o *status* informacional e a iconicidade. Ainda segundo o autor, quanto mais o advérbio modificar o verbo, mais próximos eles ficam. Associando essas análises aos dados, as ocorrências mostram que as orações adverbiais modificam o verbo e também acrescentam informação nova ao enunciado, ou seja, assumem a função pragmática de foco. Além disso, essa informação nova está associada, como já foi mencionado, ao desenvolvimento do gênero redação argumentativa, pois a oração de gerúndio com circunstância de modo corresponde à proposta de intervenção, parte prevista nesse gênero em avaliações como o ENEM. Sobre o espectro pragmático desse gerúndio, voltaremos a falar mais no final desta seção.

Ainda sobre a posição das orações de gerúndio nos enunciados, resta-nos comentar sobre as orações de gerúndio que estão encadeadas com outras orações não finitas, como os exemplos (09) e (10) retomados a seguir:

*(09) Portanto eles esquecem de se prevenir **usando** a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sífilis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)*

*(10) Muitos moradores do sol nascente sofrem com a falta de infraestrutura e a falta de segurança pois se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo **asfaltando** o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12)*

As orações de gerúndio vêm na última posição do enunciado em que se encontram e agregam valor circunstancial, pois *usando a camisinha* é o modo de prevenção contra as DST's e gravidez, e *asfaltando o lugar* é a sugestão do estudante

para o governo ajudar a comunidade do Sol Nascente. Além da expressão do valor circunstancial, o gerúndio é fundamental para a progressão do texto. Enfim, esses dados se alinham com a análise de Martelotta (1994 *apud* CEZÁRIO *ET ALII*, 2018), pois aproximam o valor circunstancial do gerúndio à oração anterior, expressando informação nova ao texto.

Em (10), por exemplo, *asfaltando o lugar* é uma informação que ganha força argumentativa se o leitor do texto conhecer o Sol Nascente e souber que lá as ruas, além de não serem asfaltadas (que é o pressuposto revelado no trecho), também têm buracos, e as viaturas policiais são muito grandes e, por isso, têm dificuldades para chegar em determinados locais do bairro, dificultando a ação policial. Assim, o leitor compreenderá a argumentação do estudante e se convencerá dela.

O aluno, consciente de que o seu texto – uma carta do leitor – se dirigia primeiramente a mim, a professora, e que poderia também chegar ao veículo de imprensa, o jornal *Correio Braziliense*, usou o gerúndio como estratégia de persuasão, para atingir o leitor. Portanto, o gerúndio aqui é (inter)subjetivo.

O estudante autor de (09) usou o gerúndio adverbial com outros propósitos, para dar continuidade ao texto. A ideia de progressão expressa pelo aspecto sugere ao leitor que o uso do preservativo para evitar gravidez e DST's deve ser contínuo/habitual. O gerúndio nessa ocorrência, portanto, tem função (inter)subjativa e coesiva no texto.

Assim, concluímos que as orações de gerúndio adverbial ocorrem pospostas nos nossos dados por estarem a serviço da coerência e coesão textual, seja pelo valor circunstancial que expressam ou pela expressão da (inter)subjatividade. Como essas funções estão diretamente associadas a outra oração no texto, podemos dizer também que essas orações perderam parte da sua força ilocucionária, nos termos de Lehmann (1988), e apresentam um grau de integração desencadeado por questões semântico-pragmáticas e discursivas, confirmando também a pesquisa de Mathiessen & Thompson (1988).

Quanto às tendências presentes nas relações gramaticais do gerúndio adverbial, iniciamos pelas propriedades do sujeito. Assim como o gerúndio adjetivo, a correferência do sujeito da oração principal ao da oração de gerúndio também se aplica a essa categoria. E, como em quase todas as ocorrências pesquisadas a oração de gerúndio sempre está posposta, o sujeito também se encontra nessa posição.

Nos casos acima analisados, em que o gerúndio faz parte de um encadeamento de orações (ou *clause-channning*), o sujeito da oração principal é compartilhado por

todas as orações encadeadas. Em (09), por exemplo, *eles* é sujeito de *esquecem*, *prevenir* e de *usando*. Isso mostra que a oração de gerúndio apresenta um grau de vinculação, do ponto de vista sintático, com a oração principal. Mas, do ponto de vista semântico- pragmático e discursivo, parece que a vinculação é maior com as outras orações que estão encadeadas a ela. Os exemplos (9) e (10) mostram isso.

O referente dos exemplos que foram extraídos das redações argumentativas sobre o racismo, em sua maioria, é o pronome *nós*, ao passo que, nas redações sobre gravidez na adolescência, o referente do sujeito é o pronome *eles*. Associamos essa seleção desse referente ao conflito “Nós X Eles” e às estruturas do discurso ideológico.

Nas redações cujo tema era “enfrentamento ao racismo”, os estudantes usaram a primeira pessoa do plural como referente do sujeito a fim de mostrar claramente qual era a posição deles no contexto, de pessoas conscientes da realidade do racismo no Brasil e no mundo, como na ocorrência (07) repetida a seguir:

*(07) Isso é a realidade no Brasil e no mundo mas, [nós] podemos combater isso, denunciando e não ficando calada diante dessa situação, muitas pessoas não denunciam por medo, muitos não mostram a cara por vergonha, mas quem tem que ter vergonha é quem pratica esse crime (...).(B.V.D.P., 5-9)*

Nessa ocorrência, o “nós” foi utilizado pela estudante como uma estratégia intersubjetiva também, pois essa pessoa do discurso confere uma corresponsabilidade ao leitor de enfrentar o racismo também. Fica claro no texto que “nós” corresponde às pessoas conscientes ou às que já sofreram algum tipo de racismo, e “eles” são as pessoas racistas. Contudo, não fica claro se a estudante está fazendo uma autoapresentação positiva a fim de afastar do discurso racista.

Já nas redações com o tema sexualidade na adolescência, o referente do sujeito está em terceira pessoa e se mostra uma clara estratégia do estudante de não criar uma imagem negativa para o interlocutor, pois o estudante queria mostrar que, apesar de ser um adolescente, ele não tinha aquelas atitudes por ele reprovada. A generalização feita a partir da seleção do pronome de terceira pessoa para se referir aos sujeitos reflete, portanto, a ideologia e o discurso dos estudantes.

Diante desses exemplos, constatamos que a relação gramatical sujeito mostra, a partir do critério da correferência, um grau de vinculação com a oração principal, e a seleção de sujeito nominal e pronominal mostram um grau menor de gramaticalização entre essas orações. Outro resultado relevante que os dados mostraram é que o tipo de

referente do sujeito também revela as relações discursivas do texto e como o gerúndio nesse contexto apresenta a função de apresentar o conteúdo da fala dos sujeitos discursivos.

Na análise da relação gramatical objeto, constatamos a tendência de as orações de gerúndio selecionarem objeto que não apresenta correferência com os objetos das orações principais às quais estão integradas. Quase todas orações de gerúndio adverbial selecionam objeto, com exceção de (07). Entre essas ocorrências cujo verbo seleciona objeto, no exemplo (06) o gerúndio seleciona um objeto oracional em razão da natureza semântica de *falando*, um verbo *dicendi*, que seleciona um complemento oracional.

Já em (07), as orações de gerúndio não selecionam objeto, mas possuem adjunto (*diante dessa situação*) e há continuação do texto. Nesse contexto, observamos que há uma correlação entre a transitividade e a continuidade do texto. A sequência dos complementos oracionais contribui para a progressão textual, e a posição do gerúndio adverbial posposto à oração principal também afeta a continuidade do texto, tal como Givón (2001) afirma.

Lehmann (1988) afirma que um dos parâmetros para se mensurar a dessentencialização e a conseqüente integração e gramaticalização das orações é se os complementos (objetos) são dispensáveis. As orações de gerúndio adverbial, se analisadas por esse quesito, tem um grau maior de “sentencialidade” que as de gerúndio adjetivo. Comparando as ocorrências (05) e (06), por exemplo, podemos ver que (05) é composta por uma sequência de verbos transitivos no gerúndio, mas que não selecionam objeto. Já (06) apresenta um verbo transitivo (*falando*) com complemento oracional, inclusive. I

As orações de gerúndio adverbial apresentam função diferente das adjetivas, pois elas contribuem, segundo Givón (2001), com a coerência e integração das orações do texto, ao passo que as orações adjetivas têm seu escopo restrito ao sintagma e, por isso contribuem com a compreensão do texto em outro nível.

Para finalizarmos a análise das tendências do gerúndio adverbial no que diz respeito às suas propriedades sintáticas, tecemos algumas considerações sobre os adjuntos. As orações de gerúndio adverbial desempenham papel de adjunto das orações principais. Voltando às concepções de Payne (1997) em torno da noção de valência, ela pode ser sintática ou semântica. A primeira relaciona-se ao número de argumentos que um verbo seleciona, acionando as relações gramaticais. Já a valência semântica se associa aos participantes que um verbo seleciona no contexto semântico em que se

encontra. O gerúndio adverbial, nesse contexto, seria um “oblíquo” que, na estrutura argumental, não seria sintaticamente obrigatório. Contudo, do ponto de vista da valência semântica, o gerúndio adverbial é parte fundamental para a estruturação da sentença. Assim, em (09) e (10), *usando a camisinha* e *asfaltando o lugar* a circunstância de modo expressa pelo gerúndio tem valor parentético no qual os autores especificam o modo de ação que desencadeará a solução para o tema que está sendo desenvolvido no texto.

Desse modo, observamos que o gerúndio adverbial “funciona num plano (...) da língua que oscila entre o campo do léxico e a área da gramática (...) assume funções voltadas para a organização interna do texto ou para a sua orientação argumentativa” (CEZÁRIO *et. al.*, 2018, p.242). Essa afirmação aplica-se bem aos usos que analisamos neste estudo, pois o gerúndio adverbial, conforme supracitado, tem como função estabelecer a coerência discursiva do texto.

Ainda sobre o valor gramatical de adjunto, observamos que, nos exemplos (07) e (08), as orações de gerúndio selecionam outro adjunto com valor circunstancial diferente da circunstância do gerúndio adverbial. Nesses três exemplos, há uma sequência de orações de gerúndio adverbial e, na última posição, vem o adjunto, ligado ao último gerúndio adverbial.

Passando para a análise dos eixos semântico e pragmático, observamos que, em todas as ocorrências submetidas ao protocolo de análise, a circunstância expressa pelo gerúndio adverbial é a de modo. Em algumas ocorrências, observamos que há a ambiguidade entre a circunstância de modo e a de condição, como nos exemplos (06) e (07), em que *falando que todo nós somos inguais* e *denunciando e não ficando calada diante dessa situação* pode ser considerado tanto o modo para combater o racismo ou a condição para combatê-lo.

Retomando as afirmações de Traugott (2012), observamos que, na ocorrência em análise, a estudante atribui sentido ao gerúndio adverbial a partir do contexto e também da expectativa do seu leitor, provocada pelo pressuposto, criando sentido a partir do mecanismo da inferência sugerida. Traugott (2012) ainda afirma que a inferência sugerida pode ser restrita ao uso ou generalizada. Aplicando essa reflexão à interpretação ao tratamento circunstancial do gerúndio, podemos afirmar que a interferência sugerida da circunstância de modo em detrimento da de condição pode ser uma operação pontual ou convencionalizada na língua portuguesa.

Ao fazermos o tratamento quantitativo dos dados gerúndio adverbial, constatamos que esse tipo de gerúndio é o mais frequente, o que poderia ser um indício de que a interpretação da circunstância de modo, via inferência sugerida, é generalizada nos dados.

Para averiguarmos essa hipótese, fizemos o levantamento das circunstâncias expressas pelo gerúndio adverbial. Os resultados mostraram que a circunstância de modo é mais recorrente em todos os gêneros e temas dos textos gerados, com destaque para as redações dissertativas sobre o racismo. Enquanto que, das 12 ocorrências das cartas do leitor, 7 (58%) expressam modo e das 8 redações sobre sexualidade na adolescência, 6 (75%) expressam também modo, 28 das 32 ocorrências das redações dissertativas sobre o racismo expressam modo, equivalente à 87,5% do total dos dados.

Reis (2010), ao estudar as orações de gerúndio na língua portuguesa, constatou que as propriedades das orações de gerúndio adverbial favorecem determinada interpretação semântica. A autora também identificou uma alta frequência em seu *corpus* de análise de orações de gerúndio adverbial de modo em gêneros textuais argumentativos. Esses resultados de Reis (2010) endossam os nossos resultados e auxiliam a sustentarmos que a expressão da circunstância de modo do gerúndio adverbial em textos argumentativos é uma inferência sugerida já convencionalizada na língua, frente à expressão da circunstância de condição.

E, no caso das ocorrências analisadas em nosso estudo, além da interferência do gênero textual argumentativo na sobreposição da circunstância de modo à de condição, há também a interferência da escolarização dos autores do texto. Simões (2007) constatou que o gerúndio adverbial é mais recorrente em textos escritos e em contextos mais formais. Associando essas observações do autor aos nossos dados, o gerúndio adverbial com a circunstância de modo é recorrente nos últimos parágrafos do texto, e isso pode ter relação direta com as orientações que estudantes receberam durante as sequências didáticas em torno desse gênero textual, visto que, na etapa de apresentação do gênero redação dissertativa, expliquei a estrutura do gênero no formato exigido pelo ENEM e um dos itens de avaliação das redações, a apresentação de uma proposta de intervenção. E, como os estudantes estavam pela segunda vez produzindo uma redação dissertativa durante a sequência didática da redação sobre o racismo, provavelmente, eles fizeram uso do gerúndio adverbial com maior frequência, apropriando-se da estrutura do gênero textual.

Nesse sentido, nossos dados confirmam que “diferentes combinações de propriedades das duas orações podem contribuir para que um determinado valor semântico se torne mais evidente, ou seja, se sobreponha aos demais” (REIS, 2010, p.169). Contudo, o que observamos em nossa pesquisa, e que Reis (2010) não analisou, são as propriedades contextuais como a interferência da escolarização e a posição em que o gerúndio ocorre no texto como um todo.

Analisando a semântica dos verbos no gerúndio, constatamos que são verbos de ação. Em algumas dessas ocorrências, esses verbos estão metaforizados, como em (06) e (07), no qual verbos *dicendi* são conceptualizados como verbos de ação. Os verbos das orações principais dessas ocorrências (*enfrentar* e *combater*) são verbos de ação também, o que indica que a contiguidade metonímica ocorre também no âmbito das propriedades semânticas.

De acordo com Traugott & Dasher (2005), a metáfora e a metonímia podem atuar juntas no processo de mudança semântica. Nas ocorrências analisadas, observamos que esses dois processos atuam conjuntamente na constituição dos sentidos (inter)subjetivos do gerúndio adverbial. Constatamos também que o gerúndio herda contigualmente a semântica dos verbos principais.

As ocorrências analisadas no capítulo 4 mostraram que a metaforização e metonimização dos sentidos do gerúndio favorecem o seu uso intersubjetivo, visto que o compartilhamento metonímico da semântica dos verbos faz com que o estado de coisas expresso pelas orações se aproxime iconicamente e assim haja transferência entre domínios. Esses dois mecanismos só são viabilizados devido ao contexto comunicativo, proporcionado pela argumentação característica dos gêneros textuais em análise. A subjetividade do gerúndio, ou seja, os sentidos acionados pelo leitor devido ao propósito do autor do texto, opera a partir desses mecanismos cognitivos que afetam as propriedades semânticas do gerúndio.

Além disso, o compartilhamento metonímico das propriedades semânticas dos verbos das orações mostra também um grau de entrelaçamento e integração entre elas. Givón (2001) associa a integração entre os eventos expressos e a estrutura sintática. De acordo com o autor, “quanto maior for a sincronicidade ou a conectividade pragmática entre dois eventos / estados, maior será a dependência sintática entre os dois eventos que os codificam” (GIVÓN, 2001, p.328).<sup>71</sup> Se a operação de contiguidade de conceitos

---

<sup>71</sup> The stronger is the semantic or pragmatic connectivity between two events / states, the stronger will be the syntactic dependencies between the two clauses that code them.

é resultado do conhecimento enciclopédico que os falantes encapsulam no mesmo *frame* (TAYLOR, 1989), constatamos que quanto mais integradas estão as orações mais contiguidade de conceitos dos eventos existe.

Finalizamos nossas considerações sobre as tendências gerais do gerúndio adverbial, tecendo considerações sobre as funções de tópico e foco. As nossas análises mostraram que, em grande parte dos dados, o foco da oração de gerúndio adverbial, além de ser a informação nova da oração, também corresponde ao conteúdo novo do texto, ou seja, a informação que promoverá a progressão da argumentação. Tomando como exemplo a ocorrência (08), observamos que a sequência de orações de gerúndio adverbial, cujos verbos selecionam objeto, traz a informação nova, o foco, e orienta o leitor para a solução do tema desenvolvido, o enfrentamento ao racismo. A ordem posposta da oração de gerúndio e o valor circunstancial de modo do gerúndio contribuem para que o foco dessas orações tenha essa função, confirmando o que Givón (2001) afirma sobre as orações adverbiais não finitas promoverem a coerência discursiva dos textos.

E, diante disso, associamos a ausência do conectivo entre as orações como uma estratégia da língua de aproximar a informação nova da que já era compartilhada no texto a fim de construir o argumento dado. Retomando as considerações de Mathiessen & Thompson (1988), afirmamos que a ausência de conectivo, além de ser um parâmetro de integração de orações (LEHMANN, 1988), mostra também as relações retóricas do texto argumentativo, uma vez que a proximidade de orações também alcança o nível textual, conferindo coerência discursiva e progressão dos textos.

Estabelecidas essas análises, apresentamos, a seguir, a síntese dos resultados em torno do gerúndio conectivo.

### **5.1.1 Gerúndio conectivo**

De acordo com Lehmann (1988), um dos parâmetros para se evidenciar o grau de integração entre as orações é o quanto a ligação entre elas está explícita. O autor retoma a discussão de que nem sempre a ausência ou presença de um conectivo representa, respectivamente, a parataxe ou subordinação. Nesse sentido, ele estabelece um *continuum* de integração, partindo da sínese explícita até a assínese, ponto no qual se enquadram as orações paratáticas com baixo grau de integração.

A análise das ocorrências de gerúndio conectivo apresentada no capítulo 4 desta tese mostrou que esse gerúndio, tal como o nome evidencia, tem função de um

conectivo e apresenta propriedades formais e funcionais bastante diferentes das do gerúndio adjetivo e adverbial. Nesta seção, apresentamos algumas generalizações sobre as análises que realizamos nas seguintes ocorrências:

- (11) *Os jovens não pensam no que a sexualidade pode causar, **sendo assim**, eles perdem o momento mais esperado que é a adolescência.*(P.G.T.S., 18-22)
- (12) *Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, **sendo que** o menino, ou seja, o pai também tem culpa.* (L.P.M 6-10)
- (13) *Para melhorar precisa reforça o policiamento no local **sendo assim** os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança.* (D.P.S., 13-16)
- (14) *Muitos adolescentes engravidam **sendo que** não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou ate abandona tem tantas forma de evitar uma gravidez usando preservativo para não passar esse transtorno, preservativo é tudo!*(K.N., 14-20)
- (15) *Também queria falar um pouco ao lado ruim desse jornal correio brasiliense, porque eles deviam fazer também diferentes dos outros jornais, não devia mostrar só coisas ruins, nos publico que assistimos os jornais já estamos cansados de ligar a TV e ver só coisas ruins, também temos o direito de ver coisas boas do nosso Brasil, ou sera qui não tem coisas boas no nosso país, **pensando bem** o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas, poucas mais tem já e um bom começo para um Brasil melhor.* (L.P.S. 10-17)

Ao fazermos a análise quantitativa, constatamos que o gerúndio conectivo possui 11 ocorrências entre todos os textos gerados e, se for comparada aos resultados do gerúndio adjetivo (42) e do gerúndio adverbial (52), ela é bem mais baixa, correspondendo à 10,2% do total de ocorrências do gerúndio não perifrástico.

Bybee (2003) afirma que a frequência é um fator muito importante para se analisar a gramaticalização e a mudança linguística de um item, mas ela deve estar correlacionada a outros fatores que desencadeiam a gramaticalização como enfraquecimento semântico, mudanças fonológicas e morfossintáticas, e autonomia. Ou seja, a alta frequência de uma construção, acompanhada desses fatores, é um indício de gramaticalização, em que a construção linguística torna-se automatizada no contexto. A baixa frequência de uma construção, por sua vez, é dependente do contexto para ser ativada. E isso é observado em nossos dados, uma vez que o gerúndio com valor conectivo é sempre acompanhado de algum outro elemento como *que* ou *assim*.

Huback (2013) afirma que é preciso estudar mais os efeitos da frequência no processo de gramaticalização e mudança linguística, pois, de acordo com essa autora,

existem fatores contextuais como a (in)formalidade dos dados analisados, a familiaridade dos falantes com o uso das construções linguísticas que podem interferir na frequência também.

Desse modo, levando essas considerações para o nosso contexto de análise de dados, retomamos as reflexões do capítulo 2 desta tese sobre a “proibição” dos usos do gerúndio, em que a tradição gramatical (cf. BECHARA, 2015) afirmam que expressões como *sendo assim* são “cacoetes sintáticos” e que, por isso, devem ser evitados. É possível considerar isso como um dos fatores que geram a baixa frequência do gerúndio conectivo nos dados.

Ademais, ao aplicarmos o protocolo de análise aos dados do CEF no capítulo 4 desta tese, constatamos que, do ponto de vista morfossintático, o gerúndio com valor conectivo perde a expressão de tempo, modo e aspecto como podemos observar em:

*(16) Tanto a garota, quanto o garoto têm medo de falar que ainda é virgem, sendo que é uma coisa rara, mais eles tem medo do que os colegas iram pensar.(S.H.B.S. 7-10)<sup>72</sup>*

Os verbos finitos no exemplo (16) (*têm, é*) estão no presente do indicativo. Quanto ao aspecto, esses verbos expressam o indeterminado, correspondendo às concepções que o estudante tem em torno da virgindade. O *sendo que* tem valor semântico para mostrar ao leitor que os conteúdos das orações por ele ligadas são opostos, porém não se excluem, pois ser virgem na adolescência, na visão do aluno, é algo raro, mas não impossível, ou seja, o gerúndio perdeu seu valor verbal e faz parte de uma construção conectiva concessiva.

Nessa ocorrência, portanto, a expressão do tempo, modo e aspecto é compartilhada metonimicamente entre as orações que são ligadas pelo gerúndio a fim de aproximar os *frames* expressos pelas orações e assim construir o argumento do enunciado de que a motivação pela qual o adolescente tem medo de assumir que é virgem é o preconceito, um pressuposto presente em *tem medo do que os colegas iram pensar*. *Sendo* já não herda a expressão de tempo, modo e aspecto de outras orações, como ocorre com os demais tipos de gerúndio analisados nesta tese. Nesse caso,

---

<sup>72</sup> A ocorrência (16) não foi submetida ao protocolo de análise, mas optamos por apresentá-la nesta seção do capítulo com objetivo de contraste com os dados submetidos à análise.

também não expressa aspecto necessariamente, o que confirma que esse uso do gerúndio está gramaticalizado.

Nas cinco ocorrências que analisamos no capítulo anterior, observamos que, em 4 delas, ocorre, na oração que vem após o gerúndio conectivo, uma nova leitura aspectual, diferente da existente na oração anterior como no exemplo (12) abaixo repetido:

*(12) Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe, sendo que o menino, ou seja, o pai também tem culpa. (L.P.M 6-10)*

Em (12), *muitas das vezes deixam a culpa toda pra cima da mãe* tem a possibilidade de leitura aspectual iterativa e indeterminada, visto que, ao mesmo tempo, revela um *topoi*, uma verdade absoluta para o autor do texto de que os adolescentes homens, ao engravidar uma adolescente, deixam toda a “culpa”, a responsabilidade de criar a criança para ela. A expressão *muitas das vezes* pressupõe a iteração, ou seja, a duração descontínua e repetitiva de um evento. Já em *o pai também tem culpa*, a leitura iterativa não é acionada, e isso se associa ao posicionamento estabelecido pelo autor na argumentação de que todo homem tem responsabilidade na criação dos filhos e não é uma escolha.

Diante desse comportamento observado nos dados, fizemos um levantamento quantitativo da expressão aspectual das orações de todas as ocorrências dos textos gerados, e chegamos aos seguintes resultados:

Quadro12- Expressão aspectual das orações ligadas pelo gerúndio conectivo

	CEF 27	
	Antes do gerúndio conectivo	Depois do gerúndio conectivo
Durativo	1	1
Habitual	1	1
Iterativo	2	-
Indeterminado	4	6
Resultativo	-	2
Pontual	1	-

O quadro acima nos mostrou que, nas orações introduzidas pelo gerúndio conectivo, o aspecto predominante é o indeterminado. Isso tem relação com a natureza

argumentativa dos textos que os estudantes produziram, uma vez que uma das estratégias de argumentação é o desenvolvimento dos argumentos de consenso, ou seja, conhecimentos comuns ao autor e leitor. Conforme já foi exposto, o aspecto indeterminado concorre para a expressão de verdades consensuais. No exemplo (12), as orações que compõem o enunciado expressam o aspecto indeterminado e representam argumentos com verdades consensuais. O consenso constituído pelo autor se pauta a partir de uma vivência que reflete práticas socioculturais ainda presentes em nossa sociedade.

Em relação às propriedades sintáticas do gerúndio conectivo, trataremos aqui apenas da ordem e do escopo do gerúndio, visto que essa categoria de gerúndio, dada sua alta gramaticalização, não seleciona argumentos, tal como um verbo. Em relação à ordem, observamos dois padrões de uso: o gerúndio intercalado entre orações (exemplo 13) e anteposto, introduzindo um parágrafo (exemplo 17):

(13) *Para melhorar precisa reforça o policiamento no local sendo assim os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança.* (D.P.S., 13-16)

(17) *Sendo assim, chego a conclusão de que para os jovens começarem a sua vida sexual eles devem estar cientes das responsabilidades, dos riscos é de que isso não é um jogo*(P.G.T.S. 18-22).<sup>73</sup>

Na ocorrência (13), *sendo assim* funciona como conector de orações, e se enquadra na descrição de Lehmann (1988) de que orações de gerúndio podem integrar duas orações paratáticas. Em (17) a expressão está no início do enunciado e liga as orações subsequentes a ele ao conteúdo do parágrafo anterior com fim de conclusão, pois esse trecho corresponde ao último parágrafo do texto. Em (17), o gerúndio é um conectivo, porém o seu escopo está ampliado, pois está ligando parágrafos diferentes. Os dados nos mostraram, portanto, que o gerúndio conectivo apresenta duas possibilidades de escopo, assumindo a função dos conectores de ligar partes do texto, garantindo a progressão e a coesão textual.

Ainda sobre o escopo do gerúndio conectivo, os dados mostraram uma interessante relação entre essa propriedade e o valor semântico das construções de gerúndio conectivo. Das 11 ocorrências encontradas no *corpus*, encontramos 5

<sup>73</sup> A ocorrência (17) não foi submetida ao protocolo de análise, mas optamos por apresenta-la nesta seção do capítulo com objetivo de contraste com os dados submetidos à análise.

ocorrências de *sendo assim* com valor de consequência/conclusão, equivalentes a 45,4% do total desse tipo de gerúndio. O escopo do gerúndio nessas ocorrências são as orações que ele associa.

No exemplo (11), *sendo assim* introduz uma ilustração que levará o leitor, ao mesmo tempo, às consequências da irresponsabilidade dos adolescentes e também à conclusão a que o autor do texto chegou e a que ele, o leitor, deve chegar. Em (13), a expressão *sendo assim* representa a consequência/conclusão da sugestão do autor do texto para acabar com a violência no Sol Nascente. Já na ocorrência (17), o estudante desenvolveu nos parágrafos anteriores a sua argumentação e *sendo assim* sinaliza para o leitor que o conteúdo vindo adiante representa a conclusão do estudante de quais são as ações dos adolescentes para evitar uma gravidez indesejada. Há nessa ocorrência uma leitura preferencial de conclusão, diferente das outras duas ocorrências e que parece ser, em alguma medida, influenciada pelo escopo do gerúndio conetivo.

Diante desse quadro, observamos que as nuances de sentido expressas por *sendo assim* configuram-se como estratégias (inter)subjetivas, que dependem do propósito empreendido pelos falantes, que reflete no seu escopo sintático. Além dessa ambiguidade que possivelmente é promovida pela interação do escopo sintático e a relação semântica do gerúndio conetivo, observamos que *sendo assim* também tem uma leitura ambígua, pois ele poderia ser interpretado como um elemento anafórico, que retoma o conteúdo anterior a fim de estabelecer uma conclusão/consequência com vistas a fortalecer o ponto de vista.

Martelotta (2008), ao estudar construções com pronomes espaciais dêiticos, constatou que estes podem se gramaticalizar, tornando-se conectivos a partir da trajetória dêitico > fórico > conetivo. *Sendo assim* parece seguir essa trajetória, visto que ainda é possível a seguinte leitura: se os fatos são desse modo como foi relatado, isso licencia as seguintes conclusões/consequências expostas na oração ou no parágrafo seguinte.

Nesse sentido, retomamos as considerações de Heine *et alii* (1991, p. 71-72) sobre o processo de reinterpretação de sentidos e, ao aplicarmos as reflexões dos autores ao processo de reinterpretação de sentidos de *sendo assim*, percebemos que ocorre os seguintes estágios:

- I- *Sendo assim* tem o sentido anafórico e ganha sentido de elemento conclusivo em textos argumentativos;
- II- O sentido conclusivo torna-se mais relevante que o anafórico nesse contexto;

### III- O sentido conclusivo tornou-se convencionalizado.

Além disso, retomamos as observações de Traugott & König (1991), que afirmam que uma das tendências de mudança semântica é ser motivada pela alteração do sentido de uma construção do domínio físico, perceptivo ou mental para o domínio textual. O que observamos nas ocorrências com *sendo assim* é que há uma transferência do domínio físico para o domínio textual, pois *sendo assim* passa de valor anafórico a estabelecer uma relação semântica que concorre para a persuasão. Ou seja, *sendo assim*, nos nossos dados, torna-se mais gramaticalizado devido ao processo de (inter)subjetivação, pois o seu uso como conectivo concorre para a expressão do ponto de vista do autor com vistas a convencer o leitor.

O outro tipo de construção com gerúndio conectivo, que foi o segundo mais recorrente nos dados, é o *sendo que*, com 3 ocorrências, representada nos exemplos (12), (14) e (16). Nas três ocorrências, *sendo que* tem valor concessivo. No capítulo 4, apontamos que o valor concessivo de *sendo que* tem sentido intersubjetivo, pois a relação de concessão expressa por esse gerúndio conectivo é um mecanismo em que os autores dos textos orientam os leitores para o efeito pretendido, que, no caso de um texto pertencente ao gênero argumentativo, é a persuasão.

Quanto às propriedades formais de *sendo que*, observamos que ele perdeu a capacidade de selecionar argumentos, não apresenta nenhum traço semântico da forma original, o que caracteriza uma decategorização, nos termos de Hopper (1991)<sup>74</sup>, na qual o gerúndio perdeu todas as propriedades formais da categoria dos verbos que ele poderia ter em outros contextos.

Desse modo, é possível dizer que *sendo que*, apesar de se tornar um conectivo, apresenta um grau de gramaticalização diferente de *sendo assim*, visto que ele não apresenta leitura fórica e, por isso, não se enquadra na trajetória dêitico > fórico > conectivo, proposta por Martelotta (2008) para a gramaticalização dos conectivos.

Martelotta (2011, p.93) afirmou que a gramaticalização pode desencadear o surgimento de itens/construções mais fixos e regulares, com maiores restrições gramaticais, tal como os conectivos ou então itens/construções com menor restrição e que indicam “a atitude ou a perspectiva do falante em relação ao conteúdo transmitido ou sua preocupação com a recepção desse conteúdo pelo ouvinte”. Esse tipo de

---

<sup>74</sup> Hopper (1991) formulou cinco princípios que descrevem, do ponto de vista formal, o processo de gramaticalização. São eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Para a análise da gramaticalização do gerúndio conectivo, apenas o último princípio se mostrou produtivo.

gramaticalização, segundo o autor, é representado pelos “modalizadores, marcadores discursivos, retomadores de assunto, marcadores de contraexpectativa” entre outros. Essas afirmações de Martelotta (2011) nos levam a refletir que *sendo que* é um item gramaticalizado que se encontra entre os dois resultados da gramaticalização propostos pelo autor.

Diante disso, percebemos que *sendo que* tem o escopo mais restrito à ligação de orações, diferente de *sendo assim*, por exemplo, que tem a possibilidade de associar porções maiores de texto como um parágrafo conclusivo ao demais parágrafos. Por outro lado, *sendo que*, por expressar relação de concessão, marca a contraexpectativa na organização argumentativa do texto a fim de promover a persuasão no texto.

Em síntese, *sendo que* e *sendo assim* são tipos de gerúndio conectivo que sinalizam diferentes estágios de gramaticalização, e que a literatura sobre o gerúndio ainda não aprofundou o debate sobre as diferentes trajetórias dessas construções. Simões (2007) e Torres (2014), por exemplo, ao descreverem o gerúndio conectivo não estabeleceram nenhum tipo de comparação entre esses dois tipos de gerúndio. Outro estudo sobre o gerúndio a que tivemos acesso, o de Braga & Coriolano (2007), sequer menciona essas construções (*sendo assim* e *sendo que*) como conectivas<sup>75</sup>. Essa é, portanto, uma perspectiva de análise que pode ser melhor aprofundada.

Além de *sendo assim* e *sendo que*, os dados apresentaram outros tipos de gerúndio conectivo, presentes nas ocorrências (15), abaixo repetida, (18) e (19)<sup>76</sup>:

(15) *Também queria falar um pouco ao lado ruim desse jornal correio brasiliense, porque eles deviam fazer também diferentes dos outros jornais, não devia mostrar só coisas ruins, nos publico que assistimos os jornais já estamos cansados de ligar a TV e ver só coisas ruins, também temos o direito de ver coisas boas do nosso Brasil, ou sera qui não tem coisas boas no nosso país, **pensando bem** o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas, poucas mais tem já e um bom começo para um Brasil melhor. (L.P.S. 10-17)*

(18) *Sobre o tema estudado em sala, sobre a sexualidade e a gravidez precoce na adolescência, admitimos que não é tão icoerente engravidar nessa fachetaria pois*

<sup>75</sup> Para as autoras, o gerúndio pode ter função conectiva, porém elas exemplificam esse tipo de gerúndio em enunciados como: “Henrique Brandão acrescenta que o valor pago pelo seguro também varia dependendo do bairro carioca ou do município onde o segurado mora ( Extra – “Apólices variam por bairros” – 4 maio 2003)/ É preciso que todos cheguem a um mesmo patamar para o Fluminense alcançar objetivos a médio prazo. Isso não quer dizer que não se tenha de trabalhar visando a Taça Rio. ( Jornal do Brasil – “Flu em regime de concentração” – 9 mar. 2004)” (BRAGA & CORIOLANO, 2007, p.178-179), e as expressões *sendo assim* e *sendo que* não aparecem no estudo delas.

<sup>76</sup> Assim como as ocorrências (16) e (17), esses dados foram gerados nos textos produzidos pelos estudantes, mas não foram submetidos ao protocolo de análise.

*prejudica a garota, querendo ou não, se analisar as dificuldades que irão ocorrer durante esse processo, tirando que a gravidez iria atrapalhar nos estudos e também concertiza a juventude (...)* (M.E.N.O. 1-8)

*(19) Na rua o preconceito acontece toda hora agente ver isso no jornal, jovem toca fogo em mendico, um grupo de adolescente pade [bate] em gay, homem negro morre apalata [a paulada] na cabeça. E tirando isso, na minha opinião cada um tem que fazer sua parte, como ajudando o próximo não podando [botando] apelido fazendo isso agente vai melhora muito.* (W.O.F. 1-5)

Esses tipos de ocorrência com gerúndio conectivo ocorreram apenas uma única vez no *corpus* do CEF 27 e visivelmente todas elas apresentam algum tipo de ambiguidade. Em (15), *pensando bem* pode assumir uma interpretação circunstancial de condição, parafraseada por *se pensarmos bem*. Porém, ao mesmo tempo, a construção pode também ter um valor de concessão, pois o trecho anterior à expressão apresenta a avaliação da autora do texto sobre o modo ruim usado pela mídia para retratar o Brasil, e ela discorda disso. E, para provar para o leitor o seu ponto de vista, ela o convida para refletir que o nosso país também tem coisas boas e que elas são o começo para o Brasil ser melhor. Desse modo, *pensando bem* é reinterpretado como um conectivo de concessão com o propósito de estabelecer o seu ponto de vista, ou seja, *pensando bem* ganha uma função conectiva devido ao contexto argumentativo em que se encontra e a partir da inferência sugerida estabelecida pela autora do texto. A mudança linguística presente em *pensando bem* está ocorrendo, portanto, devido à sua função (inter)subjativa.

Já as ocorrências (18) e (19) apresentam comportamento limítrofe como conectivo. Em (18), *tirando que* têm valor aditivo, pois a aluna está enumerando as consequências de se engravidar adolescente, para provar que isso prejudica a garota. *Tirando que* é altamente metaforizado, pois expressa um conceito discursivo, que é enumerar razões que licenciam o ponto de vista da autora do texto a partir do *frame* “a gravidez na adolescência prejudica a garota”. A partir disso, observamos que *tirando que* é mapeado metaforicamente a partir do esquema de imagem RECIPIENTE proposto por Lakoff (1987). Esse consiste em colocar um recipiente, com seu interior e exterior, no domínio do espaço tridimensional. O esquema de imagem é aplicado metaforicamente para um amplo número de domínios não espaciais. Ou seja, é como se esse *frame* fosse um recipiente do qual outros *frames* são retirados, por exemplo, engravidar na adolescência prejudica os estudos, prejudica a juventude, por isso

prejudica a garota. E esses *frames* estão inter-relacionados por uma contiguidade, em que todos eles estão associados a mesma entidade conceitual: a adolescente grávida. Sendo assim, constatamos que *tirando que* é uma metáfora viabilizada pela contiguidade dos *frames*, ou seja, pelos processos metonímicos.

Desse modo, as possibilidades de interpretação desse exemplo de gerúndio podem ter um valor adverbial e conectivo. Martelotta (2008) afirma que advérbios e conectivos, devido ao *continuum* entre léxico e gramática defendido pela Linguística Cognitivo-Funcional e por nós, muitas vezes se confundem, e a ambiguidade da construção com gerúndio conectivo *sendo assim*, na ocorrência, mostra o provável *cline* de gramaticalização do gerúndio.

Na ocorrência (19), com *tirando isso* notamos também a metaforização de *tirar*, que deixa de expressar um conceito do mundo físico para expressar um conceito do mundo do discurso, pois *tirando isso* refere-se a um deslocamento no qual o autor exclui os casos de racismo/homofobia extremos para apresentar soluções de como o cidadão comum deve enfrentar esses problemas. E esse domínio discursivo é mapeado a partir do domínio espacial. A metáfora, por sua vez, agrega o valor adverbial à expressão, pois confere a ela um valor locativo, e isso pode ser constatado no fato de que *tirando* pode ser parafraseada por *fora que*.

Do mesmo modo que em (18), a metáfora do recipiente também é acionada dando-lhe o valor adverbial. Porém, é preciso ressaltar que a leitura fórica de *isso* ainda está presente na construção, pois o *isso* retoma todo o conteúdo antes exposto para assim a argumentação ser desenvolvida. Nesse caso, *tirando isso* tem comportamento próximo a de um gerúndio retopicalizador, que será discutido na próxima seção.

Esses resultados, associados às reflexões de Martelotta (2008, p. 49), confirmam “uma transferência para a estrutura do texto de dados provenientes do mundo das experiências sensorio-motoras, dos processos cinéticos envolvendo os objetos concretos, assim como as noções espaciais e temporais relacionadas a esses processos”. E, para além disso, essas transferências estão associadas aos processos inferenciais que são motivados pragmaticamente, visto que o gerúndio conectivo está explicitamente envolvido com os processos de argumentação e persuasão.

As análises realizadas mostraram que as construções com gerúndio conectivo apresentam uma diversidade de valores semânticos e se mostram como uma categoria ambígua. A expressão do gerúndio traz para a cena enunciativa o presente,

aproximando, via iconicidade, os conteúdos das orações que a construção conectiva integra, tanto no plano linguístico quanto no plano do conteúdo.

Nesse ponto, retomamos as reflexões de Lehmann (1988) estabelecidas no início desta seção, em torno da conectividade e da integração das orações. Esse tipo de gerúndio não se configura como uma oração, pois já se encontra num estágio de gramaticalização que o configura como um conectivo. Na seção seguinte, apresentamos a síntese dos resultados das comparações dos usos do gerúndio retopicalizador.

#### 5.1.4 Gerúndio retopicalizador

No *corpus* gerado pelos textos do CEF 27 identificamos um tipo de gerúndio que categorizamos como gerúndio retopicalizador, pois percebemos que ele tem por função retomar algum tópico que o autor do texto desejava acessar outra vez, com o objetivo de estabelecer o seu ponto de vista a partir dele:

(20) *Esse Racismo o nosso país tinha que melhorar, e Bom o racismo não e soa ki no Brasil. Exemplo, o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, **voltano** para o Brasil tambem aconteceu com o goleiro Jerfeson do Botafogo eu acho que as pessoas tinha ter peso na consciencia e ter vergonha. (...)(T.M.B.C.M.,1-8).*

(21) *É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade e **falando no cheque de 2 milhões de reais** e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem. (J.V., 12-19).*

As ocorrências (20) e (21) são as únicas que ocorreram nos dados com esse tipo de gerúndio no *corpus* do CEF 27, de um total de 107 dados de gerúndio não perifrástico, correspondendo a 1,8% desse total. A pesquisa de Simões (2007) analisa esse tipo de gerúndio. O autor constatou também uma baixa frequência desse uso em seus dados (11 no total), o que é relevante, pois essa pesquisa teve um recorte diacrônico na qual os *corpora* analisados são dos séculos XVIII, XIX e XX, e os usos do gerúndio retopicalizador<sup>77</sup> são do século XX, oriundos de cartas familiares e de inquéritos de língua falada.

<sup>77</sup> Simões (2007) denomina o gerúndio retopicalizador como gerúndio em parênteses da estrutura tópica.

Simões (2007) associa a baixa frequência dos seus dados a um fator contextual, que é a informalidade dos gêneros em que esses usos se encontram, sugerindo que o gerúndio retopicalizador é um uso mais recorrente na língua falada. E assim como esse autor, atribuímos a baixa frequência de um *type* linguístico a fatores contextuais.

Observamos que, nas ocorrências encontradas nos nossos dados, o comportamento do gerúndio retopicalizador se aproxima, em certa medida, dos dados de Simões (2007), visto que, apesar de nossos textos serem escritos, eles foram produzidos por estudantes que ainda estavam em uma etapa do processo de letramento escolar cuja escrita ainda se aproxima muito da fala. Além disso, a ocorrência (21) provém de uma carta do leitor, gênero textual da mesma família de uns dos gêneros que Simões (2007) analisou.

No entanto, apesar dessas semelhanças, não podemos desconsiderar o fato de que, em nossas sequências didáticas, os estudantes aprenderam que os gêneros textuais que eles deveriam produzir eram típicos de contextos formais de produção textual, que no caso é o meio escolar. Desse modo, nesta seção vamos analisar como as propriedades do gerúndio retopicalizador interagem com essa variável que é diferente dos resultados de Simões (2007), assim como o comportamento desses usos estão relacionados aos processos de integração e gramaticalização.

O primeiro eixo analítico são as propriedades morfossintáticas, que são a expressão do tempo, modo e aspecto. Na ocorrência (20), no enunciado anterior ao gerúndio retopicalizador, o verbo *chamar* está no pretérito perfeito do indicativo, e o aspecto é pontual, mas o gerúndio (*Bom, voltano para o Brasil...*) não tem essa leitura de tempo, modo e aspecto, mas sim de presente textual, com leitura imperativa e aspecto progressivo, ou seja, não há contiguidade entre as orações próximas. A sequência *o nosso Jogador, Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA* é uma ilustração que sustenta o argumento do aluno (*o racismo não e soa ki no Brasil*) e, por isso, a seleção do pretérito perfeito do indicativo.

Já em (21), todo o enunciado anterior à ocorrência de gerúndio – *falando no cheque de 2 milhões de reais* – se encontra no presente do indicativo, e *falando* também pode ter essa leitura. Porém, percebemos que – em *É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheiro com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy trabalhando com muita honestidade* – o estudante faz uso de uma sequência narrativa na qual fatos passados são expressos como se fossem presentes, pois estes ainda reverberam na realidade do autor e leitor. E, sabendo disso, o

estudante usa o presente histórico como uma estratégia para sustentar a sua argumentação.

Sendo assim, a contiguidade do modo e do tempo presente em (21) reflete o engajamento do autor diante da sua defesa do ponto de vista (KOCH, 2000). No entanto, isso não quer dizer que na ocorrência (20) a falta de contiguidade entre as orações mais próximas signifique falta de engajamento. Ao nosso ver, *voltano para o Brasil* retoma o tópico *Brasil* e, por isso, se aproxima contiguamente a *e Bom o racismo não e soa ki*.

Diante dessas ocorrências e retomando as afirmações de Givón (2001) de que a integração ocorre tanto no plano sintático quanto no semântico, percebemos que a integração promovida pelo gerúndio retopicalizador é gradual, tal como Lehmann (1988) e Rosário (2015) propõem, pois as propriedades morfossintáticas das duas ocorrências de gerúndio apontam para uma contiguidade diferente na qual a aproximação ocorre com os tópicos que o gerúndio retoma. Se ele ocorre como em (21), em que há uma tipologia narrativa antes do gerúndio retopicalizador, a contiguidade de tempo, modo e aspecto e a integração se dá mais no âmbito semântico e pragmático, a partir da metaforização do aspecto progressivo do gerúndio. Se, no entanto, o gerúndio vier em contextos de tipologia expositiva, como em (20) e os verbos vierem no presente do indicativo e aspecto indeterminado, há a contiguidade metonímica, proporcionando maior integração sintática. A metaforização do aspecto progressivo do gerúndio também é acionada nesses contextos.

Para mostrar como essas categorias ocorrem nesse uso, iniciamos nossa comparação com a análise do eixo sintático, começando pela ordem e escopo das ocorrências nos dados.

Em relação à ordem, esse tipo de gerúndio retoma um tópico de outra parte do texto. Então, obviamente, o gerúndio vem posposto ao elemento que ele retopicaliza. Esses dados de gerúndio retopicalizador mostram que esse uso não se enquadra num processo de integração sintática de orações tal como o gerúndio adjetivo ou adverbial em que há um compartilhamento maior de propriedades morfossintáticas e sintáticas, e as orações estão mais próximas (no sentido de contiguidade sintagmática). Por isso, a ordenação torna-se um critério relevante para se mensurar o grau de integração entre as orações. Como a integração do gerúndio retopicalizador está mais associada com o compartilhamento da função pragmática de tópico, aparentemente a ordenação sintática do gerúndio retopicalizador não seria relevante para a análise.

Na ocorrência (20), o gerúndio retopicalizador tem função de retomar o tópico exposto no início do parágrafo: o racismo também ocorre no Brasil. O autor, então, convida os leitores para essa retomada temática por meio do gerúndio. E, retomando o tópico, o estudante retoma as ilustrações de como o racismo se configura no nosso país. Nessa ocorrência, a ordenação do gerúndio retopicalizador contribui para a expressão da acessibilidade anafórica do tópico (GIVÓN, 1995).

A ocorrência (21) sinaliza um indício de que a posposição do gerúndio retopicalizador vai além de uma propriedade sintática. *Falando no cheque de 2 milhões de reais* retoma um tópico que não está no texto do estudante, mas volta a um tópico que está na notícia que motivou a produção da carta do leitor. Essa é uma estratégia para chamar a atenção dos leitores em prol de seu posicionamento principal, que se ancora no texto lido por todos da turma. Desse modo, podemos dizer que o escopo do gerúndio retopicalizador não se restringe à ordenação e alcance sintático, mas nessa ocorrência isso se trata de uma relação do gerúndio retopicalizador com a situação discursiva, ou seja, além da acessibilidade anafórica, o gerúndio retopicalizador *falando no cheque de 2 milhões de reais* também é motivado por compartilhamento de *frames*.

Sendo assim, a expressão morfossintática do gerúndio associada à ordem em que ele ocorre nos dados analisados mostra indícios de que a integração não é só um processo relacionado ao escopo das orações, mas podemos ampliar também para o texto e para o discurso, confirmando a necessidade que Rosário (2015) apontou de aproximar o conceito de integração com a situação discursiva.

Partindo para a comparação do gerúndio retopicalizador no que diz respeito às relações gramaticais, observamos que o critério da correferência não se aplica às ocorrências analisadas. Em nenhuma delas, o gerúndio retopicalizador compartilha o sujeito com as orações próximas a ele, nem mesmo quando o seu escopo são orações do mesmo parágrafo. Comparando (20) e (21), vemos que *voltando* e *falando* não têm, nem no plano morfossintático – já que a marcação de gerúndio não expressa a categoria de pessoa – nem no plano da correferência, a expressão do sujeito.

É possível compreender que o referente do sujeito na ocorrência (20) é *nós* – autor e leitor – se admitirmos que o gerúndio retopicalizador é uma expressão (inter)subjativa. Na ocorrência (21), o sujeito de *falando* é *eu*, o que é sugerido devido à semântica do verbo, o autor do texto conduz os seus leitores, via discurso, para o tópico extratextual (o cheque de 2 milhões de reais). Podemos dizer que *falando no cheque de 2 milhões de reais* é uma expressão mais subjativa, ao passo que em (20), a

semântica de *voltando* um verbo de ação e deslocamento, deixa uma implicação mais ambígua de sujeito, podendo esse ser tanto *eu* quanto *nós*. Nesse sentido, em (20) o gerúndio retopicalizador é também uma expressão intersubjetiva.

Sendo assim, as reflexões de Oliveira et. al (2013) e Dias et. al (2017) sobre a (inter)subjetividade foram úteis para que constatássemos que o gerúndio retopicalizador também se mostra como uma estratégia para atenuar a posição do falante. A ausência de marcação morfossintática faz com que haja uma ambiguidade na qual é possível o autor do texto generalizar o sujeito e conseguir, ao mesmo tempo, conduzir o leitor ao tópico desejado para empreender sua argumentação.

A partir disso, observamos que essas estratégias de imprecisão do gerúndio retopicalizador alinham-se com o que, habitualmente, se recomenda para um gênero argumentativo: a questão da impessoalidade e objetividade. Contudo, isso não é sinônimo de que estruturas linguísticas (inter)subjetivas e que revelam ideologias e posicionamentos não possam ser acionadas em textos desses gêneros.

Nesse contexto, se destaca a análise de Traugott & Dasher (2005) de que, nos círculos pedagógicos, há uma tendência em associar a explicitação à objetividade, enquanto a (inter)subjetividade está associada aos sentidos moldados por características da situação discursiva, ou seja, o contexto. Sendo assim, objetividade não é, necessariamente, o contrário de (inter)subjetividade. Por isso, num texto tido como mais objetivo, como os gêneros argumentativos, expressões (inter)subjetivas são acionadas para expressar estruturas discursivas como a imprecisão, a fim de atender a uma das propriedades dos gêneros de natureza argumentativa, que é a objetividade.

Além da relação gramatical de sujeito, analisamos também os objetos que o gerúndio retopicalizador seleciona. Uma das características que nos chamou a atenção é o referente do objeto ser correferente a um elemento da oração/parágrafo anterior ao gerúndio retopicalizador. E isso ocorre porque essa categoria de gerúndio tem função anafórica. O que distingue o correferente dos objetos das ocorrências em análise é que a correferência depende do escopo do gerúndio, que pode estar no texto (como em 20) ou fora dele (como em 21).

O correferente do objeto do gerúndio retopicalizador da ocorrência (21) não está presente no texto do estudante, pois *o cheque de dois milhões de reais* a que o aluno se refere é tema da notícia que gerou a proposta de produção de texto. Sendo assim, a correferência nesse dado se dá pelo compartilhamento de informação entre autor e

leitor, pois o estudante tinha ciência de que eu, a leitora direta da carta, e os outros possíveis leitores<sup>78</sup> tínhamos conhecimento do conteúdo da notícia que gerou o texto.

Já na ocorrência (20), o correferente do objeto é *Brasil*, que está no início do texto do estudante e que garante, conforme já foi discutido, a coerência discursiva da argumentação. Além disso, *voltano para o Brasil* possibilita a introdução de exemplos e ilustrações nos termos de van Dijk (2000), em que histórias podem constituir uma argumentação e assim expressar ideologias. No caso da ocorrência em análise, observamos que o exemplo introduzido por *voltando para o Brasil* legitima a visão de mundo do estudante de que o racismo está exclusivamente associado à injúria racial.

Feitas essas observações, concluímos esta seção, destacando que o gerúndio retopicalizador, assim como todas as frequências *type* do gerúndio comparadas neste capítulo constituem-se como expressões (inter)subjetivas a serviço da constituição argumentativa do texto em que encontram. E, dessa maneira, elas são convencionalizadas na língua, promovendo mudança semântica dos usos do gerúndio e também consolidando a fluidez da categoria do gerúndio, como observamos em todas as seções do capítulo.

Para encerrar, por ora, nossa análise de dados, apresentamos nas próximas seções algumas reflexões sobre o possível *continuum* de integração e gramaticalização do gerúndio e como o contexto interfere na constituição desse *continuum*.

## **5.2 *Continuum* integração e gramaticalização do gerúndio não perifrástico e a influência do contexto**

A análise das tendências gerais dos usos do gerúndio não perifrástico mostrou que as suas frequências *type* apresentam algumas propriedades que permitem a organização desses usos em um *cline* de integração e gramaticalização. Organizamos no quadro a seguir a síntese dos resultados da análise dos dados empreendida no capítulo 4 e neste capítulo:

---

<sup>78</sup> No planejamento da Sequência Didática, foi previsto que as cartas seriam enviadas para o jornal *Correio Brasilisense*, e os alunos estavam cientes disso.

Quadro13- Generalização dos resultados da análise do gerúndio não perifrástico

<b>Eixo analítico</b>	<b>Gerúndio adjetivo</b>	<b>Gerúndio adverbial</b>	<b>Gerúndio retopicalizador</b>	<b>Gerúndio conectivo</b>
Eixo A1- propriedades morfossintáticas	Contiguidade do TAM entre orações  O gerúndio acrescenta leitura habitual	Contiguidade do TAM entre orações  Gerúndio acrescenta leitura indeterminada	Contiguidade na expressão do TAM entre o gerúndio e a oração retopicalizada  Expressão do aspecto progressivo	Não há contiguidade do TAM porque o gerúndio perdeu essa expressão morfossintática
Eixo A2- propriedades sintáticas	Ordem: sempre pospostas à oração principal  Escopo: o sintagma nominal que o gerúndio modifica.  Sujeito: correferencial ao sujeito da oração finita ou correferencial ao objeto da oração finita Objeto: a ausência do objeto indica maior dessentencialização do gerúndio	Ordem: pospostas à oração principal  Escopo: a oração que ele serve de adjunto.  Sujeito: sempre correferente ao sujeito da oração finita  Objeto: não é correferencial à oração, corresponde ao foco, ao conteúdo epistêmico.	Ordem: posposto ao tópico.  Escopo: texto/discurso  Sujeito: o referente está na enunciação  Objeto: é correferencial ao o tópico retomado, seja do texto ou de outros textos.	Interliga orações ou parágrafos Não seleciona nenhuma relação gramatical.

<b>Eixo analítico</b>	<b>Gerúndio adjetivo</b>	<b>Gerúndio adverbial</b>	<b>Gerúndio retopicalizador</b>	<b>Gerúndio conectivo</b>
Eixo B1- propriedades semânticas o- pragmáticas	A habitualidade aspectual é interpretada como uma característica inerente.  O gerúndio está sempre associado ao foco da oração principal O gerúndio é intersubjetivo	Aspecto indeterminado e circunstância de modo.  O gerúndio está sempre associado ao foco da oração principal  O gerúndio é intersubjetivo	Aspecto progressivo reinterpretado metaforicamente/ Semântica dos verbos no gerúndio altamente metaforizado, implicando deslocamento discursivo (espaço>discurso) O gerúndio retoma o tópico.  O gerúndio é intersubjetivo	Relação de consequência- conclusão e oposição voltada para a defesa de um ponto de vista.  Não há relação entre o gerúndio conectivo com tópico ou foco das orações que ele liga.  O gerúndio é intersubjetivo
Eixo B2- propriedades discursivas	O conflito Nós X Eles é ativado para apresentar os <i>frames</i> que correspondem às crenças dos estudantes sobre os temas dos textos.	O conflito Nós X Eles é ativado para apresentar os <i>frames</i> que correspondem às crenças dos estudantes sobre os temas dos textos.	Expressão da coerência local	Expressão da coerência local
Eixo C- propriedades cognitivas	Contiguidade metonímica no nível sintagmático Iconicidade de aproximação	Contiguidade metonímica no nível oracional Iconicidade de aproximação	Contiguidade metonímica no nível textual e discursivo Iconicidade de Aproximação Iconicidade de Ordenação linear	Contiguidade metonímica no nível oracional e textual Iconicidade de Ordenação linear

Em relação à integração, constatamos que as orações de gerúndio encontram-se em um *cline* de integração do ponto de vista da integração sintática e semântica. Sintaticamente, os usos em que o gerúndio se apresenta mais próximo iconicamente da oração principal consequentemente têm seu escopo mais restrito à oração, e por isso são mais integrados. Registramos do polo mais integrado as seguintes propriedades:

- Maior compartilhamento do tempo, do modo e do aspecto com a oração principal;
- Correferência entre os sujeitos da oração principal e a oração de gerúndio;
- Escopo restrito ao sintagma.

Nesse contexto, é necessário dizer que a expressão do aspecto do gerúndio é em parte compartilhada, porém nos usos há uma leitura aspectual própria. No gerúndio adjetivo, ele tem a tendência de ser mais habitual e iterativo e indeterminado. No adverbial, a leitura indeterminada é predominante. No gerúndio retopicalizador, é o aspecto progressivo e, no conectivo, não há expressão aspectual. No polo oposto do *cline* em que há menos integração, não há compartilhamento na leitura aspectual, os sujeitos não são correferentes e o escopo é extratextual. Desse modo, do ponto de vista morfossintático e sintático, o gerúndio adjetivo se mostra mais integrado e o gerúndio conectivo menos integrado.

Já do ponto de vista semântico-pragmático, o polo mais integrado apresenta as seguintes propriedades:

- expressão semântica do aspecto voltada para expressão da intersubjetividade do gerúndio;
- tendência a estar mais associado ao foco da oração finita.

Os critérios que compõem o polo menos integrado do ponto de vista semântico-pragmático são a mudança semântica do gerúndio em decorrência da expressão de uma relação de conexão, expressando intersubjetividade. E, seguindo o princípio givoniano do isomorfismo, no qual a integração no âmbito semântico se reflete na sintaxe, o gerúndio adjetivo é o mais integrado, e o conectivo, o menos integrado.

Contudo, para além dos eixos sintático e semântico, sugerimos uma ampliação da visão de integração, tendo em vista que propriedades contextuais constituem também esse *cline*. Desse modo, a escala dos fatores contextuais no processo de integração das orações de gerúndio se gradua assim:

- a) quanto menos integradas as orações, mais o gerúndio atua como elemento anafórico, a fim de garantir a coerência discursiva;
- b) quanto menos integradas as orações, maior a tendência em expressar a coerência local;
- c) quanto mais integradas as orações, mais o gerúndio atua na expressão dos *frames* que revelam o posicionamento ou o argumento que conduz o leitor a esse posicionamento;
- d) quanto mais integradas as orações, maior é a tendência de o gerúndio revelar o conflito *NósX Eles* a partir das estruturas do discurso ideológico.

Desse modo, e com base em Lehmann (1988), propomos o seguinte *cline* de integração dos usos do gerúndio:

Menor integração <	.....	>	Maior integração
Gerúndio	Gerúndio	Gerúndio	Gerúndio
retopicalizador	conectivo	adverbial	adjetivo

Esse *cline* mostra que a categorização do gerúndio não perifrástico nos gêneros argumentativos alinha-se mais com a proposta de Modelos Cognitivos Idealizado - MCI de Lakoff (1987) (cf. capítulo 1 desta tese), pois não há um uso prototípico do gerúndio não perifrástico, mas sim efeitos prototípicos em que os usos se agregam conforme o grau de integração sintática, semântico-pragmática e textual-discursiva.

A estrutura proposicional básica do gerúndio baseia-se na leitura aspectual imperfectiva que o gerúndio apresenta e que é interpretada a partir do esquema imagético metaforizado de deslocamento textual e discursivo, ou seja, a noção de ação contínua é reinterpretada nos usos do gerúndio como expressão argumentativa a partir dos *frames* e estruturas do discurso ideológico que ele expressa.

Essa visão de que quanto mais integradas sintaticamente são as orações, maior a tendência de elas serem gramaticalizadas (GONÇALVES *et.al*, 2007) pode ser ampliada, pois a integração nos demais níveis também interfere no processo de gramaticalização. Sendo assim, nos aproximamos da proposta de gramaticalização de Traugott (2002) em que:

a mudança de uma construção ou de uma categoria lexical para funcional é um conjunto de mudanças morfossintáticas possíveis (ou outras como ordem frasal), licenciadas por um conjunto regular de mudanças semântico- pragmáticas.

(TRAUGOTT, 2002, p.28)<sup>79</sup>

A partir dessas observações, a autora diferencia a gramaticalização primária, que é o desenvolvimento de categorias funcionais a partir de categorias lexicais devido a contextos morfossintáticos específicos. Já a gramaticalização secundária seria a mudança do léxico para a gramática, ocasionada por mudanças semântico-pragmáticas. Nessa proposta de gramaticalização, o *cline* não é linear e se adequa aos usos do

<sup>79</sup> I Hypothesize that the shift from construction or from lexical to functional category is a subset of possible morphosyntactic changes (others, like word order of a different kind), and licensed by the set of regular pragmatic-semantic changes (...) (T.N)

gerúndio, visto que temos um uso como o gerúndio adjetivo que apresenta um grau maior de dependência sintática, sendo um constituinte da oração principal e com valor intersubjetivo. Em outro ponto do *cline*, temos um gerúndio retopicalizador com menor grau de dependência sintática e com valor intersubjetivo, até chegar ao gerúndio conectivo que perdeu todas as propriedades verbais.

A partir desse modelo, é possível compreender como o gerúndio conectivo apresenta um estágio avançado de mudança linguística, perdendo todas as expressões verbais e, ao mesmo tempo, expressa sentidos intersubjetivos e com função textual anafórica. Esse modelo também justifica porque o gerúndio retopicalizador se encontra no topo do *cline*, pois as mudanças pelas quais esse tipo de gerúndio passou indicam que ele se encontra em gramaticalização secundária.

No entanto, não podemos ignorar que os *frames* também revelam as crenças e ideologias dos falantes e como isso contribui para acionar as mudanças semântico-pragmáticas e morfossintáticas. Observamos, nos nossos dados, que há uma variação nos sentidos (inter)subjetivos no gerúndio em que estruturas mais gramaticalizadas e mais integradas tendem a ser mais subjetivas, ao passo que gradualmente os sentidos mais intersubjetivos são menos integrados e menos gramaticalizados (TRAUGOTT, 2010). Assim, retomamos o que Traugott & Dasher (2005, p. 31) afirmam sobre a relação entre a subjetivação e intersubjetivação:

Em particular, [a subjetivação] é o processo metonímico por meio do qual os falantes/ouvintes recrutam sentidos que funcionam para transmitir informação para fazer o trabalho de comunicação: expressar e regular crenças, atitudes, etc. Portanto, envolve inevitavelmente a intersubjetivação em algum grau. (tradução nossa)<sup>80</sup>

A (inter)subjetivação é um processo que os falantes/ouvintes usam para apresentar, no jogo interativo, suas crenças e atitudes, e interferir no modo como os sentidos são acionados. Quando analisamos, nos nossos dados, as estruturas do discurso ideológico, observamos que há diferença entre as estruturas do discurso ideológico nos usos do gerúndio.

Nos dados em que o gerúndio adjetivo e o adverbial ocorrem, observamos que as estruturas do discurso ideológico estão a serviço do conflito *Nós x Eles*. O gerúndio

---

<sup>80</sup> In particular, it is the metonymically based process by which SP/Ws recruit meanings that function to convey information to do the work of communication: to express and to regulate beliefs, attitudes, etc. It therefore inevitably involves intersubjectivity to some degree.

adjetivo expressa modalidade associada ao *topoi*, o gerúndio adverbial tende a expressar exemplos e ilustrações, e o gerúndio conectivo e o gerúndio retopicalizador expressam coerência local.

O gerúndio adverbial tem majoritariamente o valor circunstancial de modo. E a associação entre esse valor circunstancial e a estrutura de exemplos e ilustrações se justifica no gênero redação dissertativa, visto que nesse gênero o autor deve apresentar argumentos e sustentá-los a partir de variadas estratégias retóricas. E usar exemplos é um modo de fundamentar o argumento. Nos dados do CEF 27, os estudantes usam também os exemplos e ilustrações como estrutura do discurso ideológico, porém eles estão pautados ora nos *frames* das vivências cotidianas dos estudantes, ora nos conhecimentos adquiridos na escola, como podemos observar nos exemplos retomados a seguir:

*(15) Muitos moradores do sol nascente sofrem com a falta de infraestrutura e a falta de segurança pois se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo **asfaltando** o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil (D.J., 6-12)*

*(13) Portanto eles esquecem de se prevenir **usando** a camisinha e depois podem surgir as consequências como as gravidez na adolescência as doenças como, sifis, AIDS, câncer de colo de útero, etc...(W.R.M., 7-11)*

Nesses dados, o modo como o senso comum e o conhecimento escolar se mostram é bem interessante. A argumentação em (15) se pauta nas vivências que o estudante tem em torno da ausência do poder público no seu bairro. Já em (13), a argumentação é toda sustentada a partir de um conhecimento escolar, com destaque para o trecho *câncer de colo de útero*, no qual o estudante mostra que compreendeu que esta doença é também uma DST, reflexo de uma campanha de vacinação promovida pelo Governo do Distrito Federal. Em síntese, os exemplos mostram a interferência da escolarização e as práticas de letramento situadas numa visão mais crítica de mundo na constituição dos usos linguísticos.

Já o uso do gerúndio conectivo, no que diz respeito à expressão do discurso ideológico, atrela-se à expressão da coerência local. Van Dijk (2000) entende que a coerência local é controlada pela ideologia, pois os modelos mentais (*frames*) são orientados a partir da conclusão a que o autor pretende que o leitor chegue a partir da organização textual por ele estabelecida. Ou seja, o gerúndio conectivo tem valor mais intersubjetivo.

De acordo com van Dijk (2000), a vagueza e a imprecisão das informações são motivadas quando não sabemos de algo ou quando sabemos, mas não demonstramos esse conhecimento intencionalmente. E é isso que observamos em *voltano para o Brasil* em que *voltano* não compartilha nem com uma oração ou com uma oração posterior um sujeito, pois identificamos que o referente ao sujeito de *voltano* é o próprio autor do texto que usa da imprecisão de marcação de pessoa do gerúndio para expressar essa estrutura discursiva que é exigência do gênero textual redação dissertativa.

Diante dessas considerações em torno dos fatores discursivos que envolvem o gerúndio não perifrástico nos textos argumentativos, e como eles afetam a constituição semântico-pragmática e morfossintática do gerúndio, percebemos que o modelo de Traugott (2002) pode ser ampliado para o âmbito discursivo. Isso inclui as relações de como as ideologias, armazenadas em *frames*, são orientadas pragmaticamente e expressas linguisticamente de modo a provocar ambiguidade e mudança linguística. Um exemplo disso nos dados é o gerúndio conectivo *sendo que*.

Além disso, ainda é relevante observar a influência de uma variável contextual, discutida durante toda a análise de dados que é a influência das práticas de letramentos escolares na expressão das estruturas ideológicas no gerúndio, afetando os sentidos (inter)subjetivos atribuídos aos seus diversificados usos. Conforme Oliveira (2015) afirmou, o letramento dos falantes pode ser uma variável de análise contextual na Linguística Centrada no Uso, e o nossos dados nos mostram isso: os gerúndios não perifrásticos no contexto dos estudantes são apropriados por eles para atender às necessidades dos gêneros argumentativos e, conseqüentemente, das práticas de letramento e, ao mesmo tempo, agregam novos sentidos e novas funções às formas já estabelecidas na língua, dando continuidade ao princípio do uniformitarismo da mudança linguística.

A seguir, apresentamos as considerações finais do capítulo.

### **5.3 Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, apresentamos as tendências de uso do gerúndio não perifrástico, encontradas após a aplicação do protocolo de análise de dados no capítulo 4. Constatamos que o gerúndio não perifrástico apresenta uma escala de integração e gramaticalização dos usos do gerúndio em que há um isomorfismo entre a integração sintática e semântica, acrescentando-se também a interferência do âmbito textual-discursivo nessa escala de integração do gerúndio.

Quanto à gramaticalização, constatamos que o modelo proposto por Traugott (2001) é o mais adequado para descrever o comportamento do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos. Além disso, ao observarmos as estruturas do discurso ideológico de van Dijk (2000) aplicadas aos dados, além das variáveis contextuais como o gênero textual e o letramento dos falantes, concluímos que estas variáveis podem interferir na constituição dos sentidos (inter)subjetivos e, portanto afetar o processo de gramaticalização e integração de orações, algo que poderá ser explorado em futuras pesquisas.

A seguir, apresentamos as considerações finais desta tese.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, nos propusemos a investigar os usos do gerúndio não perifrástico em gêneros argumentativos do PB, e nossas hipóteses de pesquisa sinalizavam um possível *continuum* de integração e gramaticalização dos usos do gerúndio influenciado pela coesão icônica, com fins de aumento da força argumentativa. Além disso, nossas hipóteses ainda veiculavam a integração e gramaticalização aos fatores contextuais, sendo que uma dessas possibilidades, alinhados com a perspectiva de Heine & Kuteva (2007) e Oliveira (2015), é a de que falantes adolescentes e jovens promovem a mudança linguística e que a escolarização também pode interferir nesses usos.

Os dados presentes em nosso *corpus* nos levaram a propor que o gerúndio não perifrástico se distribui em quatro tipos:

- a) Gerúndio adjetivo;
- b) Gerúndio adverbial;
- c) Gerúndio conectivo;
- d) Gerúndio retopicalizador.

A análise desses tipos mostrou as seguintes configurações do gerúndio não perifrástico nos textos dos estudantes da Educação Básica:

### **Gerúndio adjetivo**

- Eixo morfossintático: compartilhamento da expressão de tempo, modo e aspecto da oração principal. O gerúndio adjetivo tem leitura aspectual própria, agregada ao aspecto da oração principal na maioria das ocorrências. O aspecto do gerúndio adjetivo é o habitual.
- Eixo sintático: o gerúndio vem posposto à oração principal, com sujeito correferente. A oração de gerúndio pode selecionar objeto direto.
- Eixo semântico-pragmático: há uma variedade semântica dos verbos no gerúndio, podendo ser verbo de ação, processo e cognição.
- Eixo discursivo: há uma tendência de expressar modalidade, atores e *topoi* a serviço do conflito *Nós x Eles*.

- Eixo cognitivo: projeção metonímica do tempo, modo e aspecto verbal e do sujeito, motivada pelo princípio da proximidade icônica.

### **Gerúndio adverbial**

- Eixo morfossintático: compartilhamento do tempo, modo e aspecto. O gerúndio adverbial tem a expressão aspectual própria, com a tendência da expressão majoritária do aspecto indeterminado.
- Eixo sintático: gerúndio posposto à oração principal, com função adjunto adverbial. O sujeito compartilhado das duas orações.
- Eixo semântico-pragmático: o gerúndio adverbial expressa majoritariamente circunstância de modo. Esse valor circunstancial está associado à intersubjetivação do gerúndio.
- Eixo discursivo: os usos intersubjetivos do gerúndio com valor circunstancial de modo estão associados aos exemplos e ilustrações que reforçam o valor argumentativo e o conflito *Nós x Eles*.
- Eixo cognitivo: a proximidade entre oração principal e gerúndio reforça a relação argumentativa no texto. A projeção metonímica dada pelo compartilhamento das propriedades morfossintáticas e sintáticas viabilizam a integração argumentativa.

### **Gerúndio conectivo**

- Eixo morfossintático: o gerúndio conectivo não compartilha com os verbos das orações que ele integra o tempo, modo e aspecto.
- Eixo sintático: o gerúndio conectivo tem o escopo associado às orações ou aos parágrafos de um texto. Não seleciona nenhuma relação gramatical, pois não aciona estrutura argumental, visto que tem valor conectivo.
- Eixo semântico-pragmático: estabelece entre as orações que integra relação de conclusão ou concessividade. Em algumas ocorrências, há a possibilidade de leitura circunstancial ambígua, mas a intersubjetividade para garantir a coerência discursiva do texto favorece a função do conectivo em detrimento da leitura circunstancial.
- Eixo discursivo: a coerência local expressa pelo gerúndio retopicalizador garante a condução argumentativa do autor do texto.

- Eixo cognitivo: o gerúndio conectivo aciona, via iconicidade de aproximação, a coerência discursiva do texto.

### **Gerúndio retopicalizador**

- Eixo morfossintático: não tem uma leitura compartilhada de tempo, modo e aspecto. A leitura de aspecto progressivo tem relação direta com a retomada anafórica dada por esse tipo de gerúndio.
- Eixo sintático: o gerúndio retopicalizador se apresenta nos dados integrando porções de um texto ou partes de textos diferentes, aproximando-os. Não seleciona explicitamente um sujeito, que é subentendido a partir da cena enunciativa, e seleciona um objeto direto, cujo referente é o tópico discursivo a ser retomado.
- Eixo semântico-pragmático: o gerúndio nas ocorrências se apresenta como verbo de ação metaforizado, ou como verbo *dicendi*. O gerúndio nessas ocorrências tem sentido intersubjetivo a fim de conduzir o leitor para o tópico discursivo que o autor deseja, a fim de construir sua argumentação.
- Eixo discursivo: a intersubjetivação do gerúndio retopicalizador aciona a coerência local e também pode retomar conhecimentos enciclopédicos dos falantes a fim de sustentar o ponto de vista empreendido pelo autor do texto. Os estudantes usam o gerúndio retopicalizador tanto para retomar o tópico discursivo presente no texto ou acionar conhecimentos extratextuais que também funcionam como tópico discursivo do texto.
- Eixo cognitivo: a metaforização do aspecto progresso do gerúndio retopicalizador aproxima o tópico discursivo do argumento a fim de consolidar o ponto de vista do autor do texto.

Essas propriedades observadas mostraram que alguns dos usos do gerúndio apresentam leitura ambígua, transitando entre as categorias de análise estabelecida na análise de dados, o que nos levou a estabelecer que há um *cline* de integração na qual os componentes morfossintáticos, semântico-pragmáticos e discursivos se associam para evidenciar um efeito argumentativo. Quanto à gramaticalização, aplicamos o modelo de Traugott (2002) e constatamos que os usos se organizam em um fluxo não linear de gramaticalização no qual os efeitos prototípicos se situam tanto no âmbito

morfossintático e semântico-pragmático. No entanto, a análise das estruturas do discurso ideológico em associação ao contexto dos textos, em especial o gênero argumentativo nos mostrou que é possível ampliar a análise da gramaticalização, integração e mudança semântica, sendo o ponto de partida a relação entre a (inter)subjetivação dos sentidos do gerúndio na expressão da força argumentativa dos textos.

Além disso, constatamos que há uma variação das estruturas discursivas no gerúndio, especialmente no uso retopicalizador, expressando a imprecisão do discurso. Constatamos que a variação desses usos está associada ao conhecimento dos estudantes em torno do gênero redação dissertativa, nos qual a impessoalidade é uma ainda muito exigida nesses contextos de produção. E o gerúndio, por não ter expressão morfossintática de pessoa, torna-se um recurso eficaz para atender a essa propriedade desses gêneros.

Os resultados desta pesquisa mostram que ainda há muito a ser pesquisado no que diz respeito ao processo de integração e gramaticalização do gerúndio no PB. Um tema de pesquisa interessante a ser desenvolvido a partir deste estudo é a ampliação dos efeitos dos fatores discursivos nos processos de gramaticalização e integração em outros tipos de orações integradas, bem como a análise desses usos em outros gêneros textuais para verificar e comparar os pareamentos forma/função nesse gênero.

Além disso, outro tema que pode ser desenvolvido a partir desta pesquisa é a comparação dos usos do gerúndio em diferentes grupos de falantes com diferentes níveis de escolaridade.

Este trabalho de tese mostra também como a análise linguística fundamentada na linguística centrada no uso pode beneficiar o ensino de língua. Mostramos como o gerúndio não perifrástico pode ser uma estratégia para a expressão da (inter)subjetividade, fortalecendo o projeto argumentativo do texto, bem como pode ser uma expressão que garanta a sua coerência discursiva.

Essas contribuições lançam um novo olhar para o gerúndio que, conforme discutido no capítulo 2 desta tese, sempre foi alvo de “proibições”, mas que pode se mostrar uma estrutura produtiva a serviço da argumentação.

Por fim, os procedimentos metodológicos adotados nesta tese, em especial o processo de geração de dados, também mostraram como os fundamentos da linguística centrada no uso, associados a outros referenciais teóricos, podem contribuir com um ensino de língua portuguesa cujo objetivo é “trabalhar questões linguísticas com base

em seus propósitos discursivo-pragmáticos, vinculados a práticas sociais situadas” (FURTADO DA CUNHA ET. AL, 2014, p. 84). Durante as sequencias didáticas, os estudantes participantes da pesquisa, além de terem contato com as questões de gramática, envolvendo a constituição dos gêneros textuais argumentativos, também tiveram a oportunidade de discutir temas relevantes para a formação mais humana, crítica e emancipatória. Sendo assim, ao mesmo tempo em que os estudantes geraram os dados que tornaram esta pesquisa possível, eles tiveram o acesso a essas oportunidades. E eu, enquanto professora-pesquisadora, também tive o privilégio de me transformar em uma cidadã com consciência mais crítica, à medida que a pesquisa evoluía.

Parafraseando Freire (1996), não existe, portanto, pesquisa sem os colaboradores. E essa pesquisa tem o potencial de mostrar que o professor-pesquisador na área do funcionalismo pode desenvolver trabalhos e pesquisas que promovam análise linguística que mostre o funcionamento da língua atrelado às práticas sociais situadas e, ao mesmo tempo, promovam “pequenas revoluções” a partir de uma prática de ensino/pesquisa progressista/emancipatória.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N.M. **Gramática latina: curso único e completo**. 29. ed. São Paulo : Saraiva, 2000.
- ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas do leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, V.L.V.; MARTINS, H.F. Sobre a identidade da metáfora literária: uma análise do Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. In: **Veredas**, JUIZ DE FORA- MG, v. 2, p. 202-220, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-164.pdf> . Acesso em 25/06/2018.
- ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1995.
- ARAÚJO, D.L. Como é (e como faz) sequência didática? In: **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 3, n.1, p. 322-334, 2013.
- AZEREDO, J.C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Gramática pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to ecology of written language**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1976.
- BESSELAAR, J.V.D. **Propyleaum Latinum: Sintaxe Latina Superior**. São Paulo: Herder, 1960.
- BORBA, Francisco da Silva (Ed.) **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.
- BRAGA, M. L.; CORIOLANO, J. Construções de gerúndio no Português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.1. n.51, p. 175-187, 2007.
- \_\_\_\_\_.; PAIVA, M.C. Perspectivas sincrônicas e diacrônica na abordagem teórico-metodológica. In: OLIVEIRA, M.R; ROSÁRIO, I.C. (orgs). **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p.142-153.
- BRASIL **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R & JOSEPH, B. (eds.). **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (orgs.) **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.
- \_\_\_\_\_.; BECKNER, C. Usage-based Theory. In: HEINE, B.; NARROG, H. (orgs). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 827-856.
- \_\_\_\_\_. **Língua, Uso e Cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

- CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CAMPBELL, L. What's wrong with grammaticalization. In: **Language sciences**, v. 23, p. 113-161, 2001.
- CAMPOS, O. G. L. S. **O gerúndio no português (estudo histórico-descritivo)**. Tese de Doutorado apresentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Araraquara, 1972.
- CANÇADO, M. **Manual De Semântica: Noções Básicas e Exercícios**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2005.
- CARVALHO, V.D.; BORGES, L.O.; RÊGO, D.P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. In: **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v.1, n.30, p.146-161, 2010.
- CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília - SP, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALLI, S.R. **Acabar e começar: aspectualizadores em processo de gramaticalização**. (Tese de Doutorado). Curitiba: UFPR, 2014.
- CEZÁRIO, M.M. *ET ALII*. Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, R.C (coordenadora). **História do português brasileiro: mudança de classes de palavras - perspectiva funcionalista**. São Paulo, Contexto, 2018, p.240-386.
- CHAFE, W.L. **Meaning and the structure of language**. Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1970.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.
- COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology (Syntax and Morphology)**. 2ª ed. Chicago: UCP, 1989.
- CORÔA, M.L.M.S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução semântica**. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSTA, M.C.R.; PELEGRINI, R.; TAVEIRO, C. **Procedimentos de estruturação textual em redações escolares**. Goiânia: 2013. Disponível em: [http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio\\_24.pdf](http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_24.pdf). Acesso em: 10/06/2015.
- CREISSELS, D. **Syntaxe générale: une introduction typologique**. Paris: [s.n.], 2006.
- CROFT, William. **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DELANCEY, S. Grammaticalization and syntax: a functional view. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.) **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 365-377.

- DIAS, N.B. As construções subjetivas na modalidade falada mineira, carioca e fluminense. In: OLIVEIRA, M.R.; ROSÁRIO, I.C. (orgs.). **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 129-141.
- \_\_\_\_\_.; ABRAÇADO, J.; LIMA-HERNANDES, M.C. Construções subjetivas. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.;REZENDE, T.F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017, p.163-190.
- DIK, S.C. **The theory of functional grammar**. Ed by Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- DISTRITO FEDERAL. **Diário oficial do Distrito Federal**. Governo do Distrito Federal: 2007.
- \_\_\_\_\_. **Orientações pedagógicas correção da distorção idade/série da rede pública de ensino**. Brasília: SEDF, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa Distrital por amostra de domicílios - Setores Habitacionais Pôr Do Sol e Sol Nascente - Pdad 2013**. Brasília: CODEPLAN, 2013.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (orgs) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.
- DU BOIS, J.W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: Jonhs Benjamins, 1985.
- DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. Campinas: Pontes, 1977.
- DUQUE, P.H. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical primeira parte. **Philologus**, Rio de Janeiro, nº 21, p. 90-98 , set./dez. 2001.
- ERICKSON, F. **Etnografia na Educação: textos de Frederic Erickson**. Rio de Janeiro: Realize, 2004.
- FARIAS, W. S. As gramáticas dos linguistas no Brasil: efeitos de sentido polêmicos sobre a língua a re-conhecer. In: **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 105-122, jan./abr. 2014.
- FERRAREZI JR, C. F. da; TELES, I. M. **Gramática do brasileiro: uma nova maneira de entender a língua**. São Paulo: Globo, 2008.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C.J. The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R.T.(orgs.). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, 1968. p. 1-88.
- \_\_\_\_\_.Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação da Folha de São Paulo**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001.
- FRAJZYNGIER, Z. The *de dicto* domain in language. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1. Amsterdam: Benjamins, 1991. p. 81-127.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. In:**Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2. sem. 2006.
- \_\_\_\_\_. Funcionalismo. In: MARTELOTTA,M.E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p.157-176.
- \_\_\_\_\_. A Linguística Centrada no Uso (ou Linguística Cognitivo-Funcional). In: MEDIANEIRA SOUSA, M.; MORAES, A.S;

NASCIMENTO, H.I.O; TEIXEIRA, M.; NASCIMENTO, R.G. (orgs). **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL / UFPE, 2012.

\_\_\_\_\_.; BISPO, E.B.; SILVA,R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M.M; FURTADO DA CUNHA, M.A.(orgs). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: MauadX FAPERJ, 2013, p.13-40.

\_\_\_\_\_.; BISPO, E.B.; SILVA,R. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. In: **Gragoatá**. Niterói, n. 36, p. 80-104, 2014.

GALEFFI, D. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, R.S; GALEFFI, D.; PIMENTEL,A. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 13-74.

GEIS, M.; A. ZWICKY. On invited inferences. In: **Linguistic Inquiry**, Cambridge, n. 2, p. 561–566, 1971.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (org.). **Syntax and semantics. Discourse and syntax**. Nova York: Academic Press, vol. 12, p. 81-112, 1979b.

\_\_\_\_\_. **Syntax: A functional-typological introduction**. V1. Philadelphia: J. Benjamins.1984.

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_.**Grammatical relations: a functionalist perspective**. Amsterdã: Jonh Benjamins, 1997.

\_\_\_\_\_.**Syntax: an introduction**. V.1. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2001

\_\_\_\_\_. **Syntax: an introduction**. v.2. Amsterdã: Johns Benjamins, 2001.

\_\_\_\_\_. **A compreensão da gramática**. São Paulo/ Natal: Cortez/EDUFRN, 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, 35 (3): p. 20-29. 1995.

GOLDBERG. A. **Constructions: a construction appoache to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions: a new theoretical approach to language. Trends in Cognitive Sciences**, 7(5): p.219-223, 2003.

\_\_\_\_\_.**Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S.C.L. **ET ALII. Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, M. (org). **Syntax and Semantics 3: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1975, p.41-58.

GÜNTHER,H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? In: **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, mai-ago 2006.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. **Language**. Washington, v.3, n. 56, p. 515-540,1980.

\_\_\_\_\_. Iconic and economic motivation. **Language**, Washington, n.59, p. 781-819, 1983.

\_\_\_\_\_.**Natural syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HALLIDAY, M.K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold publishers Ltd. 1976[1973], cap. 1 e 2, p. 7- 47.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

- HAGUETTE, T, M.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HEINE, B. CLAUDI, U. HÜNNEMEYER, F. In: **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization as an explanatory parameter. In: PAGLIUCA, W (ed). **Perspectives on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p.255-287.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, P.J. Emergent Grammar. **Bls**, v. 13, p. 139-157. 1987.
- \_\_\_\_\_. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**, v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.
- \_\_\_\_\_.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 2003.
- HUBACK, A.P. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. **D.E.L.T.A.**, 29:1, 2013, p.79-94.
- ILARI, R. & GERALDI, J.W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.
- KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. Letramento e suas implicações para o ensino de Língua Materna. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v.32, p.1-25, dez, 2007.
- KOCH, I.G.V. **Argumentação e Linguagem**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- \_\_\_\_\_.; ELIAS, V.M. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.
- KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. **Leitura e Produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors We live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R.W. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford/Califórnia: Stanford University Press, 1987.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdã: Johns Benjamins, 1988, p.181-225.
- LIMA, R. Gramática normativa da língua portuguesa. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LUCENA, N. L.. Papéis semânticos do objeto direto: uma perspectiva cognitivo-funcional. In: **Anais da XVIII Semana de Humanidades**, Natal, 2010.
- MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino dos gêneros. In: **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, 6 (3), p. 547-573, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo, Parábola, 2010. p.19-38.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E.K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M.A.F; OLIVEIRA M.R; MARTELOTTA, M.E. (orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.17-28.

\_\_\_\_\_. A mudança linguística. In: CUNHA, M.A.F; OLIVEIRA M.R; MARTELOTTA, M.E. (orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.57-72.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, 2, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2008, p. 41-60.

\_\_\_\_\_. **Mudança linguística - uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_.; ALONSO, K.S. Funcionalismo, Cognitivismo e a Dinamicidade da Língua. In: SOUZA, E.R. (org.) **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. 3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdã: Johns Benjamins, 1988, p. 275-330.

MOTHÉ, N. G. M. **Variação e mudança aquém e além mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no português dos séculos XIX e XX**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

NEVES, M. H. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Araraquara, 2011.

\_\_\_\_\_.; BRAGA, M.L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M.H.M. (org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 123-166.

NEWMAYER, F. Deconstructing Grammaticalization. In: **Language sciences**, v. 23, p. 187-229, 2001.

OLIVEIRA, M. C. C. As construções de gerúndio no português do Brasil. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: PUC Minas, 2008.

OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e gramática: teoria gramatical ou teoria do uso? In: **Guavira Letras**, n.12, Três Lagoas- MS, p.36-45, 2011.

\_\_\_\_\_. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E.R. de (org.) **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-152.

\_\_\_\_\_.; DIAS, N.B; WILSON,V. Subjetividade- mudança linguística e ensino de língua portuguesa. In: In: CEZÁRIO, M.M; FURTADO DA CUNHA, M.A.(orgs). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: MauadX FAPERJ, 2013, p.179-191.

\_\_\_\_\_. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M.R; ROSÁRIO, I.C. (orgs). **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 22-35.

PAYNE, T.E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PERINI, M. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

- PEZATTI, E. G. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. In: Alfa, nº 42, São Paulo, p. 133 -150, 1998.
- PIERCE, C.S. **Semiótica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- RAMAT, A.; HOPPER, P. **The limits of grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- REIS, A. R. G. **Orações de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- RIOS, G. V. Considerações sobre letramento, escolarização e avaliação educacional. In: RESENDE, V. de M.; PEREIRA, F. H. (Orgs.). **Práticas socioculturais e discurso: debates transdisciplinares**. LabCom Books, 2010. p. 77-107.
- RODRIGUES, P. A. **Les compléments infinitifs et gérondifs des verbes de perception en portugais brésilien**. (Tese de Doutorado). Québec: *Université du Québec à Montréal*, 2006.
- ROJO, R. H. R. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando?. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P. 15-36.
- ROSÁRIO, I.C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M.R; ROSÁRIO, I.C. (orgs). **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p.36-50.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. **Línguas e Letras**, nº35, v. 17, p.252-272. Cascavel-PR:2016.
- \_\_\_\_\_.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem Construcional da gramática. **Alfa**, 60 (2): 233-259. São Paulo: 2016.
- ROSCH, E.H. Natural categories. **Cognitive Psychology**, 4, p.320-50, 1973.
- \_\_\_\_\_.; MERVIS, C. Family Resemblances: Studies in the Internal Structure of Categories. **Cognitive Psychology**, 7, 573-605 (1975).
- \_\_\_\_\_. *ET ALII*. **Principles of Categorization**. In: Rosch, E.; LLOYD, B. B. (eds), **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- SANTOS, I. A.. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. **Percursos Linguísticos**, v. 2, p. 40-56, 2012.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004, p.61-80.
- SIMÕES, J. S. **Sintaticização, discursivização e semantização das orações de gerúndio no português brasileiro**. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: 2007.
- SILVA, J.B. Sobre o tópico sentencial, algumas considerações. In: **Letra Magna**, n.05, 2º Semestre de 2006. Disponível em: <http://www.letramagna.com/topico.pdf>. Acesso em 26/06/2018.
- SOUZA, M.M de. **Formas verbo-nominais latinas - ressonâncias em Português**. 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/principal.html>. Acesso em 16/10/2015.
- STREET, B.V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. Oralidade e letramento como construtos ideológicos: alguns problemas em estudos transculturais. In: **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento**

- no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Tradução de Marcos Bagno.
- \_\_\_\_\_.; STREET, J. A escolarização do letramento. In: **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Tradução de Marcos Bagno.
- SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. In: **Proceedings of the Fourteenth annual meeting of the Berkeley Linguistics society**. 1988.
- \_\_\_\_\_. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TAYLOR, J. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- TOMASELLO, M. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 2003.
- TORRES, F. F. ; COAN, M. Gerundismo: variação e preconceito linguístico. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 1/2, p. 225-248, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os domínios funcionais do gerúndio em Língua Portuguesa**. (Tese de Doutorado) Fortaleza: UFC, 2014.
- TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5.ed. Uberlândia: EDFU, 2015.
- TRAUGOTT, E.C. From propositional to textual and expressive meanings: Some semantic pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W.P; MALKIEL, Y. (orgs.), **Perspectives on Historical Linguistics**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 245–271.
- \_\_\_\_\_.; KÖNIG, E. Semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: E. TRAUGOTT, E. & HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**, v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Legitimate counterexamples to unidirectionality**. Paper presented at Freiburg University, 2001 disponível em <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. acesso em 26/06/2018.
- \_\_\_\_\_. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, D & STOCKWELL, R. (eds.). **Studying the History of the English Language: Millennial perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002, p.19-49.
- \_\_\_\_\_.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. “All that he endeavoured to prove was ...”: On the emergence of grammatical constructions in dialogical and dialogic contexts. In: Cooper, R.; Kempson, R. (orgs). **Language in Flux: Dialogue Coordination, Language Variation, Change and Evolution**. London: Kings College Publications 2008, p. 143-177.
- \_\_\_\_\_. Revisiting Subjectification and Intersubjectification. In: DAVIDSE, K; VANDELANOTT; CUYCKENS, H. **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p.29-70.
- \_\_\_\_\_.; TROUSDALE, G. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect? In: \_\_\_\_\_. **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p.19-44.
- \_\_\_\_\_. Intersubjectification and clause periphery. In: LIESELOTTE, B.; GHESQUIÈRE, L.; VAN DE VELDE, F. (orgs.), **Intersections of Intersubjectivity, special issue of English Text Construction 5: 7-28**, 2012.

- TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, p. 443-466, 2005.
- VAN DIJK, T. A. **News as discourse**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Ideology and discourse**: a multidisciplinary introduction, 2000. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldBooks/Teun%20A%20van%20Dijk%20-%20Ideology%20and%20Discourse.pdf>. Acesso em: 20/11/2015.
- \_\_\_\_\_. Ideology and discourse analysis. **Journal of Political Ideologies**, 11(2), p. 115-140, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Discurso, cognição e interação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e contexto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e poder**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- VARGAS, M.V. **Verbos e práticas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.
- WILSON, V.; MARTELOTTA, M.E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M.E.(org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 71-85.
- WITTGEINSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- WOLCOTT, H.F. Ethnographic Research in Education. In: JAEGER, R.M. **Complementary methods for research in education**. Washington: Aera, 1988, p. 187-211.

## ANEXOS

### ANEXO 1- CARTAS DO LEITOR PRODUZIDAS PELOS ESTUDANTES

#### Texto 1- L.F.T.A

Ceilândia 22, de junho de 2015

Eu sou L.F.T eu já vi muitas coisas erradas **acontecendo** no Sol nascente, muitas guerras o Sol nascente foi considerado a maior favela do brasil, já houve muitas mortes por causa de droga.

Naquela área do Sol nascente, há muitas bocas de fumo e muito traficante com pouco policia, muitas gangues que até hoje não foram descobertas, porisso que muitos roubos, mortes etc, lá havia muito confronto entre policia e bandido entre gangues muito (?).

Se tivesse policia no So nascente não haveria muito tráfico de drogas, essa é minha opinião sobre o Sol nascente em Ceilândia.

Assinatura: L.F.T.A

#### Texto 2- P.H

Ceilândia 22 de junho de 2015

senhor editor

Eu ler um noticia que sobre as drogas no sol nansente que fala sobre drogas e armas, venda de terra eu gostei que o policia fez por que agora vai ficar um por co menos bandidos nas ruas **querendo** rouba e vender droga nas ruas e a min opinião. atenciosamente

senhor editor

CDIS A

nome: P.H

#### Texto 3- T.V

Ceilândia, 19 de junho de 2015

Senhor leitor,

Eu aluno entendi que no Sol nascente a criminalidade está muito grande, mesmo quando acham os criminosos não acaba o crime no Sol nascente, mas não e só no Sol nascente em varias cidades do DF, O governo tem que muda isso por que olha como tá hoje.

hoje em dia, os Bandidos tem armas mais pesadas do que os policiais. isso tem que mudar, as pessoas **estão morrendo** de Bala perdida como si fosse normal e isso tem que mudar. aonde o DF vai para com essa criminalidade,

Eu acho que as regras de DF tem que mudar si Eu fosse o Presidente eu potava penas muito rigida ingual nos Estados Unido, lá si matar morre também si Rouba, estropar corta as mãos Eu acho que tinha que ser assim pra para com a criminalidade no Brasil inteiro.

Por que si tivesse essas penas eu duvido que tinha Bandido **RouBando matando estropando.**

Da noticia que a Professo Passou e legal por que a policia fez o seu trabalho e ruim por que no Sol nascente tem que para Com isso.

t.V CDIS "C"

**Texto 4- D.J**

Ceilândia, 19 de junho de 2015

Na minha opinião, a ação da polícia civil foi certo, pois o imposto cobrado da população e o salário desses funcionarios, pois muitas vezes e bom você pode andar na rua e saber que tem segurança, muitos moradores do sol nascente sofrem com a falta de infraestrutura e a falta de segurança pois se o governo para-se para pensar em ajudar as pessoas do Sol Nascente por exemplo **asfaltando** o lugar o trabalho dos policiais seria bem mais fácil, as pessoas que moram lá se sentiriam com mais segurança e não sofreriam mas com a falta e infraestrutura e o sol nascente inclusive precisa muito de ajuda muitas pessoas morrem lá e ninguém ve isso se alguem que fosse bom e não pensa-se em simesmo os políticos que falam e não cumprem o que falam para as pessoas, o Sol nascente precisa de alguém que cumpra o que fala e que lute pelo direito dessas pessoas.

Atenciosamente,

D.J, CEF 27 CDIS C

**Texto 5- D.P.S**

Ceilândia, 19 de junho de 2015

Senhor editor,

Eu, D.P.S, acho que não vai adiantar prender porque hoje eles tão presos amanhã já **estão nas ruas aprontando**, e a criminalidade só aumenta não só no Sol Nascente mas em todo o Brasil, é assim morre um nasce três e a criminalidade não acaba, mas a polícia **está fazendo** um bom trabalho **tirando** alguns integrantes das ruas.

A maioria das pessoas que vão presas e moram no Sol Nascente elas não tem só uma passagem pela polícia tem várias como homicídio e tráfico de drogas, é isso assusta a população.

Para melhorar precisa reforça o policiamento no local **sendo assim** os moradores irão se sentir mais seguros de poder sair de cas tranquilamente com suas criança.

CDIS "C"

Nome: D.P.S

**Texto 6- L.R.S**

Ceilândia, 22 de junho de 2015

Senhor Editor

Eu aluna da CDIS-B do CEF 27, quero parabenizar as policcias por terem achado esses bandidos e conseguir prender eles, por que está tão dificil achar policiais desse jeito, hoje em dia a pessoa só se houve falar em policiais corruptos

A sociedade nesse país está muito ruim, hoje em dia e dificil ver no jornal passar alguma coisa legal, que não teja roubo, assassinato ou trafico de drogas.

Também queria falar um pouco ao lado ruim desse jornal correio brasiliense, porque eles deviam fazer também diferentes dos outros jornais, não devia mostrar só coisas ruins, nos publico que assistimos os jornais já estamos cansados de ligar a TV e ver só coisas ruins, também temos o direito de ver coisas boas do nosso Brasil, ou sera qui não tem coisas boas no nosso país, **pensando bem** o nosso país não tem só coisas ruins também tem coisas boas, poucas mais tem já e um bom começo para um Brasil melhor.

Atenciosamente,L.R.S.

CEF27

**Texto 7- J.V**

Caro Senhor = Thiago Soares

Turma CDIS C

Centro de ensino fundamental 27 Ceilandia

22/06/15. Aluno J.V

Bom os emiliantes que foram presos pela polícia Civil que eu concordo com o funcionamento dos trabalhos **que tá mudando** a Cara do DF que tá cheio de ladrão que não presta e **fica chantageando** pessoas onestas que luta pelo pão de cada dia e usam mascarar para esconder o rosto para não ser reconhecido isso não e homem. É um bandido um muleque que toma rouba objetos que pessoas que ganham seu dinheir com o seu proprio suor para comprar o seu Iphone, Calaxy **trabalhando** com muita honestidade e **falando** no cheque de 2 milhões de reais e mesmo ladrão e 30 anos de prisão não eles merecem é uma prisão bem longa como no maximo 40 anos para virar homem.

## ANEXO 2- REDAÇÃO DISSERTATIVA SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

### **Texto 1- P.G.T.S**

Os jovens de hoje em dia começam sua vida sexual muito cedo e não pensam nos riscos de ter uma vida sexual ativa como por exemplo: gravidez, que prejudica a vida de jovens que não estão prontos para assumir esse fardo, é no país 300 mil crianças nascem anualmente de pais adolescentes e sem falar de DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis).

Há também uma grande responsabilidade dar início a vida sexual, pois se acontecem alguma das coisas que estão no parágrafo acima as consequências são grandes e as responsabilidades maiores ainda, porque um casal de adolescentes vão ter vergonha, medo e irresponsabilidade para cuidar de outro, mas o aborto pode causar complicações na saúde da menina.

**Sendo assim**, chego a conclusão de que para os jovens começarem a sua vida sexual eles devem estar cientes das responsabilidades, dos riscos e de que isso não é um jogo.

### **Texto 2- L.P.M**

Muitos jovens começam a namorar e ter relações sexuais cedo demais às vezes tem a relação, ou seja, querem perder a virgindade para agradar o seu companheiro, ou até por que as amigas já tiveram relações sexuais.

Nem todos os jovens não tem a capacidade, responsabilidade para assumir uma gravidez, muitas das vezes deixam culpa toda pra cima da mãe, sendo que o menino, ou seja, o pai também tem culpa.

Os jovens não querem saber de consultar uma pessoa mais experiente, que irá orientá-los dos riscos que pode trazer ter relação sexual com uma pessoa, pode trazer uma gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis.

### **Texto 3- K.N**

Na adolescência muitas meninas estão engravidando de rapaz que não quer nada com a vida só que saber de curtição usa drogas não tem responsabilidade, as meninas quando entra na adolescência esquecem do mundo só que saber de namorar, daí vem a relação sexual o próprio adolescente que estraga a sua vida são adolescente virgem inocente, mais sempre tem o conselho dos pais mais isso não assusta adolescente tem relação sexual não sabe o perigo que tem de engravidar ou até mesmo de pegar uma doença pelo resto da vida. Muitos adolescentes engravidam sendo que não tem responsabilidade de criar uma criança muitos aborta ou até abandona tem tantas formas de evitar uma gravidez, usando preservativo para não passar por esse transtorno, preservativo é tudo!

### ANEXO 3- REDAÇÃO DISSERTATIVA SOBRE O RACISMO

#### Texto 1- B.L

O racismo em todos os lugares ainda existe e muitas pessoas ainda passam por isso. Porém nós todos podemos enfrentar ou lutar, falando que todos nós somos iguais que não pode jogar por causa da aparência, ou por causa da cor porque isso não define o caráter da pessoa. O racismo antes era mais comum mais agora é cometido menos então, na minha opinião, acho que tem que mudar isso pra melhor.

#### Texto 2- B.V.D.P

O racismo acontece praticamente todos os dias no Brasil e são muitas vítimas, muitas pessoas discriminam o negro pelo seu cabelo e sua cor de pele, tem pessoas que pensam que só porque é negro que vão roubar, matar, traficar e etc. Isso é a realidade no Brasil e no mundo, mas, podemos combater isso, denunciando e não ficando calada diante dessa situação, muitas pessoas não denunciam por medo, tem que ter vergonha é quem pratica esse crime, independente de cor de pele, de cabelo, religião somos iguais isso é fato e ninguém muda. Eu acho que as pessoas racistas deviam olhar para si mesmos, parar e pensar que ser negro não é doença, doença é você discriminar uma pessoa pela cor dela ou pelo cabelo, apesar de tudo ninguém é perfeito.

#### Texto 3-J.R.C

O racismo no Brasil e em outros lugares é muito comum, como a notícia que saiu contra uma atriz no qual a cor da pele dela é negra. Em qualquer lugar que você for, tem alguém pra falar mal da cor da sua pele, do seu cabelo cacheado, do seu sorriso só pro fato de você ser negro (a). Mas podemos mudar isso no Brasil e no Mundo, respeitando uns aos outros, aceitando a pessoa pela sua raça, aceitando o cabelo dele (a) do jeito que é... E pra nós negros (a) como eu, o que podemos fazer é seguir em frente e dizer não ao racismo e ajudar outras pessoas que não se aceitam como são. Em fim todos nós temos que nos amar assim por que não dá pra desfazer o que já foi feito...

#### Texto 4- T.M.B.C.M

Esse racismo no nosso país tinha que melhorar, e bom o Racismo não é só aqui no Brasil, exemplo, o nosso jogador Neymar e o Daniel Alves chamaram de macaco em jogo oficial da FIFA. Bom, voltando para o Brasil, também aconteceu com o goleiro Jefferson do Botafogo eu acho que as pessoas tinham que ter peso na consciência e ter vergonha. O nosso Brasil ia ser melhor sem racismo eu ando com muitas pessoas de cor diferente e não me importa sobre a cor pra mim não significa fazer piada brincadeira com pessoas negras, por que Deus para mim ele acolhe todo mundo que Deus possa ajudar essas pessoas que sofrem racismo.

#### Texto 5- I.C.L.X

O racismo no Brasil é muito difícil de enfrentar por que tem muita gente preconceituosa, por que tem pessoas negras que são excluídas da sociedade. Onde essas pessoas vão tipo nas lojas tem pessoas que expulsão elas. Por causa do preconceito com a pessoa, só por que é negra, então agora só porque a pessoa é negra não pode comprar nada nas lojas caras por que não tem dinheiro que não pode arranjar um emprego bom, está enganado hoje em dia tem pessoas negras estudando trabalhando para você calar o seu

preconceito e jogar ele fora, “ninguém é melhor que ninguém prá jugar uma pessoa negra por causa a cor da pele”. Vamos enfrenta essa realidade e acabar com o racismo.